

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

JANICE APARECIDA DE SOUZA

**Vivências lésbicas na cidade de Belo Horizonte entre as décadas
de 1970 e 2000: um retrato falado**

Belo Horizonte
2022



*Da esquerda para a direita: Lolita, Ártemis e Flor.
Foto da década de 1970 tirada em um dos Festirangas.*

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

JANICE APARECIDA DE SOUZA

**Vivências lésbicas na cidade de Belo Horizonte entre as décadas
de 1970 e 2000: um retrato falado**

Tese para obtenção do título de Doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Linha de pesquisa: Cultura, Identidades e Modos de Vida

Orientadora: Prof^a Dr^a Alessandra Sampaio Chacham

Belo Horizonte
2022

FICHA CATALOGRÁFICA
Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

S586v Souza, Janice Aparecida de
Vivências lésbicas na cidade de Belo Horizonte entre as décadas de 1970 e 2000: um retrato falado / Janice Aparecida de Souza. Belo Horizonte, 2022. 226 f. : il.

Orientadora: Alessandra Sampaio Chacham
Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais

1. Lésbicas - Aspectos sociais - Belo Horizonte. 2. Identidade de gênero. 3. Envelhecimento. 4. Antropologia. 5. Homossexualidade. 6 Feminismo. 7. Mulheres - Identidade. 8. Homofobia. 9. Direitos dos homossexuais. I. Chacham, Alessandra Sampaio. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. III. Título.

CDU: 396

JANICE APARECIDA DE SOUZA

Vivências lésbicas na cidade de Belo Horizonte entre as décadas
de 1970 e 2000: um retrato falado

Trabalho apresentado ao programa de pós-graduação em Ciências Sociais para obtenção do título de doutora.

BANCA EXAMINADORA

Alessandra Sampaio Chacham (Orientadora)
Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais – PUC MINAS

Juliana Gonzaga Jayme (Examinadora interna)
Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais – PUC MINAS

Regina de Paula Medeiros (Examinadora interna)
Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais – PUC MINAS

Magda Guadalupe dos Santos (Examinadora interna)
Instituto de Ciências Humanas – PUC MINAS

Juliana Perucchi (Examinadora externa)
Programa de Pós-graduação em Psicologia UFJF

Joana Ziller de Araujo Josephson (Examinadora externa)
Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social UFMG

Belo Horizonte, 30 de novembro de 2022

Dedico esta tese à potência das amizades, dos afetos e a todas as mulheres entendidas que se dispuseram a compartilhar suas histórias de vida para a tessitura desta "colcha de retalhos" feita de memórias que apresento. Seus relatos constituem-se em um verdadeiro retrato falado de uma geração de lésbicas que viveram suas juventudes na cidade de Belo Horizonte.

Algumas escancararam a “buniteza” e a potência que as relações de amizade têm para uma boa vida; outras, a miséria de uma vida sem elas...

Agradecimentos

Começo agradecendo à vida! Esta tese nasceu da necessidade de uma professora universitária ter um doutorado, foi embalada nos encontros felizes na varanda do Programa de Pós-Graduação na PUC-Minas, nas desafiadoras aulas remotas, cresceu nas brumas de um vírus e finalmente nasceu... Tive Covid-19 e sobrevivi a ela! Enquanto o medo da morte me rondava, ela levou consigo, naqueles dias difíceis, também de Covid, minha madrinha.

Fiz a pesquisa exercendo a docência, que aconteceu remotamente por três semestres. Registro aqui a todos professores minha admiração: trabalhamos duro! Enquanto a morte se distanciava de mim, foi deixando a incerteza se me recuperaria. Eu estava cursando meus últimos créditos com as professoras Léa Guimarães Souki e Luciana Andrade, que foram incríveis. A elas, meus mais sinceros agradecimentos por terem me ensinado muito sobre o ofício de ser professora.

Impossível deixar de registrar que pesquisa, pesquisadora e pesquisadas foram atravessadas pela pandemia de Covid-19, um dos maiores desafios coletivos vivido pela nossa geração. Em setembro/2022, data em que finalizei esta tese, tínhamos a marca de cerca de 685 mil vidas ceifadas no Brasil, pessoas que, se foram verso e prosa um dia, vimos retratadas como se números fossem.

Penso que, tendo sido contaminadas ou não, sequelas todas teremos. Não se sai ilesa de uma travessia dessa magnitude. Parodiando o grande Chico Buarque de Holanda, ficaram as marcas de horror nos nossos lençóis...

Esta é uma seção que, como o nome já diz, honramos às pessoas que foram importantes. Dentre tantas, agradeço àquelas que trouxeram suas histórias para a tessitura desta tese e à Ana Cristina, pela presença na distância, pela amizade sincera e amorosa, além do auxílio luxuoso na leitura cuidadosa de meus ensaios que compõem a tese.

Àquelas que partiram partindo corações de muitas que integram a pesquisa, meus agradecimentos pelos encontros, pelo que deixaram na tese e minha saudade. À Rosa em especial, amiga perdida e tardiamente reencontrada, foi ao reino dos mortos precocemente.

Agradeço ao querido e incansável pesquisador Luiz Morando, que tem se dedicado a pesquisar a cena das sexualidades dissidentes de Belo Horizonte, pela prontidão em me auxiliar, pela gentileza de compartilhar comigo as informações que havia coletado – elas foram valiosas fontes que ajudaram a sustentar a pesquisa. Também pela revisão primorosa e pelos artigos escritos, fonte de inspiração para as reflexões que apresento.

Agradeço também ao “objeto”. Quando pesquisamos, há os “objetos” que escolhemos e há aquele objeto que nos escolhe; sem dúvida, foi este o meu caso. Comecei o Mestrado para pesquisar uma comunidade de mulheres no município de Belo Vale (MG), as “noivas do cor-deiro”, e acabei pesquisando sobre as estratégias de escolarização de homossexuais com sucesso acadêmico. Defendi com a certeza de que não faria o Doutorado, mas, tendo sido aprovada em concurso, virei professora e, na universidade, mais esse passo é necessário. Tendo acumulado algum repertório no campo dos estudos de gênero, comecei a considerar um Doutorado. Então, minha orientadora, Dra. Alessandra Sampaio Chacham, a quem muito agradeço, me deu a dimensão do restrito campo a que eu tinha acesso e da urgência de ouvir as lésbicas mais velhas. Ela ainda chamou a atenção para o fato de que o tempo, que a todes atravessa e põe “fim”, acabaria por levar essas mulheres, e suas histórias ficariam por serem contadas. Obrigada, Chacham, pela sua percepção arguta, olhar certo e pelas considerações preciosas ao trabalho que tecemos juntas!

Como sou uma pessoa de amores eternos, quero reverenciar duas pessoas incríveis: Margaret, mulher inteligente, sagaz, generosa e espirituosa, grande amiga que abriu um verdadeiro portal de acesso ao universo pesquisado; Vicente Camiloti, daqueles amigos que mudam definitivamente nossos valores, nossos humores e nossa vida!

À banca, palco de refino da tese e celebração que dividiremos com as professoras doutoras Juliana Jayme, que me deu espaço e incentivo para ousar e abusar em minhas modestas escrituras em suas matérias; Regina de Paula Medeiros, conhecida desde a minha banca de Mestrado, foi ela quem escancarou, em suas aulas de Metodologia de Pesquisa, a importância crucial da paixão pelo objeto a ser pesquisado; Joana Ziller, que chegou há pouco, vem com muito e que, espero, fique por longo tempo; Juliana Perucchi pelas instigantes e valiosas contribuições apresentadas na Banca; e a Magda Guadalupe, chegamos juntas à UEMG em 2018, dela sou aluna, uma querida que tem feito meus dias de docência mais solares, pois ilumina algo que esta tese traz, a potência das amizades e a importância de termos com quem contar. Se em todo e qualquer lugar se faz necessário, no árido território acadêmico é matéria de salvação!

À Capes e à Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, pela concessão da bolsa de estudos que viabilizou a pesquisa.

Por fim, a todes amigues, verdadeiros e valiosos presentes que dão valor e sentido à minha existência! Finalizo reverenciando a sabedoria de Mark Twain: “não há tempo, tão curta é a vida, para discussões banais, desculpas, amarguras, tirar satisfações. Só há tempo para amar, e mesmo para isso, é só um instante”.

RESUMO

Esta tese teve como objetivo identificar os diferentes territórios e recursos sociais que possibilitaram que mulheres nascidas entre as décadas de 1930 e 1960 construíssem suas identidades lésbicas, identificassem outras lésbicas e estabelecessem relações de forma relativamente segura. A tese se organiza a partir de três distintos conjuntos: as jovens que integraram um conhecido grupo na cena homossexual belo-horizontina, o Vila Sésamo, e que na velhice se mantiveram unidas em uma Confraria de lésbicas; as pioneiras proprietárias dos primeiros bares e boates destinados ao público lésbico na cidade de Belo Horizonte e algumas frequentadoras desses espaços. A partir de entrevistas em profundidade, foi possível traçar as trajetórias de vida de 21 mulheres com mais de sessenta anos de idade, universo sobre o qual pouco foi pesquisado. As análises foram feitas tendo como pressupostos teóricos o pós-estruturalismo feminista e os estudos decoloniais. A partir dessas análises, é possível afirmar que, de modo geral, as mulheres entrevistadas optaram por manter sua orientação sexual sob o manto da invisibilidade. Nesse sentido, poucos são os espaços pelos quais elas transitaram e ainda transitam sem filtros, mostrando dificuldade e fazendo críticas quanto à exposição pública de afeto entre casais de lésbicas; entre algumas, o sentimento é de aversão àquelas que se expõem e esse sentimento pode ser vinculado aos processos de estigmatização aos quais foram submetidas. Aquelas que conseguiram manter e nutrir vínculos interpessoais construíram, ao longo dos anos, relações de amizade e solidariedade que se desdobraram em uma rede de apoio na velhice. Para outras, a ausência de tais vínculos foi pelo menos em parte, responsável por trajetórias de vidas mais tortuosas. Ao serem analisadas as histórias de vida dessas 21 lésbicas, ficaram evidentes a invisibilidade da homossexualidade feminina e a potência das relações de amizade que muitas foram capazes de construir.

Palavras-chave: lésbicas; invisibilidade lésbica; gênero; identidade; amizade; envelhecimento.

ABSTRACT

This thesis aimed to identify the different territories and social resources that made it possible for women born between the 1930s and 1960s to build their homoerotic identities, identify other lesbians and establish homosexual amorous relationships in a relatively safe way. The work is organized around three distinct groups: the young women who were part of a well-known group in the Belo Horizonte homosexual scene, known as “Sesame Street”, and who in old age remained united in a Confraternity of lesbians; the pioneers’ owners of the first bars and night-clubs destined to the lesbian public in the city of Belo Horizonte and some women regulars of these spaces. From in-depth interviews, it was possible to trace the life trajectories of 21 women over sixty years of age, a universe about which little has been researched. The analyzes were carried out within the theoretical assumptions of feminist post-structuralism and decolonial studies. Based on these analyses, it is possible to affirm that, in general, the women interviewed chose to keep their sexual orientation under the cloak of invisibility. In this sense, there are few spaces through which they transited and still transit without filters, showing discomfort and being critical of public demonstration of affection between lesbian couples; among some of them, the feeling is of aversion to those who are openly gay and this feeling can be traced to the stigmatization processes to which they were subjected. Those who managed to maintain and nurture interpersonal bonds built, over the years, relationships of friendship and solidarity that developed into a support network in old age. For others, the absence of such bonds was somewhat responsible for more tortuous life trajectories. When analyzing the life stories of those 21 lesbians, the invisibility of female homosexuality experience and the power of the friendship relationships that many were able to build became very evident.

Keywords: lesbians; lesbian invisibility; gender; identity; friendship; aging.

Lista de gráficos

Gráfico 1 – Quantitativo de artigos sobre lesbianidades disponíveis no portal da Capes	22
--	----

Lista de tabelas

Tabela 1 - Caracterização sociodemográfica das identificadas com nomes de personagens da literatura mundial	44
Tabela 2 - Caracterização sociodemográfica das identificadas com nomes de deusas mitológicas	45
Tabela 3 - Caracterização sociodemográfica das identificadas com nomes de flores	46

Lista de imagens

Figura 1 – Medalha Vila Sésamo	82
Figura 2– Mapeamento das boates e bares frequentados	226

Lista de siglas

BES - Bem-estar subjetivo

CNV - Comissão Nacional da Verdade

DA - Diretórios Acadêmicos

DOPS - Departamento de Ordem Política e Social

EBHO - Encontro Brasileiro de Homossexuais

EGHO - Encontro de Grupos Homossexuais Organizados

GALF - Grupo Ação Lésbica Feminista

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LF - Lésbico Feminista

LGBTQIA+ - Lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, queers, intersexo, assexuais e outras

PT - Partido dos Trabalhadores

PP - Plumas e Paetês

SNI - Serviço Nacional de Informação

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

SUMÁRIO

1. PARA COMEÇO DE CONVERSA	13
1.1 O tema, as hipóteses e os objetivos da pesquisa.....	13
2. PERCURSO METODOLÓGICO	29
2.1 Agora é que são elas	46
3. EU SOZINHA ANDO BEM, MAS COM VOCÊ ANDO MELHOR	53
3.1 Aqui é o meu lugar: entre montanhas e os rigores da tradicional família mineira	53
3.2 Sobre vínculos e afetos	66
3.3 Da turma do Vila Sésamo à Confraria: conexões e estratégias	82
4. NO GUETO: IDENTIDADES E CUMPLICIDADE	91
4.1 Territórios: “onde os amigos se encontram e todos se entendem”	95
4.2 Identidades menosprezadas	115
4.3 Entre relações familiares e o indizível desejo	142
5. AQUI SE PLANTA, AQUI SE COLHE: NAS TEIAS DOS AFETOS E DA SOLIDARIEDADE	153
5.1 Nutrindo redes, tecendo afetos	171
6. APONTAMENTOS FINAIS: ENTÃO FICAMOS ASSIM	179
REFERÊNCIAS	185
APÊNDICE	195
ANEXOS	215
Anexo I: Roteiro de entrevistas com personagens da literatura e flores	215
Anexo III: Depoimento Rosa.....	221
Anexo IV: Documentário – Release	224
Anexo V: Mapeamento das boates e bares frequentados	226

PARA COMEÇO DE CONVERSA

1.1 O tema, as hipóteses e os objetivos da pesquisa

Se o tema das homossexualidades não é novo, sobre a forma como mulheres mais velhas viveram o homoerotismo pouco se sabe. Entre as mineiras, muitas das interações se deram nos guetos e suas histórias circularam “à boca miúda”. A tese que ora apresento permite acessar uma parte desse universo até então velado.

A investigação focalizou as interações que se deram de forma mais frequente entre os anos 1970 e final dos anos 1990, na cidade de Belo Horizonte, e seus consequentes desdobramentos em redes de amizade, solidariedade e apoio nos anos 2000. São mulheres que se relacionam homoeroticamente desde jovens e usualmente se autodenominavam como “entendidas”, já que a palavra “lésbica” era vista como depreciativa por elas.

A pesquisa me deu a possibilidade de conhecer como essas mulheres, que faziam sexo com outras mulheres, utilizaram de diferentes territórios e recursos sociais para a construção de redes de sociabilidade e de territórios seguros que lhes possibilitaram se identificar como “entendidas”, assim como outras lésbicas da mesma geração, e vivenciar suas relações homoafetivas.

Vencendo a reserva comum às mais velhas, principalmente no que tange às questões de foro íntimo, esta tese descortina uma faceta do universo daquelas que viveram seus proibidos afetos entre as montanhas e, a maioria delas, no seio das tradicionais famílias mineiras.

Para Ecléa Bosi (2003), e nesta pesquisa de forma especial, o afeto é uma dimensão do trabalho e colaborou para a aproximação com as mais resistentes em compartilhar as suas memórias. Segundo Bosi (2003, p. 61), narrador e ouvinte participam de “uma aventura comum e provarão, no final, um sentimento de gratidão pelo que ocorreu: o ouvinte, pelo que aprendeu; o narrador, pelo justo orgulho de ter um passado tão digno de rememorar quanto o das pessoas ditas importantes”.

O material que apresento é fruto da escuta atenta de vinte e uma histórias de vida. Os critérios que pautaram a seleção de todas unem: ter pelo menos sessenta anos e ter frequentado os espaços destinados a homossexuais na cidade de Belo Horizonte entre os anos 1970 e 1990. Como algumas se enquadravam em mais de um critério, foram alocadas de acordo com os repertórios apresentados e a relevância destes em suas biografias. Assim, a partir dessa dinâmica, pude estabelecer diálogos com os estudos que oferecem subsídios para pensar suas trajetórias e vivências.

Sem qualquer pretensão hierárquica ou vinculação arquetípica com os pseudônimos adotados e objetivando contextualizar para o leitor os distintos universos aos quais estão vinculadas, as lésbicas que compõem esta pesquisa são identificadas com nomes de personagens femininas da literatura mundial, nomes de deusas mitológicas e nomes de flores. Com o propósito de começar a explorar seus relatos, apresento sucintamente cada uma delas no próximo capítulo. Em respeito às suas histórias, outras informações, cuja forma de organização é apresentada a seguir, são oferecidas ao leitor no Apêndice, onde há uma minibiografia de cada uma delas.

1º grupo) as jovens de outrora que integraram o Vila Sésamo e mantêm relações de amizade que remontam à adolescência. Na velhice, elas criaram para si uma Confraria; por isso, são identificadas como Confreiras. Foram entrevistadas nove: Jane Eyre, Bovary, Capitu, Caubi, Karenina, Lolita, Macabéia, Nastasya e Úrsula.

2º grupo) as mulheres que foram proprietárias de bares e boates destinados a receber o público homossexual. Foram entrevistadas cinco: Afrodite, Ártemis, Atena, Hera, Perséfone, e uma garçonne, Deméter, que trabalhou em algumas daquelas casas ao longo de 35 anos.

3º grupo) as frequentadoras dos bares e boates de que a cidade dispunha para receber o público homossexual. Neste grupo constam seis mulheres: Gerânio, Magnólia, Margarida, Orquídea Rosa e Tia Violeta.

Os três grupos são intercambiáveis, se aproximam e se distanciam em seus olhares, vivências, perspectivas e abarcam uma mesma geração de mulheres unidas pelos territórios e pelos desafios comuns.

Em suas trajetórias singulares, para enfrentar os desafios, elas mobilizaram os capitais de que dispunham e com eles teceram suas redes de relacionamentos, suas vidas. Nomeavam-se “entendidas”, pois dessa forma situavam sua orientação sexual sem, entretanto, se exporem abertamente aos processos de estigmatização e discriminação vividos de forma ainda mais contundente naqueles tempos.¹ De acordo com Peter Fry (1982), o termo “entendido” foi criado no final da década de 1960 e corresponde ao termo gay nos Estados Unidos.

Silvia Aguião (2008, p. 301) afirma que “entre os tipos de homossexualidade feminina referidos aos distintos termos e categorias, ‘entendida’ apareceu como o mais frequente e, também, o mais ‘neutro’”. Para a autora, outras expressões indicam “um *continuum*” de extremos que se relacionam a “desempenhos de gênero considerados mais masculinos ou mais femininos”. Nesse bojo, a gama de denominações é ampla: fanchona, lorão, mulher macho, pata, maria sapatão, gueia, gaya, chuma, paraíba, sandalinha, melissinha, caminhoneira, rachada, borra-cheira, sapata, bofinho, machona, tomba homem, greluda, sindicalizada, do babado, sapatão! Tais denominações classificam, rotulam, hierarquizam, estigmatizam e ofendem. Contudo, é preciso considerar potências e resistências, como nos sinaliza Altmayer (2020, p. 378), que nos apontam para outros “devires transviados: devir bixa, devir sapatão, devir travesti, devir mulher, devir animal – múltiplas maneiras de inventar novas sensibilidades e inteligências da existência, novas relações de afeto e sobrevivência”.

Do desejo de perscrutar como viveram suas sexualidades dissidentes nasceu o projeto da pesquisa, inicialmente com o propósito de investigar os modos de socialização do grupo Vila Sésamo, conhecido na cena homossexual belo-horizontina entre o final dos anos 1970, se estendendo para os anos 1980. Era formado por lésbicas brancas, em sua maioria de classe média e com considerável capital cultural (BOURDIEU, 1977). Contudo, alguns eventos descortinaram algo mais premente: a necessidade de conhecer o universo lésbico de mulheres mais velhas

¹ Entendida/o é um termo para designar tanto mulheres quanto homens homossexuais. O termo é dicionarizado, mas não é de uso corrente nas novas gerações.

para além do referido grupo, uma vez que algumas estavam “partindo” e levando consigo histórias sobre formas de socialização de uma geração sobre a qual pouco se sabia.

Assim, sem descartar a proposta inicial, e sem ignorar a existência de outros grupos lésbicos na mesma cidade, a pesquisa foi ampliada e apresenta um universo interseccionado também por vidas de outras cores e distintos capitais. Foram entrevistadas nove mulheres da turma do Vila Sésamo; incorporadas mais cinco proprietárias de bares e boates destinados a receber público homossexual e uma garçonete que neles trabalhou; mais seis frequentadoras daquelas casas. À época das entrevistas, as idades situavam-se entre 60 e 89 anos. O resultado é um mosaico polifônico, um “retrato falado” de uma geração de lésbicas, de diferentes origens, nascidas entre as décadas de 1930 a 1960 e que viveram em Belo Horizonte.

Para selecionar as participantes, inicialmente recorri a contatos pessoais. Fiz a primeira entrevista com uma mulher que tinha um vasto círculo de amigas lésbicas e gozava da admiração de muitas. A participação dela foi determinante para abrir o campo e facilitar o acesso a várias que se situavam no espectro de 60 anos. Na faixa etária entre 70 e 80 anos, embora a abertura do campo inicial tenha também favorecido sobremaneira a referida aproximação, encontrei desafios maiores: nela estavam as precursoras proprietárias dos bares e boates. Eram poucas: das três figuras centrais, duas estavam vivas e poderiam oferecer informações valiosas.

À medida que a aproximação com o campo teórico da pesquisa ia ganhando estofo e aumentava o contato com o campo empírico, mais evidente ficava a necessidade de dar voz e colocar em relevo suas narrativas.

O protagonismo narrativo de pessoas oprimidas sobre suas vivências é essencial para estimular a reflexão crítica sobre desigualdades sociais, para a construção de propostas de cuidado integral para a promoção da equidade. Estudar ou estabelecer políticas sobre LGBTfobia sem oferecer espaço para que pessoas LGBTQ+ possam exercer seu protagonismo de fala tende a reproduzir a heterocisnorma que as exclui. As pessoas LGBTQ+ precisam enfrentar e ressaltar as dificuldades encontradas dentro de seus próprios grupos e fora deles, adicionando questões relevantes como o passado histórico da construção de sua identidade e de sua influência social (ORTIZ; LONGO; MONTIEL, 2021, p. 22).

Os depoimentos colhidos iam revelando o que foi vivido, como foi vivido e quais sentimentos pulsaram às margens, ou em seus núcleos familiares, seus ambientes sociais e profissionais. Ainda que as memórias sejam uma reconstrução do tempo passado carregada de elementos do presente, elas agenciam um campo que conecta subjetividades e são fundamentais para a preservação do que foi vivido. Daquela panóplia ia se revelando aos poucos uma imagem, um retrato feito de memórias.

Com o propósito de acolher a interpretação particular e peculiar que cada pessoa dá para o que foi vivido do seu próprio ponto de vista, recorri ao campo dos feminismos pós-estruturalista. Afinal, o que foi vivenciado, embora possa ter bases ou elementos comuns a todas, a forma pela qual cada uma sentiu e interpretou passa por uma percepção que é única e adquire significados que são diversos, dados por cada pessoa que os viveu, sentiu, significou, ressignificou, interpretou e acomodou dentro de si. A multiplicidade de possibilidades que a compreensão de um mesmo estímulo adquire é ampla demais para caber em sínteses, mas pode caber na moldura de um retrato panorâmico, cuja luz que sobre ele incide ilumina um fractal, complexas estruturas e propriedades, se repete em escalas e reverbera em exclusões, estigmas e marginalizações sob quaisquer teorias que escolhamos para estudá-las.

Embora as contribuições da teoria pós-estruturalista não sejam consenso entre as feministas, como tantos outros temas (o que, na minha opinião enriquece o debate e nos faz avançar), tomei como norte o pós-estruturalismo feminista, compactuando com a necessidade de rompimento com tradições filosóficas ortodoxas para a desconstrução do pensamento binário. Entendo a importância de se pensar em termos de pluralidades e diversidades, rejeitar os esquemas dicotômicos de pensamento e rechaçar abordagens essencialistas.

Nesse sentido, um amplo campo se oferece para diferentes perspectivas de entendimento e análise. Da mesma forma que a categoria gênero procurou desconstruir a categoria identidade, a categoria *queer* caminha na direção da desconstrução da noção de sexo biológico (HOLLANDA, 2020, p. 19). Outras possibilidades acerca das sexualidades são possíveis pelas lentes dos estudos decoloniais, sem, contudo, ignorar os avanços e as perspectivas fundamentais trazidas pelos estudos na área de gênero, sexo e sexualidade, como o indica a vasta gama de pesquisas contempladas neste bojo.

De acordo com Ochy Curiel (2020, p. 121), o feminismo decolonial “nos oferece uma nova perspectiva de análise para entendermos de forma mais complexa as relações e entrelaçamentos de ‘raça’, sexo, sexualidade, classe e geopolítica”. Para a autora, o “pensamento decolonial traz uma nova compreensão acerca das relações globais e locais, uma que essencialmente entende [...] que a modernidade ocidental eurocêntrica, o capitalismo mundial e o colonialismo são uma trilogia inseparável” (CURIEL, 2020, p. 126). Para Lugones (2020), é central compreender a chave da heterossexualidade dentro do sistema moderno colonial, porque o que se entende enquanto heterossexualidade (relações afetivo-sexuais consideradas naturais entre homens e mulheres) foi construído e não tinham o peso e o significado social, econômico e político que adquiriam na contemporaneidade. A autora desenvolve o conceito de “colonização de

gênero” se contrapondo às análises da opressão de gênero racializadas e capitalistas presentes no feminismo ocidental.

Ao tratar a heterossexualidade como algo natural, tende-se a ignorar que ela é, além de um regime de regulação de corpos, de sexualidades e de gêneros, um instrumento biopolítico de dominação dos dissidentes da norma.

Adriana Azevedo (2020, p. 304), lembrando a conferência “O Pensamento Hétero”, de Monique Wittig, chama a atenção para a ideia trazida pela autora de que as lésbicas são uma espécie de “ponto cego” e completa que elas “são locais discursivos e corpóreos – e de relações discursivas e corpóreas – em que o sistema de linguagem da instituição heterossexual não chega e que são, por isso, ininteligíveis em um sistema de mundo regido por essas normas”. Para a autora, são as relações heterossexuais e tudo o que constitui os papéis sociais de homens e mulheres que sustentam o patriarcado, o que não significa qualquer defesa do sistema, apenas o entende como um sistema social de relações de gênero hierarquicamente desiguais entre si, presente em muitos aspectos da vida social, nos quais a mulher se encontra em desvantagem em relação aos homens. Tais padrões de desigualdade são reproduzidos ao longo do tempo no interior das estruturas sociais com conexões causais em diversas áreas (WALBY, 2010).

Para Lugones, é necessária a unificação de duas análises teóricas – a teoria feminista interseccional e a teoria da colonialidade – em torno do que chamou de sistema colonial moderno de gênero.

A redução do gênero ao privado, ao controle sobre o sexo e seus recursos e produtos é uma questão ideológica apresentada ideologicamente como biológica, parte da produção cognitiva da modernidade que conceitualizou a raça como ‘generificada’ e o gênero como ‘racializado’, de modo particularmente diferenciado entre os/as europeus/brancos/as e as pessoas colonizadas não brancas/os. A raça não é nem mais mítica nem mais fictícia que o gênero – ambos são ficções poderosas (LUGONES, 2020, p. 73).

Cabe registrar que a noção de “gênero” para Preciado (2019a, p. 423) continua sendo um “instrumento teórico fundamental para conceitualizar a construção social, a fabricação histórica e cultural da diferença sexual, diante da reivindicação da ‘feminilidade’ como substrato natural, como forma de uma verdade ontológica”. Para o autor,

O gênero não é simplesmente performativo (isto é, um efeito das práticas culturais-linguístico-discursivas) como desejaria Judith Butler. O gênero é, antes de tudo, prostético, ou seja, não se dá senão na materialidade dos corpos. É puramente construído e ao mesmo tempo inteiramente orgânico. Foge das falsas dicotomias metafísicas entre o corpo e a alma, a forma e a matéria. O gênero se parece com o dildo. Ambos, afinal, vão além da imitação. Sua plasticidade carnal desestabiliza a distinção entre o

imitado e o imitador, entre a verdade e a representação da verdade, entre a referência e o referente, entre a natureza e o artifício, entre os órgãos sexuais e as práticas do sexo. O gênero poderia resultar em uma tecnologia sofisticada que fabrica corpos sexuais (PRECIADO, 2019b, p. 416-417).

Sob a perspectiva trazida pelos estudos decoloniais, as limitações às quais estamos atreladas dizem respeito ao modelo de pensamento eurocêntrico no qual fomos formadas/os e os desdobramentos e limites por ele impostos. Dentro de tais limites, a invisibilidade se apresenta, não só, mas também como estratégia de proteção.

Para Guacira Louro (2020), a visibilidade tem efeitos contraditórios, se alguns setores passam a demonstrar uma crescente aceitação da pluralidade sexual, alas mais tradicionais renovam e recrudescem seus ataques, realizando desde campanhas pela retomada dos valores tradicionais da família até manifestações de extrema violência. No caso das lésbicas, há que se considerar que a violência incide de forma mais contundente sobre as desfeminilizadas.

Assim, visando iluminar e ampliar o entendimento das questões trazidas pelo trabalho de campo, o diálogo com algumas teóricas decoloniais foi fundamental, dentre as quais se destacam Adriana Azevedo (2020), Heloisa Buarque de Hollanda (2020), Julieta Carvajal (2020), Lélia Gonzalez (2020), María Lugones (2020), Ochy Curiel (2020) e Susana de Castro (2020).

Há avanços na seara natural pelas quais transitam os estudos feministas em suas diversas vertentes. Foram incluídas novas pautas e perspectivas decoloniais que escancararam a necessidade da incorporação da luta política, colocando no centro a imprescindível pauta da desigualdade, do poder e a necessidade de dar visibilidade a grupos historicamente subalternizados. Lélia Gonzalez (2020), ao abordar o feminismo afro-latino-americano, chama a atenção para as práticas eurocêtricas metodologicamente mecanicistas que acabaram por se tornarem cúmplices da dominação que pretendiam combater. Falquet (2006) chama a atenção para a necessidade de se conectar as relações lésbicas que foram construídas às situações materiais de opressão inerentes às práticas neoliberais. Estudos e lutas surgem em contraposição a tais práticas, a uma ciência canônica e a modos de vida europeu, branco e cisheterocapitalista que enredam e impregnam o imaginário coletivo, reforçando uma estrutura binária, determinando modos de viver e consumir, impondo uma adequação às normas postas para serem assimiladas. Em que pese o tema das homossexualidades ter encontrado espaço no meio acadêmico brasileiro nas últimas décadas, a abordagem ainda se situa, predominantemente, no campo masculino; sobre lesbofobia, por exemplo, pouco se produziu.

Para as mulheres, a homofobia, menos estudada, assegura, a produção e a reprodução das fronteiras de gênero que reificam a dominação masculina e a visão bicategorizada

de gênero. Sob o pretexto da feminilidade, as mulheres devem escolher uma aparência que assinale sua interiorização dos códigos estéticos pensados pelos homens, e adotar diante deles uma atitude submissa e não concorrencial quanto ao poder. A “lesbofobia” designa a estigmatização da sexualidade entre mulheres que escapam ao controle masculino (MOLINIER; WELZER-LANG, 2009, p. 102-103).

Como se depreende do texto acima referenciado e como nos aponta Cláudia Oliveira (2015), o espaço para problematizações sobre a homossexualidade feminina é, ainda no século XXI, lacunar. Ainda de acordo com a historiadora, as dificuldades de reconstituição da historicidade da homossexualidade feminina relacionam-se com a pouca documentação produzida, seja por particulares ou instituições, que não discutiram ou demonstraram desinteresse pelas lésbicas, o que resultou em práticas de silenciamento e invisibilidade ainda maiores do que as conferidas às mulheres em geral. Afinal, “duplamente desviantes, porque não homem e não heterossexual, [...] [as lésbicas] sofrem, na maior parte do tempo, dupla discriminação, específicas desigualdades e muita invisibilidade no que se refere aos aspectos que definem sua identidade sexual e de gênero” (AUAD; LAHNI, 2013, p. 157). Isso se coaduna com os estudos de Wittig (2022), para quem a invisibilidade é um ponto nevralgico para a manutenção da heterossexualidade.

Se ainda é comum que pessoas cujas sexualidades são dissidentes da norma optem por uma vida anônima, no caso das mulheres parece haver uma existência quase negada. Isso se torna ainda mais contundente se pensarmos nas gerações mais antigas, que se mantiveram no armário e trancaram, “a sete chaves”, suas vidas afetivas e sexuais. De acordo com Sedgwick (2007), o armário não é uma característica apenas das vidas de pessoas gays; para muitas delas, é uma presença formadora e característica fundamental da vida social. Mesmo as pessoas assumidas costumam se manter no armário para alguém que seja importante para elas. Novos encontros levam à construção de novos armários que exigem novos levantamentos, cálculos, esquemas e demandas de sigilo ou exposição.

A orientação sexual pode gerar, para homossexuais, expressivas perdas sociais, emocionais e materiais, como se constata pelas mais variadas notícias sobre os números crescentes de ataques homofóbicos, aumentados principalmente a partir da saída do armário.

A escassez de estudos sobre o homoerotismo feminino limita nosso conhecimento sobre como se organizou e ainda se organiza esse universo, reafirmando o lugar de marginalização e subalternidade conferido às mulheres, como já observava Simone de Beauvoir no clássico *O segundo sexo* (1980). O que historicamente foi construído sobre esse “outro”, esse “ser mulher” parte do que sobrou do butim no qual os homens “pegaram” para si um conjunto de qualidades, características e competências, o que sobrou foi atribuído a esse ser construído – a mulher –

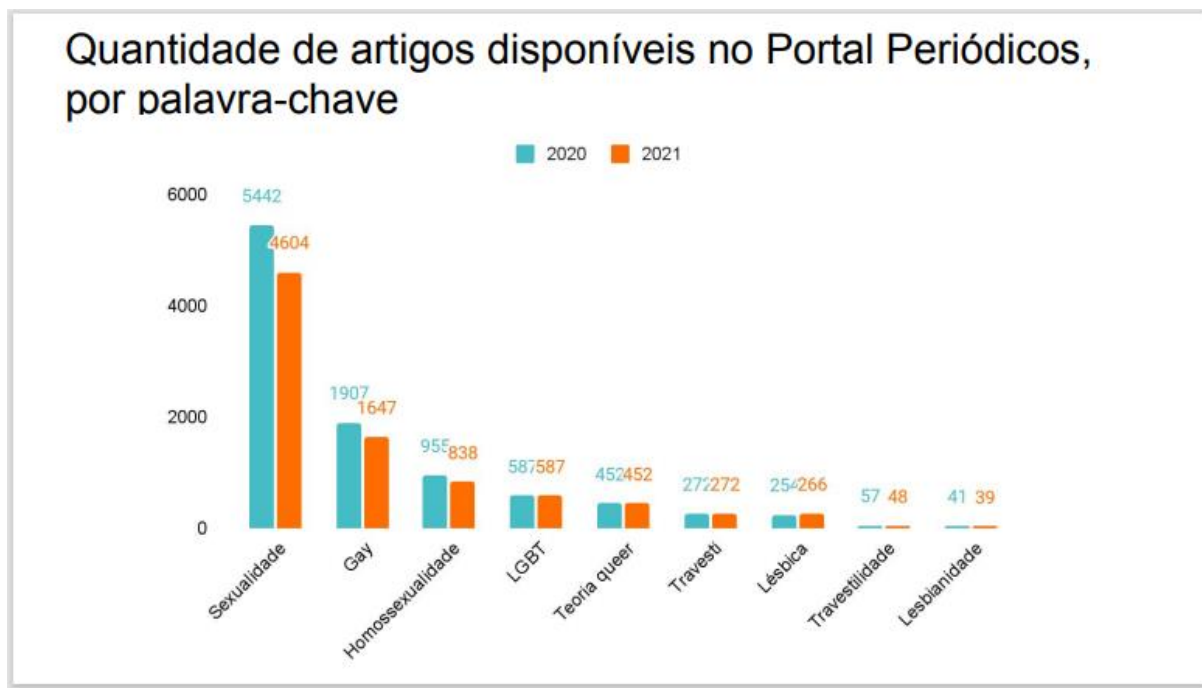
dele decorrem papéis, atributos, invisibilidades, mas também resistência. Não há dados fidedignos sobre o contingente de pessoas LGBTQIA+ no Brasil. Alguma informação foi apurada no censo demográfico de 2010, que pela primeira vez perguntou se “o chefe de família” teria uma pessoa do mesmo gênero como parceira/o. Os dados apurados indicaram que havia 67.492 casais homoafetivos, sendo 54% formados por lésbicas, sinalizando uma subnotificação natural diante dos preconceitos e discriminações sofridos por essas pessoas.

Em uma breve incursão pelo vasto banco de teses e dissertações da Capes, pôde-se constatar o que durante as conferências nacionais de políticas públicas e direitos humanos de LGBT era pauta recorrente: a reivindicação por pesquisas e estudos na área das homossexualidades. Se se consideram escassos os estudos sobre as homossexualidades masculinas, no campo das femininas tal necessidade se exponencia². Embora seja necessário reconhecer que a partir dos anos 1990 há uma emersão de trabalhos acadêmicos que discutem a homossexualidade feminina e seus impactos “sobre as questões de gênero, sua relação com os movimentos sociais vinculados às reivindicações sobre direitos sexuais e reprodutivos no Brasil” (ALVES, 2010, p. 214), tais pesquisas são ainda incipientes no Brasil.

O gráfico a seguir, elaborado pelo Grupo de Estudos em Lesbianidades da UFMG (GEL, 2022), a partir do portal de periódicos da Capes, nos possibilita vislumbrar a dimensão da escassez que impera:

² Participei da organização das etapas municipal e estadual, bem como acompanhei a delegação de Minas Gerais na 2ª Conferência Nacional de Políticas Públicas e Direitos Humanos de LGBT (2011). Na ocasião, eu ocupava o cargo de Superintendente de Políticas de Promoção de Direitos e Cidadania do Estado de Minas Gerais. Dentre as reivindicações apresentadas no evento, a necessidade de pesquisas e estudos sobre as homossexualidades teve grande destaque. O exercício diário da função tornava a demanda ainda mais evidente.

Gráfico 1 – Quantitativo de artigos sobre lesbianidades disponíveis no portal da Capes



Fonte: GEL - Grupo de Estudos em Lesbianidades da UFMG³.

Para Maria Odila Dias (2019, p. 359), “a história da experiência vivida pelas mulheres em seus papéis informais na sociedade envereda por trilhas recém-abertas nas vanguardas críticas das ciências humanas [...] pois o saber teórico implica também um sistema de dominação”. O modelo heteronormativo, estreitamente vinculado à construção social e histórica do masculino e do feminino, seus papéis e relações entre os sexos, erigiu em nossa sociedade uma hierarquia em que os atributos ligados ao feminino remetem a uma condição de inferioridade e desvantagens nos mais diversos âmbitos, sendo a pesquisa apenas um deles.

A emergência da categoria [gênero] representou [...] uma virada epistemológica. Ao utilizar gênero, deixava-se de fazer uma história, uma psicologia, ou uma literatura das mulheres, sobre as mulheres e passava-se a analisar a construção social e cultural do feminino e do masculino, atentando para as formas pelas quais os sujeitos se constituíam e eram constituídos, em meio a relações de poder (LOURO, 2002, p. 15).

A despeito de ser a homossexualidade feminina um campo de pesquisa ainda pouco explorado no Brasil, alguns trabalhos vêm colocando em pauta várias questões, dentre elas a invisibilidade, que se intersecciona com outros marcadores além das questões de sexo e gênero,

³ O gráfico é fruto de uma pesquisa em andamento sobre lesbianidades, coordenado pelo GEL e apresentado em vídeo transmitido em 16 de fevereiro de 2022, disponível no YouTube. Cf. <https://www.youtube.com/watch?v=ztLPyAxZzbc&list=PLqqSjcA3kSufuEbmVURyM38e5FyivCM1N&index=20&t=1084s>

tais como idade, estratificação social, raça e outros que atuam juntos (NAVARRO-SWAIN, 2004; CARNEIRO, 2019; CRENSHAW, 1991; FALQUET, 2006).

Para mulheres mais velhas que gostam de mulheres os guetos foram necessários para a vivência de suas experiências homoafetivas em um tempo no qual assuntos vinculados às demandas da população LGBTQIA+ ainda não compunham as pautas políticas de forma tão explícita quanto em tempos atuais.

Quanto às novas gerações, é possível que elas se sintam mais à vontade com a própria orientação sexual, tendo em vista o alargamento nas normas sociais a partir do reconhecimento das uniões estáveis por pessoas do mesmo sexo (2011), ou da conversão daquele *status* em casamento civil (2013)⁴. Ou, ainda, devido ao significativo avanço advindo das políticas públicas, como são exemplos a criação do Conselho Nacional de Combate à Discriminação e Promoção dos Direitos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (2001), o Programa Brasil Sem Homofobia (2004), o Plano Nacional de Promoção da Cidadania e Direitos Humanos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (2009), o Programa Nacional de Direitos Humanos - PNDH (1996), o Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (2006), dentre outros. Curioso notar que nenhuma entrevistada apresentou em sua fala o casamento entre pessoas do mesmo sexo como alternativa para as inúmeras injustiças vivenciadas por viúvas e viúvos de relações homoafetivas no momento da partilha dos bens, diante da família da/o falecida/o. Sem perder de vista que a homoconjugalidade represente uma assimilação das normas postas, é preciso considerar alguma relevância no longo caminho ainda a ser percorrido pela população LGBTQIA+ no campo da legitimidade de suas existências e desejos.

As lutas atuais em torno da sexualidade tomaram o palco em um momento de imensa fluidez de gênero em meio à juventude e entre movimentos queer e feministas em expansão. É também uma época de vitórias legais significativas, incluindo a igualdade de gênero formal, os direitos LGBTQ+ e o casamento igualitário – todos entronizados na lei em uma lista crescente de países mundo afora. Essas vitórias são fruto de batalhas acirradas, ao mesmo tempo que refletem importantes mudanças sociais e culturais associadas ao neoliberalismo. Ainda assim, são inerentemente frágeis e constantemente ameaçadas. Novos direitos legais não impedem a agressão contra pessoas LGBTQ+, que continuam a vivenciar a violência de gênero e sexual, a falta de reconhecimento simbólico e a discriminação social (ARRUZZA *et al.*, 2019, p. 70).

Karenina, ao refletir sobre seu relacionamento de dez anos, diz: “se fôssemos casadas, acredito que não mudaria nada”. Ainda que a implementação de políticas públicas por si só seja insuficiente para mudar as estruturas de dominação, elas são importantes por permitirem às

⁴ Cf. Resolução n. 175, de 14 de maio de 2013, do Conselho Nacional de Justiça.

peessoas prejudicadas pelas práticas discriminatórias, pelo menos, recorrer à Justiça. Todavia, enquanto perdurarem discriminações legitimadas pela ideologia dominante, especialmente contra a mulher, como diz Saffioti (1987), os próprios agentes da justiça tenderão a interpretar as ocorrências que devem julgar à luz do sistema justificador do presente estado de coisas.

Quanto ao legado das ações que já foram empreendidas e dos retrocessos vividos pós-eleições presidenciais no Brasil, em 2018, serão necessárias outras pesquisas a respeito. De toda forma, “os processos de identificação e as políticas de reconhecimento são uma necessidade e urge a construção de múltiplos modelos” (AUAD; LAHNI, 2013, p. 157). As identidades homo-orientadas têm se mostrado amplas por demais para caberem na sopa de letrinhas LGBT (FACCHINI, 2005), que segue se ampliando dia após dia, colocando em pauta novas perspectivas de entendimento e novas demandas políticas, sociais, relacionais, afetivas e existenciais.

Novos tempos, novos comportamentos, novas posturas estéticas, novas configurações de casais, novas legislações, novas palavras – como, por exemplo, homoafetividade, usada muitas vezes em substituição a homossexualidade. Essa mera alteração do termo dissocia a homossexualidade de sexo e a associa à afetividade. Embora possa sinalizar algum tênue e duvidoso caminho na direção da desconstrução de estigmas, discriminações e preconceitos, há que se considerar a sua origem no campo jurídico e, ainda, o caráter higienista e moralizante no sentido de tornar o debate mais palatável. Não se deve perder de vista a legitimidade do sexo entre iguais, cabe frisar que o sexo entre pessoas de mesmo sexo é tão legítimo quanto o praticado entre casais heterossexuais.

A liberdade atualmente possível às gerações de lesbianas mais jovens convida à cena o universo ainda pouco conhecido das mais velhas, cujas marcas do preconceito e da estigmatização seguem cravadas em suas existências com um grau de naturalização impensado para as assumidas e militantes.

Dada a vasta gama de estudos disponíveis no âmbito das questões ligadas às identidades de gênero e orientação sexual, desenvolvidos por teóricas/os como Audre Lorde, Donna Haraway, Gayle Rubin, Guacira Louro, Heleieth Saffioti, Henrietta Moore, Joan Scott, Judith Butler, Jack Halberstam, Margareth Rago, Maria Luiza Heilborn, Monique Wittig, Nancy Fraser, Sandra Harding, Silvia Federici, Teresa de Lauretis, Michel Foucault, Paul Preciado – esta tese privilegia o repertório trazido pelas mulheres entrevistadas. São vestígios marginais, na melhor expressão que o termo possa assumir e constitui-se em uma panóplia. Tendo em vista o conjunto de elementos trazidos nos depoimentos, o resultado remete a um retrato da geração de lésbicas que esta pesquisa coloca em tela.

No retrato falado, como inicialmente concebido no final do século XIX pelo médico francês Alphonse Bertillon (1853-1914), busca-se identificar e classificar criminosos/as, tomando-se como base depoimentos e dados fisionômicos apresentados pelas pessoas que viram determinado indivíduo. O/a artista, a partir do que lhe é relatado, produz o retrato falado propriamente dito, técnica usada pelas agências judiciais e policiais na busca de solução de casos criminais.

Neste, sem ignorar que a homossexualidade ocupa ainda um lugar marginal e já tenha sido e ainda seja considerada crime em alguns países, busca-se positivar a técnica conhecida como *bertillonage*, sistema que aplicou vários princípios da antropologia e que, a partir da descrição de um indivíduo, desenha um outro. Tal técnica é empregada como reforço no processo investigativo. Nesta pesquisa, fazemos uma abstração da técnica original e a incluímos no percurso metodológico.

A partir das histórias de vida das lésbicas acessadas foi possível conhecer os territórios e os recursos sociais empregados na construção de suas identidades e das redes de sociabilidade que possibilitaram a identificação delas como lésbicas e a vivência de suas relações homoafetivas. O resultado: um retrato falado do que foi vivido em Belo Horizonte por uma geração heterogênea de lésbicas entre os anos 1970 e 1990 e seus desdobramentos em tempos recentes.

O contato com a literatura especializada colocou em pauta, inicialmente, a invisibilidade da homossexualidade feminina. Por sua vez, a imersão no universo lésbico belo-horizontino trouxe outros questionamentos e o desejo de saber como as lésbicas mineiras viveram seus afetos em tempos de profundas restrições de liberdades.

A proximidade com algumas mulheres que integraram o Vila Sésamo – devidamente apresentado e discutido no capítulo 3 deste trabalho, seção 3.3, oferecia a possibilidade de perquirir um universo de mulheres que pouco se mostrou e se deixou conhecer. Ouvir, informalmente, seus casos levou à construção das hipóteses que nortearam o presente estudo: a) a partir das interações nos espaços frequentados, aquelas lésbicas criaram códigos, linguagens e normas que se relacionam com a construção de uma identidade lésbica com nuances comuns ao grupo; b) para além da apropriação dos territórios e espaços existentes na cidade, elas criaram outros – territórios e espaços – para viverem suas relações afetivas e sexuais livres da discriminação e dos preconceitos que sobre elas recaíam; c) os vínculos de convivência construídos entre algumas na juventude foram determinantes para a criação e a manutenção das redes de amizade e apoio mútuo que se sustentam na maturidade.

Não obstante, era importante perscrutar mulheres de outros universos que mantinham relações sexuais com outras mulheres para saber se o que ocorria inicialmente era particularidade daquele grupo ou algo comum entre lésbicas da mesma geração, cujas vivências estavam circunscritas à cidade de Belo Horizonte (MG).

Assim, para dar conta das hipóteses levantadas, três objetivos específicos foram traçados: identificar os diferentes territórios e recursos sociais utilizados e apropriados por essas mulheres, possibilitando que construíssem suas identidades lésbicas, identificassem outras lésbicas e estabelecessem relações homoafetivas de forma relativamente segura; descrever como o uso desses territórios e recursos permitiu e fortaleceu uma construção identitária, a criação de redes de sociabilidade e suporte a partir das interações em tais territórios e de que maneira isso ocorreu; analisar a importância dessas redes de sociabilidade e solidariedade como fonte de suporte identitário e social e se na velhice tais redes ainda existem e atuam nesse sentido.

Para dar conta das hipóteses e dos objetivos traçados, foram contempladas as histórias de vida de 21 lésbicas, sendo quatorze na faixa de 60 anos de idade, quatro no espectro de 70 anos e três na faixa etária dos 80 anos. Mesmo consciente de que seria possível alcançar os propósitos da pesquisa com menos, à medida que elas contavam suas histórias íamos nos dando conta da oportunidade que se apresentava. O tempo, que a todes ameaça, consome e põe fim, impunha sua presença de forma mais contundente sobre a geração delas.

À medida que o trabalho ia ganhando corpo, mais se evidenciava a falta de material sobre vidas de lésbicas mais velhas. Assim, em determinado momento, optei por eliminar o capítulo do referencial teórico e ampliar espaço para registrar suas memórias. Escolhi reproduzir parte considerável de seus relatos, dando voz a elas a partir do material coletado, privilegiando suas histórias em detrimento de um amplo “estado da arte” já exaustivamente explorado em tantos outros trabalhos. Sem ignorar sua importância, eles compõem os referenciais bibliográficos, figuram ao longo da tese e foram fundamentais para as análises apresentadas. Juliana Jayme (2020, p. 254-255), ao se referir às ciências sociais e à antropologia, “nos diz que elas constituem um campo de conhecimento que se interessa pela realidade concreta, utilizando a teoria justamente para iluminar a análise das questões que surgem dessa realidade”. Ao dar relevo ao material empírico, entendo que a pesquisa oferece subsídios que possibilitam testar hipóteses e oferecer material para futuras explicações teóricas, novas e mais abrangentes, sobre um universo que dele pouco se sabe (COSTA *et al.*, 2019).

Acredito que os desafios enfrentados por essa geração de mulheres espelhem desafios semelhantes aos vividos por outras lésbicas da mesma geração em diferentes territórios

geográficos. As entrevistas foram realizadas de acordo com a disponibilidade e conveniência das interlocutoras: cinco aconteceram nas residências das entrevistadas; cinco em bares; três na casa da pesquisadora; cinco ocorreram remotamente, de forma on-line; duas no local de trabalho das entrevistadas. Acrescentei ao material de campo o depoimento recebido de Rosa.

Cabe destacar que, embora haja a divisão das participantes em três segmentos, eles são intercambiáveis e em seu conjunto permitiu acessar, de diferentes perspectivas, o que foi vivido em tempos históricos pretéritos. A nomeação em três categorias não se pautou pelos arquétipos ou perfis das personagens dos pseudônimos adotados, mas teve como fito apenas organizar o texto, facilitar as análises e a leitura, tendo em vista o volume e a diversidade de nomes apresentados e as peculiaridades presentes.

Quanto à pesquisadora, para além das credenciais contidas no currículo Lattes, posso referir que nunca tive a pretensão de dizer de um sujeito abstrato e universal. Minha trajetória se situa entre a militância política e o labor acadêmico, ciente de que as conexões entre ambas não são campos apartados, mas que se complementam, se enriquecem e que devem se comprometer com a transformação social, razão sem a qual a pesquisa que me propus não teria sentido para mim. Entre as plagas acadêmicas e as calendas gregas há vida real, pulsante e instigante.

Sem ignorar movimentos que acenam para o fim do uso da palavra patriarcado, compactuo com Lessa (2021, p. 19) ao apontar ser “mais um indício de uma violência contra as mulheres”. Mesmo quando as práticas arraigadas nele forem extirpadas das relações humanas, seu sentido histórico permanecerá fundamental para a compreensão das relações sociais estabelecidas em muitas sociedades.

Por fim, mas não menos importante, quero registrar minha fidelidade e respeito ao rigor acadêmico e aos protocolos científicos para que a pesquisa se situe no patamar que acredito merecer as histórias compartilhadas pelas mulheres, sem as quais a presente tese seria impossível.

A proximidade com o campo da pesquisa e a escolha do objeto colocam em tela o desejo de, conforme elucida Haraway (1995), garantir uma ética em direção à justiça e à emancipação, evidenciando, sem constrangimentos, a imbricação do projeto científico com o campo político.

A escolha pelas histórias de vida como recurso metodológico se deve ao fato de serem elas “uma ferramenta que possibilita aos pesquisadores e sujeitos uma relação em que a ética e a dimensão da alteridade são fundamentais” (NOGUEIRA *et al.*, 2017, p. 483).

Importante registrar que, assim como pensadoras feministas como Donna Haraway (1995), Judith Butler (2003, 2007, 2019), Sandra Harding (1987), Tereza de Lauretis (2019^a),

não compactuamos com o mito da verdade científica, tampouco com a crença de uma neutralidade epistemológica. Além disso, não tenho a pretensão de construir um texto asséptico ou neutro. Afinal, ao ouvir, transcrever, interpretar e analisar, acredito que construímos algo novo, que nasce da mistura do que o outro oferece com quem somos, do encontro daquilo que o outro traz com aquilo que reside em nós.

Ao longo dos capítulos que dão corpo à tese, busquei realizar o seguinte: nesta introdução, apresentei o tema, as hipóteses, os objetivos que guiaram a pesquisa, a pesquisadora e o seu envolvimento com a temática. No capítulo 2, traço o percurso metodológico, os limites e as possibilidades que delimitaram as escolhas para o trabalho de campo diante da pandemia de Covid-19 e da vulnerabilidade das idosas. Nele são brevemente apresentadas as mulheres que participam da pesquisa e as relações entre elas. Incluí também uma tabela que sintetiza minimamente o campo com o objetivo de oferecer às leitoras e leitores uma visão panorâmica dos três grupos de mulheres focalizadas. No capítulo 3, situo o local geográfico que origina a pesquisa e seus atravessamentos sobre as pesquisadas. Apresento também as relações, os vínculos construídos entre algumas entrevistadas e o grupo Vila Sésamo que foi se metamorfoseando em uma Confraria de mulheres maduras. As relações construídas entre elas é contraponto fundamental para as análises feitas ao longo da tese. No capítulo 4, são apresentados os territórios pelos quais transitaram e forjaram suas identidades e como a ruptura com as tradicionais expectativas familiares atravessaram as vidas das mulheres que ousaram um caminho dissidente da heteronorma. No capítulo 5, analiso, a partir dos caminhos percorridos e compartilhados, dos territórios ocupados e dos relacionamentos construídos, como os vínculos de amizade se mantiveram ao longo do tempo, entre quais mulheres e quais seus impactos sobre as vidas delas. Por fim, formulo algumas conclusões possíveis.

Conforme já explicitado, no capítulo a seguir apresento o percurso metodológico que possibilitou acessar esse desconhecido universo. Esclareço sobre as técnicas, os instrumentos utilizados e o caminho percorrido para o alcance dos objetivos propostos. Ainda faço uma breve explanação das mulheres que compõem a pesquisa e alguns entrelaçamentos entre elas.

2. PERCURSO METODOLÓGICO

Este capítulo dissertará sobre os caminhos metodológicos percorridos durante a pesquisa, levando em conta também os contratempos e rearranjos necessários e possíveis em cenário de isolamento social.

Definir a metodologia adequada à pesquisa envolveu escolhas difíceis, já que o projeto havia sido elaborado antes das condições restritivas impostas pela pandemia de Covid-19 que assolou o mundo, de forma mais implacável no Brasil, entre 2020 e 2022. Tais restrições incidiram de forma mais devastadora sobre grupos vulneráveis, e este era o caso das idosas com as quais eu trabalharia: os encontros presenciais se tornaram inviáveis. Eu havia sido aprovada no processo seletivo do Doutorado no segundo semestre de 2018; o isolamento social foi decretado em minha cidade em março de 2020; as vacinas só começaram a ser aplicadas em janeiro de 2021 e muitas daquelas mulheres não tinham conhecimento ou destreza com as inúmeras plataformas de comunicação à distância que se popularizaram naquele período. Nesse cenário de incertezas, algo se mantinha inabalado no campo dos meus desejos: o “objeto-empírico que se colocava como um objeto-a-ser-interpretado” (JAYME, 2020, p. 254).

Inicialmente, inspirada por Donna Haraway (2019), ocorreu-me optar pela etnografia experimental. Essa autora, ao se referir às ideologias sobre a diversidade humana, diz que elas precisam ser formuladas em termos de frequências de parâmetros, e coloca em pauta uma nova prática chamada etnografia experimental, pela qual “um objeto orgânico desaparece como tal em resposta ao jogo lúdico da escrita. [...] Pode-se pensar qualquer objeto ou pessoa em termos de desmontagem e remontagem; não existe nenhuma arquitetura ‘natural’ que determine como um sistema deva ser planejado” (HARAWAY, 2019, p. 176).

Fui seduzida pela possibilidade de “desmontagem e remontagem”. Eu conhecia o grupo que deu origem à pesquisa havia cerca de vinte e cinco anos. Isso parecia um exercício instigante. Por ocasião do Mestrado, buscando uma imersão acadêmica, apliquei cem questionários nesse grupo de mulheres. A análise desse material gerou minha dissertação *Estratégias de escolarização de homossexuais com sucesso acadêmico* (SOUZA, 2013).

Em seguida, a inserção em dois dos grupos virtuais que congregam parte significativa das lésbicas agora pesquisadas, somada à participação nos Bailes do Papel AlmaSSo⁵ e nos

⁵ A grafia com “SS” se refere a uma brincadeira do grupo: “Super Sapatas”. O papel almaço é uma referência a um recurso: uma folha de papel dupla e pautada usada na geração delas.

encontros do Vaga Beer, ambos apresentados e discutidos de forma mais detalhada no Capítulo 5 – Aqui se planta, aqui se colhe: nas teias dos afetos e da solidariedade –, apontaram para os ganhos que a observação participante poderia agregar ao estudo. Contudo, os vários casos ouvidos dessas mulheres, por vezes repetidamente, acrescidos às anotações em meu diário de campo e algumas histórias de vida já conhecidas, mas de forma ainda incipiente, sinalizavam que a melhor maneira para explorar o considerável repertório acumulado nas diversas frentes seria por meio de entrevistas. No entanto, exigiu esforço convencê-las de que o que foi por elas vivido, naquele tempo histórico, teria sido importante e digno de registro.

A gente chegava nos lugares e todo mundo sabia: “fulana do ‘Vila Sésamo’”. A gente era uma turma de mocinhas muito novinhas, muito bonitinhas, todo mundo junto. Todo mundo queria paquerar a gente, porque a gente andava junto. Acho que a gente era famoso, mas ali só. Nunca imaginei aparecer em estudos. (Capitu, 65 anos)

O que eu sabia sobre elas era suficiente para optar por uma abordagem metodológica qualitativa, uma vez que essa se justifica pela tradição compreensiva e interpretativa dos objetos de estudo, mas também me indicava que, para transformar a gama de fatos sociais aos quais tive acesso em conhecimento científico, seria preciso um distanciamento do cotidiano. Para Quivy e Campenhoudt (2005), a ruptura é o primeiro ato constitutivo do procedimento científico; na sequência, viriam a construção e a verificação. Para os dois autores, é preciso romper com as falsas evidências e com os preconceitos que somente nos dão a ilusão de compreender as coisas.

Vali-me das memórias compartilhadas para me aproximar do universo novo que se descortinava à minha frente. Foram as memórias trazidas em suas histórias de vida que me ofereceram o fio e a trama do texto da história que ora apresento. De acordo com o historiador Eric Hobsbawm (2013, p. 44-45):

A postura que adotamos com respeito ao passado, quais as relações entre passado, presente e futuro não são apenas questões de interesse vital para todos: são indispensáveis. É inevitável que nos situemos no *continuum* de nossa própria existência, da família e do grupo a que pertencemos. É inevitável fazer comparações entre o passado e o presente: é essa a finalidade dos álbuns de fotos de família ou filmes domésticos. Não podemos deixar de aprender com isso, pois é o que a experiência significa. Podemos aprender coisas erradas – e, positivamente, é o que fazemos com frequência –, mas se não aprendemos, ou não temos nenhuma oportunidade de aprender, ou nos recusamos a aprender de algum passado algo que é relevante ao nosso propósito, somos, no limite, mentalmente anormais. [...] Teoricamente, o passado – todo o passado, toda e qualquer coisa que aconteceu até hoje – constitui história.

Foram muitas as histórias ouvidas. A elas se somavam as informações que foram obtidas e acumuladas ao longo dos anos de convivência com algumas; a presença em eventos promovidos por elas; as informações acessadas pelo Facebook, Instagram ou coletadas nos grupos de WhatsApp. Esse conjunto de informações indicava que uma etnografia em redes sociais também poderia ter sido uma alternativa para a pesquisa, já que o resultado trazia também um tanto dessa prática.

Para Christine Hine (2000, 2005, 2009), responsável pela popularização do termo “etnografia em redes sociais”, na etnografia virtual a construção do campo se dá a partir da reflexividade e da subjetividade. Segundo a autora, a etnografia virtual nunca está desvinculada do *off-line*. Ela se dá no e através do *on-line*, acontecendo por meio da imersão e do engajamento intermitente do pesquisador com o próprio meio. Entre ambientes *on-line* e *off-line* há uma relação de contiguidade.

Assim, entendo que a ampla gama de possibilidades, repertório e vivências acumuladas colaboraram sobremaneira para o resultado da pesquisa.

Partindo do pressuposto de que toda metodologia foi e é reinventada (NOGUEIRA *et al.*, 2017) e buscando a justa medida, cruzei os dados coletados nas entrevistas com as observações “etnográficas” oriundas dos eventos dos quais participei; as intensas trocas presenciadas nos grupos de WhatsApp que reunia aquelas do Vila Sésamo, atuais confreiras; as observações acumuladas em eventos presenciais com as informações registradas no diário de campo com o fito de, nos entrecruzamentos dessas coletas, captar os elementos que responderiam aos objetivos propostos para o estudo. A possibilidade de uma combinação de métodos se apresentava como uma boa alternativa para o que havia sido acumulado de forma híbrida – *on-line* e *off-line* – em várias frentes e distintos momentos desde os primeiros contatos com o campo pesquisado.

Tendo finalmente optado pelas entrevistas com as histórias de vida, recorri a Mallimaci e Béliveau (2006), pois as histórias de vida permitem conhecer o social através do indivíduo com base na experiência dele, que não precisa ser uma pessoa em particular ou especial, basta apenas que seja parte da comunidade que é estudada. Assim o fiz.

Ao optar por analisar as histórias de vida pelas lentes do campo feminista pós-estruturalista, entendo que outras interpretações sejam possíveis a partir dos mesmos materiais, se outras lentes fossem usadas sobre o mesmo objeto. “O interesse da narrativa reside no fato de que o autor nos conta o que apenas ele pode nos dizer”, cabendo ao pesquisador “construir um objeto que seria, na verdade, apenas um dos objetos possíveis a serem construídos” (LEJEUNE,

2008, p. 51). A perspectiva de entendimento que orienta as análises apresentadas é múltipla, diversa e rechaça abordagens essencialistas ao acolher a pluralidade de conhecimentos e contradições que constitui os singulares percursos de vida de cada uma das mulheres que participa deste estudo.

Atenta aos cuidados necessários, e conforme já dito, tomei como ponto de partida o grupo que ficou conhecido na cena homossocial belo-horizontina entre os anos 1970 e final dos anos 1980 como Vila Sésamo. Desse grupo, foram entrevistadas nove mulheres, agregadas ao elenco mais cinco proprietárias de estabelecimentos por todas frequentados e uma garçonete que trabalhou por cerca de 35 anos em alguns daqueles locais. Acrescentei, ainda, seis mulheres. Para este último grupo, além da exigência comum a todas – ser lésbica, ter mais de sessenta anos e ter frequentado a cena lésbica belo-horizontina –, fiz escolhas aleatórias, mas ao final, mesmo que não fossem amigas, a maioria já tinha se visto, ouvido falar, participado em algum momento dos mesmos eventos, ou passado por guetos comuns. Belo Horizonte tem essa característica: é trivial encontrar as mesmas caras em vários lugares, a restrita cena lésbica da cidade favorecia ainda mais essa possibilidade. A premissa é válida para a maior parte do grupo pesquisado, no qual as diferenças de capitais econômico e cultural variaram pouco.

No total, foram ouvidas 21 histórias de vida, método que permite ao investigador ter contato com a realidade vivida pelos atores sociais (QUIVY; CAMPENHOUDT, 2005). Em termos gerais, ao trabalhar com essa técnica, o pesquisador escuta, por meio de várias entrevistas, que podem ou não ser gravadas, o relato da história de vida da pessoa entrevistada. Ao fim da escuta, o material é transcrito e discutido entre o sujeito participante e o pesquisador que, a partir de então, fará um mergulho analítico para buscar identificar as pistas que o ajudarão a tentar responder as questões da pesquisa. Nesse processo, a relação entre pesquisador e aquele que narra sua história é um ponto essencial e só acontece se houver um vínculo de confiança mútua que é construído ao longo de um processo (NOGUEIRA *et al.*, 2017).

Quanto aos vínculos mencionados entre pesquisadora e algumas pesquisadas, eles vêm se consolidando há anos, o que possibilitou cogitar até uma pesquisa etnográfica; de outras mulheres, recebi indicação com boas referências, um ponto forte que alicerçou o trabalho de campo. Contudo, é preciso registrar que, para conseguir algumas entrevistas, foi preciso muito empenho. Os maiores desafios se apresentaram no universo dos bares e boates, como aconteceu com Hera, Atena e Deméter. Algumas outras, de perfis variados, apesar do empenho, foram completamente refratárias à possibilidade de participar. Ainda assim, a teia que se formou em torno da pesquisa favoreceu sobremaneira o acesso às participantes do estudo, permitindo,

ainda, contornar a reserva comum à geração de mulheres idosas para conversar sobre questões de foro íntimo.

Ainda sobre o trabalho de campo, antes de ter clareza sobre o recorte que faríamos dentro do objeto eleito para o meu doutoramento e aproveitando a já referida proximidade com algumas mulheres envolvidas pela pesquisa, solicitei a minha inclusão em dois dos principais grupos de WhatsApp que congregam as mulheres do Vila Sésamo – um de mesmo nome, criado em 29 de janeiro de 2016; outro nomeado Polêmica, de 6 de agosto de 2016. Ambos os grupos comportam número significativo das mulheres oriundas do Vila; algumas poucas participam dos dois. O objetivo foi me aproximar ainda mais do universo delas, aprofundar ou elucidar algum ponto intrigante e que poderia auxiliar nas reflexões que seriam feitas.

Iniciamos o trabalho de campo por uma longa entrevista com Jane Eyre, que considerei uma ação-piloto. Foram duas tardes, sendo a primeira na casa dela e a segunda pela plataforma Zoom, uma vez que eu queria testar a possibilidade de realizar as entrevistas remotamente. Tanto a duração dos dois encontros quanto a exceção que foi aberta para que ela me recebesse em sua casa se ancoraram na segurança do isolamento, no respeito aos cuidados sanitários prescritos pelos órgãos de saúde diante da pandemia e nos laços de amizade e confiança preexistentes. O objetivo era fazer uma entrevista que pudesse trazer à tona elementos essenciais e passíveis de aprofundamento nas entrevistas que se seguiriam. A escolha por começar com Jane Eyre decorre do destacado lugar que ela ocupa entre a vasta gama de amigas que tem e do carisma e prestígio que goza entre elas, como atesta sua minibiografia no Apêndice. Eu tinha consciência de que dizer que ela já havia me concedido uma entrevista abriria outras portas. Dessa forma, entrevistei-a em outubro de 2020. Na sequência, precisei rever a primeira versão do longo roteiro elaborado (que já sabia de antemão ser bastante extenso), mas testá-lo me deu segurança sobre o que seria possível cortar sem comprometimentos, o que remeteria a uma mesma resposta e o que estaria fora do escopo da pesquisa. Depois, foram feitos vários contatos com Jane Eyre para tentar, com sua ajuda, detectar nuances do que foi por ela vivido, repensar questões que haviam ficado dúbias tanto nas perguntas quanto nas respostas, ou que me escaparam no calor do primeiro encontro, uma vez que o que foi reelaborado a partir dos contatos com ela traria os insumos para a série de entrevistas que seriam realizadas. Segue um exemplo ilustrativo: “Eu não sei se eu estou entendendo a pergunta”. Essa foi a resposta que obtive quando apresentei a questão: Como a maneira como você performou o gênero e constituiu suas relações afetivo-sexuais influenciaram na construção da sua identidade?

Eu sabia que a pergunta tinha um tom acadêmico demais, mas sabia também da formação e da vasta gama de cultura e conhecimentos que aquela mulher trazia na bagagem. Naquele momento da entrevista, em meio a umas tantas outras questões, me dei conta da opção certa que havia feito. Fiz a primeira entrevista com alguém que estava disposta a colaborar, confiava no trabalho que estava sendo feito, teria tempo para a longa “entrevista-piloto” e que, assim como eu, entendia a necessidade de registrar as histórias por elas vividas. O resultado dos nossos dois encontros – um presencial e um virtual – resultou em cerca de quatro horas de gravação. Porém, conversamos sobre a pesquisa por incontáveis horas em inúmeras ocasiões durante a escrita da tese, escuta acurada, diário de campo na mão.

Pesquisador e sujeito ao iniciarem esse processo aceitam um convite de compartilharem uma nova experiência, quando o pesquisador deve repensar constantemente os lugares estabelecidos. A história de vida ressalta a abertura ao sujeito que narra e para isso esse encontro necessitará de interação e afeto (NOGUEIRA *et al.*, 2017, p. 483).

O que foi feito consumiu muito tempo, longas conversas. Foram encontros nos quais fruía afeto e que contavam com a generosa disponibilidade da entrevistada e de sua esposa. Eu estava animada com a pesquisa e queria levar para a qualificação algum contato com o campo, bem como algumas impressões iniciais.

Contudo, logo após a banca de qualificação em abril de 2021, tive Covid-19. Enquanto eu travava a minha própria batalha contra o vírus, ele levou consigo, naqueles dias difíceis, minha madrinha, última irmã viva de minha mãe. Entre o medo da morte e a dúvida se eu me recuperaria, veio um tempo que me custou muito caro, dessas coisas demasiadamente humanas que a todes atravessam e costumam ser comuns a doutorandas/os: bloqueio, insegurança, cansaço, esgotamento e medo de não ser capaz de fazer um trabalho à altura da confiança que seria depositada em mim por aquelas que se prontificaram a participar da pesquisa, a fazer um exercício de memória e compartilhar conosco as lembranças do que foi por elas vivido. Em meio a tudo isso, tomei uma decisão importante e crucial, considerando o tempo que havia para finalizar a pesquisa: recomeçar logo as entrevistas. Eu havia feito apenas a “entrevista-piloto”; já haviam se passado onze meses, período no qual só consegui finalizar os últimos créditos necessários! Sair da letargia optando pela realização das entrevistas foi uma decisão muito importante para levar a cabo o empreendimento. O contato com as histórias daquelas mulheres me reconectou com a pesquisa e reacendeu o desejo pelo objeto. Entretanto, a morte de quatro delas, nenhuma por Covid, em etapas distintas do percurso, me devastou emocionalmente e escancarou a urgência de ouvi-las. Duas – Caubi e Rosa – deixaram valiosas contribuições que serão

apresentadas ao longo desta tese; da terceira, professora aposentada da UFMG, ficaram as histórias compartilhadas em nossos encontros, muitos em agradáveis finais de semana em seu sítio; a quarta vivia em Santo André (BA), amiga querida sobre a qual eu ainda não tinha certeza se participaria.

Foram feitas vinte entrevistas, todas de acordo com as técnicas de “história de vida” (BECKER, 1999; DEBERT, 1986; QUEIROZ, 1991), quinze delas semiestruturadas, presenciais e em profundidade. Com Bovary, Perséfone e Orquídea, que mora no Espírito Santo, fiz o mesmo, mas de forma remota com vídeo.

Quando consegui agendar a entrevista com Gerânio, convidei Perséfone (cuja entrevista havia ocorrido *on-line*) para ir comigo, pois eram amigas. Foi uma boa estratégia: criou-se um clima de descontração, cumplicidade e saudosismo entre elas. E ainda foi possível ouvir outras histórias de Perséfone.

Com Karenina e Caubi, fiz entrevistas inteiramente a distância, uma vez que elas viviam em cidades do interior de Minas Gerais. Reuni às vinte entrevistas o depoimento recebido de Rosa, que pode ser lido no Anexo III.

Embora eu tivesse viajado para Tiradentes (MG) a fim de entrevistar Margarida, o tempo estava escasso e eu não havia conseguido licença das atividades laborais na Universidade. Assim sendo, enviei a elas o roteiro e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Karenina foi respondendo em etapas e por escrito; ela deixou o TCLE com o cabeleireiro por ocasião do Natal, quando veio passar a celebração com a família na capital. Caubi lamentavelmente faleceu em 29 de dezembro de 2021, mas antes respondeu-me em áudios pelo WhatsApp, recurso que também utilizei para aprofundar ou sanar alguma questão. Ainda no dia do seu falecimento trocamos áudios descontraídos e espirituosos sobre algumas questões da pesquisa. Foi uma morte súbita, apesar de gozar de boa saúde. Por isso, não houve condições para que ela me entregasse o TCLE.

Das duas entrevistas feitas a distância, Karenina, ao perceber no grupo de WhatsApp do Vila Sésamo a minha tentativa de juntar elementos para contar a história do grupo, enviou-me no privado um relato gravado em áudio. Aproveitei a oportunidade e convidei-a para participar. Combinei de ir enviando blocos de perguntas, que ela passou a responder por escrito. Essa experiência foi diferente das demais. Achei-a fria, senti falta da interação e da possibilidade de explorar algum flanco que uma conversa ao vivo e no calor da hora possibilita. Com Caubi, ao contrário da entrevista com Karenina, senti que os áudios trocados permitiam certa aproximação: a voz traz espontaneidade, entonações e emoções que escapam às palavras escritas.

Para Adriana Amaral (2010, p. 126), “a diferença entre uma entrevista feita presencialmente e outra feita via MSN ou Skype deve ser incluída na narrativa. O refinamento das análises sofrerá influências que podem ser significativas” – e foram. Achei que a diversidade de alternativas utilizadas possibilitou não só fazer as entrevistas no formato que fosse acessível a elas, mas também alcançar, de forma satisfatória, os objetivos elencados para a pesquisa. Contudo, devo admitir que senti falta, nas duas entrevistas feitas a distância e sem vídeo, do calor humano que a presença física proporciona; das observações que o “olho no olho” permitem; das expressões faciais, gestuais; das hesitações e emoções que se somam às palavras na hora em que analisamos o material coletado e na escolha dos adjetivos que utilizaremos em diálogo com o referencial teórico e com outras pesquisas que tratam de temas e situações semelhantes ou afins.

À medida que as entrevistas eram realizadas, comecei a escutá-las repetidamente enquanto dirigia. Na maioria das vezes eu fazia sozinha o trajeto entre meu apartamento e a casa de campo onde eu passava parte da semana durante o período de trabalho remoto imposto pela pandemia. Isso favoreceu sobremaneira a prática, conectou-me com as histórias que iam sendo contadas e com alguns aspectos que puderam ser explorados nas entrevistas subsequentes.

Aproveitei a presença nos grupos de WhatsApp também para dar retorno a elas sobre o uso que estava sendo feito das informações que me foram confiadas. Fui compartilhando os materiais coletados que eram comuns ao universo daquelas que estavam nos dois grupos – Vila Sésamo e Polêmica – nos próprios grupos; o que era pessoal, enviava diretamente para quem havia relatado.

Valendo-me ainda dos contatos via WhatsApp que tinha de todas, coletei dados sobre viagens internacionais, terapias feitas ou alguma outra informação que pudesse contribuir para situar a classe social. Todas, exceto uma, se declararam pertencentes à classe média; contudo, alguns depoimentos indicavam que não eram. Como não havia incluído questões sobre o nível de renda, em determinado momento da análise dos dados elas se mostraram necessárias. Devo admitir que o nível de proximidade que eu tinha com algumas me inibiu nesse sentido. De toda forma, coletei-os tardiamente, mas em tempo, as informações trazidas nas entrevistas também continham, indiretamente, dados que permitiram situá-las em determinados estratos sociais.

Desnecessário dizer sobre o tempo que grupos de WhatsApp consomem. Minha participação neles foi escasseando na medida em que escasseava o tempo que restava para finalizar a pesquisa. De todo modo, o plano sempre foi me manter neles até a defesa da tese para poder enviar a elas o convite para a ocasião e guardar, até o último momento, a possibilidade de sanar alguma questão que pudesse aparecer na análise dos dados, como acabou ocorrendo.

Estar nos grupos de WhatsApp, especialmente o daquelas que são nomeadas com personagens da literatura, acurou minha a percepção e permitiu que fosse possível constatar que, em que pesem os antigos vínculos de amizade que uniam várias delas, algumas acabavam se exasperando e saindo deles.

Nos grupos Vila Sésamo e Polêmica, ficou óbvia a posição política declarada enquanto elemento de separação. A situação parece ter dado seus primeiros sinais por ocasião do *impeachment* da presidenta Dilma e se intensificou diante do avanço do bolsonarismo, fenômeno político que deu relevo a práticas situadas na extrema-direita e que ganhou projeção e proporções surpreendentes a partir das eleições de 2018. Capitu, uma das fundadoras do Vila Sésamo, relatou que as bolsonaristas são muito participativas. Havia apenas uma pessoa que tentava discutir com ela, mas sem muito embasamento. As bolsonaristas não aceitam críticas ao presidente e, como os questionamentos dela eram respondidos, na maioria das vezes, com bonequinhos e arminhas, saíram do grupo, tendo optado por ficar no Polêmica. Ficou evidente que neste grupo a maioria tinha posturas mais progressistas, as discussões eram melhor fundamentadas, além de serem vigilantes quanto às *fake news*, outra verdadeira pandemia presente no Brasil desde os debates políticos iniciados em 2016.

Participar desses grupos sem me manifestar politicamente demandou esforço e atenção constantes, mas eu tinha consciência da importância de manter uma postura pragmática para a pesquisa. Uma postagem que extraí do grupo Vila Sésamo e que transcrevo a seguir sinaliza um dos esforços feitos por Ártemis para contornar as divergências e manter a união: “Esse grupo não é do Bolsonaro e nem do Lula, nem do Atlético e nem do Cruzeiro, esse grupo é de amigos do Vila Sésamo! Aos poucos estamos destruindo amizades de 45 anos... lamento!!!” Embora tenha havido um racha entre elas, em alguns eventos ainda se juntam.

Optar, inicialmente, por um grupo que eu conhecia como objeto de pesquisa possibilitou escutar muitos casos: engraçados, dramáticos, dolorosos. A presença nos grupos de WhatsApp permitiu a checagem e o cruzamento de algumas informações. Não obstante, caminhei atenta ao necessário distanciamento quando o objeto de pesquisa me é familiar e próximo. Contudo, há que se levar em conta que o acúmulo da longa convivência com o grupo e com o mundo homossexual, somado à experiência adquirida nos anos de trabalho junto à área de direitos humanos e à militância feminista, tornaram possível o trabalho em um campo pouco acessível. De acordo com Costa, Barroso e Sarti (2019, p. 129), “no caso das pesquisas sobre mulher, a estreita relação entre pesquisa e militância contribuiu para criar uma rede de apoio e solidariedade que foi importante para os pesquisadores, ao enfrentar a ortodoxia acadêmica”.

Quando iniciamos uma pesquisa, sabemos o que queremos buscar, mas não o que iremos encontrar. Foi uma surpresa tanto para mim quanto para elas a existência de trabalhos que citavam o Vila Sésamo e conhecer a versão que dele foi construída. Gilberto Velho (1987) já destacava que o familiar, com todas as necessárias relativizações, é cada vez mais objeto relevante de investigação não apenas em nível de grandes transformações históricas, mas também como resultado acumulado e progressivo de decisões e interações cotidianas.

Segundo Magnani (2009, p. 153), para captar certas nuances “é preciso situar o foco nem tão de perto que se confunda com a perspectiva particularista de cada usuário e nem tão de longe a ponto de distinguir um recorte abrangente, mas indecifrável e desprovido de sentido”. Para o autor, há planos intermediários nos quais podemos identificar a presença de padrões e de regularidades, que, na tese em questão, se mostraram fundamentais às análises dos relatos colhidos.

No que tange aos pseudônimos, eles foram utilizados para garantir o anonimato das participantes. Todavia, os nomes reais das pioneiras no segmento de bares e boates são usados em alguns trechos. Três motivos pautaram deliberadamente esta escolha: por se tratar de figuras conhecidas e reconhecidas; por já terem sido referenciadas em trabalhos e estudos anteriores; porque foram explicitamente autorizados por duas delas (uma terceira é falecida há mais de dez anos).

Com o propósito de facilitar a leitura e o entendimento, conforme já explicitado, optei por utilizar três categorias para identificação das lésbicas entrevistadas: no primeiro, das jovens de outrora que compunham o Vila Sésamo e que na velhice constituem o grupo denominado Confreiras, utilizei conhecidos nomes da literatura mundial; no segundo, dos bares e boates destinados a receber o público homossexual, utilizei nomes de deusas mitológicas; no terceiro, das frequentadoras dos espaços destinados a receber o público homossexual, atribuí nomes de flores.

Com relação aos eventos realizados, mantive os nomes originais: Festiranga, Baile do Papel AlmaSSo, Vaga Beer e Cartoleiras das Minas, todos apresentados ao longo da tese. Tal decisão foi tomada tendo em vista o grande número de mulheres que deles participaram e participam e o seu acesso restrito, o que dificulta a identificação delas.

No que se refere à quantidade de entrevistas necessárias para responder aos objetivos da pesquisa e checagem das hipóteses levantadas, não estava certa de quantas seriam necessárias. Dessa forma, fiz determinado número de entrevista o suficiente para me dar conta de que estava trazendo mais do mesmo. Nesse momento, convenci-me que havia material suficiente: eu estava

diante do critério de saturação. O que havia sido coletado possibilitou não só responder aos objetivos propostos, como também a elaboração de um verdadeiro retrato falado do que foi vivido por lésbicas, muito diferentes entre si, na cidade de Belo Horizonte, principalmente entre os anos 1970 e final dos anos 1990. Nele estavam contemplados os lugares públicos – bares e boates – de que a cidade dispunha, os territórios criados por elas e uma vasta gama das vivências experimentadas.

O acesso às entrevistadas e a agilidade proporcionada pelo WhatsApp foram importantes e enriqueceram sobremaneira o material coletado. Tendo finalizado as minibiografias reunidas no Apêndice, enviei-as a cada uma das participantes. Apenas uma delas solicitou que fosse suprimida uma informação de ordem monetária, no que foi atendida por ser considerada irrelevante para a tese.

Tendo perdido a amiga, revisora e transcritora – Rosa –, ainda quando estava na segunda entrevista, comecei a fazer eu mesma as transcrições. Nesse momento, me dei conta da importância desta função, pois, ao fazê-la, eu ia inserindo entre parênteses gestos e emoções como “voz embargada”; “hesitante”; “coçando o saco”; “olhos rasos d’água”, performances corporais...

Entretanto, dado o adiantado da hora para cumprir os prazos e defender a tese, terceirizei as últimas transcrições. Achei que ouvir as entrevistas repetidas vezes, como já mencionado, foi o suficiente para extrair satisfatoriamente sentidos e significados. Foram tantas vezes ouvidas que, em determinado momento, percebi que tinha um “retrato falado” do que foi por elas vivido naquele tempo histórico, o que motivou inclusive a mudança no título original da tese, antes *Existências marginalizadas: histórias invisibilizadas de vidas que importam*, para *Vivências lésbicas na cidade de Belo Horizonte entre as décadas de 1970 e 2000: um retrato falado*.

As entrevistas feitas com Jane Eyre e Orquídea proporcionaram uma verdadeira imersão no universo lésbico – foram encontros em clima de total descontração. Na sequência, entrevistei Hera. Dessa forma, havia material coletado dos três grupos: da literatura (Vila Sésamo – Confraria), de proprietárias de bares e boates bem como de frequentadoras deles. A escolha foi deliberada: queríamos abarcar os três distintos universos e, a partir dessa experiência, repensar os roteiros seguintes. Assim foi feito.

Os encontros com Jane Eyre, primeira a ser entrevistada, possibilitaram coletar material valioso sem perder de vista os três elementos inseparáveis na visão de Sandra Harding (1987) – a objetividade, a reflexividade e o método –, todos inseparáveis das teorias e análises que nortearam a presente pesquisa.

Orquídea, que mora desde 2001 no Espírito Santo, foi a segunda. A entrevista foi feita *on-line*. Combinamos com antecedência e aguardei o contato dela, que aconteceu em um domingo ensolarado por meio de uma videochamada pelo WhatsApp. Ela estava na piscina. Foi uma conversa descontraída e agradável, apesar do exercício de memória que a levou a revisitar momentos um tanto delicados da singular relação que teve com a família face à sua homossexualidade.

A terceira entrevistada foi Hera, escolha feita deliberadamente. O objetivo era obter dados dos três grupos – as identificadas com nomes de personagens da literatura mundial; as deusas mitológicas e as flores –, escolha que permitiu uma visão geral do campo.

À medida que as entrevistas eram transcritas, dediquei-me a analisá-las à luz da compreensão das estruturas subjacentes ao discurso com o fito de identificar categorias importantes para responder aos objetivos definidos e sustentar – ou refutar – as hipóteses que instigaram o estudo. Foi um processo circular: cada entrevista apresentava dados que demandam novas categorizações, exigia retorno a referenciais bibliográficos e instigava novas reflexões. Dessa maneira, uma entrevista alimentava e gerava novos *insights* para as próximas.

Embora o conhecimento do campo tenha sido mais longamente explorado com Jane Eyre, Capitu também foi de grande ajuda e se mostrou disponível ao longo de todo o percurso. As trocas foram numerosas. De forma geral, o acesso que tive a todas via WhatsApp, após a realização da entrevista, abriu um canal de comunicação que permitiu esclarecer dúvidas e refinar entendimentos. Alguns elementos só apareceram na fase da “repescagem”.

Um dos recursos que utilizei nas entrevistas foi o conhecimento sobre os principais bares e boates de que a cidade de Belo Horizonte dispunha para as lésbicas entre os anos de 1970 a 2000. Tais espaços se transformaram em redutos para elas e foram potentes para puxar o fio da memória. Com aquelas que eu não conhecia, mencionei também alguns casos clássicos que circulavam “à boca miúda” para criar um clima de descontração.

Quando optei por trabalhar com histórias de vida vinculadas a representações identitárias, um dos objetivos desta tese, é importante considerar alguns aspectos essenciais na análise. Para Barbara Ponse (1978, p. 158-159), o narrador pode assumir o seu *self* presente como sendo a sua identidade essencial e verdadeira; como consequência, definições identitárias anteriores podem surgir como não autênticas. Outro aspecto refere-se à necessidade de congruência entre a identidade passada e a identidade presente, que pode gerar uma pressão interna para a elaboração de uma história linear e coerente. Por fim, há também certa necessidade que pode dar origem a uma reavaliação do passado e conduzir à representação identitária atual. A autora

aponta para aspectos que foram importantes para acurar a escuta e analisar o conteúdo das entrevistas. De forma geral, as mulheres ouvidas demonstraram consciência quanto às diferenças do perfil identitário e posturas adotadas na juventude, assim como das mudanças incorporadas ao longo dos anos. A idade delas se revelou um componente importante: assistir à saída do armário e ao comportamento das novas gerações exposta nos mais diversos espaços e redes sociais, além da conquista de alguns direitos, como é exemplo as uniões entre pessoas do mesmo sexo, parecem ter contribuído para as reflexões por elas apresentadas.

O campo trouxe uma gama enorme de informações que reverberavam em mim. A sensação se parecia com aquela que fica ao sair do cinema após ter assistido a um daqueles filmes que nos arrebatam, inundam e transbordam. Parecia com o retrato de uma geração na tela, e me dei conta de que tinha um retrato falado do que foi vivido por aquelas mulheres.

O retrato falado, técnica empregada na área criminalística como reforço no processo investigativo, refere-se ao trabalho feito por um perito que, a partir do relatado, desenha o retrato. Fazemos aqui uma abstração da técnica original, na qual a testemunha ou a vítima, que são entrevistadas, estiveram no local onde determinados fatos ocorreram, tendo-os presenciado ou vivenciado; o que relatam sobre o ocorrido é utilizado para a análise do que foi por elas vivido.

Durante o trabalho de campo, as entrevistadas, por meio das suas histórias de vida, descreviam o que viveram nas esferas privadas e públicas. Assim, parte do cenário já era conhecido. Além de contarem e descreverem o que viveram, diziam como viveram, o que sentiram, o que presenciaram. Como pesquisadora, ao analisar o conjunto das informações recebidas, “desenhei” em texto o que foi ouvido. O material virou um “texto-retrato”, resultado do cruzamento dos distintos dados coletados. Histórias semelhantes, convergentes e divergentes permitiram distintas interpretações. As análises foram realizadas em diálogo com os referenciais teóricos selecionados.

O retrato da geração que ora apresento foi elaborado tendo como fundo de tela a cidade de Belo Horizonte: 21 personagens cujos roteiros das histórias de vida tiveram suas estreias entre 1933 e 1960.

Nos capítulos que se seguirão, apresento o resultado do que foi apurado em suas histórias. A eles foram incorporados o que, por vezes, uma dizia da outra; a vivência partilhada nos grupos de WhatsApp; as observações e as anotações feitas no diário de campo, mescladas ao conhecimento prévio sobre algumas e sobre o campo pesquisado. Com eles elaborei minibiografias para cada uma das entrevistadas. Elas foram devolvidas para validação ou possíveis

ajustes, caracterizando um processo de submissão, apreciação e aprovação. Quanto às análises feitas *a posteriori*, combinei com as participantes que poderiam ser conferidas no dia da defesa, para a qual todas foram convidadas, ou, ainda, no texto final da tese, que me comprometi a disponibilizar.

Quanto às minibiografias das duas falecidas, submeti a de Caubi a duas amigas próximas que também participaram da pesquisa; a de Rosa, a uma amiga que prontamente me retornou e ao seu irmão, meu conhecido. Embora durante a escrita ele tenha tirado algumas dúvidas pelo WhatsApp, não deu retorno sobre o texto finalizado. Contudo, antes disso, eu havia dito a ele que incorporaria o depoimento que havia recebido da sua irmã na pesquisa e chequei a data exata do falecimento dela. Ele me respondeu: “A data é o dia que a Rosa conquistou a sua independência, dia 7 de setembro de 2021. Muito legal sua atitude, fiquei feliz”.

Passo, pois, às personagens que compõem o retrato que será apresentado. Vali-me de certa “licença poética”, já que no retrato é necessário que haja um rosto e as mulheres entrevistadas deram as caras a partir de suas histórias de vida.

As tabelas a seguir foram elaboradas no esforço de sintetizar minimamente o campo pesquisado. O título dela refere-se a uma característica que une a todas: “De salto alto, não”!

Tabela 1- Caracterização sociodemográfica das identificadas com nomes de personagens da literatura mundial

DE SALTO ALTO, NÃO !! !	ENTREVISTADA	IDADE	COR	ESCOLARI- DADE	FORMAÇÃO e/ou PROFISSÃO	ESTADO CIVIL / RELA- CIONAMENTO	RELI- GIÃO DA FAMÍ- LIA DE ORIGEM	LOCAL DE NASCIMENTO
Personagens da literatura Do Vila Sésamo / Confraria	1. Jane Eyre	65	Branca	Pós-graduada	Tecnologia de Pro- cessamento de Dados e Adminis- tração de Empresas	21 anos casada legal- mente	Católica	Piumhi (MG) Mudou-se para BH aos 17 anos
	2. Bovary	60	Branca	Superior	Empresária e administradora de empresa	30 anos Relação estável	Católica	Caratinga (MG) Mudou-se para BH aos 8 anos
	3. Capitu	65	Branca	Superior incom- pleto	Representante co- mercial	12 anos Relação estável	Católica	Belo Horizonte (MG)
	4. Caubi	1954 a 29/12/2021	Parda	Ensino Médio	Despachante junto ao INCRA	Solteira	Católica	Rio de Janeiro (RJ) Mudou-se para BH aos 10 anos
	5. Karenina	63	Branca	Superior	Tecnóloga em Ges- tão Financeira	10 anos Relação estável	Católica	Belo Horizonte (MG)
	6. Lolita	66	Branca	Pós-graduada	Comunicação Social, Jornalismo e Odonto- logia	8 anos Relação estável	Católica	MG Mudou-se para BH aos 14 anos
	7. Macabéa	67	Branca	Superior	Jornalista, professora, advogada e promotora pública aposentada	30 anos Relação estável	Católica	Belo Horizonte (MG)
	8. Nastasya	64	Branca	Superior	Turismo e Adminis- tração Comerciante	Solteira	Católica	Belo Horizonte (MG)
	9. Úrsula	70	Branca	Ensino Médio	Publicitária e comer- ciante	32 anos Relação estável	Católica	Fortaleza (CE) Mudou-se para BH aos 16 anos

Fonte: elaboração da autora com base em pesquisa própria.

Tabela 2 - Caracterização sociodemográfica das identificadas com nomes de deusas mitológicas

DE SALTO ALTO, NÃO !! !	ENTREVISTADA	IDADE	COR	ESCOLARI- DADE	FORMAÇÃO e/ou PROFISSÃO	ESTADO CIVIL / RELA- CIONAMENTO	RELI- GIÃO DA FAMÍ- LIA DE ORIGEM	LOCAL DE NASCIMENTO
Deusas mitológicas Dos bares e boates	10. Afrodite	64	Branca	Superior incom- pleto	Comerciante	Solteira	Católica	Belo Horizonte (MG)
	11. Ártemis	64	Parda	Superior	Comerciante / Admi- nistração pública	20 anos casada legal- mente	Católica	Belo Horizonte (MG)
	12. Atena	71	Branca	Ensino Funda- mental (5º ano)	Comerciante	Solteira	Católica	Jurema, lugarejo de Queluzito (MG)
	13. Deméter	61	Branca	Pós-graduada	Teologia e Turismo	35 anos Relação estável	Católica	Oeiras (PI) Mudou-se para BH aos 13 anos
	14. Hera	85	Branca	Ensino Funda- mental (3º ano)	Comerciante	Solteira	Católica	Belo Horizonte (MG)
	15. Perséfone	83	Preta	Ensino Funda- mental (8º ano)	Serviços administrativos	Solteira	Católica	Belo Horizonte (MG)

Fonte: elaboração da autora com base em pesquisa própria.

Tabela 3 - Caracterização sociodemográfica das identificadas com nomes de flores

DE SALTO ALTO, NÃO !! !	ENTREVISTADA	IDADE	COR	ESCOLARI- DADE	FORMAÇÃO e/ou PROFISSÃO	ESTADO CIVIL / RELA- CIONAMENTO	RELI- GIÃO DA FAMÍ- LIA DE ORIGEM	LOCAL DE NASCIMENTO
	16. Gerânio	89	Branca	Ensino Funda- mental (4º ano)	Gerência financeira	Solteira	Católica	Jaboticatubas (MG)
Flores Das frequentadoras dos bares e boates	17. Rosa	1960 a 2021	Branca	Superior incom- pleto	Técnico-administra- tiva	Solteira	Católica	Belo Horizonte (MG)
	18. Margarida	70	Negra	Pós-graduada	Enfermagem e Filo- sofia	Solteira	Católica	Diamantina (MG) Mudou-se para BH aos 10 anos
	19. Magnólia	68	Branca	Superior incom- pleto	Comerciante	Solteira	Católica	Belo Horizonte (MG)
	20. Orquídea	62	Branca	Ensino Médio	Gerente e diretora de empresas	12 anos casada legal- mente	Católica	Belo Horizonte (MG)
	21. Tia Violeta	77	Branca	Superior incom- pleto	Comerciária	Solteira	Católica	Belo Horizonte (MG)

Fonte: elaboração da autora com base em pesquisa própria.

2.1 Agora é que são elas

Nesta seção, apresento de forma sucinta quem são as mulheres que participam da pesquisa. Em respeito às suas histórias, elaborei uma minibiografia para cada uma, disponíveis para consulta na íntegra no Apêndice deste trabalho.

É importante considerar alguns aspectos comuns às mulheres do grupo Vila Sésamo, atuais Confreiras. Os contatos entre a maioria delas se deram a partir de dois colégios da capital mineira: Colégio Batista Mineiro e Champagnat. A partir daí, foram formados os times de futebol que congregavam as jovens meninas. O encontro dos times ampliou o círculo, agregou torcedoras e possibilitou a formação de vários casais. Abaixo, elas são identificadas de acordo com o grupo, ano de nascimento e a idade no momento da realização das entrevistas.

Jane Eyre (1955 – 65 anos) foi a primeira a ser entrevistada. Oriunda de família de fazendeiros bem situados do lado materno, pai farmacêutico e dono de farmácia, ela construiu, principalmente a partir da prática de esportes, vasto círculo de amizades. Formada em Tecnologia de Processamento de Dados (UFMG) e Administração de Empresas (PUC), possui três pós-graduações. Abandonou os cursos de Engenharia Elétrica (PUC) e Educação Física (UFMG). Construiu uma bem-sucedida e premiada carreira como servidora pública. Festeira, espirituosa, alegre, otimista, detentora de uma notável capacidade agregadora, além de ser do Vila Sésamo, é uma das figuras centrais entre as Confreiras.

Amiga próxima de **Capitu (1957 – 65 anos)**, têm em comum a paixão pelos esportes e o mesmo círculo de amigas lésbicas, a maioria composta pelas amizades construídas quando jovens no Vila Sésamo. Capitu é daquelas pessoas que têm o que dizer, politizada desde jovem, leitora voraz, é uma mulher de personalidade forte, acurada sensibilidade social e senso de justiça. Teve uma trajetória profissional diversificada. Quando o irmão faleceu aposentou-se e assumiu a administração dos bens e da casa da mãe, com quem sempre morou.

Jane Eyre e Capitu são amigas há muito e frequentadoras dos bares de **Úrsula (1952 – 70 anos)**. Evitamos incluí-la na categoria das proprietárias de bares e boates por dois motivos: primeiro, porque seus bares nunca foram voltados ao atendimento do público homossexual, havia até restrição quanto à manifestação explícita de afeto. Contudo, esta não era uma questão reivindicada pelas amigas lésbicas que frequentavam seus bares. Segundo, porque convive com as integrantes do Vila Sésamo desde o final da década de 1970 e integra a Confraria.

Jane Eyre, Capitu e Úrsula eram amigas próximas de **Caubi (1954-2021)**. Elas ficaram muito abaladas quando a amiga faleceu, em 29 de dezembro de 2021. Nesse mesmo dia,

estávamos trocando mensagens sobre o material que havia me enviado para a pesquisa. Era uma mulher boa de prosa, sagaz, dona de um refinadíssimo senso de humor, com entonações curiosas e respostas espirituosas.

O time de **Jane Eyre, Capitu, Úrsula, Caubi** e outras que não participam desta pesquisa foi vitorioso em um campeonato de futebol de salão feminino de Belo Horizonte, em 1981.

Bovary (1961 – 60 anos) desejou ser médica, mas acabou fazendo Administração de Empresas. Trabalhou nas empresas do pai até assumir seus próprios negócios. Afirmou nunca ter sido do Vila Sésamo raiz, que era um grupo pequeno, elitizado e fechado, mas entrou nele pelas mãos da namorada **Karenina (1959 – 63 anos)**, que conheceu no Colégio Batista Mineiro. Karenina é uma das que esteve presente quando o Vila Sésamo foi nomeado pela primeira vez.

Lolita (1956 – 66 anos) tem suas origens em uma tradicional e bem situada família do interior de Minas Gerais. Jogava futebol e vôlei na turma do Vila Sésamo.

Macabéa (1955 – 67 anos) é uma mulher discreta e arredia. Quando a entrevistei, surpreendi-me: revelou-se uma pessoa que tinha o que dizer, embora bem pouco tenha dito. Atualmente, é promotora aposentada. Aproximou-se do Vila Sésamo e a ele se integrou por meio do futebol no final dos anos 1970.

Nastasya (1958 – 64 anos) É uma pessoa simples e acessível. Convive com várias integrantes do Vila Sésamo desde o final dos anos 1970. Frequentava a turma dos esportes, mas não jogava. Amante do futebol, sua casa sempre foi reduto de cruzeirenses para assistir aos jogos.

O segundo grupo é composto pelas proprietárias dos bares e boates. Nele figura uma garçonete que por anos trabalhou com **Hera (1937 – 85 anos)**. Conhecida empresária, mereceria um capítulo à parte dada a sua relevância na cena lésbica belo-horizontina. Seus bares e boates figuram em todos os depoimentos colhidos. Figura simples e cordial, nasceu e sempre viveu em Belo Horizonte. Estudou até a terceira série de grupo à época. Detentora de uma história singular e conturbada, ao se envolver com uma mulher abandonou o marido com quem teve duas filhas e dois filhos. Apesar de muitos reveses, dentre eles um tiro quando jovem durante uma briga com o marido, afirma que são amigos e que tem se dedicado a ajudar nos cuidados dele na velhice. Hera teve um relacionamento com Atena por cerca de doze anos e foram sócias em alguns estabelecimentos. **Atena (1951 – 71 anos)** figura entre os três nomes que capitanearam a cena lésbica belo-horizontina no período pesquisado. Conseguir sua entrevista exigiu determinação: foram quatro meses de tentativas. Durante o relacionamento com

Hera, foram sócias no bar Toca, no bar Marrom Glacê e no início da boate Plumas e Paetês. Abriu seu primeiro bar sozinha – Em Cima da Hora – no quarteirão que ela nomeou como Rua da Lama. **Deméter (1961 – 61 anos)**, embora não tenha sido proprietária de nenhum estabelecimento, trabalhou para Hera e Atena como garçoneiro, função que exerceu por 35 anos em estabelecimentos voltados para homossexuais em Belo Horizonte. Estava trabalhando no gabinete de um vereador quando concedeu a entrevista. Encontramo-nos na Câmara Municipal de Belo Horizonte, em um cantinho que agrupava os carrinhos de limpeza do prédio. Esta foi também uma entrevista que exigiu persistência. Deméter se mostrou uma verdadeira guardiã da memória da cena lésbica da cidade. Disse que o pessoal que frequentava os estabelecimentos de Hera e Atena era diferente do recebido por **Afroditite (1958 – 64 anos)**, que foi sócia do Frater (1992/1994), conhecido e badalado bar. Na sequência ela abriu o Berná (1994/1997), ambos localizados em área nobre da cidade. Chegou a receber, em uma solenidade na boate Plumas e Paetês, um troféu em reconhecimento ao sucesso que o seu bar Frater alcançou. Afroditite conhecia **Ártemis (1958 – 64 anos)**, que, embora pudesse figurar no grupo do Vila Sésamo e seja uma figura central nele, compõe o grupo das proprietárias de bares e boates pelo volume e amplitude de experiências acumuladas nos estabelecimentos nos quais esteve à frente. Figura conhecida da sua geração na cena homosocial belo-horizontina, tinha nos bares “um negócio, abria, lotava e vendia, sempre no auge”. O primeiro bar gay que ela frequentou foi o Stage Door, que funcionou no *mezzanino* do saguão do Teatro Marília. Segundo ela, só a “nata” na época frequentava bar em teatro. **Perséfone (1939 – 83 anos)**, mulher educada, gentil, de fala mansa e ponderada, esteve, junto com um amigo, à frente Stage Door, espaço que figura nas lembranças da maioria das mulheres entrevistadas para esta pesquisa. O bar funcionou desde 1968; entre 1977 e 1980, esteve sob o comando de Perséfone e seu amigo.

Neste grupo faz falta uma das precursoras, Norma Sueli, que não se encontra mais entre nós e figura nesta pesquisa como **Hela**, a deusa do reino dos mortos na mitologia nórdica. Com Hela trabalharam Atena e Hera na boate Chez Eux.

Tendo apresentado as mulheres do grupo Vila Sésamo, atuais Confreiras, e aquelas dos bares e boates, passemos às frequentadoras deles.

Foram selecionadas seis mulheres. Embora uma delas conheça **Tia Violeta (1945 – 76 anos)**, não há vínculos entre nenhuma delas neste último grupo. Mulher mais velha do que as juvenzinhas do Vila Sésamo e outras que a rodeavam, Tia Violeta, como o próprio apelido indica, goza do carinho e do apreço de muitas, tendo sido citada por várias entrevistadas. Sua

casa foi um importante *point* onde as jovens entendidas se encontravam para jogar sinuca, baralho e festejar.

Orquídea (1960 – 62 anos). Dela ouvi uma das mais comoventes histórias, como será possível constatar em alguns trechos explorados ao longo deste trabalho.

Margarida (1952 – 70 anos). Esta foi uma entrevista tão incomum quanto a entrevistada. Nas palavras dela: “Eu não sou uma pessoa ao pé da letra”, e não era mesmo. Mulher, inquieta, falante, dona de uma velocidade de raciocínio e memória admiráveis, generosa, sagaz e irreverente.

Rosa (1960 - 07/09/2021). Teve poucas amigas com as quais pudesse efetivamente contar. Embora eu não tivesse à época a pretensão de incluí-la na tese, o depoimento que me enviou parecia sinalizar o desejo de participar. Tinha o perfil que a pesquisa exigia e tornou-se meio que uma consultora de época e dos espaços destinados a atender o público homossexual, os quais foram assiduamente por ela frequentados na cidade de Belo Horizonte.

Encerro a breve apresentação do perfil das mulheres entrevistadas. Ao longo da tese e no Apêndice, encontram-se outras informações sobre cada uma delas. O conjunto é bastante heterogêneo e evidenciou as inúmeras complexidades que uma investigação qualitativa no campo do gênero e da sexualidade envolve. Agrupadas em três categorias, as que tinham perfil para estar em mais de uma foram incluídas naquela em que as vivências eram mais significativas e permitiram percepções mais amplas, como aconteceu com Ártemis, que era do “Vila Sésamo”, e Úrsula, que foi dona de bar.

Foram ouvidas nove histórias de vida das mulheres que compunham o Vila Sésamo e se metamorfosearam em Confreiras; seis do universo dos bares e boates e outras seis que transitaram pela cena lésbica belo-horizontina.

No conjunto das entrevistadas, dezessete são mulheres mais desfeminizadas, quatro migraram ao longo da vida de uma performance mais feminina para uma mais masculinizada, o que ilustra a fluidez que as identidades podem assumir, a performatividade dos corpos, seja masculina ou feminina, se apresentaram de forma mais evidente e marcada na juventude. O trânsito de gênero ficou evidente e parece se relacionar de forma mais direta com dois elementos, o território e a geração. Quanto ao primeiro, era na convivência no interior dos guetos que se sentiam livres para performar e se expressar, mas os guetos foram perdendo espaço à medida que envelheceram; quanto à questão geracional, estando hoje mais velhas e transitando com suas mulheres nas festas e ambientes familiares, mesmo que a relação seja, ainda, algo mais

sabido do que dito, há reservas na exposição. Ainda, o processo de envelhecimento deixou os casais menos óbvios, quando jovens o par masculino x feminino era praticamente inegável.

Das três que estavam legalmente casadas – Ártemis, Jane Eyre e Orquídea –, apenas Ártemis celebrou a união com a família de ambas. Sete mulheres estavam em relações estáveis.

Das onze solteiras, duas não se encontram mais entre nós – Rosa e Caubi. Por sua vez, Magnólia e Hera afirmaram não terem mais interesse em constituir uma relação. Hera estava cuidando do ex-marido. As outras, apesar dos distintos graus de expectativas, se mostraram abertas à possibilidade de um relacionamento afetivo.

Entre as dez casadas e/ou em relações estáveis, apenas uma foge à regra. Dentre as demais, ficou evidente a formação endogâmica do par, característica que se estende para a divisão de tarefas e despesas. Elas afirmaram tomar decisões de comum acordo. As funções e atividades práticas do dia a dia são divididas, respeitando-se habilidades e competências de cada uma.

Quanto à religião das famílias de origem, embora os pais de Perséfone fossem católicos, ela sempre frequentou a igreja adventista com a avó. A forte presença da igreja católica é natural tendo em vista o processo colonizatório pelo qual passou o Brasil e a geração à qual pertencem. Três nasceram em outros estados, embora tenham vivido desde a adolescência em Belo Horizonte: Caubi era do Rio de Janeiro; Úrsula, de Fortaleza (Ceará); Deméter, de Oeiras (Piauí).

O nível de escolaridade se apresentou igualmente heterogêneo: três com ensino fundamental foram proprietárias de bares e/ou boates (Atena, Hera e Perséfone); Gerânio também cursou apenas o grupo escolar. Duas proprietárias de bar/boate afirmaram ter ganhado muito dinheiro, esbanjaram e vivem modestamente. Das quatro com curso superior incompleto, Afrodite, que também foi proprietária de bares, disse já ter ganhado “dinheiro igual água” e tem uma vida financeira confortável.

Com Ensino Médio concluído são três – Caubi, Orquídea e Úrsula; com ensino superior incompleto, cinco – Afrodite, Capitu, Magnólia, Rosa e Tia Violeta. Das nove que possuíam curso superior completo e/ou pós-graduações, cinco – Bovary, Jane Eyre, Lolita, Macabéa e Margarida – construíram suas carreiras profissionais nas áreas de formação.

Todas as classificações de raça/cor e pertencimento a um determinado estrato social são apresentadas de acordo com a autodeclaração das depoentes. Uma das formas mais comuns para situar a classe social é a renda, aspecto não explorado nas entrevistas. Entretanto, algumas características evidenciaram o pertencimento a um outro estrato social diferente do relatado, o que apontava para a necessidade de perscrutar tal informação.

Ficou evidenciada uma tendência geral de se situarem na classe média, como é comum não só no Brasil, como também em outros países, nos Estados Unidos, por exemplo⁶. Assim, foram agregadas ao conjunto de elementos coletados nas entrevistas informações obtidas *a posteriori*, via WhatsApp, tais como: quando teve o primeiro carro; desde quando eram feitas viagens internacionais a passeio; quantidade de países conhecidos. Utilizei também como referência e inspiração Maria Luiza Heilborn (1996) em trabalho que explora “setores psicologizados”. A autora identifica como característica em certos segmentos das “camadas médias urbanas” o compartilhamento do “ethos intelectual, psicanalizado, o que no Brasil está associado à modernidade, e são adeptos de uma moral liberal e, eventualmente, vanguardista” (HEILBORN, 1996, p. 140). Assim, perscrutei também, *a posteriori*, terapias feitas.

Das dezenove, oito (Afrodite, Jane Eyre, Bovary, Capitu, Lolita, Macabéa, Margarida e Orquídea) são relativamente intelectualizadas e psicanalisadas, critérios que conferem certo *status* e possibilidade de acesso a determinados bens sociais e culturais. As que tinham origem em famílias pobres evidenciaram condições materiais mais frágeis e assim se mantiveram – Caubi, Rosa, Deméter e Úrsula. Das duas que se autodeclararam negra e preta, Margarida tem entre seus familiares “pessoas riquíssimas” e diz ser de classe média-média; Perséfone, de classe média baixa. Foi possível constatar que na juventude o estilo de vida e os hábitos de lazer eram mais evidentes entre as que compunham o Vila Sésamo.

Em síntese, apesar de se autodeclararem como classe média, os dados coletados *a posteriori* sinalizaram outros pertencimentos. No grupo da literatura, Úrsula passou, por mais de uma vez, por necessidades financeiras e foi socorrida pelas amigas. No segundo grupo – das deusas –, duas moravam de aluguel na periferia da cidade – Hera e Deméter. Aqui chama a atenção que uma tenha apenas três anos de estudo e a outra, duas graduações e uma pós-graduação. Índícios reveladores de que a promessa da elevação de escolaridade, enquanto possibilidade de ascensão social, precisa ser relativizada, afinal, cada pessoa leva no seu processo formativo os capitais que teve acesso em seus círculos sociais e núcleos familiares (BOURDIEU, 1977). Foram entrevistadas mulheres com vasta gama de conhecimento e cultura com Ensino Médio, e mulheres bem simples com curso superior e pós-graduação.

Algumas disseram que chegaram a fazer cursinho pré-vestibular à época, mas não ingressaram no ensino superior. Afrodite abandonou a universidade pelos mesmos motivos de Perséfone, que diz ter parado “por malandragem, por me meter nesse negócio de mulher”. Há

⁶ Cf. WENGER, Jeffrey B.; ZABER, Melanie A. Most Americans consider themselves Middle-class. But are They? *The Rand Blog*, 24 maio 2021. Disponível em: <https://www.rand.org/blog/2021/05/most-americans-consider-themselves-middle-class-but.html> Acesso em: 21/03/2022.

que se considerar a relação entre o desejo de irem para a rua explorar possibilidades de conhecer outras mulheres e as dificuldades de acesso ao ensino superior que à época ofertava poucas e concorridíssimas vagas.

Ainda com relação aos níveis de escolaridade, é preciso considerar que estamos lidando com uma geração de mulheres para as quais o ensino superior não costumava ser o primeiro ou o desejado destino que boa parte das famílias vislumbravam para suas filhas

A pesquisa que ora apresento foi motivada, dentre outras questões, pela urgência de ouvir e registrar as histórias vividas pelo conjunto das entrevistadas. Ao longo do percurso, quatro viraram estrelas, sendo que duas deixaram suas histórias e memórias registradas nesta tese.

Resgatar o que foi vivido e expô-lo ao olhar do outro é um exercício delicado, revela vulnerabilidades e pode produzir significados diante das teorias que iluminam hipóteses que sequer foram pensadas por quem as vivenciou no arcabouço do senso comum e dos referenciais valorativos que cada uma traz em si.

As informações apresentadas a seguir privilegiaram as memórias compartilhadas pelas entrevistadas. Em seu livro *Viver para contar*, Gabriel García Márquez nos oferece suas memórias dos anos de infância e juventude e nos diz que “a vida não é a que cada um viveu, mas a que recorda e como a recorda para contá-la”. Veremos, do que se recordam, como essas lembranças são relatadas e o que restou do vivido.

Começarei pelos locais nos quais transitaram e pelos recursos de que lançaram mão para conhecer outras lésbicas e tecer suas identidades dissidentes do sistema sexo-gênero.

3. EU SOZINHA ANDO BEM, MAS COM VOCÊ ANDO MELHOR

Companheira, me ajude / que eu não posso andar só, / eu sozinha ando bem, / mas com você ando melhor. (Trecho de uma ciranda cantada em diferentes coletivos feministas)

Neste capítulo, discorro sobre os recursos que permitiram às mulheres focalizadas um relativo fortalecimento identitário e a criação de redes de sociabilidade e apoio a partir das interações nos territórios frequentados. Contudo, antes, será necessário situar o lugar geográfico que ocuparam e os consequentes atravessamentos dele decorrentes.

3.1 Aqui é o meu lugar: entre montanhas e os rigores da tradicional família mineira

Nesta seção, apresento o lugar geográfico e os atravessamentos dele decorrentes sobre as mulheres que participaram da pesquisa.

Se lugar de fala é importante, lugar de origem também o é. Sobre a mineiridade e a presença do conservadorismo comum à tradicional família mineira no imaginário coletivo, muitos trabalhos já foram publicados. Historiadores comumente situam a origem, a disseminação

e a consolidação da imagem da tradicional família mineira a partir do texto “Minas do lume e do pão”, de Francisco José de Oliveira Viana, que aponta como característica principal do “espírito de Minas” o apego ao lar e a obediência aos preceitos patriarcais. Nas palavras do autor, “todas as particularidades que pude observar, como características da gente de Minas, tem a sua explicação primária neste irreduzível exclusivismo familiar do mineiro” (OLIVEIRA VIANA, 1942, p. 34). Na seara dos estudos sobre a mineiridade, outras vozes ocuparam destacado lugar na historiografia para a construção do imaginário da mineiridade enquanto essência (LIMA, 1945; VASCONCELOS, 1909; MATOS, 1981; SANTOS, 1976; BOMENY, 1994).

Durante o século XX uma numerosa e variada produção intelectual se dedicou à tarefa de explicar o “enigma mineiro”, isto é, definir as supostas características, costumes e valores comuns partilhados pelos habitantes de Minas Gerais num discurso coerente e unificado. Dessa produção resultou um complexo sistema de representação simbólica que forneceu uma imagem identitária para o Estado, a qual se disseminou no imaginário regional e nacional sob a denominação geral de mineiridade (RAMALHO, 2015, p. 249).

Ainda em consonância com Ramalho (2015, p. 262), o essencialismo identitário tem sido “alvo de críticas contundentes por teóricos e estudiosos do tema da identidade cultural” nas últimas quatro décadas. Contudo, independentemente de serem verdadeiras ou falsas as caracterizações feitas sobre o povo mineiro, não se pode ignorar a força do imaginário na produção do real, o seu poder de dar sentido, conformar práticas e valores.

Em que pesem outras vozes que se erguem para a desconstrução desse essencialismo identitário atribuído às pessoas das Minas Gerais, é preciso reconhecer que por muito tempo ele foi considerado, reforçado, defendido, e, ainda em tempos atuais, permanecem suas marcas indeléveis. “A busca por uma identidade específica foi certamente um dos temas mais discutidos pela historiografia relativa a Minas Gerais” (RAMALHO, 2015, p. 248). Para Quinalha (2017, p. 221), a terra “povoada pela ‘tradicional família mineira’ e por forças militares que contribuíram enormemente para o golpe de 1964, muitas vezes se esforçou em ser mais realista do que o rei na repressão aos costumes”.

Apesar de ser outro o foco desta pesquisa, não se pode ignorar o atravessamento das restrições impostas pela ditadura sobre os desviantes da norma e oponentes ao regime. Há que se considerar que as participantes deste estudo viveram vinte e um anos de suas jovens vidas sob regime militar. Assim, sem explorar tema sobre o qual há vasto material disponível, tampouco ignorando que muito há a ser pesquisado sobre o tratamento dado às sexualidades

dissidentes durante aquele período, apresentaremos apenas alguns atravessamentos que surgiram nos depoimentos, os quais foram poucos.

Voltando à mineiridade, há que se considerar o atravessamento das peculiaridades do território geográfico, dos valores das famílias tradicionais e a questão geracional na formação das mulheres colocadas em cena neste estudo, tendo elas nascido ou não em solo mineiro (as três que nasceram em outros estados vieram ainda jovens para Belo Horizonte). Ainda, a vida entre as montanhas como agregadora de singularidades a influenciar o modo como elas eram vistas, como se viam e como foram capazes de encontrar pessoas, lugares, e construir caminhos possíveis para a vivência de seus proibidos afetos, apesar do quadro normativo dominante.

Vale lembrar que os idosos LGBT+ de hoje, viveram um período histórico de controle da sexualidade, em que imperavam formas de opressão e invisibilidade da sua identidade e como resultado de tal repressão, operavam o medo da rejeição e da perseguição onde o receio de admitir sua orientação para si mesmo era pungente (ORTIZ; LONGO; MONTIEL, 2021, p. 19).

Walderez Ramalho (2015), ao estudar a origem do essencialismo identitário da mineiridade na primeira metade do século XX, recorre à obra *O homem e a montanha* (1944) do também historiador itabirano João Camillo de Oliveira Torres, que investigou as consequências da presença da montanha na formação do “caráter mineiro”. Esse autor se refere a Minas Gerais como uma “ilha cultural” e atribui ao relevo montanhoso o isolamento da região quanto às transformações ocorridas em outras áreas do país. A “montanha aparece como elemento determinante. Ela impõe certos valores, práticas e formas de viver em comum, destacando-se a sobriedade, a moderação e a aversão aos extremismos” (RAMALHO, 2015, p. 256).

Entre as montanhas e para além delas, historiadores comumente encontram vestígios de algum registro sobre a homossexualidade feminina nos discursos médicos e nos documentos produzidos pela instituição eclesiástica no Brasil, principalmente nos autos da Inquisição. Para a historiadora Cláudia Oliveira (2015), dentro da tradição misógina da igreja poucos foram os processos contra as mulheres lésbicas; seus atos sequer eram registrados com a mesma gravidade dos crimes e pecados cometidos pelos homens. A consequência do desinteresse da igreja pelas mulheres que mantinham relações sexuais com outras mulheres resultou na sua “grande invisibilidade enquanto sujeitos históricos, mesmo que adjetivadas pejorativamente e consideradas pecadoras ou criminosas”. Ainda de acordo com a autora, a invisibilidade lésbica ficou mais evidente “quando a inquisição retirou a condição sodomítica às mulheres, em 1642. A falta de interesse relativa às práticas sexuais realizadas entre mulheres resultava em indefinições

quanto à conceituação de seus atos ou mesmo de suas próprias identidades e definições como pessoa” (OLIVEIRA, 2015, p.5). Em síntese, a homossexualidade feminina sai do âmbito do pecado e do crime para ser alçada à categoria de doença mental, mas ambas as marcas que lhe foram impostas ficaram cravadas e deixaram suas marcas.

Tal cenário, principalmente no que diz respeito à lesbianidade de mulheres mais velhas, limita nosso conhecimento sobre esse universo, sobre seus desafios, sobre as lutas enfrentadas e em quais arenas elas se deram, reafirmando o persistente lugar de marginalização e subalteridade conferido às mulheres ao longo da história da humanidade. Se é possível encontrar entre lesbianas paulistas e cariocas da geração analisada algumas que se organizaram e “deram as caras”, as mineiras entrevistadas passaram ao largo do incipiente ativismo lésbico e das discussões que vinham sendo feitas no movimento feminista⁷. Embora no percurso da pesquisa tenha sido possível ter conhecimento de algumas lésbicas militantes, nos diretórios acadêmicos universitários, suas pautas não estavam relacionadas às questões ligadas à orientação sexual.

Nesse contexto, cabe considerar que o movimento feminista no Brasil só foi tomando forma entre os anos 1960-1970. Por sua vez, o movimento homossexual, que se organizou entre o final da década de 1970 e o início dos anos de 1980, articulava, entre outras pautas, a denúncia do efeito controlador da supremacia masculina heterossexual e a defesa da visibilidade. Entretanto, tais reivindicações não apareceram nem no pretérito nem no presente entre as entrevistadas. Segundo Trevisan (1978, p. 6), “quando me perguntam pelo movimento homossexual no Brasil, respondo que ele não existe. Existe é uma movimentação homossexual, da boate para o táxi, do táxi para a sauna”, referindo-se aos trânsitos do universo homossexual masculino.

Gerânio, do alto dos seus 89 anos, relembra que frequentou a cena lésbica no Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo e diz que para ela a diferença é que lá “tinha mais gente, só isso, e em São Paulo, o cardápio era bem melhor”. E complementa:

Só volume, o restante era igual. Tudo com medo de família, como é que vai chegar em casa... No Rio, Salvador, a mesma coisa. Na Bahia, eu fui num lugar, mas eu estava sozinha. Fui com um funcionário da empresa, que era gay, ele me levou. Foi bom, uma boate boa. Mas nenhuma diferença. (Gerânio, 89 anos)

Gerânio e Perséfone ignoram sobre atravessamentos que tenham vivido no período da ditadura civil-militar. O bar de Perséfone – Stage Door – nunca foi “visitado”; o que ela viu em outros estabelecimentos tinha como motivação a busca de “menor de idade”.

⁷ Miriam Martinho, cofundadora do primeiro grupo de lésbicas brasileiro, diz desconhecer que tenha havido um movimento como o Grupo Ação Lésbica Feminista (GALF) em Minas Gerais.

Se alguns grupos militantes surgiram, no final dos anos 1970, apesar da ditadura e em confronto com ela, provocando fissuras na ordem social, nos anos 1980 há um arrefecimento no calor da epidemia de HIV/Aids, reconhecida em meados de 1981, nos EUA. A doença, que chegou a ser nomeada de “peste gay”, trouxe em suas labaredas um misto de ignorância, violência, medo e muito preconceito.

Embora as Dyke Marches – marchas de protesto e visibilidade lésbica, nos Estados Unidos e Canadá – datem dos anos 1980, só a partir de meados dos anos 1990 assistimos a um florescimento do movimento homossexual no Brasil, capitaneado, em parte, pelas Paradas do Orgulho LGBT⁸. Ainda que o movimento tenha se espreado pelas principais capitais brasileiras, em Belo Horizonte a adesão variou entre os três grupos de entrevistadas.

Entre as da literatura, que congrega o Vila Sésamo, atuais confreiras, Nastasya foi a uma Parada: achou tudo muito exagerado, disse ter visto de tudo, “coisas absurdas e coisas muito lindas”, mas não sabe se retornaria a outra. Lolita foi a uma Parada em São Paulo. Segundo ela, “Belo Horizonte é uma grande pequena cidade”, evidenciando a dificuldade de se expor. Entre o grupo das flores, nenhuma delas participou.

Entre as deusas, a adesão foi maior. Afinal, já eram pessoas conhecidas do público participante, clientela de seus bares e boates. Ainda assim, Afrodite e Perséfone não se aventuraram⁹. Uma característica comum às lésbicas pesquisadas e que viveram entre as montanhas mineiras é a ausência de militância, que se vincula à ausência de exposição pela qual optaram. Ao se ausentarem da militância, distanciaram-se das discussões que iluminam outras possibilidades de entendimento sobre perspectivas enraizadas no senso comum. Mantiveram-se nos guetos, como frequentadoras ou proprietárias deles.

Sem a pretensão de ampliar elaborações mais complexas sobre o período ditatorial que se estendeu por vinte e um anos no Brasil, tema já amplamente pesquisado, trazemos, a título de reflexão sobre as mineiras e exemplo de outras que trilharam caminhos distintos, a Operação Sapatão (OLIVEIRA, 2017), realizada em 15 de novembro de 1980, sob o comando do então delegado José Wilson Richetti, conhecido em São Paulo por comandar rondas de policiais que agiam violentamente contra travestis, prostitutas e homossexuais. Entre as várias operações e batidas frequentes que bares e boates destinados ao público homossexual recebiam, aquela Operação teve como foco os bares frequentados pelas lésbicas na cidade de São Paulo. Foram

⁸ No mesmo período foi assinado o primeiro convênio entre o Ministério da Saúde e o Banco Mundial (1994) para financiar projetos de combate ao HIV/Aids, o que impactou na criação de ONG's voltadas à população atualmente designada LGBTQIA+.

⁹ A informação foi levantada via WhatsApp.

invadidos o Ferro's, Último Tango, Canapé e Cachaça, todos na rua Martinho Prado, epicentro da cena homossocial lésbica paulistana à época.

No fim, todo mundo teve que pagar. Quanto tivesse. A moça não viu ninguém sendo fichado, mas a polícia ficou com os nomes e os números de todas. Um mês depois da operação, o ambiente na Rua Martinho Prado era desalentador. Bares e boates vazias. Até na rua, pouca circulação. Sinal de que daqui pra frente as lésbicas não teriam sossego nem nos poucos bares “em que são confinadas” (COLAÇO, 2009, grifo da autora).

Embora o *confinamento* e o medo da repressão possam ter sido comuns às lésbicas que viveram dramas semelhantes na mesma época, nas mais diversas regiões do Brasil, as que viveram na então *pacata* cidade de Belo Horizonte se referem ao período com um certo distanciamento, mais como algo assistido do que vivido na pele. O entrecruzamento entre as suas orientações sexuais e as restrições impostas pela ditadura apareceu em seus relatos mais como uma vigília de costumes, evidenciando o gueto como espaço de blindagem para as suas interações. Contudo, como bem sinalizou Carol Hanisch, em ensaio publicado em 1968, o pessoal é também político, não se pode perder de vista que as experiências pessoais às quais as mulheres são submetidas estão profundamente enraizadas na situação política e na desigualdade de gênero.

Ártemis, que muito viu na noite como frequentadora e proprietária de bares e boate, nos conta o seguinte:

Olha, batidas teve milhares nas casas noturnas. Da Mani, então, vivia tendo. Chegavam e fechavam, cinco camburões: “ninguém entra e ninguém sai, revista em todo mundo, documento...” Mas a maior perseguição era nos diretórios acadêmicos da universidade. Eu tive várias colegas que desapareceram, que ninguém tem notícias. Então, assim, como eu ainda não estava na faculdade, a gente ficava mais em casa, mas sofria esse medo todo, essa perseguição. Na verdade, essas batidas na boate eram para pegar menores de idade lá dentro e ferrar o dono, que vendia bebida pra menor. (Ártemis, 64)

Bovary e Rosa, que frequentavam os espaços e bebiam, corroboram a afirmação. Deméter, que trabalhou em bares ou boates para homossexuais em Belo Horizonte durante o período ditatorial, aponta outro ângulo e nos conta que as batidas eram em busca de “alguém que estava portando drogas ou fazendo alguma atividade de tráfico. O básico era isso”. E complementa: “eles achavam que, pelo fato de sermos homossexuais, nós seríamos do tipo marginalizado, que a gente tinha uma postura de usar droga, de ser delinquente pelo simples fato de ser homossexual”.

Embora os trechos reproduzidos sintetizem o que foi relatado pela maioria, Magnólia, filha de conhecido delegado à época, disse: “quando eu estava nos lugares, nunca teve não”.

Há ainda três mulheres que vivenciaram situações mais tensas, todas vinculadas aos seus núcleos familiares. A primeira, e também a mais jovem delas, é Bovary, que se mudou para Belo Horizonte porque precisou estudar em colégio particular; não pôde continuar em colégio público devido à vinculação do tio com o Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR8), organização política que lutava contra a ditadura militar brasileira, responsável pelo sequestro do embaixador norte-americano Charles Elbrick, em 1969. Lolita também vivenciou as consequências da ditadura quando o irmão foi preso. Ela disse que o que viveram era “muito limitante em alguns momentos, mas a gente nunca deixou de lutar e de apoiar esse irmão, que foi mais corajoso e enfrentou a ditadura de peito aberto”. A terceira delas foi Macabéa, cujo pai foi cassado. Ela disse que a polícia a interpelou dentro do carro diversas vezes e que os problemas relacionados ao período foram muitos:

Demais! Porque nessa época havia o movimento hippie, um movimento que representava paz e amor, e a ditadura representava a guerra, o contrário, o oposto. A homossexualidade era como se fosse o movimento hippie, a contracultura, contra tudo, era a negação do mundo machista e filho da puta que existia. Então havia muita repressão; mulher, então, nem se fala. Sofri muito com a ditadura, meu pai foi cassado. (Macabéa, 67 anos)

Úrsula disse ter sentido os impactos da ditadura “quando trabalhava em agências de publicidade: alguns amigos jornalistas foram perseguidos, mas na homossexualidade, não”. Ainda sobre perseguição a homossexuais, Jane Eyre conta:

Gay, não. Tenho conhecidos, amigos, héteros, que foram torturados e tudo mais, preso e torturado. Agora, gay eu não conheço ninguém que foi, eu não me lembro que tenha se envolvido a ponto de ser preso, não. Não me lembro [...] não havia muita consciência política na época. A gente não tinha acesso à informação como tem hoje. E muita gente não frequentou a universidade também, boa parte do grupo nem se formou, sei lá. Começaram a trabalhar cedo e coisa assim, não havia engajamento político não. (Jane Eyre, 65 anos).

De fato, além do amplo e diversificado acesso à informação em tempos presentes, no pretérito o controle dela merece destaque principalmente no período ditatorial. O Serviço Nacional de Informação (SNI), criado em 1964 com a finalidade de superintender e coordenar nacionalmente as atividades de informação e contrainformação, atuou de forma bastante exitosa. As informações sobre o que realmente acontecia no Brasil não eram de conhecimento público. Ainda sobre o período de intensas restrições de liberdade, Jane Eyre diz que, embora tenha tido “simpatia” pela luta e tenha frequentado o DA e o DCE da UFMG, não se envolveu

com a militância. Para ela, ter que lidar com a própria homossexualidade já impunha seus desafios, bastava a própria luta, referindo-se à sua homossexualidade.

Orquídea, ao ser perguntada se a ditadura militar teria influenciado o que foi por ela vivido, afirmou categoricamente: “o último que achou, não acharam ele mais”. Seu texto remete à dificuldade para falar do assunto e nos remete aos muitos desaparecidos que nunca foram encontrados.

Da ditadura mesmo, dessa perseguição, só mesmo com familiares que já eram universitários, colegas. Eu tive vários colegas que foram. A Lolita, por exemplo, tem o irmão dela que chegou a ser preso no Dops. Como ela, vários. Vários irmãos e familiares desse grupo sofreram isso. Então a gente sofria por aproximação. Não diretamente. E, quando tinha essas blitzes que chegavam com o camburão, fechava tudo, era por causa de documentação de menores e venda de bebida alcoólica. Fora isso, tranquilo. (Ártemis, 64 anos)

Magnólia disse que “não ligava para essas coisas, não. Nunca liguei, não”. Ela afirmou se lembrar pouco “dessa época... eu era mais nova... eu devia ter uns 10 anos, eu acho, foi na Revolução de 63, 64. Em 1963, meu pai estava nos Estados Unidos”.

Ele fez um curso lá, inclusive meu pai foi fazer um curso, foi no FBI, porque na época ninguém falava inglês e ele falava. Aí ele foi pra lá. E, quando chegou, estava aquela revolução, aquela bagunça toda. Inclusive falavam que iam assaltar, raptar a gente. Lá em casa era assim: tinha a casa e no fundo tinha um quartinho, onde meu irmão dormia, uma butique e tal. Aí a minha mãe pegava meu irmão e eu, pegava um saco preto, a gente enchia de talco e minha mãe pegava uns negócios, era uma bomba de vidro, com duas pontinhas, colocava no meio para não bater e explodir. A gente punha e a minha mãe amarrava, fazia saco de bomba. E também meu pai pegava e levava para o Dops esses negócios que a gente ajudava a fazer. [...] Eles falavam que iam estourar o negócio aí ...

Embora Magnólia e outras tenham afirmado serem muito jovens quando o golpe de 1964 irrompeu, não se pode esquecer que o regime militar vigeu por vinte e um anos, o que significa dizer que todas o atravessaram durante parte significativa do período na fase adulta da vida.

Entre as entrevistadas, nenhuma se envolveu diretamente; nenhuma militância ou resistência explícita à ditadura militar foi encontrada. As reivindicações de direitos vinculados à orientação sexual foi pauta comum, mas entre lésbicas militantes feministas. Caubi contou que passaram “por momentos mais ‘difíceis’”, que enfrentaram momentos políticos complicados, mas “nenhuma de nós teve nenhum problema em relação a esse tipo de coisa, não. Vivemos, convivemos e fomos felizes”. Algumas referências esparsas foram feitas sobre amigas lésbicas vinculadas a discussões estritamente políticas que aconteciam nos Diretórios Acadêmicos (DA)

da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Algumas entrevistadas disseram de uma amiga comum, já falecida, que teria sido presa junto com Frei Betto¹⁰.

Se o movimento lésbico-feminista carrega desde sempre a pauta da promoção da visibilidade lésbica, tal desejo não se manifestou entre as entrevistadas.

Diferentemente das mineiras, as paulistas criaram, em maio de 1979, o grupo Lésbico Feminista (LF), primeira organização lésbica do Brasil, responsável pela publicação do *Chana-comchana*, primeira publicação ativista lésbica do Brasil, com doze edições entre 1981 e 1987¹¹. Foi também na capital paulista que aconteceu o “Stonewall brasileiro”, um levante ocorrido no Ferro’s Bar, em 19 de agosto de 1983, após a proibição pelo proprietário da venda do *Chana-comchana* no estabelecimento¹².

A cidade paulista merece destaque também pelo planejamento do 1º Encontro de Grupos Homossexuais Organizados (EGHO) e o I Encontro Brasileiro de Homossexuais (EBHO), ambos acontecidos em sequência na capital paulista entre 4 e 6 de abril de 1980 (MORANDO QUEIROZ, 2019, p. 71). Embora com participação majoritária de gays, o LF esteve presente pautando discussões sobre as lésbicas, o machismo e o feminismo.

Também na cidade do Rio de Janeiro encontramos um cenário que se distingue sobremaneira do encontrado entre as montanhas mineiras¹³. A vanguardista cidade carioca contou, no final dos anos 1970, com o jornal *Lampião da Esquina*, primeiro jornal gay de cunho político-ideológico e circulação nacional no Brasil. De acordo com MacRae (2018, p. 142-143), o jornal nasceu “com a mesma seriedade de propósitos oposicionistas dos demais, mostrou-se mais questionador da moral vigente, voltando-se para o público homossexual, considerado até então frívolo, apolítico, quando não doente ou decadente”. Na edição número 0 do jornal, Agui-naldo Silva explicou que a ausência de mulheres em *Lampião* não se deu por culpa do seu Conselho Editorial. Os convites feitos foram todos recusados. E acrescentou que uma das

¹⁰ Frei Betto ou Carlos Alberto Libânio Christo, é frade dominicano, teólogo, jornalista e escritor premiado. Foi preso por duas vezes durante a ditadura militar: em 1964 por 15 dias e entre 1969-1973.

¹¹ O LF se apresentou com vários nomes: 1) Núcleo de Ação Lésbico-feminista; 2) Subgrupo Lésbico-feminista; 3) Ação Lésbico-feminista; 4) Facção Lésbico-feminista; 5) Grupo Lésbico-feminista; 6) Grupo de Atuação Lésbico-feminista; 7) Ação Lésbica-feminista; 8) Grupo Ação Lésbico-Feminista; 9) Grupo de Ação Lésbica Feminista.

¹² Conheça o ‘Stonewall’ brasileiro, o levante liderado por lésbicas e apoiado por feministas. Elas por elas, 26 jun. 2020. Disponível em: <https://pt.org.br/conheca-o-stonewall-brasileiro-o-levante-liderado-por-lesbicas-e-apoiado-por-feministas/>. Acesso em: 24/03/2022.

¹³ Segundo o pesquisador Luiz Morando, em informação oral, na mesma época do *Lampião da Esquina* e do *Chanacomchana*, não havia nada do gênero em Minas Gerais. O jornal *Expressão GLS* (apenas um número) foi a primeira publicação, em novembro de 1997. Em seguida, existiram as revistas *Meeting* (apenas um número), *Ego BH* (doze números), *Young Bee* (apenas um número), e os jornais *Jornal Rainbow* e *Informativo Libertos*.

questões que o jornal pretendia levantar era a do feminismo, tema ao qual as mulheres homossexuais não podiam se furtar (LAMPÍÃO DA ESQUINA, 1978a, editorial, p. 5).

Patrícia Lessa (2007), em sua tese de doutoramento, apresenta um levantamento dos movimentos de lésbicas ocorridos no Brasil entre 1979 e 2006. Ela analisa as diferentes perspectivas teórico-políticas ao longo do tempo em diferentes regiões do Brasil. Ao focalizar a construção dos movimentos sociais lésbicos, Lessa (2021) destaca o Grupo Ação Lésbica Feminista – GALF/SP e o grupo Iamuricumá/RJ no final dos anos 1970 no eixo Rio de Janeiro – São Paulo, cidades nas quais apareceram os primeiros boletins e jornais voltados para o público lésbico: o *Chanacomchana* (SP) e *Iamuricumá* (RJ). Já no final dos anos 1980, o boletim *Um Outro Olhar* (SP), lançado também pelo GALF, evidencia o protagonismo das duas capitais. Sobre Minas Gerais, há breve citação sobre uma parada organizada por lésbicas em Belo Horizonte em 2001, nada mais.

Retrocedendo o olhar para o Brasil durante o regime militar, há que se levar em conta que para as notícias chegarem à capital mineira era preciso romper as montanhas que circundam o estado e furar o cerco do Serviço Nacional de Informação (SNI), órgão responsável pelo controle das informações que podiam circular no período. Para Bovary, “hoje as pessoas estão mais conscientes, as coisas estão mais abertas e você tem acesso à informação”.

Ainda que Belo Horizonte tenha sediado, em 1972, no Colégio Estadual Central, o I Simpósio de Debates sobre o Homossexualismo, nenhuma das mulheres entrevistadas participou ou teve conhecimento do simpósio¹⁴.

Em que pesem as diferenças sucintamente apontadas entre as três capitais – São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte –, as interações sociais promovidas pelos homossexuais, independentemente de onde tenham ocorrido, merecem nossa atenção, principalmente se considerarmos o período em tela.

Tendo situado geograficamente a pesquisa e trazido à cena algumas movimentações ocorridas entre paulistas e cariocas à luz de um tempo histórico que a todas abarca, apresentaremos o grupo que inicialmente motivou a pesquisa, o Vila Sésamo. Retomaremos outras facetas dele ao longo desta tese.

Ainda no final dos anos 1970, e se estendendo pela década de 80, constituiu-se um grupo de sociabilidade lésbica autônomo Vila Sésamo. Eram lésbicas que convíviam nos bares e boates existentes na cidade, em geral administrados por ou de

¹⁴ A informação foi levantada a partir de uma enquête em dois grupos de WhatsApp, ambos citados nesta tese – Vila Sésamo e Polêmica –, que congregam juntos 40 lésbicas. Para aquelas que não fazem parte deles, enviamos mensagem diretamente.

propriedade de três lésbicas fundamentais na história dessa faixa do segmento LGBTQIA na cidade: Norma Sueli (boate Chez Eux), Mani (bar Marrom Glacê e boate Plumas e Paetês) e Mariinha (Bar da Mariinha, além do período de sociedade com Mani) (MORANDO QUEIROZ, 2019, p. 73-74).

Das três citadas acima, duas foram entrevistadas para esta pesquisa, tendo sido nomeadas Hera e Atena; a terceira, Hela, habita o mundo dos mortos.

Quanto ao Vila Sésamo, foram ouvidas duas que estiveram presentes no dia em que se deu o batismo do grupo – Karenina e Capitu. Importante registrar que, embora persistam os laços de amizade e convivência entre várias que o compõem e que haja um núcleo mais fechado e coeso nele, um Vila Sésamo-raiz, não se trata de nomear a sua composição original, até porque o grupo era fluido. Era comum a incorporação de outras mulheres, a depender dos casais que se formavam, dos jogos e festas que promoviam.

O que foi priorizado para este estudo, no que diz respeito ao grupo, é como a imagem dele se disseminou na cena homossocial, como as jovens que o compunham se viam e como eram vistas por outras.

Referimo-nos às hoje maduras jovens do Vila Sésamo como confreiras. A diferenciação se fez necessária tendo em vista as peculiaridades observadas no processo de envelhecimento; a convivência mais próxima e frequente ou mais esparsa entre umas e outras; as afinidades, dentre elas a política, aspecto que pouco importava quando jovens. Em comum entre a maioria delas, há os vínculos de amizade e afeto. Quando as entrevistas foram realizadas, situavam-se entre os 60 e 70 anos.

Sobre as outras lésbicas que compõem este estudo, conforme já explicitado, foram divididas em dois grupos: o das donas de bares e boates e uma garçonete, as quais figuram com nomes de deusas mitológicas – afinal, foram responsáveis pelos “templos” que abrigavam as lésbicas; as frequentadoras desses espaços foram escolhidas aleatoriamente e figuram com nomes de flores. O interesse sobre elas teve como norte comum saber como utilizaram de diferentes territórios e recursos sociais para a construção de redes de sociabilidade e de territórios seguros que lhes possibilitassem se identificar como lésbicas e vivenciar suas relações homoafetivas.

Aqui um esclarecimento se faz necessário: os nomes de Mani França e Mariinha figuram nesta tese como as deusas Hera e Atena respectivamente. A utilização dos nomes reais, embora tenha sido autorizado por cada uma, aparece basicamente em trechos de trabalhos já publicados.

Cabe registrar a importância para a pesquisa das mulheres que não compuseram o Vila Sésamo. Elas funcionaram como um “fiel da balança”. Seus depoimentos foram fundamentais

no sentido de garantir o equilíbrio necessário entre aquelas que se aglutinaram em um grupo, o corajoso caminho trilhado pelas pioneiras proprietárias dos bares e boates e o heterogêneo universo daquelas que os frequentaram.

Ainda se faz necessário explicitar o atravessamento na pesquisa pela perspectiva dos estudos decoloniais, somando-se a estudos clássicos no campo do gênero e das sexualidades.

O sistema de gênero tem um lado visível/iluminado e um oculto/obscuro. O lado visível/iluminado constrói hegemonicamente o gênero e as relações de gênero. Ele organiza apenas as vidas de homens e mulheres brancos e burgueses, mas dá forma ao significado colonial/moderno de “homem” e “mulher”. A pureza e a passividade sexual são características cruciais das fêmeas burguesas brancas, que são reprodutoras da classe e da posição racial e colonial dos homens brancos burgueses. Mas tão importante quanto sua função reprodutora da propriedade e da raça é a exclusão das mulheres burguesas brancas da esfera da autoridade coletiva, da produção do conhecimento e de quase toda possibilidade de controle dos meios de produção. A fictícia e socialmente construída fraqueza de seus corpos e mentes cumpre um papel importante na redução da participação e retirada dessas mulheres da maioria dos domínios da vida, da existência humana. O sistema de gênero é heterossexualista, já que a heterossexualidade permeia o controle patriarcal e racializado da produção – inclusive de conhecimento – e da autoridade coletiva. Entre os homens e as mulheres burgueses brancos, a heterossexualidade é compulsória e perversa, provocando uma violação significativa dos poderes e dos direitos dessas mulheres e servindo para a reprodução do controle sobre a produção (LUGONES, 2020, p. 78).

Nessa perspectiva, a feminilidade em um corpo masculino ou a masculinidade em um feminino comumente provoca reações de rejeição, pois extrapola a forma e o significado de “homem” e “mulher” imposto pelo colonizador. Na seara de estudos e pesquisas que iluminam novas possibilidades de entendimento, deparamo-nos com os estudos decoloniais, que propõem “uma revisão epistemológica radical das teorias feministas eurocentradas, o que inclui o fim da divisão entre teoria e ativismo, característica de nossos feminismos desde sempre” (HOLLANDA, 2020, p. 13-14).

[...] nós, mulheres, também reivindicamos uma identidade que fomos ensinadas a desprezar; no mundo inteiro insistimos na importância de nossa experiência social, como *mulheres*, e não apenas como membros de classe, raça ou grupos culturais de gênero invisível. Da mesma forma, os povos do Terceiro Mundo pretendem que sua experiência social colonizada seja a base de uma identidade partilhada e uma fonte comum de interpretações alternativas. Por que não se considera razoável examinar o modo como a experiência da colonização configura personalidades e visões de mundo? (HARDING, 2019, p. 110, grifo da autora).

A colonização garantiu nas Américas o binarismo de gênero ocidental e europeu, ignorou sistemas tripartites, quaternários ou quaisquer outros encontrados entre povos ditos “primitivos”, considerados selvagens e atrasados.

No clássico estudo antropológico empreendido pioneiramente na década de 1930 por Margaret Mead (2011), *Sexo e temperamento*, junto a três povos da Nova Guiné, na Oceania – Arapesh, Mundugumor e Tchambuli –, a autora apresenta os tipos de temperamentos encontrados entre eles como distintos daqueles presentes nas sociedades ocidentais e evidencia a impossibilidade de se falar em comportamentos humanos como sendo determinados pelo sexo biológico. A partir do estudo, a antropóloga concluiu que características psicológicas masculinas e femininas (os temperamentos) não são inatas, são padrões culturais aprendidos e ensinados de uma geração a outra. Assim, a cultura molda comportamentos e produz diferentes personalidades entre os sexos.

Em Lacombe (2007, p. 214), deparamo-nos com as intersecções que formam e “(re) configuram o sujeito em uma escala espaço-temporal que parece diluir a possibilidade de criar compartimentos estanques para situar os indivíduos, em um mundo onde as grandes classificações modernas como raça, classe, sexo e gênero parecem não mais encontrar espaço”.

Patrícia Lessa (2007, p. 228) defende que pelo menos duas premissas precisam ser quebradas: o universalismo, que supõe a existência da repetição e do mesmo em todos os seres humanos, impedindo a visualização da multiplicidade humana; o essencialismo, que impõe uma determinação biológica aos comportamentos femininos e masculinos, dividindo o mundo em dois polos hierarquizados.

As lésbicas entrevistadas, como será possível constatar nos depoimentos reproduzidos ao longo desta tese, se mostraram reféns dos únicos referenciais identitários que conheciam e de que tinham consciência: elas “formavam um casal no modelo hétero, mas dentro da homossexualidade” (Capitu). Elas reproduziram esse padrão em lugar de combatê-lo, sem que houvesse questionamentos. Era como se estivessem inventando algo, mas reféns do que conheciam, imersas em um mundo binário e heterocentrado, que limitava suas possibilidades. De acordo com Monique Wittig (2022), os discursos que oprimem são os que pressupõem que o fundamento da sociedade, qualquer sociedade, é a heterossexualidade; são discursos que negam toda e qualquer possibilidade de se criar categorias próprias. De forma distinta de pessoas heterossexuais e cisgênero, para as quais há abundantes referenciais, modelos e exemplos de desenvolvimento biográfico e de envelhecimento, as pessoas LGBTQIA+ precisaram guiar suas vidas com poucos modelos de referência (BARON; CROCE; HENNING, 2021).

Lacombe (2007, p. 219) trabalha com a noção de simulacro, em que “o homem não é o original, a mulher também não; o que resulta não é uma mistura invertida de ambos, mas uma disposição diferente não remissível aos moldes”. E ainda: “a explosão das categorias e os modos

de performatizar e vivenciar a sexualidade perde-se no infinito da imaginação” (LACOMBE, 2007, p. 220).

Tendo situado o *locus* que elas habitaram e no qual se constituíram, apresentaremos um panorama social do homoerotismo feminino a partir dos lugares frequentados, identificando como forjaram suas identidades, construíram vínculos e criaram suas redes de relacionamentos.

3.2 Sobre vínculos e afetos

Sem ignorar os três distintos grupos de mulheres que dão fulgor às reflexões apresentadas, esta seção foi organizada trazendo em primeiro plano algumas mulheres que compuseram o Vila Sésamo. Tal escolha se deu em função dos evidentes e longevos vínculos existentes entre elas. Várias integram em tempos presentes a Confraria que criaram para si. De acordo com Souza e Duarte (2013, p. 430), a “amizade é um relacionamento percebido como significativo e que envolve aspectos como companheirismo, ajuda (instrumental, emocional e social), confiança, autorrevelação, proximidade relacional, autovalidação, respeito, lealdade e disponibilidade”, atributos evidenciados entre as que neste figuram com nomes da literatura mundial.

Dentre as entrevistadas, Jane Eyre é uma figura que se destaca. Construiu, principalmente a partir da prática de esportes, vasto círculo de amizades. Jogava tênis, handebol, futebol e vôlei; foi da seleção de handebol da UFMG e da PUC Minas. Muito afeita aos esportes, participou de vários campeonatos nos jogos universitários brasileiros.

Festeira, espirituosa, alegre, otimista, detentora de uma notável capacidade agregadora, tocava violão, atabaque, bongô e cavaquinho. Além de ter sido do Vila Sésamo, é uma das figuras centrais entre as Confreiras. Recebe de algumas o carinhoso tratamento de “nossa líder”. Foi mencionada por mais de uma vez como sendo uma referência entre elas.

Jane Eyre conta que o handebol, e principalmente o futebol, foi o que as reuniu, “primeiro jogando, depois, quando acabaram os joelhos e tornozelos, como torcedoras”. O futebol, prática esportiva marcadamente masculina na geração pesquisada, se apresentou como forte elemento de aproximação entre elas.

Para além da prática esportiva, a sociabilidade vivenciada nos bares, boates e sítios que alugavam também colaboraram para a construção das relações de amizade e para o fortalecimento identitário delas. Nesses espaços tinham liberdade para se relacionarem afetiva e sexualmente, eram territórios nos quais se sentiam livres.

Cabe lembrar que o território é aqui entendido como espaço também afetivo, refere-se aos lugares frequentados. À luz da importância que adquiriram na trajetória de vida das entrevistadas, uma territorialidade que é, antes de tudo, simbólica. Território que abarca lugares e recebe corpos que são políticos, bem como abrigam identidades; corpos que carregam também marcas e cicatrizes de uma existência marginal. Para Lessa (2021), ainda que o conceito de corpo remeta à questão da natureza e da cultura, os corpos não se conformam com as regras que os regulam e não aderem às normas que impõem suas materializações. Da mesma forma que o *queer*, outros movimentos reinventam os corpos e agenciam novos saberes.

Quanto aos territórios físicos, como sítios e casas alugadas, foi prática comum nos três segmentos pesquisados. Foram vários espaços, alguns alugados pontualmente para alguma celebração, final de semana e feriados; outros alugados por temporadas, prática que durou por muito mais tempo no grupo da literatura, as jovens do Vila Sésamo, atuais confeiteiras. A título de exemplo, nomearam um deles por Divineia, em referência a uma cidade fictícia que teria aparecido na novela que foi ao ar à época, *Fogo sobre terra* (1974-1975). No grupo das deusas, o sítio Devaneios também ostenta uma considerável carga de possibilidades. Entre as flores, uma chácara nomeada de Samambaia, em referência ao casal Maria Carlota Costallat de Macedo Soares, arquiteta-paisagista e urbanista autodidata brasileira, e a poeta americana Elizabeth Bishop. A prática comum, a várias mulheres da geração pesquisada, deixou de legado o “sapatão de sítio”¹⁵, termo que entrou em voga nos mais diversos grupos homossexuais, bastante adequado para ilustrar uma das alternativas encontradas por uma geração de “entendidas” para se relacionarem à revelia da heteronorma.

Ignorando convenções sociais impostas, jogos e bebidas sempre estiveram presentes. Entre as entrevistadas, apenas uma era abstinência; as demais bebiam muito na juventude. Jogos como pôquer, truco e sinuca, atribuídos como legítimos no universo masculino, as mobilizavam em torno da mesa, prática trivial entre a maioria delas.

Outra característica comum é a presença de ex-namoradas como amigas próximas. As exceções apareceram nas entrevistas com Macabéa, que afirmou não conseguir manter relação com ex-namoradas, embora achasse normal e representasse uma “união contra o *status quo*, o machismo e o patriarcado”, e com Magnólia, que conversa apenas com uma ex-namorada, “porque todas me roubaram, muito. Eu fiz uma soma: um milhão e duzentos, um milhão e quatrocentos. Em ouro, dinheiro, tudo que elas me roubaram”.

¹⁵ O termo “sapatão de sítio” apareceu com relativa frequência no discurso das entrevistadas. Uma breve pesquisa na internet indica que seu uso tem se expandido.

Para Úrsula, a união entre elas se dava em função do que elas eram: “a gente tinha que se unir, se fortalecer, uma apoiando a outra”. Ártemis pautou a manutenção dos vínculos com as ex-namoradas como um imperativo para a manutenção da vida social. Os lugares disponíveis eram poucos e, segundo ela, as caras já eram conhecidas; assim, romper significava ficar fora dos programas em turma. Aqui talvez resida um componente importante para que se mantivessem coesas. As brigas, comuns aos três grupos, não foram capazes de separar a maioria delas.

Nesse grupo, não tem jeito; era um universo mais restrito. Se você ficasse “de mal” de mim, a festa que você ia, eu não ia; o bar que você frequentava, eu saía; aí você para de ter vida social. Acho que isso ajudou o grupo a se manter saudável. E, quando o tempo passa, tudo vira uma eterna piada [...] se eu fosse romper relações por causa das mulheres que namorei de alguém, não seria amiga de ninguém. (Ártemis, 64 anos)

O depoimento de Ártemis sintetiza o que foi por muitas compartilhado: a importância das atitudes de tolerância para minimizar conflitos e manter os laços, mas não para todas.

Ainda no âmbito das ex-namoradas, algumas são incorporadas como amiga do novo casal, outras vezes ficam amigas só da ex-namorada. Margarida nos conta que “é terrível você ser traído, ser traído é foda! A Flor fez isto a vida inteira comigo, eu não podia aparecer com ninguém, nem com mulherão nem com mulherzinha, tenho pavor dela!” Contudo, ainda que pesem mágoas e rancores, eles apareceram como exceção entre as ouvidas. Até quem se mostrou magoada, como é o caso de Margarida, afirma manter vínculos de amizade com as ex-namoradas: “Eu perdoei um monte de coisa. Eu nunca abri mão de nenhuma namorada minha. Se precisar de mim, eu digo: é agora, é agora! Passa a ser um amigo, vira uma outra relação, de amor, de amor...”.

Parece mesmo que dores e rancores eram frequentes, mas iam se diluindo e sendo perdoados ao longo do tempo e da convivência.

Elas consideram a manutenção de relações de amizade entre ex-amores no universo heterossexual bem menos trivial. Capitu atribui o vínculo de amizade com a ex-namorada a “uma questão de civilidade. O mundo é muito machista. Acho que o mundo tinha que rever isso aí. Acho que quem está errado nessa questão são os héteros”. Ártemis diz que “no público hétero, a mulher namora um homem, depois nunca mais vê, nunca mais tem notícia. E se fizeram amizades juntos, cada um escolhe pra que lado que vai, quem vai ficar amigo de quem”.

No grupo da literatura – Vila Sésamo e Confraria – ficaram praticamente todas como amigas. Conforme já explicitado, a prática de esportes ocupou lugar central na sociabilidade delas; no entorno, aglutinavam-se nas arquibancadas muitas que não eram da turma. Dos esportes se espalharam para a cena lésbica noturna, Ártemis cita cerca de trinta, quarenta mulheres

chegando nos bares e boates, chamavam a atenção e ficaram conhecidas. Figura como algo comum que as amizades ocorram com maior frequência em grupos constituídos e com pouca variação nos programas e atividades realizados em conjunto (SOUZA; HUTZ, 2008).

Os encontros nos colégios Batista e Champagnat garantiram os primeiros contatos. Na sequência, vieram os jogos, a frequência continuada aos bares e boates, as partidas de sinuca, as viagens juntas, a frequência em casas das amigas para alguma celebração ou jogos de cartas – tudo isso contribuiu para a criação de suas redes de sociabilidade e relações de amizade. Várias trouxeram memórias das idas ao Rio de Janeiro:

Outras lembranças boas são as nossas idas ao Rio de Janeiro, onde frequentávamos a mesma praia que a Gal. A Gal era a nossa ídola da época. Então a gente sentava perto de onde ela ficava. E ela ficava lá: era um xodó. A gente teve uma “amizade”, assim, nem sei se era uma amizade. Toda vez que ela vinha a Belo Horizonte, a gente tinha um encontro bacana. Depois teve a Marina, que foi namorada da Gal durante um tempo. Então a gente se conheceu ali. E tinha os shows, por exemplo, onde ia uma, iam todas. Era assim. (Caubí, 67 anos)

Souza e Hutz (2008), ao fazerem uma revisão da literatura sobre relacionamentos de amizade na vida adulta, apresentam, embora não sejam consensuais, evidências que sugerem que as amizades entre mulheres são de melhor qualidade que entre homens: mais íntimas, próximas e divertidas, envolvendo maior satisfação e trocas afetivas. Ilustrando a potência dos vínculos de amizade a perseverar sobre o tempo, Jane Eyre declara:

Às vezes, a gente fazia viagens em grupo, por exemplo, para o Rio de Janeiro e lá tinha alguém que conhecia uma enormidade de gente e aí ia a mineirada e a cariocada para as boates e era aquela festa. Eu lembro de um dia que eu fui para alguma casa lá no Rio de Janeiro, e era casa, e que alguém fez um cozidão num tacho de bruxa, porque era gente pra caramba entrando e saindo, todo mundo queria conhecer todo mundo, aí virava uma festa. A gente tem uma pessoa no grupo, que você participa lá, que é dessa época. É uma carioca e já namorou gente aqui de Minas e foi ficando amiga e hoje convive com a gente, vem para as festas, já veio no Papel AlmaSSo. Então, aí houve um momento de junção com uma galera carioca. (Jane Eyre, 65 anos)

A oportunidade de conversar e trocar mensagens com a referida carioca surgiu no grupo de WhatsApp. Ela conhece a turma do Vila Sésamo desde os áureos tempos, convive com as confreiras e integra atualmente dois grupos de WhatsApp que as congregam: o Polêmica e o Cartoleiras das Minas. Fizeram festas, promoveram encontros, viajaram juntas. Ela conta que “esse lado social” foi o primeiro passo para se conhecerem mais profundamente; a partir desses encontros, foram entrando na vida familiar umas das outras, o que, segundo elas, teria fortalecido as amizades.

O que faziam juntas fomentava novos encontros e ia fortalecendo os laços com os quais teciam suas redes. Capitu nos conta que começaram usando um sítio da tia em Juatuba (MG) quando ela tinha por volta de dezessete anos, mas teriam bebido tanto e arrumado “tanta confusão no sítio, que a tia não quis deixar mais, ela não emprestou mais”. Assim, começaram a alugar casas inacabadas em cidades próximas a Belo Horizonte para passar os feriados. “Não tínhamos grana para pagar sítio, só mais tarde melhoramos o padrão.” Lolita complementa dizendo que “éramos todas jovens, tínhamos muita disposição, não tínhamos muito dinheiro, mas tínhamos muita alegria, muita vontade de viver, muita vontade de festejar a vida, o dia a dia. A gente tinha saúde, tinha gás, tinha uma convivência muito boa”.

Macabéa se aproximou do grupo no final dos anos 1970 exatamente por causa do futebol. Foi um encontro um tanto pueril: ela disse que chegou solitária, “foi uma amiga que eu conheci na rua, da mesma forma que as crianças se conhecem, ‘como é que você chama?’, ‘gosta de brincar disso?’”. Margarida conta que o futebol foi uma alternativa para ela e para muitas mulheres conhecerem outras mulheres

Bola é tudo pra mim. Eu tenho bola, jogo bola sozinha aqui, ó! Falei: isto aqui é o meu campo de futebol... [apontando para o bem cuidado gramado de seu quintal]) Os meninos aqui da rua me chamam pra jogar bola. Assisto tudo, tudo que você imaginar: campeonato A, B, C, espanhol, francês... Eu ligo a televisão e fico atrás de todos os jogos. Não é o meu time que eu vou assistir, quero ver todos, por eu amar futebol! Eu só assino uma TV se tiver todos os canais de esporte, eu vou ver futebol, senão eu não assino não, não assino... (Margarida, 70 anos)

Ilustrando a potência e o volume que se aglutinavam em torno dos jogos de futebol que promoviam, seus depoimentos trouxeram um bar, lembrança recorrente entre as mulheres do Vila Sésamo.

Tinha o Bar do Simão, na avenida Petrolina. A gente jogava futebol numa quadra próxima. Então, depois do jogo, a gente ia lá, não era um ambiente *gay*. Ele, a esposa dele, nos tratávamos como filhas. Às vezes, no sábado, depois do jogo, tinha quarenta pessoas, porque a torcida também frequentava o bar. Aí ele emprestava o violão, atabaque, o samba rolava solto. (Caubi, 67 anos)

O Bar do Simão figura como um oásis em suas memórias, ainda que nele as práticas homoafetivas não se fizessem notar para além de algum traço identitário ostentado nos corpos e posturas. Capitu nos conta que todas apareciam por lá.

Todas! E como era muita gente, nós passamos a alugar uma quadra no Sagrada Família, na rua Rio Branco. Aí apareceu muita gente pra jogar, só mulher. E dali a gente saía e tinha um bar ali perto, que era do seu Simão. Nós fomos muito bem acolhidas

por ele, pela mulher dele. A gente gostava muito deles, consumíamos muito lá. A gente ia pra lá, às vezes a gente sentia alguma coisa de *bullying*, pouca coisa. Como era uma turma muito grande, eles largaram pra lá. (Capitu, 65 anos)

Se entre os depoimentos de Caubi e de Capitu, que sinalizam exposição à lesbofobia, fica evidente a diferença de perspectiva, o depoimento de Jane Eyre amplia a diferença, sinalizando que, mesmo em um território no qual se sentiam razoavelmente acolhidas, não estavam seguras em seus desdobramentos. O relato abaixo se refere à agressão sofrida vinda do filho do Simão:

[...] tinha um desses lugares que a gente frequentava, que era de um senhor mais velho, bonachão, e ele tratava a gente superbem, mas ele tinha um filho que olhava para a gente com raiva. Visivelmente. E esse cara, um dia, eu fui ao Mineirão, com uma parte dessa turma que jogava futebol. Fomos ao Mineirão [...] e quando a gente estava chegando, a gente estava indo ao bar comprar uma cerveja para entrar para o campo – naquela época era liberado. Ele estava com um grupinho de mais uns dois ou três, mais afastado. E ele, de repente, começou a gritar para o Mineirão inteiro que estava por perto, todo mundo fica embolado nos bares, foi um constrangimento horrível. – Ah, sapatão! Olha a sapatão aí, gente. Olha aí, que bando de sapatão. É vocês mesmo. É, tá olhando o quê? Foi um negócio horrível. Foi um negócio horrível. Esse marcou demais. Nós ficamos tão chateadas! Imagina, todo mundo olhando pra gente, e ele gritando, e os amigos dele rindo. Aí o povo olhava, uns ria, outros... Foi a pior sensação. [...] Foi num lugar com muita gente, e a gente se sentindo a pior coisa que tem. Todo mundo olhando para a gente, com aquele olhar... Um lugar muito masculino também, que é um campo de futebol... (Jane Eyre, 65 anos)

A humilhação, o desconforto, o constrangimento e os riscos de uma exposição sempre estiveram presentes, ainda que elas afirmem terem sido sempre discretas. Bovary diz que a necessidade de “passar batido” se relaciona com o preconceito que elas viveram, ficavam com medo de se expressarem. Para Capitu, expor-se sendo diferente te coloca em “uma vitrine para os outros atirarem pedra”.

Em que pesem algumas críticas à reprodução do modelo binário que incorporaram, há que se considerar o que era possível ao universo de mulheres nascidas entre 1933 e 1960, geração para a qual a invisibilidade pode ser analisada também sob a ótica de uma deliberada atitude para autoproteção.

Capitu entende que a invisibilidade das lésbicas da sua geração tem relação com o medo de não serem aceitas na sociedade, de sofrerem “*bullying* e até agressão”. Ela trouxe situações vividas por amigas próximas e relatou um evento no qual ela e a namorada foram alvo de chacota. Seu depoimento indica uma invisibilidade que foi autoimposta para se protegerem. Muitas ainda se sentem inseguras ou ameaçadas. O risco persiste, tem raízes no preconceito e nos processos de estigmatização por elas vividos.

Nesse sentido, o armário é o manto da invisibilidade que permitiu alguma proteção da sociedade que estigmatiza e rotula, que prefere não as enxergar, principalmente como cidadãs detentoras de direitos. Dentro do armário, elas se protegiam de situações embaraçosas. A invisibilidade continua sendo um problema: “não falar sobre as velhices LGBTQ+ significa perpetuar as invisibilidades de suas vidas, sem falar nas violências e situações desafiadoras que precisam enfrentar” (MIGUEL; ROBERTO, 2021, p. 28).

Há que se considerar, ainda, que a invisibilidade se relaciona com as dinâmicas que estão postas na sociedade; se intersecciona, como já mencionado, com outras questões para além do sexo e do gênero; abarca idade, estratificação social, raça e funciona como um dos instrumentos para a manutenção de poder, o qual está fortemente alicerçado na lógica neoliberal derivada do modo de produção capitalista. O lugar da intimidade demanda espaço privado, que por sua vez está ligado à questão da moradia e implica poder aquisitivo. Dentre as entrevistadas, temos mulheres pertencentes a diferentes camadas sociais, mas as soluções encontradas para suas vivências íntimas são semelhantes. A prática entre a maioria delas era cotizar as despesas. Os encontros aconteciam nas poucas boates disponíveis que, ao contrário dos bares, protegiam da visibilidade; aluguéis de casas, por vezes inacabadas, ou sítios em locais próximos à capital mineira; aluguel de barracões ou uso da casa de alguma amiga para encontros amorosos. A qualidade ou localização desses espaços variavam em função do poder aquisitivo de uma ou outra; variavam também em função do poder aquisitivo da família de origem, como também em função da idade na qual iam avançando ou da carreira profissional que adotaram para si.

Ainda que o gueto seja, como nos sinaliza Wacquant (2004) um incubador social e matriz na produção de uma identidade maculada, ele se apresentou nos relatos das pesquisadas como local de segurança, neles eram livres, esbanjavam criatividade e união.

A casa de Tia Violeta era um desses guetos que figura em vários depoimentos como um outro oásis, era um outro gueto, no interior dos guetos. Segundo Jane Eyre, “funcionou meio que como um bar de porteira aberta”: lá jogavam sinuca, baralho, comemoravam aniversários. Tia Violeta conta que, passados muitos anos, aquele grupo de “meninas”, atualmente nomeadas confreiras, proporcionaram a ela a oportunidade de ter vivido a melhor história da sua vida. Realizaram o sonho que ela tinha de fazer o caminho de Santiago de Compostela (o episódio está relatado no capítulo 5 - Aqui se planta, aqui se colhe: nas teias dos afetos e da solidariedade).

Ainda sobre os territórios nos quais foram construindo seus vínculos e tecendo suas redes, há o bar Cabeça de Touro, apresentado no Apêndice junto com a minibiografia de sua

proprietária, Úrsula. Nele, elas se encontravam no final dos anos 1970. Embora não fosse um bar voltado para o público homossexual, era reduto de muitas delas. Ali combinavam viagens, férias, novos encontros; ali gestaram e realizaram a primeira edição do Festiranga, festival que contou com várias edições. Nessa festa, eram montados shows e performances, farra e diversão para elas mesmas. Na última edição, foram vendidos ingressos e a festa foi ampliada para outras lésbicas.

O Festiranga foi o primeiro da série de eventos promovidos pelas jovens do Vila Sésamo. A elas foram se juntando outras jovens lésbicas, a partir de afinidades e interesses comuns, tendo sido a orientação sexual seu ponto fulcral.

Em tempos mais recentes, é possível detectar dois núcleos coesos – ambos originários na turma do Vila Sésamo – que se conectam pelo WhatsApp, espaço no qual elas mantêm intensas trocas. Um de mesmo nome e outro denominado Polêmica. Algumas mulheres integram os dois. Conforme dito, elas convivem desde a década de 1970 e, apesar de algumas recentes divergências de cunho político-ideológico, os dois núcleos têm se mostrado colaborativos e fraternos no sentido de ajudar e acolher quando alguma questão se apresenta àquelas com as quais conviveram um dia e criaram relações de amizade e vínculos de afeto. Também há mobilização entre elas quando se trata de animais abandonados.

A rede de contatos é ampla. Muitas lésbicas contemporâneas a elas mantêm com o grupo contatos menos frequentes, superficiais ou circunstanciais. Em algumas ocasiões têm relações mais intensas devido a algum evento, festa ou celebração. Elas eram muitas.

A gente andava de bando, de grupo de mulher, tinha muito pouco homem. Às vezes, você tinha um ou dois amigos gays e tal. Porque não tem jeito, a gente frequentava ambientes muito fechados, onde a gente podia exercer os nossos desejos, nossa convivência de forma mais aberta. Então, os lugares que a gente frequentava eram lugares gay. É lógico que eu frequentava outros lugares, com outras pessoas, mas não eram relações de muita proximidade, exatamente porque eu queria estar naquele lugar que eu podia fazer o que eu quisesse. Então é isso. Mas sempre assim, em bando de mulher mesmo. (Jane Eyre, 65 anos)

Dentre os espaços citados, o Stage Door se destacou como sendo dos primeiros que frequentaram. O bar ficava no *mezzanino* do saguão do Teatro Marília, na avenida Alfredo Balena, 586, no bairro Santa Efigênia, localização que garantia certa privacidade. Sobre ele, Rosa nos conta que “não era bem um bar gay, acho que se pode dizer que era um bar eclético, com frequência LGBT. Dele me incomodava a escuridão, sempre o achei muito escuro”. Para Jane Eyre, “era um espaço gay *friendly*, a gente se sentia à vontade, era muito artista, um pessoal

mais tolerante em relação a essa questão da homossexualidade”. Para Tia Violeta, o Stage Door “era uma beleza”,

A gente ia porque era um local que a gente sabia que tinha frequentadores da, como diz o outro, da mesma laia da gente. Então a gente ia porque era como se fossem seguidores. Você ia onde você sentia que ficaria mais à vontade. Se desse de acontecer um beijo no banheiro, não era uma coisa escandalosa. (Tia Violeta, 76 anos)

O relato de tia Violeta se constitui em uma preciosidade empírica, ele sinaliza a existência de um gueto dentro do próprio gueto, é no espaço mais privado do ambiente – o banheiro – que se permitiam a intimidade do beijo. Guardadas as devidas proporções, o banheiro desempenha função correlata à do “dark room”, espaço comumente encontrado nas boates gays brasileiras entre as décadas de 1980-1990.

Naqueles tempos, a convivência era presencial e intensa. O envelhecimento reduziu a frequência e a intensidade dos contatos, e a pandemia cancelou os encontros presenciais por cerca de dois anos, mas os laços de solidariedade permanecem. Como são exemplos o suporte financeiro dado para a manutenção do bar Cantinho da Úrsula durante a pandemia, as contribuições feitas para o regime de previdência para a aposentadoria de uma amiga ou os acolhimentos em momentos de doença.

A solidariedade se expande para além daquelas que levam nomes extraídos da literatura mundial. Entre as deusas, houve a “força-tarefa” relatada por Hera para abrir o Marrom Glacê. E mesmo Rosa, que terminou a vida em estado de intensa vulnerabilidade, contou com as amigas, que lhe ofereceram um celular, uma TV e reformaram os dois violões que ela tinha em uma tentativa de diminuir o isolamento social no qual se encontrava. Contudo, como bebia e sempre fumou muito, o pulmão estava comprometido, deixou de cantar e abandonou o violão que, mais do que um *hobby*, era uma ponte que a aproximava das pessoas, colocando o preconceito em segundo plano, mesmo que momentaneamente.

Embora entre as entrevistadas nenhuma se proclame feminista, há indícios da prática. Afinal, os feminismos abarcam solidariedades, sororidades e afetos. Alinhamo-nos a Margareth Rago (2021, p. 28), para quem os feminismos

não se restringem aos movimentos organizados que se autodenominam feministas, mas [...] se referem a práticas sociais, culturais, políticas e linguísticas, que atuam no sentido de libertar as mulheres de uma cultura misógina e da imposição de um modo de ser ditado pela lógica masculina nos marcos da heterossexualidade compulsória.

Estudiosas como Silvia Federici (2019b, p. 387) sinalizam a emergência de um feminismo-marxista apontando caminhos para um futuro que precisa ser coletivo: “tornar comuns os meios materiais de reprodução da vida é primário na criação de interesses coletivos e laços comunitários, [...] frente de resistência [...] e condição para a construção de espaços autônomos que minem os grilhões do capitalismo em nossas vidas”.

Como possibilidade para iluminar caminhos que nos ajudam a refletir sobre o que está posto, duas tendências se apresentam como fortes alternativas: o feminismo decolonial e a crítica a um feminismo de acento individualista e neoliberal, expresso pelo manifesto *Feminismo para os 99%*, obra escrita a seis mãos por Cinzia Arruzza, Tithi Bhattacharya e Nancy Fraser (HOLLANDA, 2020, p. 12). A obra antineoliberal é também anticapitalista. Nas palavras de Talíria Petrone (2019), é, além de um manifesto, “uma provocação, um chamado à luta feminista anticapitalista, ecossocialista, antirracista, internacionalista”.

A atual crise do capitalismo é especialmente severa. Quatro décadas de neoliberalismo derrubaram os salários, enfraqueceram os direitos trabalhistas, devastaram o meio ambiente e usurpam as energias disponíveis para sustentar famílias e comunidades – tudo isso enquanto os tentáculos do sistema financeiro se espalhavam pelo tecido social (ARRUZZA *et al.*, 2019, p. 46).

Bom exemplo de outras possibilidades encontramos quando Hera relatou que só conseguiu montar o Marrom Glacê graças à ajuda das amigas que com ela cotizaram as despesas: cada uma entrou com alguma contribuição, e todas viveram juntas no espaço, deusa e flores.

Se, como dito por Walter Benjamin (2009, p. 958), “a rua é a morada do coletivo”, esse coletivo de mulheres não as pôde ocupar como permitido ao grupo heterossexual ou como ousadamente invadida pelas homossexualidades masculinas. O relato transcrito abaixo ilustra riscos, fragilidades e impotências diante de uma abordagem policial.

Aí escutei um barulho no vidro, uma coronhada de revólver. Eram policiais e a gente desceu, se ajeitou, desceu do carro e escutamos um monte de gracinhas, mas aí foi gracejos mesmo. Tipo assim:
– Nossa, mas você gosta de fazer isso, não quer testar uma coisa melhor?
Sabe essa coisa, horrorosa? Depois eles nos extorquiram, para não abrir um boletim de ocorrência. A gente teve que dar todo o dinheiro que tínhamos nas duas carteiras. Além de terem feito isso, eles nos extorquiram. Foi muito ruim, uma sensação muito ruim [...]. Aí foi hora de procurar motel mesmo, ou sítios, aquelas histórias. (Jane Eyre, 65 anos)

Elas construíram alternativas: quando jovens, criaram tanto espaços abertos o suficiente para permitirem a eventual entrada de novas possibilidades de amizade e namoro, quanto fechados o bastante para se blindarem de constrangimentos, humilhações e ofensas. “Era um

grupo muito fechado, as pessoas não gostavam muito exatamente porque a gente não abria, não dava muita brecha” (Caubi, 67 anos). Afrodite nunca foi do Vila Sésamo, mas conhecia o grupo e reitera a coesão e as restrições presentes no grupo.

Dentre as 21 entrevistadas, apenas Afrodite sucumbiu a drogas mais pesadas por um período considerável de sua vida. As demais experimentaram algum tipo, mas não mantiveram a dependência; sempre beberam, mas poucas usaram ou usam maconha. Capitu conta que “na turma do Champagnat várias embrenhavam nisso: tinha LSD, “docinho”, cocaína. Ela citou os nomes de várias colegas que eventualmente circulavam entre elas. Entre as que se mantêm mais coesas, Caubi diz que “99% só consumiam cerveja”, como constatado em outros depoimentos. Ártemis, que sempre foi abstinência, nos conta que “maconha nessa época era o que tinha de pior. Foi a primeira droga introduzida no grupo. Algumas pessoas fumavam, o resto era bebida mesmo”.

Eu experimentei praticamente todos os tipos de droga, não tanto nesses locais [públicos], que havia muito temor, né[?]. Polícia adorava dar umas batidas nesses lugares, pela questão, exatamente pelo que se fazia ali dentro e não pelas drogas. [...] a turma, pelo menos a que eu tive mais contato nesses anos, dos vinte aos quarenta anos vamos dizer, não era muito chegada em droga, não. A gente inclusive não gostava muito de estar em lugar público que essas pessoas estivessem ali... Porque a gente não queria correr o risco de polícia e qualquer coisa assim, né[?]. (Jane Eyre, 65 anos)

Jane Eyre fala no plural sobre evitarem lugares públicos frequentados por usuários de drogas ilícitas, embora algumas as tenham experimentado. As mulheres do grupo da literatura, embora tivessem como hábito o consumo de bebidas alcoólicas, se afastaram de drogas ilícitas. Talvez haja alguma relação com a prática de esportes, que remeteria a um estilo de vida mais saudável. O distanciamento de pessoas usuárias de drogas mais pesadas ou ilícitas, embora a maioria tenha experimentado eventualmente alguma, apontam na mesma direção: evitar para se protegerem e se preservarem. A mesma opção consciente apareceu sobre evitarem engajamento político durante a ditadura militar. Algumas explicitaram serem muito jovens à época.

Apenas Afrodite, do grupo das proprietárias de bares, teve contato intenso com várias drogas. Ela foi também o único caso de alcoolismo diagnosticado com desdobramentos indesejáveis entre as entrevistadas, mas estava abstinência há tempos quando foi entrevistada. Hera, Perséfone, Deméter e Gerânio também não mais bebiam na ocasião da entrevista. A maioria segue bebendo. Entre as mais velhas, constata-se uma redução na frequência com que bebem, tendo se habituado a ficar mais em casa. Outras sofisticaram seus consumos etílicos. Em outros tempos,

Muitas farras e muitos porres, porres mesmo[!], de muita bebida, de beber muito num mesmo dia. [...] Havia muitas repúblicas que as pessoas compartilhavam para morar, isso era comum também, você morar com outras pessoas e sítio, né[?]. Nessa coisa de alugar sítio, era onde às vezes se consumia droga, mas não era, pelo menos nos grupos que eu frequentava, a droga não era uma característica, era mais a cerveja. A gente gostava muito da bebida, não da droga ilícita. (Jane Eyre, 65 anos)

Em tempos atuais, as jovens de outrora – as da literatura – mantêm contatos pelas redes sociais. No Facebook há dois grupos: o *Vila Sésamo* e o *Oia a Roupas no Varal*. Este é assim nomeado em referência a uma senha, um código que elas utilizavam quando jovens para alertar as amigas da presença de algum “careta”, termo utilizado por elas para denominar heterossexuais. Isso revela que elas viviam em constante vigília¹⁶.

Oia a Roupas no Varal era um código. Quando a gente estava num lugar, por exemplo, um bar, ou num lugar que era frequentado por héteros também e às vezes a gente ia para um cantinho para dar um amasso em alguém, no banheiro, e aparecia um hétero, alguém falava:
– Oh, Fulano, será que não vai chover não? Olha a roupa no varal. Olha a roupa no varal para nós.
Esse era o código pra gente falar – tá chegando careta aí, tem que parar. (Jane Eyre, 65 anos)

Seguindo a tendência, as movimentações via Facebook foram cedendo lugar para outras redes sociais, cujos contatos se intensificaram devido ao isolamento social trazido pela pandemia de coronavírus. No WhatsApp, identificamos seis grupos: no Polêmica (no início da tese tinha dezenove mulheres; ao final, 27) se discutem questões controversas: política, religião, futebol sem filtro, amenidades e postagens de humor também transitam no grupo; o Vila Sésamo (no início da tese, 21 mulheres; ao final, quinze), com um perfil político mais conservador; o Vizinhos Forever (no início da tese, dez mulheres; ao final, doze) congrega as que moram em um condomínio situado em Nova Lima (MG); o Mineirão (dezesesseis mulheres), composto exclusivamente pelas cruzeirenses, contou com a presença de um gay que já saiu do grupo; o Arena Alvinegra (no início da tese, 24 mulheres; ao final, 26), formado pelas atleticanas; e o Cartoleiras das Minas (no início da tese, 36 mulheres; ao final, 30), composto por torcedoras de vários times. Os grupos virtuais viraram pontos de encontro, neles são anunciados os eventos que promovem, como os bailes, as festas do Cartoleiras e o Vaga Beer.

¹⁶ Os nomes usados para identificar as entrevistadas são fictícios, exceto os das proprietárias dos bares e boates, que já são amplamente conhecidos, quando constam em algum trecho no discurso das entrevistadas. Para os citados grupos no Facebook ou WhatsApp, bem como para as festas e eventos promovidos por elas, constam os nomes originais, porque foram autorizados.

Solicitei, por ocasião desta pesquisa, minha inserção em dois dos grupos que congregam parte das mulheres entrevistadas – Vila Sésamo e Polêmica. Neles, acompanhei a intensificação das polarizações políticas que vieram na esteira das campanhas eleitorais para a presidência do país em 2018. Algumas saíram de um para outro grupo. Os deslocamentos ocorreram mais na direção centro-esquerda, mas há um coeso núcleo apoiando retrocessos nas mais diferentes áreas, ignorando, de forma bem sucinta, como eles afetam o planeta, as mulheres, os/as homossexuais, como as afeta.

Na entrevista concedida por Ártemis, que, embora tenha sido proprietária de uma boate e de vários bares, pertence ao Vila Sésamo desde o seu início, foi relatado que o “Vila Sésamo realmente é insuportável, é um grupo insuportável, atualmente é tudo bolsonarista”. Sua declaração faz referência a um núcleo do Vila, nomeado por algumas de Vila Sésamo-raiz, e é complementada assim:

Eu não falo muita coisa no Polêmica. Eu gosto de ver as discussões, gosto do assunto delas, porque é uma coisa muito profunda e muito culta, de muita sabedoria. Elas são muito boas politicamente. No outro grupo, elas leem e não sabem o que estão lendo. Aí vão postando. Existe essa diferença. (Ártemis, 64 anos)

O nível do debate no Polêmica é realmente qualificado. Embora o grupo seja bastante heterogêneo, algumas são muito bem informadas e árdias combatentes de *fake news*, o que ajuda a manter os debates em certo patamar ético e humano. O depoimento abaixo é de uma carioca, eleitora arrependida do atual presidente, amiga e frequentadora da cidade de Belo Horizonte desde que era jovem:

O Polêmica me deu mais espaço para isso: saber de verdade quem são minhas amigas e o que pensam. Afinal eu sempre estive em BH de passagem e só havia tempo para matar as saudades e rapidamente e intensamente ser feliz pra caramba ao lado delas. O Polêmica também me proporcionou conhecer outras mineiras inteligentes. Hoje em dia, quando se tem mais idade, o tempo urge. Acho que gasto bem meu tempo com os intensos debates deste grupo. (Da Flor carioca, 61 anos)

Se, quando jovens, as distâncias e os capitais econômicos e culturais (BOURDIEU, 1977) pareciam menores, a sociedade parecia menos complexa e a modernidade menos líquida, com o tempo as diferenças em alguns campos foram se acentuando.

Em tempos menos complexos, a união em torno da prática de esportes possibilitou a construção dos laços de amizade e a formação de casais à revelia do cis-hetero-patriarcado, de forma que conseguiram viver a denegada orientação sexual. Transitaram com as amigas, paqueravam e namoraram pelos bares e boates destinados ao público hoje designado como

LGBTQIA+ em seus mundos privados e nos territórios que criaram para si. Ficou evidente a centralidade que eles tiveram para a sociabilidade de todas. Ainda que as faixas etárias das mulheres aqui reunidas estejam entre 60 e 89 anos, cabe evidenciar um equilíbrio etário nos três grupos. Entre as da literatura, as idades variaram entre 60 e 70 anos, sendo a mais nova Bovary e a mais velha Úrsula; entre as deusas, Deméter tem 61 e Hera, 85 anos; entre as flores, Orquídea com 62 e Gerânio, 89 anos.

Entre as mais velhas, na faixa dos 80+, os contatos são menos frequentes, o que foi atribuído a uma vida mais restrita às suas casas, às limitações que acompanham o processo de envelhecimento e ao fato de que algumas já não estejam mais entre elas.

De acordo com Ortiz, Longo e Montiel (2021, p. 16), o envelhecimento causa mudanças físicas, psicológicas e sociais, dentre as quais declínios de funções e aparecimento de comorbidades e limitações, relacionadas, entre outros fatores, às oportunidades oferecidas pela sociedade.

É necessário acrescentar, ainda, que nessa faixa etária as habilidades tecnológicas habitualmente são mais restritas ou inexistem, e algumas mulheres se veem privadas dos contemporâneos contatos via redes sociais. Ainda que as relações de amizade entre as mais velhas atualmente sejam reduzidas, cabe destacar que os vínculos entre ex-namoradas receberam destaque no rol de amigas com as quais poderiam contar em alguma emergência ou eventualidade.

Entre aquelas cujas idades não ultrapassaram a marca dos setenta anos, ainda que a intensidade dos encontros presenciais seja menor, eles se mantêm com algum vigor. São intensos via redes sociais e ficaram mais evidentes entre as confreiras, que figuram neste trabalho com nomes da literatura mundial. Contam umas com as outras, “tem sempre uma falando pra outra diante de um problema: olha, se precisar de qualquer coisa, conte comigo” (Caubi, 67 anos). Entre elas há uma potente rede de relacionamentos. Embora haja comportamentos e práticas comuns entre os três segmentos de mulheres investigadas, há singularidades. A presença de um elemento central e aglutinador como o esporte só apareceu entre as Confreiras, figurinhas carimbadas da casa de Tia Violeta, cujos laços de amizade remontam à formação do Vila Sésamo.

Ao concluir o capítulo, ficou a imagem de um funil: à medida que o tempo foi passando, notou-se maior coesão com laços de amizade e afeto se consolidando entre umas, se esgarçando e esmaecendo entre outras...

No grupo das deusas, universo que contempla as vinculadas aos bares e/ou boates, figura a única que chegou a comprometer parte da vida com drogas ilícitas e alcoolismo. Uma, cujas condições materiais de existência são modestas, é viciada em jogos e afirmou mais perder do

que ganhar. A incidência de relacionamentos com garotas de programa também foi maior neste grupo.

Entre as flores, as relações “amorosas” de Magnólia padeceram mais na área financeira. Ela, que “era louca para conhecer essas boates”, chegou a ter algumas namoradas “no ramo” e conta mais sobre esse território por ela frequentado:

Minha mãe fazia vestidos pras garotas de programa. Tinha um lacinho que elas puxavam, o vestido caía todinho. Elas dançavam peladas. Eu ficava lá em cima, sentada, com as pernas cruzadas, com a minha filmadora. Eu filmava só elas. [...] Eu não gastava nada não. Eu conversava com o porteiro, ele me deixava entrar porque o dono de lá era amigo do meu pai. Eu podia ficar lá a noite inteira, ninguém chegava perto de mim. (Magnólia, 68 anos)

Ainda entre as flores, constatamos uma maior presença de solteiras e menor incidência de práticas esportivas. Gerânio disse que “Não tinha tempo. O tempo da gente era pra ficar com elas”. As exceções cabem para Orquídea, que teve como prática a natação, e Margarida, que sempre jogou futebol e tinha seu time – por ocasião dos jogos, ela se aproximava da turma do Vila Sésamo; em outros eventos, era presença rara. Em suas palavras: “o Vila Sésamo eu conheci por causa do futebol, né? Meu time (Cubelo) ganhava de todos os times de meninas de Belo Horizonte. Aí chegou o Vila Sésamo, e a gente perdeu pra elas”.



Medalha concedida ao Vila Sésamo por ocasião de uma gincana promovida pelo Marrom Glacê em 14/12/1979.

3.3 Da turma do Vila Sésamo à Confraria: conexões e estratégias

Conforme já explicitado na seção 3.1, “Aqui é o meu lugar: entre montanhas e os rigores da tradicional família mineira”, dentro do universo de lésbicas belo-horizontinas o Vila Sésamo chama a atenção. Aqui, apresento o grupo, como ele se formou e quais foram as estratégias adotadas, pelas mulheres que o compunham, para a vivência de seus proibidos afetos em Belo Horizonte.

A opção por iniciar a pesquisa pela turma do Vila Sésamo se deve à já apresentada fama que o grupo gozava na noite lésbica belo-horizontina e à imagem que dele se criou. Para além do referido grupo, intrigava-me a forma de socialização das meninas para adotarem certos comportamentos e seguirem regras no âmbito dos valores patriarcais, no sentido de se tornarem atraentes e desposáveis para homens, e, ao mesmo tempo, a construção de uma competição entre mulheres que afastava a possibilidade de se amarem. As lésbicas se opunham a esse modelo heteronormatizado.

Viver à revelia dos ditames e manipulações patriarcais, que há séculos tentam minar a potência das relações femininas e impõe uma hierarquia entre os gêneros independe que se tenha consciência dessas imposições. Entre as mulheres que ousaram fazê-lo, situo algumas que compartilharam suas histórias de vida e que ilustram o tamanho do desafio na construção de relações de amizade entre mulheres, desafio que vem de tempos pretéritos, do final do medievo, e de terras longínquas e colonizadoras, como ilustra Silvia Federici (2019a, p. 3) ao pesquisar a história do termo *gossip*, atualmente traduzido como fofoca:

Podemos acompanhar dois séculos de ataques contra as mulheres no nascimento da Inglaterra moderna, quando uma expressão que usualmente aludia a uma amiga próxima se transformou em um termo que significava uma conversa fútil, maledicente, isto é, uma conversa que provavelmente semearia a discórdia, o oposto da solidariedade que a amizade entre mulheres implica e produz. Imputar um sentido depreciativo a uma palavra que indicava amizade entre as mulheres ajudou a destruir a sociabilidade feminina que prevaleceu na Idade Média, quando a maioria das atividades executadas pelas mulheres era de natureza coletiva e, ao menos nas classes baixas, as mulheres formavam uma comunidade coesa que era a causa de uma força sem-par na era moderna.

A resistência lésbica tem potencial para criar comunidades e afetos que podem alcançar outros sentidos. Se entre o final dos anos 1970, estendendo-se para os anos 1980, os vínculos de amizade entre elas já chamavam a atenção, em tempos atuais ainda desperta curiosidade. Além da sua menção em artigo sobre o protoativismo LGBTQIA+ em Belo Horizonte (MORANDO QUEIROZ, 2019), o Vila Sésamo aparece também na dissertação de mestrado de

Tâmara Carvalho (1995), *Caminhos do desejo*: uma abordagem antropológica das relações homoeróticas femininas em Belo Horizonte. O estudo focalizou a trajetória afetivo-sexual de mulheres que, embora tenham vivido relações heterossexuais, estavam envolvidas em relacionamentos com outras mulheres.

Carvalho (1995), apoiada em bibliografia sobre o tema e em uma pesquisa de campo, buscou compreender a trajetória de mulheres que privilegiaram, em um período significativo de suas vidas, os contatos afetivo-sexuais masculinos e, à época da pesquisa, nos anos 1990, mantiveram relações com outras mulheres, algumas indicadas como sendo do Vila Sésamo. Nessa pesquisa, o grupo figura no capítulo que aborda as relações de amizade, característica persistente entre elas, e aparece entre relatos que trazem visões um tanto antagônicas sobre o grupo, visões compartilhadas por algumas entrevistadas para esta pesquisa, como se constata ao longo do texto.

A origem e história do Vila Sésamo que apresento a seguir foi escrita a partir de entrevista com Karenina e Capitu. Ambas estiveram presentes no evento que nomeou o grupo; outras duas entrevistadas se incorporaram a ele logo na sequência – Ártemis e Jane Eyre –, além de outras informações e percepções coletadas nos grupos de WhatsApp que as congregam, nas entrevistas com as proprietárias dos bares e boates que recebiam o grupo e nas lembranças das frequentadoras desses espaços, que eram comuns a todas.

O nome Vila Sésamo foi atribuído inicialmente no bar Flor de Lis, “a proprietária era a Lena, ficava na avenida Antônio Carlos, quase chegando na Lagoa da Pampulha”. Eram seis mulheres jovens e belas que, ao chegarem no bar, começaram a ser importunadas. A proprietária então pediu que subissem para o segundo andar. As pessoas que lá estavam começaram então a chamá-las de Turma do Vila Sésamo, uma menção ao programa infantil de mesmo nome que foi ao ar entre 1972 e 1977, graças a uma parceria entre a TV Cultura e a Rede Globo de Televisão. O apelido pegou.

O grupo se formou a partir do Colégio Batista Mineiro – “a gente dizia brincando que a água ali era abençoada: bebia a água, virava lésbica” (Caubi, 67 anos) – e do Colégio Champagnat, duas instituições de ensino de referência à época. A partir desses colégios, elas formaram times de futebol: um recebeu o nome de Come Aqui; mais tarde, as que circulavam em torno do Vila apareceram com o time Cubelo. Um se reunia mais frequentemente na quadra dos 15, na rua General Carneiro; o outro na quadra do Branco, na avenida Petrolina, ambos os logradouros no bairro Sagrada Família. O encontro dos times ampliou o círculo: foram agregadas outras mulheres e as incipientes relações homossociais entre aquelas jovens passaram a ser

também homoeróticas, favorecendo a formação de alguns casais. O grupo foi crescendo e chamando a atenção na cena belo-horizontina. Elas costumavam aparecer em bares e boates em bandos.

Para além das identidades pessoais, o grupo Vila Sésamo goza de uma forte identidade tanto quando visto de fora por outras lésbicas quanto sustentada por aquelas que integram o Vila Sésamo-raiz. Segundo Ártemis, “o grupo sempre foi de pessoas que estavam caminhando, era gente de boa família” e “elas têm aquele negócio de que não é fácil entrar nesse grupo”. Rosa, embora não tenha convivido com o grupo, o conhecia dos espaços comuns frequentados. Ela dizia que era um grupo de mulheres “metidas”, que não se misturavam e das quais não gostava. Bovary diz que “foi o grupinho mais enjoado. Todo mundo tinha pavor do Vila Sésamo. Era a elite. Todo mundo trabalhava, mas era um povo mais fresco. Depois foi abrindo, eu entrei, mas nunca pertenci ao Vila Sésamo-raiz”.

Deméter, que trabalhou como garçonne nas principais casas destinadas a mulheres que mantinham relações sexuais com outras mulheres em Belo Horizonte, lembra que

Existia uma separação entre as meninas do Vila Sésamo e o pessoal que frequentava o Plumas e Paetês. Porque as do Vila Sésamo eram de um poder aquisitivo melhor, já tinham uma vida financeira definida. Eram as riquinhas, digamos assim. E o pessoal que frequentava a Mani, que era o Plumas e Paetês, era considerado o povão. Então eu nunca tive muito acesso ao Vila Sésamo. (Deméter, 61 anos)

Parece que o “povão” era mais fiel à boate Plumas e Paetês. Dentre os espaços citados, foi o que durou mais tempo, cerca de 10 anos. Cabe considerar que ter curta duração é uma característica comum aos bares e boates de Belo Horizonte. Alheias aos comentários, as garotas do Vila Sésamo criaram o time de futebol de salão “Cabeça”¹⁷. O nome é uma referência ao já citado bar Cabeça de Touro, espaço que frequentavam. O Cabeça disputou e foi vitorioso no II Torneio Feminino de Futebol, tendo sido noticiado em reportagem do jornal *Diário da Tarde* de 23 de junho de 1981. Deste time foram entrevistadas Capitu, Jane Eyre, Caubi e Úrsula.

Essas mulheres, quando jovens, se irmanaram e se fecharam em um gueto para se blindarem dos preconceitos sociais daqueles tempos e viverem suas relações homoafetivas. Era divertido e festivo, mas também constrangedor e difícil a depender do ambiente.

As informações coletadas permitem conhecer algumas estratégias adotadas para resistirem e perseverarem sobre os desafios enfrentados em meio às montanhas e aos rigores da

¹⁷ O time Cabeça foi criado para elas disputarem um torneio de futebol de salão, era comum criarem novos nomes a depender da ocasião, além do Cabeça tiveram também o Come Aqui e o Cubelo.

tradicional família mineira, em plena ditadura civil-militar (1964-1985). Nesse contexto, elas arrumaram seus refúgios. Ártemis nos conta um pouco sobre um deles, os sítios:

Era um lugar pra gente viver o que a gente era, entendeu? Ali se vivia a vidinha de casazinho, de marido e mulher, coisa que a gente sonhava e não podia viver em casa, não é? Sempre foi muito bom. [...] piscina, quadra. Então jogava futebol, nadava, tinha as traições... tudo acontecia sempre nessas idas ao sítio. Os novos amores, conquistas. Tudo acontecia lá. Nem sempre um casal que chegava casado saía junto. (Ártemis, 64 anos)

Ainda que tenham construído seus espaços privativos, frequentaram intensamente a modesta cena homossexual belo-horizontina e se fizeram notar nesses guetos. Hera nos conta que a turma do Vila Sésamo estava toda com ela: “tinha gincanas e elas eram todas do Plumas”. As gincanas figuram nas lembranças de muitas. Os trechos abaixo se referem àquelas ocorridas na boate Plumas e Paetês, conhecida por PP:

Eu frequentei todas as casas da Mani. Nós fizemos uma gincana, a nossa equipe chamava Equipic. Nós ganhamos essa gincana dentro da boate. A Mani tinha todo o aparato, as putas faziam *shows*, tudo que era vendido era em cima de *shows* dessas meninas. Eu nunca fui tanto em casa de puta na minha vida, ia buscá-las pra fazer *show*. A gente apresentava e preparava todas as tarefas na casa da Fulana. Já rasgaram minha roupa em cima do palco, o trem ferveu. Foi a melhor gincana que teve. (Ártemis, 64 anos)

Se paira entre as tradicionais famílias mineiras a fama de certo moralismo e conservadorismo, a naturalidade com a qual algumas falaram das “putas” parece tê-los contornado.

A melhor gincana foi na avenida Augusto de Lima, a turma do Juba e Lula. Tinha a turma da PP e a turma do Juba e Lula, que era a Ciclana, uma outra turma. Eram rivais, mas todas do Plumas. Promovi uma gincana que foi tão engraçada! Eu comandava uma gincana e a Florzinha comandava outra. Tinha uma ação, fazer a chave maior de Belo Horizonte. Pensei, pensei, nesta época eu tinha dinheiro... “Agora a chave do Juba e Lula”, a equipe entrou com uma chave grande, azul. Ai eu falei, eu que estava comandando: “kkkk, essa é a chave maior que vocês têm? Que vergonha! Isso aí é chaveirinho meu. Desce a nossa chave”. Era dois andares, você lembra? As meninas, de corda, desceram um poste, eu fiz uma chave com um poste. Nossa, todo mundo riu demais. Tinha muita rivalidade, mas era na diversão. (Hera, 85 anos)

Das gincanas participavam só mulheres. Essas atividades foram promovidas por Hera, e algumas jovens do Vila Sésamo participaram. Já o Festiranga era um festival à parte, promovido pelas integrantes do Vila. Foi uma estratégia concebida, inicialmente, para o grupo delas. Para participar, era necessária uma indumentária considerada baranga ou cafona para a época. Havia concurso de músicas e performances também barangas; as melhores eram premiadas. Desse festival consegui algumas fotos e vídeos. De acordo com Caubi, “o Festiranga foi um

festival que a gente criou pra fazer música baranga, o primeiro foi lá no Cabecinha”, referindo-se ao bar Cabeça de Touro. Ártemis complementa dizendo: “depois, cresceu, uniu as turmas do futebol”. Nastasya, que afirma ter participado “muito do Festiranga”, acredita que “se todo mundo topasse” teriam condição de fazer um Festiranga hoje.

A partir da primeira edição, acontecida no Cabeça de Touro, a festa migrou para espaços alugados. Elas aconteceram entre os anos 1970 e 1980 e contavam com público restrito, comes, bebes, muita música e dança! Dado o reconhecimento do evento entre lésbicas da mesma geração e a relevância dele em suas memórias, compartilho trechos de vozes distintas a fim de apresentar a leitoras/es a pequena e restrita efervescência lesbiana na cidade:

O Festiranga realmente começou com o grupo do Vila Sésamo. O social foi o que nos uniu muito. E o Festiranga surgiu pra gente estar mais perto, brincando, se divertindo. Eu tive a ideia de fazer um festival de música baranga. Eu tinha um bar antigo, em 1978, um bar pequeno, onde a gente se reunia. E foi a partir daí que eu conheci todas as meninas, fiquei amiga e passei a fazer parte do grupo. O Festiranga foi uma coisa tão gostosa que a gente criou! As pessoas se caracterizavam com as roupas, as músicas tinham de ser barangas mesmo. Uma coisa fantástica! Só quem participou naquela época é que pode dizer da emoção que era. Ficou tão marcado que até hoje as pessoas perguntam: “Que dia vocês vão fazer o Festiranga?”. (Úrsula, 70 anos)

Eu estava na organização do Festiranga. O Festiranga nasceu no Bar da Úrsula, no Cabecinha. Era uma garagem, as mesas eram aqueles carretéis enormes de fiação da Cemig. A gente sentava lá, tomava todas e cantava. Tivemos essa ideia: “vamos fazer um Festiranga?”, lá dentro do bar. Todo mundo vestido de baranga. Quem instituiu esse nome eu não sei. Aí fomos todo mundo de baranga e ficou. Aí “vamos fazer outro?”. Aí foi aumentando, aumentando, alugamos sítio, vendemos convites, tomou outra proporção. (Capitu, 65 anos)

Ah, foi uma época muito boa. O Festiranga era um acontecimento anual de muita alegria, de muita festa, de muito oba-oba. A gente se preparava alguns meses antes fazendo as músicas, as roupas e a festa em si era o encerramento de um ciclo de convivência, normalmente no final do ano e isso nos unia. Nós passamos muitos réveillons juntas e fizemos muitas festas de confraternização no final do ano, e o Festiranga não podia faltar, porque ele nos trazia muita alegria e reunia um grupo maior de pessoas. A gente abria, não era só aquele grupo restrito, mas a gente abria para outras pessoas que a gente conhecia e que gostavam de participar, de frequentar com a gente. (Lolita, 66 anos)

Eu participei de todos, era muito divertido! Úrsula era a organizadora, vestia de Chacrinha e a gente fazia shows e performances barangas. Muito legal. Criávamos músicas ou trocávamos as letras para serem engraçadas e aí rolava o concurso. (Bovary, 60 anos)

Depois até chegou a alugar um espaço enorme lá no bairro Jardim Canadá, a Ártemis assumiu, ela começou a organizar. Aí o negócio virou quase que profissional mesmo, né[?]. A Ártemis é muito boa para fazer as coisas também. Teve em sítio, teve várias edições, o último foi lá no Jardim Canadá e foi a Ártemis que organizou. Esse foi muito bacana, dos melhores. (Jane Eyre, 65 anos)

O hábito de uma vida em gueto se mantém entre a maioria delas, característica que se apresenta bastante razoável se analisada à luz do que viveram e das marcas que carregam.

É preciso sopesar a hostilidade e os riscos que uma exposição pública da homossexualidade impõe. Ártemis nos conta que o risco de procurar outras parceiras fora do grupo era grande, “não sabíamos se seríamos aceitas”. Se ainda em dias atuais há riscos, o período de restrições de liberdades no qual essas mulheres viveram suas juventudes sinalizava desafios ainda maiores. Ser desviante em plena ditadura exigiu táticas e estratégias, a tensão pairava no ar.

Como o confirma Didier Eribon (2008), os amigos encontrados nos lugares gays substituem as relações familiares, mais ou menos deixadas de lado, assim como as relações no lugar de trabalho, tão difíceis de estabelecer e de serem mantidas para um gay ou uma lésbica, sobretudo quando procuram esconder o que são. Ártemis nos conta que “no trabalho, também sempre foi complicado por causa do apelido. [...] é difícil você não usar seu nome social no trabalho”. Embora usualmente a dificuldade seja maior em usá-lo, para ela seria difícil evitar, pois é uma figura conhecida na cena homossexual pelo apelido. Mesmo eu, que a conhecia há mais de vinte anos, só soube seu nome de registro recentemente. Ainda sobre ambientes profissionais, Capitu diz que “a gente acha que as pessoas não sabem, mas sabem. A gente tem receio de verbalizar e perder o emprego”.

Sem perder de vista o objetivo geral que conduz a pesquisa – investigar como lésbicas, atualmente com mais de sessenta anos, utilizaram de diferentes territórios e recursos sociais para a construção de redes de sociabilidade e de territórios seguros que lhes possibilitassem se identificar como lésbicas e vivenciar suas relações homoafetivas –, e sem ignorar trabalhos clássicos e caros à Sociologia, há que se considerar que a homossexualidade da maior parte das mulheres entrevistadas mais maduras foi no máximo tácita. A muitas coube uma vida na clandestinidade atravessada de tal modo pelo estigma que sobre elas pairava que sequer são capazes de conviver pública e proximamente com casais homossexuais que se expõem, mesmo que os tempos e os direitos sejam outros.

O indivíduo estigmatizado pode descobrir que se sente inseguro em relação à maneira como os normais o identificarão e o receberão, a noção de estigma é compreendida como um atributo que implica desvalorização, inferioridade e situa a pessoa em uma posição de desvantagem. A vergonha se torna uma possibilidade central, que surge quando o indivíduo percebe que um dos seus próprios atributos é impuro e pode imaginar-se como um não-portador dele (GOFFMAN, 1988, p. 17).

À revelia da heteronorma, as jovens do Vila Sésamo construíram suas estratégias em tempos pretéritos, uniram-se em torno da prática de esportes, nos encontros nas casas das amigas, nas repúblicas, no Festiranga, nos bares, boates e sítios. Envelheceram confreiras pelos Bailes do Papel AlmaSSo, nos encontros do Vaga Beer e nas disputas do Cartoleiras das Minas, de forma que chegaram aos anos 2000 celebrando mais de quarenta anos de amizade.

Contudo, nem o Vila Sésamo passou incólume aos nefastos tempos de polarização vividos no Brasil durante o governo bolsonarista. Afinal, ter a mesma orientação sexual está longe de significar ter a mesma visão de mundo. Quando jovens, elas tiveram acesso a um volume muito menor de informações; os temas de seus debates eram outros e as atenções espraíavam-se por plagas mais férteis em hormônios, farras e festas, além de serem menos politizadas.

Os tempos atuais trouxeram à tona posturas que acabaram por provocar certo distanciamento entre algumas, na maioria das vezes ignorado, a depender do evento ou da ocasião.

Mas, aí, a convivência é, por exemplo, em festa, quando a gente encontra: “ah, vai lá em casa!”. Aí, acaba que vai mesmo. Bovary, Jane Eyre, Jasmim, Beltrana, Sicrana, esse outro grupo lá de Nova Lima. Eu gosto muito delas, mas é um grupo que não ficou tão próximo... Aí ficaram mais separadas ainda. Mas foram surgindo outras amizades, as que estão ou num grupo ou no outro. (Ártemis, 64 anos)

Ártemis se refere àquelas que compõem os grupos de WhatsApp Polêmica e Vizinhas Forever, que vivem em um condomínio em Nova Lima. Ela própria, embora não seja bolsonarista, é mais próxima do Vila Sésamo-raiz. Ficou evidente certa liderança entre os dois núcleos: Ártemis, abstinência a vida inteira, é referência entre aquelas que compõem o Vila Sésamo-raiz; a festeira Jane Eyre, entre as confreiras – lembrando que elas têm origem no mesmo grupo e são amigas. Jane Eyre sempre gostou de mesa de bar com as amigas, tocava vários instrumentos, cantavam juntas.

Importante registrar que em nenhum momento desta pesquisa buscou-se elencar com precisão quais jovens efetivamente compuseram o Vila Sésamo e compõem a Confraria, embora em vários momentos isto tenha sido possível. Esta foi uma escolha deliberada tendo em vista a presença de uniões entre uma do grupo original e outra sem qualquer relação com ele, além da presença de outras que, de alguma forma, conhecem e se relacionam com o grupo original há muito tempo.

Nas palavras de Ártemis: “O Vila somos todas nós”. Mas o grupo mudou, e ela diz já ter desabafado entre elas: “Eu não conheço mais vocês [...] e eu fico triste quando eu tenho que falar isso”, em uma menção clara à postura político-ideológica de algumas amigas do Vila Sésamo-raiz. Algumas questões acabaram dificultando a convivência mais próxima, algumas

dissidentes criaram o Polêmica. Há quem se ressinta que o nome Vila Sésamo tenha ficado com aquelas que “vestem a farda” e “batam continência” para o atual presidente e apoiem um governo fascista.

Chance há de que a cisão tenha dado os primeiros sinais durante o processo de *impeachment* da presidenta Dilma em 2016 e tenha se intensificado no processo eleitoral de 2018, que culminou com a eleição de um governo de extrema-direita, responsável por inúmeras perdas para o Brasil tanto no cenário internacional quanto internamente, nas mais diversas áreas, para ser sucinta.

Em que pesem mudanças de distintas ordens, elas seguem se encontrando, ainda que algumas mais esporadicamente do que outras. Várias fundadoras do Vila Sésamo se mantêm fortemente unidas e congregadas na Confraria, estas parecem mais sociáveis, com posturas progressistas e mais dispostas aos encontros, conforme se pode constatar pelos eventos e atividades que ainda promovem e que são analisadas no Capítulo 5 – Aqui se planta, aqui se colhe: nas teias dos afetos e da solidariedade.

Independentemente de serem ou não do Vila Sésamo, todas as mulheres ouvidas neste estudo ocuparam os territórios disponíveis – bares e boates –, que eram poucos na cidade e foram frequentados com maior ou menor intensidade a depender da época. À medida que foram amadurecendo, observa-se uma tendência geral, mais intensa, quando estão em uma relação estável, de fazerem programas em grupos menores do que os que frequentavam na mocidade. Souza e Hutz (2008), em seus estudos sobre amizades entre adultos, apontam a tendência de redução das amizades com o avanço da idade, sugerindo maior seletividade nas escolhas de amigos em função da maturidade.

O conjunto das entrevistas indica que aquelas que se mantiveram mais coesas conseguiram contornar relativamente bem os preconceitos, principalmente as que se aglutinaram em territórios comuns e neles puderam ostentar as identidades que traziam cravadas em seus corpos e fluíam de suas ações. A convivência mais amiúde foi consolidando relacionamentos em bases solidárias. Constatamos, da mesma forma que Souza e Duarte (2013, p. 431), “que a qualidade da melhor amizade foi capaz de significativamente prever felicidade, e que o companheirismo foi a característica mais responsável por esse resultado”.

Ainda no que se refere à proximidade e coesão, elas se mostraram mais evidentes entre as jovens do Vila Sésamo que se metamorfosearam em confreiras. Para além da orientação sexual, possuíam afinidades comuns e mais amplas, como é o caso da prática e do acompanhamento de esportes desde jovens. Embora tivessem e tenham seus times de preferência, não há

rixas entre elas. O esporte se abre como um grande guarda-chuva que as abriga e acompanha, parcela bastante expressiva das mulheres deste grupo, que estavam à época da realização das entrevistas entre 60 e 70 anos de idade.

Dentre as mais velhas, na faixa etária 70+ e 80+ – Perséfone, Hera, Atena, Gerânio e Tia Violeta –, a heterogeneidade é maior, mas as relações de amizade foram também destacadas, inclusive com as ex-namoradas – “ex-casos”. À medida que envelheceram, foram se diluindo os vínculos, a questão da orientação sexual foi perdendo relevo, passaram a se ver pouco e algumas partiram... Há tanto quem disse ter descartado completamente a possibilidade de um novo relacionamento, quanto as que ainda o desejam.

No capítulo a seguir, apresento, ainda a partir dos territórios, inclusive familiares, como forjaram suas identidades e quais foram os caminhos percorridos.

4. NO GUETO: IDENTIDADES E CUMPLICIDADE

Neste capítulo, apresento os territórios disponíveis para o público homossexual entre os anos 1970 e 2000, na cidade de Belo Horizonte. Foi a partir deles que as mulheres entrevistadas estabeleceram contatos com outras lésbicas e forjaram suas identidades. Discorro sobre a reação que tiveram no primeiro contato com um ambiente para homossexuais, trazendo à cena também outros espaços que se constituíram em guetos mais privados e exclusivos.

O conceito de gueto com o qual trabalhamos tem sua origem na Escola de Chicago, a partir do clássico livro “The Ghetto” de Louis Wirth (1928, p. 6), na obra o autor amplia a noção do gueto judeu a outros guetos. Ainda, os estudos de Wacquant (2001, 2004), para quem o gueto abarcaria quatro elementos constitutivos: o limite, o confinamento espacial, o encapsulamento institucional e o estigma, sendo este último característica central para ambos os autores. Wacquant chama a atenção para a ausência de consenso quanto ao conceito de gueto nas ciências sociais e para o seu recorrente uso como no senso comum, o que “explica o fato de o conceito, que parece óbvio, não aparecer em grande parte dos dicionários de Ciências Sociais, (2004, 155).

Quanto aos conceitos de território e identidade, bem como o de gueto, são polissêmicos e vêm sendo aplicados de maneiras distintas em diferentes campos do conhecimento. Cientes

da impossibilidade de um conceito unificador para os três termos, neste estudo são considerados em sentido amplo e em consonância com o objeto em estudo.

É possível considerar um território a partir das interações humanas que se dão em um determinado espaço físico, mas também, como afirmam Guattari e Rolnik (1996), enquanto território existencial, relativo tanto a um espaço vivido quanto a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente ‘em casa’. Nesse sentido, o território seria sinônimo de apropriação e de subjetivação, um conjunto de representações nas quais desemboca uma série de comportamentos e investimentos que podem ser sociais, culturais, estéticos e cognitivos, abarcando dimensões imateriais e simbólicas.

Pensar o espaço geográfico desde a perspectiva de grupos sociais cujas identidades sexuais são alvo de discriminação implica ultrapassar a ideia de um espaço fixo, material ou passível de ser compreendido por uma perspectiva sincrônica em que partes e todo apresentam uma coerência. Pelo contrário, a existência homossexual em uma sociedade homofóbica implica reconhecer um espaço que é simultaneamente um elemento de negação e possibilidade de existência de sexualidades não heteronormativas. A existência das dissidências sexuais à norma heterossexual se dá por fissuras, brechas que são construídas por estratégias e ações de resistência (LENZI; SILVA, 2018, p. 118).

Sobre os territórios pelos quais transitaram as homossexualidades femininas, no período delimitado para esta pesquisa, pouco se sabe. Historicamente, o espaço público sempre foi território destinado aos homens, e o privado às mulheres. Com relação aos homossexuais, homens e mulheres usaram os espaços, sejam eles públicos ou privados, de maneira distinta. É sabido, por exemplo, que territórios de “pegação” se relacionam muito mais com um universo socialmente construído para os homens.

Teixeira (2003), em sua dissertação *Territórios homoeróticos em Belo Horizonte*: um estudo sobre as interações sociais nos espaços urbanos, constatou que as interações nos lugares de pegação tiveram como desdobramentos a criação de marcas e vínculos necessários ao processo de construção das identidades dos entrevistados. Ele afirma “não ter encontrado registros, por meio da pesquisa bibliográfica e da pesquisa de campo, sobre a existência de espaços específicos, na cidade de Belo Horizonte, que propiciassem encontros fortuitos entre mulheres, nos mesmos parâmetros que os masculinos” (TEIXEIRA, 2003, p. 13).

A pesquisa de Teixeira (2003) sinaliza tanto potencialidades no campo das identidades quanto ausência de registros no campo das homossexualidades femininas. Ainda que pesem diferenças entre homens e mulheres cujas sexualidades sejam dissidentes, no campo das feminilidades pouco foi pesquisado e registrado.

Dentro do pouco conhecido, sabe-se que a cena lésbica noturna de Belo Horizonte foi capitaneada pela trindade Hela, Hera e Atena, as pioneiras que abriram os primeiros bares e boates na cidade, voltados para lésbicas, por volta do final dos anos 1960, início de 1970. Entre os disponíveis a essa geração de mulheres, analisamos as interações que se deram a partir dos territórios que figuram nos repertórios de casos e lembranças das entrevistadas.

Embora Belo Horizonte seja conhecida como a capital dos bares, para lésbicas eles foram poucos no período em tela e havia o risco de exposição que muitas preferiam evitar diante dos transtornos e constrangimentos que poderiam acarretar.

Assim sendo, em paralelo à frequência aos bares e boates disponíveis, elas construíram outros territórios, espaços privados, zonas livres para suas vivências homoeróticas. O território, conforme já sinalizado, adquire neste trabalho uma perspectiva ampla, é entendido também como espaço afetivo e tem o fito de captar a importância do que neles foi vivido sobre as vidas que retratamos, extrapolando a noção de gueto como regiões urbanas onde se concentram minorias sociais para abarcar uma territorialidade que é, antes de tudo, simbólica. Nesse sentido, o corpo é também entendido como um território de existência, pois é na carne contida nele que a vivência de uma identidade se torna possível. Corpo que é território ocupado, generificado, racializado, sexualizado. É também nos corpos que, por vezes, ficam marcas e cicatrizes do que foi sofrido por cada uma. Stubs, Teixeira-Filho e Lessa (2018) chamam a nossa atenção para as “formas e modos possíveis de relações ético-políticas que podemos estabelecer com nossos corpos”:

Para além das designações discursivas hetero-euro-andro centradas, podemos também nos relacionar com eles como fontes de resistências ao poder, às desigualdades, valorizando mais as inorganicidades, as aformidades, as sensações, as experiências, do que as representações capitalísticas territorializantes que capturam e encerram nossos corpos em carapuças identitárias (STUBS; TEIXEIRA-FILHO; LESSA, 2018, p. 2).

Se as identidades são fluidas, as massas densas dos corpos as acolhem. Quanto aos territórios físicos, embora constem alguns endereços, as boates e os bares são apresentados sem qualquer pretensão de se constituir em um levantamento preciso do período em que funcionaram¹⁸. Os territórios são aqui entendidos, também, como cenários que emolduram o retrato do que foi vivenciado na cidade de Belo Horizonte por mulheres marginais, na melhor expressão que o termo possa ter, e muitas vezes invisíveis. Eles se constituíram em locais nos quais se

¹⁸ A maioria dos bares e boates destinados ao público homossexual já foi mapeada pelo pesquisador Luiz Morando, que pesquisa sobre a memória das identidades e das formas de sociabilidade das pessoas dissidentes de sexo e gênero na cidade de Belo Horizonte no período entre 1946 e 1989.

amalgamaram modos de ser e agir, mediados pelas relações que possibilitaram condutas relativamente livres dos modelos socioculturais preestabelecidos. Em tais ambientes construíram relações investidas de afetos e representações a partir de sonhos, desejos, referências e preferências comuns. Há que se considerar o regime ditatorial vigente entre 1964 e 1985, no Brasil, e que as mulheres entrevistadas nasceram entre 1933 e 1960, de forma que todas viveram vinte e um anos de suas vidas ativas em período de intensas restrições de liberdades. Em tal contexto, os territórios são fundamentais, pois neles pessoas marginalizadas podem encontrar algum apoio entre iguais. No caso específico de homossexuais, eles ocupam um lugar central no processo de socialização por permitirem a ostentação de uma identidade social divergente do modelo binário de gênero. Afinal, a família, a escola e o ambiente de trabalho, principalmente para a geração em foco, eram ambientes pouco acolhedores e por vezes um tanto hostis às sexualidades dissidentes.

Lolita, ao refletir sobre os impactos do período ditatorial, afirma que não se tratava apenas de “uma censura política, era de hábitos também, de locais. Você não podia se expressar. Os homossexuais tinham que se esconder”. Bovy nos conta que as batidas policiais eram em busca de pessoas “menor de idade”. A maioria das entrevistadas endossa a percepção do que viveu na capital das Minas Gerais e acrescenta a busca por drogas e usuários delas.

No que tange às identidades, tema clássico e não consensual nas Ciências Sociais e outros campos do conhecimento, é preciso considerar as origens multissituadas que abarcam o termo e os elementos comuns à sua construção na geração de mulheres que vivia entre o armário e o gueto, carregavam em seus corpos e manifestavam em seus grupos comportamentos e aspectos comuns, sem que isto as homogeneizasse. Para Navarro-Swain (2004, p. 91), a lesbianidade não pode constituir uma identidade: “reivindicar uma identidade lesbiana seria fazer parte de um contra-imaginário domesticado, e encontrar uma coerência identitária seria tão ilusório quanto uma coerência de gênero”. Em que pese a forte tendência social de confinar sujeitos em identidades e papéis preestabelecidos, neste estudo considero as críticas referentes às noções estanques de identidade e acolho os traços identitários comuns a elas no período de maior proximidade e convivência nos guetos, locais nos quais se sentiam seguras para vivenciá-las e exibi-las, embora o gueto ofereça proteção, ele é também espaço de exclusão social.

As identidades são pensadas e problematizadas nesta tese a partir de diálogos estabelecidos com Hall (2006), Johnson (1999), Heilborn (1996), Bauman (2005), Eagleton (2005), Giddens (2002), Butler (2007), Preciado (2019a). Consideramos também, em nossas análises, o peso do estigma que sobre elas incidia (GOFFMAN, 1988; BECKER, 2008). O objetivo é

saber como construíram suas identidades, quais os caminhos percorridos e os territórios pelos quais transitaram as lésbicas em tempos pretéritos. Discorro, ainda, sobre elementos importantes para a construção e a vivência de identidades desviantes atreladas ao estigma delas decorrente. Considero que “as concepções de espaço estão imbricadas com a visibilidade ou invisibilidade lésbica. Não há como separar o espaço das constituições identitárias, havendo uma interdependência entre ambos” (LENZI; SILVA, 2018, p. 119).

Ao longo dos capítulos, privilegio trechos extraídos das entrevistas. Ao transcrever o que foi dito e como foi dito nas palavras delas, ofereço aos/às leitores/as a possibilidade de se aproximarem de um contato mais direto com as entrevistadas. As informações apresentadas foram analisadas buscando o equilíbrio entre as percepções trazidas pelos três universos de mulheres: aquelas com nomes de personagens da literatura mundial; as deusas da mitologia e as flores.

Começo por apresentar o que estamos nomeando “territórios”, os sentimentos e as vivências que neles foram possíveis exprimir para se identificarem como lésbicas e vivenciarem suas relações homoafetivas.

4.1 Territórios: “onde os amigos se encontram e todos se entendem”

De cara me apaixonei pelo ambiente [boate Chez Eux]. A luz negra sobre a espessa fumaça dos muitos cigarros acesos – era moda e bem masculino, dava ao ambiente uma sensação de outro mundo, onde podíamos ser quem éramos sem máscaras, sem medos. Fiquei maravilhada com a sensação de poder existir e saber que havia existências iguais à minha. Era novo, maravilhoso e assustador. (Rosa, 61 anos)

Esta é uma seção no qual me empenhei em descrever a modesta cena lésbica belo-horizontina. Privilegio, então, a apresentação dos espaços e o que foi vivenciado pelas mulheres que neles transitaram.

Para dizer dos territórios, lanço mão do slogan “onde os amigos se encontram e todos se entendem”, usado como convite para a comemoração do terceiro aniversário da boate Chez Eux, acontecido em 11 de agosto de 1978¹⁹. Utilizo também um pequeno trecho do depoimento

¹⁹ Publicação feita no jornal *Diário da Tarde* de 7 de agosto de 1978, localizada pelo pesquisador Luiz Morando, a quem agradeço pelo compartilhamento, constava na coluna Bares, boates e restaurantes. Na mesma nota, o slogan: “onde os amigos se encontram e todos se entendem”. Não foi possível identificar o/a seu/sua criador/a.

recebido de Rosa, descrevendo quando esteve pela primeira vez na referida boate de propriedade de Hela. Figura importante na cena lésbica belo-horizontina, Hela foi também proprietária do Refúgio da Seresta, bar que funcionou na rua Inconfidentes, 974. Depois, abriu o Cosa Nossa (ou Coisa Nossa, como referido por algumas), na rua Campos Sales. Na sequência, Hela abriu a boate Chez Eux (1975-1983) na rua Alagoas, 1.429, a boate Brilhante - Av. Nossa Senhora do Carmo. Por fim, fechou a boate e abriu o bar Cantinho do Céu, que teria sido o seu último, na Sergipe, 615, a já citada Rua da Lama.

No início dos anos 1970, antes de abrirem seus próprios bares e boates, Hera e Atena foram convidadas por Hela para trabalharem com ela. No entanto, uma desavença que teve como pivô o consumo, sem registro oficial, de uma garrafa de Campari provocou o rompimento entre as duas primeiras e Hela.

Pouco tempo depois, o casal Hera e Atena abriram o primeiro bar delas, o Toca. Funcionou na primeira metade dos anos 1970 na rua Vereador Geraldo Pereira, no bairro Padre Eustáquio, na região da antiga Vila dos Marmiteiros. Era um misto de bar e lojinha com artigos variados, em um local perigoso. Hera conta que fez amizade com o bandido local, que passou a lhe garantir proteção: “Sei que o cara ficou meu amigo, falou assim abertamente: Ninguém mexe no bar nem com essas meninas, em nada”.

A tão desejada entrevista com essa mulher, ícone entre as entendidas contemporâneas a ela, aconteceu no meu apartamento. Disponibilizei um carro que a buscou e a levou em sua casa, na periferia de Belo Horizonte.

Embora tenha sido uma entrevista difícil de ser concedida, aconteceu em clima de colaboração e entendimento, após reiteradas explicações quanto à importância que os relatos dela teriam. Figura conhecidíssima entre as entendidas entrevistadas, seus bares e boates tiveram um papel fundamental para a homossociabilidade delas. Recebi uma mulher simples e cordial, diferente daquela que aparecia em trajes masculinos à frente de suas casas noturnas. Com apenas três anos de estudos, administrou os negócios com considerável reconhecimento na cena noturna. Sobre ganhos financeiros, contou que ganhara muito dinheiro, mas gastou tudo: “hoje em dia eu não tenho nada, [...] eu tive dinheiro que parava o sábado assim... eu chegava em casa, eu tinha cama de casal, aí eu punha o dinheiro todo, enchendo a cama de dinheiro”.

Hera se apresentou para a entrevista de unhas feitas, sandália rasteirinha adornada de *strass*, calça com detalhes esgarçados na perna e uma blusa de malha floral. As “roupas sociais”,

As datas com o período de funcionamento dos bares e boates foram também levantadas por ele, algumas confirmadas nas entrevistas.

blazer, terno ou smoking, ficaram no passado e em algumas fotos cujas imagens esmaeciam... Ela encarna a fluidez que as identidades podem assumir, “não têm a solidez de uma rocha, não são garantidas para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis” (BAUMAN, 2005, p. 17). Podem mudar também em função das decisões que se toma, do tipo de mulher que se deseja atrair, dos caminhos e ambientes que frequentam, das tribos que desejam participar. Mulher detentora de uma história singular e conturbada, ao se envolver com uma mulher abandonou o marido com quem teve duas filhas e dois filhos, dois deles frutos das idas e vindas no casamento. Uma das filhas rompeu relações desde que a mãe “entrou para essa vida”.

Hera disse não se recordar de datas para situar seus estabelecimentos comerciais, mas trouxe relatos de todos que atenderam ao público homossexual. Mais no final de sua carreira, teve pequenos bares que não foram elencados por atenderem a público bastante diversificado.

Tendo fechado o Toca, Hera abriu, com a ajuda de várias amigas, o bar Marrom Glacê. A casa funcionou na rua Piumhi, 190 entre o final dos anos 1970 e início dos anos 1980. Nesse espaço, morou junto com algumas das amigas que a ajudaram a montar o estabelecimento. Hera nos conta que não tinha recursos para alugar a casa, mas uma amiga se prontificou para ser fiadora:

[...] ficou aquele zum-zum-zum... Resumo, peguei o Marrom Glacê, uma casa lá na rua Piumhi, com a ajuda das meninas todas [...]. O quarto grande aqui era meu, na frente assim era uma sinucona. Pra cá era um espaço assim que o pessoal dançava, certo? Tinha uma varanda, as mesas, a “Flor de Seda” levou o som dela e pôs lá. Era tudo assim, cada um fazia um negócio. Eu sei que morou comigo doze casais naquela casa, morando! Porque tinha quartos em baixo e todo mundo morava comigo. Começou todo mundo me ajudando, todo mundo morando ali comigo. Eu não pagava ninguém pra nada, pra som, nada, ficou tipo duma república. (Hera, 85 anos)

Caubi nos conta que o lugar não tinha organização nenhuma, mas tinha eventos e que naquele tempo viviam “tipo eu era feliz e sabia”, que ela e as amigas iam lá “por causa dos eventos e para tomar cerveja”.

Gerânio e Perséfone saíam juntas. A primeira disse que “era muito correta. Mesmo assim brigavam comigo, achando que eu tinha outras”; já Perséfone conta que “eu tive muita coisa no meio do caminho”. As duas disseram que o “Marrom Glacê era muito sem graça. Bom era na boate da Hela, lá ficávamos bem apertadinho”.

Ampliando e se profissionalizando no ramo, Hera fechou o Marrom Glacê e abriu a boate Plumas e Paetês – a PP, como ficou conhecida. Inaugurada na avenida Bernardo Monteiro,

1.519, funcionou de 1981 a 1984, atrás do Departamento de Ordem Política e Social (Dops)²⁰. Da boate Plumas e Paetês a maioria trouxe relatos, pois havia uma preferência por boates. Gerânio informa que “nas boates era muito melhor. Era mais escondido, tinha música, a gente já conhecia, era melhor. Tinha mais gente do meio”, referindo-se às entendidas.

Quando a gente chegava, todo mundo sabia. Tiravam algumas pessoas da mesa. Pediam licença às pessoas mais pobres pra gente poder sentar. A gente sempre tinha uma mesa boa pra gente. Os proprietários tratavam a gente muito bem. Eu só bebo cerveja, mas a Gerânio bebe uísque, a minha ex bebe uísque. A gente dava gorjeta boa. A gente tinha boas condições financeiras. Andávamos bem vestidas, com roupas de grife. E isso fazia um olhar diferente pra gente. (Perséfone, 83 anos)

No tempo em que a boate funcionou atrás do Dops, foi possível detectar uma deletéria prática, lamentavelmente bastante comum no Brasil:

Eu comecei a fazer amizade com o pessoal do Dops, mas não era tanta vantagem porque toda festa que tinha lá, tudo que tinha lá eu patrocinava. Era caixa de cerveja pra lá, e eu ia também pra lá e eu patrocinava lá... eu fiquei amigo de todos lá. (Hera, 85)

Aqui há que se relativizar o sentido que a palavra amizade adquire no discurso de Hera e as relações implicadas no contexto. Corroborando o que ela relata, Magnólia, filha de um delegado do Dops à época, disse que “uma menina me contou que, quando meu pai dava batida, falava para a Atena e Hera: ‘Se vier alguém dar batida aqui, você me liga na hora’. Meu pai dava cobertura pra elas”. Contou ainda que ao chegar em um dos estabelecimentos de Hera, disse de quem era filha: “Nossa! Essa mulher só faltou carregar água na peneira pra mim. Então, em qualquer lugar que eu vou, ela me trata muito bem”.

Deméter, que foi garçoneiro na boate Plumas e Paetês, relata que “a dona da boate tinha de estar sempre agradando os policiais” para que não houvesse interferência e ela pudesse exercer a atividade dela sem problema. “Porque, em plena ditadura militar, você ter uma casa voltada para esse público foi um desafio muito grande para essa senhora. E até mesmo pra gente, que era bem jovem à época e abriu mão de algumas coisas para poder estar trabalhando nessas casas”.

Magnólia conta que os policiais queriam dinheiro e iam aos estabelecimentos para chantagear e extorquir: “chegavam e falavam: ‘A gente vai fazer batida e a gente vai fechar se você

²⁰ O Dops foi um órgão policial do governo brasileiro criado em 1924 e utilizado principalmente durante o Estado Novo (1937-1945) e a Ditadura Militar (1964-1985). Na ditadura, foi largamente empregado, sobretudo, contra organizações, políticos e militantes de tendência socialista ou comunista. Dentre as suas práticas, eram comuns torturas, prisões ilegais e execuções.

não der dinheiro pra gente’. E tinha que dar. Por isso que meu pai falou com Hera, ‘qualquer coisa, você me chama’”. E acrescenta: “inclusive já deram lote lá em Mato Grosso, um monte de coisa pra gente, e meu pai não quis nada”. A frase explicita a prática corriqueira.

A vigiada liberdade teve seus custos. De acordo com Quinalha (2017, p. 179), “não bastava fugir dos policiais, era também preciso, na maior parte das vezes, pagar-lhes subornos e propinas”. A prática da extorsão das vítimas e de suborno das autoridades era normalizada e difundida quando o assunto eram “infrações” que transitavam entre o questionável “ilícito” e o suposto “imoral”.

Atena, que à época mantinha um relacionamento afetivo e era sócia de Hera, relatou que

Quando tinha a boate Plumas e Paetês, na avenida Bernardo Monteiro, o Delegado Dr. “Shazan” mandava fazer as batidas policiais. Depois nós o conhecemos pessoalmente, ficamos amigos. Passaram a gostar do tratamento nosso, viram que a gente era educada. Depois, chegavam não para dar batida, chegavam como clientes, mas a gente tinha que colocar garrafa de uísque na mesa, gelo...

Acabaram se mudando e distanciando-se do vizinho Dops. Na mesma ocasião terminaram o relacionamento e a sociedade, que duraram doze anos. Com o fim do relacionamento afetivo e comercial, Atena abriu seu primeiro bar sozinha – Em Cima da Hora – conhecido como Bar da Atena, que funcionou Sergipe, 615, no quarteirão que ela nomeou Rua da Lama. Hera seguiu com a boate Plumas e Paetês, que passou a funcionar na avenida Brasil, 1.666, onde permaneceu de 1984 a 1989. Então, mudou-se novamente com a PP para a avenida Augusto de Lima, 1.263, lá permanecendo entre 1989 e 1991 seu último endereço. Nesse ínterim, teve uma breve sociedade em um bar na conhecida Rua da Lama, que abrigou vários estabelecimentos destinados ao público homossexual à época.

Distanciando-se gradativamente do público homossexual e se deslocando para a periferia da cidade, Hera abriu já bem no final dos anos 1990 o Many’s Clun, na avenida Abílio Machado, 1.036, depois o Rippas Disco Club, na avenida Abílio Machado, 1.252 no bairro Alípio de Melo. Atendia a um público bem menor do que aquele dos áureos tempos. Tendo fechado o Rippas, foi abrindo alguns outros pequenos bares. O Bequinho foi o seu último, no bairro Glória, já sem qualquer vinculação com o público homossexual. Era um espaço pequeno, como o próprio nome indica.

Para a entrevista, Hera levou algumas fotos e “placas de agradecimento” que recebeu ao longo da carreira, permitindo que tudo fosse fotografado. Quando perguntada se estava em algum relacionamento amoroso, respondeu enfaticamente que “graças a Deus, não”, que não

tinha mais nenhum interesse, que havia se distanciado das entendidas, mas era amiga de muitas, embora não as encontrasse mais.

À medida que as entrevistas foram dando corpo à tese, foi ficando evidente a importância da convivência para a manutenção dos vínculos de amizade que se constituíram em verdadeira rede de apoio para as entrevistadas, como mais adiante será explorado.

Embora Hera tenha autorizado explicitamente o uso do seu nome verdadeiro na tese, aparece como sendo uma mitológica deusa grega, exceto quando figura em citação de outras publicações.

Ainda com referência à importância dos territórios para dissidentes do sistema sexo-gênero, o texto de Rosa, com um excerto utilizado na epígrafe deste capítulo, diz muito sobre estar pela primeira vez em um ambiente para homossexuais: saber que existiam outras pessoas como ela foi maravilhoso, mas também assustador. “Não há como separar o espaço das constituições identitárias, havendo uma interdependência entre ambos”, conforme asseveram Lenzi e Silva (2018, p. 119).

Na amostra pesquisada foram unânimes quanto à sensação de liberdade que o ambiente lhes proporcionou, e que a poeta Cecília Meireles (1965, p.70) imortalizou: “Liberdade – essa palavra que o sonho humano alimenta: que não há ninguém que explique, e ninguém que não entenda!” Liberdade que para elas se restringia a poucos territórios e a selecionadas pessoas.

Na mesma direção, Deméter diz: “Ahhhh, Nossa Senhora! Fiquei deslumbrada, realmente, porque via que as pessoas estavam lá sem ser recriminadas, que podiam se abraçar, beijar, demonstrar o seu afeto, sem ter ninguém que controlasse”.

Perséfone “não sabia nem que havia um ambiente assim”, que “pra entrar era uma dificuldade, aquele medo de as pessoas verem”, ela “ficava do outro lado da rua calculando o momento para entrar”. O primeiro ambiente “assim” que ela conheceu foi o bar Assírio, ainda na década de 1960. Ele apareceu tenuemente nas memórias de duas entrevistadas, ambas acima dos 80 anos. Reproduzo abaixo relato dado pelo pesquisador Luiz Morando, quando trocávamos impressões sobre o Assírio para registrar a existência desse território longínquo e esmaecido nas memórias de Perséfone e Hera:

O Assírio não era um bar exclusivamente do público LGBT, mas principalmente à noite, depois de certo horário, tinha uma frequência maior, até onde eu sabia, de gays. Eu desconfiava, com muita certeza, que lésbicas iam por causa das donas, inclusive essa história bacana de a Sâmia ser casada com um sírio, um homem... Perséfone se refere a turcos, mas eles eram libaneses. A Sâmia ser casada com o Karin, e o restaurante foi anunciado em jornais com essa espécie de convite: “Karin e Sâmia convidam para a inauguração do Restaurante Assírio...”. Isso foi muito batido (eu acho isso extraordinário) nos primeiros meses antes da inauguração, em dezembro, por volta do

dia 15 de dezembro de 1960 (eu tenho essas coisas anotadas, de jornal). E até por volta de março/abril de 1961, o Karin estava no meio das notinhas que saíam sobre o Assírio, nas colunas sociais. Depois o Karin desaparece. Aí começam a falar da Linda, que é a sócia da Sâmia. Nunca se referem como uma relação lésbica ou matrimonial ou de companheirismo ou de amizade. É sempre de sociedade. E aí tem um momento em que tem umas notinhas em que noticiam o desejo de transformar o bar/restaurante em uma boate, mas isso não chega a acontecer. Havia uma frequência de uma classe média, média/alta. A gente não deve esquecer que no comecinho dos anos 1960, aquela área, onde estava a Secretaria de Agricultura, a Feira Permanente de Amostras, que ainda estava lá, ela foi demolida em 1965, me parece. Aquela área ainda era uma área nobre. Havia uma grande circulação de malandros, vadios, mas também havia uma circulação de um público ainda meio classe média, média/alta e uma certa elite. A elite um pouco menos, com certeza. O Assírio era frequentado por uma certa classe média/alta até um determinado horário da noite e, depois desse horário, a população L e G chegava lá. E houve duas ocasiões em que a polícia compareceu ao Assírio: em uma delas, o motivo foi um assédio sofrido pela Linda por um dos clientes do bar. O sujeito foi insistente e se portou de maneira inconveniente, levando alguns rapazes a tomarem a defesa da dona do bar. Isso desencadeou uma briga e a polícia foi chamada.

Além de o relato acima contextualizar o bar e trazer alguma moldura para a cidade de Belo Horizonte nos anos 1960, ele se soma aos relatos referentes aos envolvimento com mulheres casadas com homens.

Bovary, Caubi, Margarida, Magnólia, Gerânio, Afrodite e Perséfone também tiveram seus casos com mulheres casadas. Perséfone nos conta que “era comum e acontecia muito”, que havia pessoas que tinham marido com muito dinheiro. Relembrou casos de políticos e empresários cujas esposas aproveitavam as viagens dos maridos, “a gente ia pra lá quando ele não ia [...] ela avisava e a gente ia pra lá e aí era aquela farra, casa na Pampulha com piscina, com todo o conforto. Muitas de nós, da minha idade, já foram”. Relembra ainda que “a que tirou Hera de casa era amiga do marido”. Perséfone e Gerânio são amigas desde jovens e frequentavam juntas as festas de família, mesmo na casa das mulheres casadas. Gerânio conta que “a gente procedia muito bem, quietinha...”. Em tom de cumplicidade, ambas complementam que os maridos não sabiam, eram amigos. Gerânio relata, em tom de confidência, que quando as mulheres ficavam sabendo da sua homossexualidade, “ficavam doidas para experimentar, aí apareciam lá onde a gente estava. Eu tive relacionamento com mulher casada, os maridos normalmente estavam viajando e nós vínhamos pra minha casa. Era fácil. Às vezes eu dava em cima, mesmo sem saber. Se colar, colou.”

A Rua da Lama, território conhecido de todas e frequentado por algumas, abrigou vários bares voltados ao público homossexual, até as pioneiras no segmento – Hela, Hera e Atena – marcaram presença nela. O território figura de formas muito distintas entre as memórias compartilhadas e demanda um exercício constante de outros modos de olhar para que possamos enxergar distintos sentidos atribuídos aos mesmos espaços.

Para Margarida, a “Rua da Lama era pocilga, a pocilga da vida, nunca prestou pra mim, eu passava de carro ou de motocicleta pra olhar a decadência [...] eu olhava a decadência, [...] onde que essas pessoas acham que elas vão parar? Eu olhava com soberba mesmo”. Já na perspectiva de Rosa:

A Rua da Lama foi um episódio à parte. Frequentei bastante aqueles bares, principalmente no *happy hour*. Era gostoso, as mesas ao ar livre; os seres eram os humanos; não tinha aquele cheiro impregnado de sodomia – bebida, cigarro e sexo; se haviam, eram poucos os olhares de ‘vou te dar o bote’... Foi um período gostoso, mas que, como todos os outros espaços, passou. Não sei o porquê, não sei quando, simplesmente passou. [...] É como se o grupo só se interessasse pelo novo. (Rosa, 61)

Entre a perspectiva de Margarida e Rosa sobre a Rua da Lama a distância é grande. Chama a atenção que à época, embora ambas tivessem boas colocações profissionais, Rosa, naqueles tempos gozava de certo status e ocupava um cargo de chefia bem remunerado, seus capitais familiares eram muito distintos e as modelavam.

Os habitantes da cidade deslocam-se e situam-se no espaço urbano. Nesse espaço comum, cotidianamente trilhado, vão sendo construídas coletivamente as fronteiras simbólicas que separam, aproximam, nivelam, hierarquizam ou, em uma palavra, ordenam as categorias e os grupos sociais em suas mútuas relações (ARANTES, 1994, p. 19).

Ártemis, ao se referir à Rua da Lama, amplia a percepção para outros espaços: “a gente chamava de baixaria, [...] inclusive o bar da Atena, as boates da Hera, os bares da rua Sergipe, a Rua da Lama”. Deméter sintetiza: “o pessoal que frequentava a PP – Plumas e Paetês era considerado o povão”.

Arantes (1994) traz a perspectiva de pensarmos os territórios como constituídos por vários mundos entrelaçados, sobrepostos e entrecruzados, que formam uma complexa estrutura de significados nem sempre coerentes, e muitas vezes antagônicas.

Embora todas as entrevistadas tenham frequentado a referida boate, isso não se dava com assiduidade e nem todas eram “povão”. No entanto, a percepção de Deméter é compartilhada pela maioria das entrevistadas, que se referem a alguns territórios como sendo de frequência bem “popular”. Talvez resida nessa particularidade a longa existência da boate, algo incomum na noite belo-horizontina: a PP resistiu por cerca de 10 anos, provavelmente sustentada pelas classes mais populares que a frequentavam de forma mais assídua. Dentre tais espaços, dois se destacaram como sendo os primeiros que elas conheceram. O bar Stage Door (1968) e a boate Chez Eux, na Savassi, área da cidade que, de acordo com algumas entrevistadas,

àquela época ainda não gozava do *glamour* que foi adquirindo ao longo do tempo. Além da descrição da boate, oferecida por Rosa na epígrafe deste capítulo, Jane Eyre nos dá uma dimensão da proteção que um gueto de portas fechadas poderia oferecer:

Era uma sensação muito boa de estar num espaço teoricamente público, né[?] – e era público, com uma certa reserva –, em que você poderia ter um comportamento como qualquer pessoa, de namorar, de dançar, de tocar na pessoa, de abraçar, de beijar a sua namorada, o seu *affaire* ou o que fosse. Então, essa sensação sempre foi muito gostosa, uma sensação mesmo de pertencimento – eu estou num grupo que existe e que pode exercitar aquilo que tem vontade, num espaço público. Mas isso era mais na boate, que a gente se sentia mais à vontade. O bar sempre dava aquele pequeno temor – quem vai entrar ali e vai me ver aqui, num lugar assim?! Na boate, a gente já se sentia mais segura, vamos dizer, de estar ali e poder ficar à vontade. [...] Eu me lembro, assim, das primeiras boates que eu frequentei, acho que foi a Chez Eux, acho que foi. (Jane Eyre, 65 anos)

Nos bares se sentiam vulneráveis, ainda que naqueles tempos não se tocassem, demonstrassem afeto ou se beijassem em público; para isso, iam às boates, mas mesmo nelas havia riscos de encontrarem uma pessoa conhecida. Alguns encontros embaraçosos foram relatados. Ártemis relata que todos os bares e boates tinham como característica comum uma escada para subir ou uma escada para descer, como se as escadas fossem um tipo de passagem para um lugar reservado e proibido. Segundo ela, nessas escadas acontecia de tudo.

Jane Eyre, que nunca foi de briga, apresenta episódio vivido na escada da Chez Eux que ilustra uns tantos outros que foram relatados. Brigas eram comuns e frequentes. Segundo ela, “tinha, tinha muita briga”:

eu estava próxima da escada cheguei para pedir uma bebida e tinha um casal de lésbicas abraçadas [...] a que estava de frente para mim começou a brincar comigo. Sem a outra ver e tal [...] eu sei que, de repente, a que estava de costa virou para mim me agarrou por aqui assim e foi me empurrando, e queria me jogar na escada, e foi me agarrando... Aí alguém me socorreu. (Jane Eyre, 65 anos)

Gerânio conta que tinha briga “demais da conta! O pau comia”. Quem não brigou, presenciou ou teve uma amiga próxima na briga, foi exceção. Os guetos eram poucos e as caras “sempre velhas, não por estarem envelhecidas, mas por serem as mesmas” (Rosa). Rosa e Jane Eyre tiveram trajetórias muito diferentes: a primeira, embora fosse pequena e *mignon*, foi responsável por uma briga na boate Plumas e Paetês, ainda na avenida Brasil, que se espalhou pela rua e deixou lembranças. Ela sempre foi uma pessoa mais sozinha. Embora se conhecessem de vista, em comum entre elas só mesmo os bares e as boates. Ainda assim com frequências bastante distintas. Jane Eyre construiu vasto círculo de amigas lésbicas, como nos conta:

O ponto de acesso foi o esporte. Agora, a partir dali você começa a descobrir bares, a fazer coisas em comum, a fazer reuniões na casa de alguém, a fazer aquela história de alugar um sítio e passar o fim de semana com um grupo grande, festas fechadas e tudo mais. Bares e boates, na época era assim, tinha uns dois ou três, e todo mundo ia naqueles ali, que era o que tinha, né[?]. (Jane Eyre, 65 anos)

Belo Horizonte, embora seja a sexta capital brasileira mais populosa, segundo dados de 2020 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), é uma cidade que guarda aspectos um tanto provincianos. Quando se faz parte de um grupo com “bandeiras” comuns, as pessoas acabam se conhecendo, diferentemente do Rio de Janeiro e São Paulo, por exemplo, mais arejadas. Inclusive, devido ao número maior de atrativos e intercâmbios turísticos que essas cidades dispõem, pode-se pensar em algum anonimato possível. Em Belo Horizonte, os guetos eram comuns, poucos e próximos.

Quando a gente está falando de um grupo lésbico, todo mundo é amigo de todo mundo; todo mundo conhece todo mundo; todo mundo transa com todo mundo, o negócio vira uma mistura ali num certo momento, então acontece muito esse troca-troca. Acontecia, né[?]. Muito troca-troca, muito traição, muito ti-ti-ti, isso era frequente, e muita porrada, né[?]. O pau quebrava também, as traídas ficavam furiosas. Batiam umas nas outras, às vezes a mulher batia na namorada, já presenciei nega sentando porrada, quebrando os óculos na cara da outra, tinha de tudo. Mas esses eram os momentos de maior tensão. (Jane Eyre, 65 anos)

Hera conta que as travestis brigavam mais que as “sapatões” e assume a parte que lhe cabe: “eu era uma que brigava muito [...] eu tive brigas horríveis”. Ao ser questionada pelos motivos que as provocavam, disse que “primeiro, por questão de uma olhar pra mulher da outra, teve briga que a boate inteira entrou, quebraram tudo”. Disse ainda que chegou a fechar bar “por causa de muita briga na rua, problema com vizinhança”.

As brigas apareceram de forma intensa em Belo Horizonte. Para MacRae (2018, p. 321), as lésbicas muitas vezes “transformavam-se em caricaturas de homens” cujos “valores geralmente imperantes entre elas eram de um machismo exacerbado, sendo frequentes as brigas violentas entre fanchonas [...] porque uma teria tentado ‘roubar’ a mulher da outra”.

As inúmeras brigas por ciúme, derivadas do sentimento de posse comuns em relações cujo referencial machista impera, eram comuns em seus guetos, mas em ambientes sociais heterossexuais eram lésbicas invisíveis, uma forma de escapar às violências físicas e simbólicas às quais estavam sujeitas.

Bovary, que se reconhece medrosa, disse nunca ter brigado, mas presenciado várias. Para ela, as mulheres não estavam preparadas “pro tanto que estavam bebendo e tinha muito ciúme”. Ártemis também relata que as brigas eram comuns exatamente por este motivo e

complementa: “eu apanhei muito lá”, referindo-se, neste caso, à boate da qual era sócia, “Che – a princesinha de Belô” na rua Alvarenga Peixoto esquina com rua Rio de Janeiro. Magnólia se recorda do seu primeiro relacionamento com uma mulher e nos conta que “não podia conversar com ninguém, ela morria de ciúme e discutia”. Tia Violeta, assim como a grande maioria, faz coro à prática comum entre elas: quando não estavam no centro da briga, estavam ajudando a que brigava ou na plateia, assistindo ou tentando separar.

Margarida, assumidamente a mais brigona dentre as entrevistadas, conta:

eu arrumava muita confusão, Hera sabe, Hela sabe... muita confusão. Nas boates todas que eu frequentava eu arrumava confusão, mexia com mulher dos outros, era só para infernizar. Eu nunca levei porrada porque tinha muita gente atrás de mim para me proteger. Era comum briga, de ficar cercando assim na pista de dança... Aí você já sabia que ia sair confusão. E se saísse confusão com quem você não queria, você entrava. Quando era da sua galerinha e você gostava e tal, você entrava no trem. (Margarida, 70 anos)

Nastasya disse ter presenciado muitas brigas e acha que “ciúme é uma coisa muito séria, mais ainda quando misturado com bebida alcoólica”. Deméter, que muito presenciou durante sua longa trajetória trabalhando como garçoneiro em casas noturnas, diz:

Nossa! Eu já vi briga demais! E até hoje eu não entendo o que era e de onde vinha essa agressividade, principalmente por parte das sapatões mais masculinizadas. Eu não sei se elas queriam mostrar uma postura masculina. [...] Eu sei que tinha muita briga por qualquer coisa, ciúme, esbarrar, tudo era motivo para briga. Tinham muitas brigas violentas. De pegar a garrafa, quebrar e bater. Tinha intervenção da polícia... (Deméter, 61 anos)

Perséfone também disse ter presenciado brigas nas casas noturnas que frequentou e foi a única que trouxe um evento ocorrido no ambiente de trabalho, ocasião em que perdeu o emprego em uma fábrica porque duas mulheres interessadas nela teriam sido ouvidas em uma conversa em que ela era o pivô da discussão. Depois disso, trabalhou por 38 anos no serviço público estadual, afirmou ter perdido oportunidades de promoção ou assumir chefias devido à homossexualidade. Outra limitação às quais as desfeminizadas são frequentemente vítimas.

Voltando aos bares e boates por elas frequentado, ao que tudo indica, conseguir uma namorada naqueles tempos era mais difícil do que é em tempos atuais. A vigília para manter a que se tinha gerava tensão. Cupido com suas flechas trabalhava nas boates de Hera, entregava bilhetinhos pelo salão, garantindo as traquinagens, assim como o álcool garantia a combustão que explodia em briga, muita briga. Embora inicialmente tenha nos ocorrido que em mercados

restritos as batalhas fossem constantes, Perséfone e Gerânio atribuíram as brigas à mistura de ciúme com álcool. Ambas afirmaram que era fácil conseguir namoradas.

As brigas eram por ciúme, até hoje. O pessoal não sabe respeitar o direito do outro. Você está acompanhada da sua mulher; vem outra, começa a paquerar, flerta na sua cara, manda bilhetinho. Na época das boates da Hera, tinha aquele negócio de mandar bilhetinho, era cupido, e aquilo dava confusão mesmo. A outra recebia, era anônimo, mas acabava descobrindo quem mandou. Acabava tendo até traição, de uma pessoa abandonar um relacionamento pra ficar com quem a assediou. (Atena, 71 anos)

Bovary, que concorda com os desafios para se conseguir uma namorada à época, amplia a perspectiva:

Eu penso duas coisas. Eu acho que era mais difícil, sim. Mas as pessoas antigamente eram mais corretas, mais honestas com o sentimento. Quando você arrumava alguém, você carregava na palma da mão. Hoje realmente é mais fácil, muito mais fácil. Você não precisa nem arrumar, é só telefonar. Você alivia e resolve sua vida. O que a gente queria naquela época era beijar na boca e transar. Você tinha um pouco mais de receio. (Bovary, 60 anos)

A maioria dos lugares que elas frequentaram, sejam os públicos ou os privados que construíram para si quando foram jovens, se tornou também arena de disputas por mulheres e formação de casais. Nas boates de Hera, shows de *striptease* de mulheres e performances das travestis eram comuns, assim como garotas de programa e entendidas se enamorarem, manterem relações sexuais ou se tornarem namoradas, “casos”, para usar um termo da época. Embora “caso” tenha sido o termo amplamente utilizado, pela geração de mulheres em tela nesta tese, para apresentar suas namoradas e companheiras quando estavam em ambientes seguros, cabe uma importante reflexão como o termo deslegitima a relação entre duas mulheres.

No conjunto das entrevistadas, Magnólia e duas do universo de bares e boates namoraram garotas de programa: Deméter, que ainda vive com uma, e Ártemis, que, embora tivesse sido do Vila Sésamo, figura entre as proprietárias dos estabelecimentos voltados a receber o público homossexual, diz que havia matinês em que as garotas podiam ir, porque à noite trabalhavam²¹:

A vida delas na boate era pra ganhar dinheiro. Afetividade elas iam procurar nas casas gays, com mulheres. Porque dizem assim: “mulher de vida fácil”. Eu não acho fácil, não. Abrir as pernas sem estar com vontade, sem conhecer a pessoa? Elas iam buscar nas casas noturnas, a maioria frequentava e gostava e tinha namoradas. Algumas aproveitavam dessas moças e viravam verdadeiras gigolôs delas, outras não. Era questão

²¹ Ártemis nos conta ainda que elas vinham de *nightclubs* como New Sagitarius, Scorpius, Cristal, Sayonnara, e aquelas não aceitas nas boates faziam os programas na rua.

só de afetividade, amor, de buscar carinho e amor. Porque, em relação à vida delas, elas não têm isso; têm sexo, mas não têm amor. (Ártemis, 64 anos)

Deméter conta que “quem pagava [as contas], por trás, eram as meninas, sim. Garota de programa era uma profissão que dava muito dinheiro. Tanto é que a maioria saiu do país pra juntar muito mais”. Percepção tanto corroborada quanto rechaçada por outras entrevistadas

Era comum a presença das garotas de programa nas boates voltadas para mulheres que faziam sexo com outras mulheres. Sobre elas, Hera disse que “eram todas minhas freguesas, maioria era. Lá elas trabalhavam, nas minhas casas elas tinham mulheres”. Sobre cobrarem pelos programas, Hera foi categórica: “Não, não, não, não... lá elas namoravam, eram só mulher bonita”. Hera disse que algumas eram contratadas para fazer shows nas suas boates, que colocava apelido em todas: uma era conhecida como “a bomba atômica da PP, ela ia toda de espumas com a toalha na mão assim... o pessoal ia tirando a espuma e ela ficava nua... agora ela tá na Itália”.

Deméter compartilha impressões pouco acessíveis de uma relação estável há trinta e cinco anos com uma ex-garota de programa. Ela conta que elas “procuravam mesmo a companhia das sapatões, mais para suprir um pouco da carência delas. E acabava que elas se envolviam afetivamente com essas pessoas, não era profissionalmente, talvez para fugir um pouco da rotina diária que elas tinham com homens”. Perséfone, que afirmou nunca ter se envolvido afetivamente com garotas de programa, contou que “havia algumas que apareciam, a gente conversava, marcava pra sair, mas de curiosidade pra saber as coisas que elas faziam”.

Os estabelecimentos de Hera tinham nomes inspirados em novelas da Rede Globo de Televisão, como acontece com a boate Plumas e Paetês ou o bar Marrom Glacê, que funcionou na rua Piumhi. Sobre este último, Rosa nos conta que “não era uma boate, mas um bar que, eventualmente, apresentava shows. [...] Lembro-me apenas que a arquitetura do lugar lembrava a de uma casa comum e, me pareceu naquela época, que Hera e família moravam por ali também”. Sua impressão foi certa: Hera morava lá com dois filhos e várias amigas que ajudaram a montar a casa.

Quanto à boate Plumas e Paetês, a PP como ficou conhecida, funcionou em três endereços. Inaugurada na avenida Bernardo Monteiro, 1.519, funcionou de 1981 a 1984 curiosamente atrás do Dops – essa localização e as consequências decorrentes já foram exploradas. Em seguida, a boate passou a funcionar na avenida Brasil, 1.666, onde permaneceu de 1984 a 1989. Depois, mudou-se para seu último endereço, a avenida Augusto de Lima, 1.423, lá permanecendo entre 1989 e 1991. Rosa conta que frequentou a casa como cliente *vip*: “não precisava

enfrentar as longas filas que se formavam para entrar e era recebida pela gerência da noite, além de ter mesa em local privilegiado”. E prossegue:

Lembro-me que o ambiente da avenida Brasil era relativamente pequeno, teto baixo, pista pequena, em muitos momentos invadido por heterossexuais, grupos de rapazes. [...] Já o ambiente da Augusto de Lima era bem espaçoso, pista larga, dava para rodopiar sobre ela, pé direito bem alto – pelo menos era essa minha sensação, um palco legal, boa altura... Era realmente uma casa noturna, um ambiente preparado para o espetáculo, para a dança e a convivência boêmia. Minha percepção nesse espaço era menos sufocante, menos opressora, embora os ambientes LGBT tivessem a intenção de serem libertadores – uma falácia, nunca foram. Talvez tenham sido essenciais para o atual momento, no meu entender, não mais que isso. (Rosa, 61 anos)

Parece terem sido mesmo importantes para o atual cenário. Ao serem perguntadas sobre algum legado que a geração delas teria deixado para as novas gerações, são praticamente unânimes. No universo considerado, há convergência entre elas: a percepção é de que foram as primeiras e que abriram as portas, que deixaram a liberdade. Ártemis faz uma breve ressalva: “apesar de nenhuma fazer parte de nenhum movimento grande, nós abrimos as portas”.

Macabéa faz coro ao grupo, mas acha que foi tudo desvirtuado, que as bandeiras de 1968 e do movimento hippie foram desvirtuadas, que a revolução sexual foi desvirtuada, “como todas as revoluções são”, e complementa:

Agora é o contrário, é crime falar contra. A gente queria que fosse uma coisa normal. Quando se criminalizou o preconceito, o racismo, eu acho que se desvirtuou. Não é isso que a gente quer, não foi por isso que a gente lutou, não. Não foi pra criminalizar o preconceito, foi pra que ele não existisse, simplesmente. (Macabéa, 67 anos)

Sem perder de vista que o pessoal é político, cabe considerar que a ostentação de um corpo desfeminilizado é, também, uma forma de resistência. Para que o preconceito deixe de existir, se é que isto seja possível, há muito a ser feito, não só no campo de um desenvolvimento realmente humano, mas também na criação de políticas que permitam mensurar, pelo menos os números do lesbocídio no país, área na qual se constata evidente negligência do Estado²². Há etapas, talvez estejamos avançando, certamente mais lentamente que o necessário para que as pessoas sejam tratadas com dignidade. Se hoje as jovens lésbicas conseguem se posicionar de uma forma mais explícita, há uma estrada aberta, caminho que foi percorrido por suas antecessoras.

²² A maioria dos dados disponíveis para conhecer e pensar a comunidade LGBTQIA+ tem sido fruto de iniciativa da sociedade civil organizada, como o Grupo Gay da Bahia, do Lesbocenso, do Arquivo Lésbico Brasileiro e da Enciclopédia Sapatão.

Se eles hoje têm toda essa liberdade de ir e vir, de ter bares abertos – nossos bares eram bares fechados, boates fechadas – ter bares abertos, ter condição de frequentar e ser respeitados, independente da sua sexualidade, da sua vida, eu acho que tudo começou através da gente, tudo começou através de músicas, de músicos, de pessoas que nos deram muito exemplo e que a gente seguiu também. Então eu acho que a gente abriu portas, e abriu portas para um mundo melhor. Hoje as coisas são mais naturais, são mais respeitadas, e acho que todo mundo vive melhor assim. (Lolita, 66 anos)

Nastasya diz que deixaram a liberdade para as novas gerações. Tia Violeta diz que “não é que a gente enfrentava, a gente se escondia, mas se achava”. Gerânio, complementa dizendo que deixaram como legado

nossa maneira de ser, o respeito que a gente tinha, acho que deixamos muita coisa. Quando você assiste o que está acontecendo hoje, tem muito mais liberdade... Cai o queixo. Acho que não precisa aparecer. Acho que tem gente que quer aparecer. A gente não precisava disso. Estava porque gostava de ficar com a pessoa, não era pra mostrar.

Perséfone conclui dizendo: “O que a gente deixou foi a coragem de se mostrar. Porque hoje elas têm coragem, nós não tínhamos. Nós sabíamos o que estávamos fazendo, mas não tínhamos coragem de mostrar”.

Ainda na seara dos territórios que emolduram suas memórias, os bares Frater, na rua Levindo Lopes, 12 e Berná, na rua Alagoas, também figuram em seus relatos. Ambos são apresentados junto com a minibiografia de sua proprietária Afrodite, no Apêndice. Do Frater (1992-1994), Rosa conta que lá esteve “pouquíssimas vezes, [...] era comprido, parecia não ter largura o suficiente para um bar”. De fato, era um bar pequeno e estreito; ficava na rua Levindo Lopes, na Savassi, atrás do Palácio da Liberdade, sede oficial do Executivo. Afrodite, que dele foi sócia, nos conta que “chegou um ponto que ia tanta gente que não tinha como controlar. Era muito cheio, todos os dois, sabe? Eu não tinha controle, porque eu ficava atrás do balcão sempre, mas, ao mesmo tempo, eu tinha que funcionar como relações públicas”. Ártemis, que também chegou a ser sócia do estabelecimento por um curto período, após a saída de Afrodite, conta que “era uma porta na rua, [...] um público mais elitizado... a gente não era tão menininha, já estava na faixa de 30”, referindo-se à turma do Vila Sésamo.

Após desfazer a sociedade que tinha no Frater, Afrodite abriu o Berná (1994-1997). Rosa o frequentou por um período: “era um lugar legal, decorado sem luxo, mas com bom gosto, claro, excelente cozinha e de frequência bastante selecionada”. Nesses dois bares, nenhuma briga foi relatada.

Afrodite conta que “o povo gostava muito de esporte”. Na Copa do Mundo de 1994, “não tinha ainda televisões muito grandes”, mas ela comprou uma imensa para a época e a colocou no balcão do Frater. Diz ter ganhado “dinheiro igual água, porque o povo ia assistir e o Brasil ganhava. Então, assim, quando eu chegava lá, já tinha gente na porta, esperando pra poder assistir”. Diz ainda ter percebido que “as pessoas gostavam de jogar” e fez uma coisa pioneira na cidade. Tanto no Frater quanto no Berná, começou a comprar e emprestar jogos de mesa, do tipo Imagem & Ação, War e baralho. “Aos domingos, o povo ia pra jogar buraco, os jogos do bar eram famosos.” A prática desses jogos de mesa apareceu como atividade comum entre as mulheres, seja nas casas daquelas que podiam receber as amigas, seja nos sítios que alugavam.

Os sítios foram territórios fundamentais para a homossociabilidade dessa geração de lésbicas. Lolita nos conta que “alugar sítio fazia com que nos finais de semana a gente sempre se reunisse, porque muitas de nós, ainda começando na vida profissional, morando ainda com a família, não tinha um espaço para poder chamar de seu”. Jane Eyre nos apresenta um pouco do vivido:

[...] outra prática muito comum era a gente alugar um sítio, por exemplo. Às vezes a gente fazia até um aluguel permanente, assim, tipo um ano, como se fosse um clubinho, e era um clubinho mesmo, às vezes a gente compartilhava aquilo ali com cinquenta pessoas [...] cotizava as despesas mensais e a gente fazia o esquema, quem vai nesse fim de semana, sorteava quem ia poder dormir etc. A gente dividia as tarefas, quem cuidava do quê, às vezes tinha piscina, tinha quem cuidava da piscina, tinha quem cuidava das compras, normalmente bebida cada um levava a sua. E ali a gente fazia festas, a gente fazia *réveillon*, e era um clubinho mesmo, *privé*, com tudo que a gente tinha direito. Fazia muito churrasco, muita bebedeira, muita cerveja. Às vezes já alugamos sítios que tinham quadras, ou campo de futebol, a gente jogava, porque a maior parte era ligada a esporte. (Jane Eyre, 65 anos)

Se no campo dos direitos o cenário foi de negação deles, nos guetos e territórios privados elas foram capazes de contornar o quadro normativo dominante e viverem, pelo menos, os desejos e direitos de foro íntimo.

Além dos frequentes aluguéis para passarem feriados e finais de semana, na turma do Vila Sésamo alguns casais alugavam sítios por temporadas, como foi o caso de um no condomínio Nossa Fazenda, no município de Esmeraldas (MG), localizado a cerca de 50 quilômetros do centro da capital, espaço de classe média alta. Naquelas ocasiões, os quartos eram sorteados, a aspiração era tirar a melhor suíte, ou uma delas, motivo de farra e celebração. Havia também um quarto reservado às solteiras, nomeado de enfermaria, nome um tanto emblemático. Entre as que o ocupavam, figuravam amigas próximas, ex-namoradas ou era destinado a uma delas

que eventualmente poderia ir sem o par, o que era uma situação mais rara. As ex-namoradas eram presença natural e constante entre elas.

A convivência nos sítios gerou uma enormidade de histórias. Lolita relata que neles “podíamos viver livremente todos os nossos desejos, todas as nossas alegrias. Era um lugar em que não havia censura. Ali era a festa, o sexo, a amizade, a dança, a música, a cerveja”. Em algumas ocasiões, reconfiguravam-se casais dentro do grupo; as trocas de namoradas eram triviais:

o nosso universo de opções era infinitamente menor que o universo hétero. O risco de buscar novas tribos era grande. Não sabíamos na época qual a chance de encontrar outros amores fora do nosso grupo. Então acabava com a convivência apaixonando com alguém de alguém. (Ártemis, 64 anos)

Capitu relativiza: “nem sempre trocava, a gente ia conhecendo pessoas. Então não era fazendo rodízio entre as pessoas. Ia conhecendo, ia namorando”. Ela se refere às mulheres que conhecia e, em determinado momento, descobria que haviam sido namorada de alguma amiga. As duas situações eram comuns. Em tempos atuais, em conversas entre elas, os rodízios da juventude costumam oferecer casos para boas risadas. Lolita diz que “por conviver com essas mesmas pessoas, a gente às vezes até brincava que as namoradas faziam rodízio, cada dia uma estava namorando a outra”. Na perspectiva dela, não viviam em guetos, “mas era quase como se fosse”. Eram as mesmas pessoas: como continuavam convivendo com as ex-namoradas, elas passavam a fazer parte do grupo, “acabou que fizemos um grupo de amigas que se conhece e que convive há mais de 40 anos”. Ela nos conta ainda que era prática comum ao universo pesquisado se encontrarem nas casas das amigas para jogar baralho, fazer uma comidinha, comemorar uma data, assistir aos jogos de vôlei ou futebol principalmente.

De acordo com Podmore (2001), raramente se detecta a presença lésbica nos espaços públicos, o que nos remete à necessidade de outras formas de olhar se quisermos examinar espaços que são importantes no cotidiano das lésbicas.

A ocupação dos espaços disponíveis e a criação de outros mais reservados foram fundamentais tanto para a sociabilidade quanto para a afirmação da identidade. Além dos sítios, era comum o uso de outros espaços privados para se relacionarem afetiva e sexualmente. Neles, a turma do Vila Sésamo construiu vínculos de amizade e afeto, como nas casas, apartamentos e barracões, este último usualmente ocupado por pessoas de baixa renda, exceção daquele ocupado por Afrodite. Ela nos conta que quando saiu da casa dos pais foi morar em um barracão “maravilhoso” que a namorada arrumou para ela. Depois, a mesma namorada alugou um

apartamento em bairro nobre da cidade e ela passou a dividir com outras entendidas. Ao todo, umas treze mulheres teriam dividido o apartamento em períodos distintos.

Quando saiu da confortável casa dos pais, Orquídea também foi para o barracão no qual a namorada, “de um estrato social muito inferior”, morava, mas as condições eram bastante distintas das de Afrodite. Segundo ela, “tinha noite que era engrossado de farinha de mandioca. Não tinha cama, tinha umas treliças tipo essas coisas de bambu. A gente dormia no chão, colocava uns jornais em baixo e dormia em cima, mas dormia abraçadinha, estava maravilhoso!”. Ela afirma que a situação melhorou um pouco quando um casal de amigas alugou o segundo quarto do barracão para passarem os finais de semana, o que ajudou com o aluguel. Conta ainda que uma das amigas “tinha uma grana danada, porque o pai dela era dono de uma rede de estabelecimentos”. A tal amiga rica comprava cerveja, e a “vida melhorou um pouquinho”, mas não foi fácil.

A geração de mulheres pesquisada enfrentou vários desafios. O documentário norte-americano *Secret Love (Segreto e proibido)*, (2020), dirigido por Chris Bolan, nos dá uma dimensão. O filme relata a jornada de duas mulheres, Pat Henschel e a jogadora profissional de beisebol Terry Donahue – Pat e Terry. São imigrantes canadenses que se conheceram em 1947 e se apaixonaram em uma época em que a homossexualidade, nos Estados Unidos, além de considerada doença, era também criminalizada. Ignorando a existência da homossexualidade feminina, apaixonaram-se. O documentário apresenta uma cena na qual Pat, ao se despedir de Terry, entrega-lhe um bilhete: “Eu gosto de ler. Eu li muitas histórias, mas não conheço nenhuma em que uma mulher ame outra”.

Esse tocante diálogo sinaliza, além do desconhecimento da lesbianidade, o temor de ser a única em tais condições, a constatação de estar fora do padrão hegemônico de normalidade e a necessidade de viver na invisibilidade, para não ser rotulada de doente ou criminosa.

Vários depoimentos ilustram sensações e sentimentos como os presentes no filme: ser a “única no mundo” a sentir “aquilo”; o desconhecimento da possibilidade – “eu não sabia o que era aquilo que acontecia comigo”; não saber que existia um lugar para pessoas como elas.

Magnólia reporta uma viagem feita com uma amiga aos Estados Unidos, em uma época quando ela ainda “não tinha nada com mulher”. Dividiram uma cama na casa da irmã da amiga e ela “só dormia quando a outra levantava. Eu tinha medo de encostar e ela pensar alguma coisa. E eu não sabia nada de homem com homem e mulher com mulher, eu nem sabia o que era isso”. Mesmo afirmando nem saber, algum sentimento a invadia.

Nesse universo desconhecido para algumas, os sentimentos iam habitando corações, os desejos inundando corpos e se materializando em sonhos, como aconteceu com Deméter: aos sete anos, apaixonou-se pela atriz Regina Duarte na novela com o simbólico título *Legião dos esquecidos* (1968). Ela sonhava frequentemente com a atriz. À medida que Deméter foi entrando na adolescência, os desejos foram ficando mais evidentes, o que foi acompanhado pela rejeição da família, principalmente dos irmãos. Aos dezoito anos acabou se mudando de Oeiras para Belo Horizonte e aos dezenove começou a trabalhar na boate Plumas e Paetês.

Belo Horizonte é uma cidade conhecida e reconhecida pelo seu grande número de bares. Como diz o ditado popular, “se não tem mares, tem bares”. A capital mineira também é reconhecida pela volatilidade desses empreendimentos. Embora sejam explorados nesta tese apenas os territórios trazidos pelas entrevistadas, alguns relatos trouxeram outros com histórias pontuais e pouco relevantes para o objeto de estudo definido ou fora do corte proposto.

Os bares dos quais Ártemis foi sócia ou proprietária não apareceram nas histórias compartilhadas, mas apenas alguma citação esparsa do tipo “eu lembro da Ártemis com uma boate só”. No entanto, ela teve muitos: “Quando eu cheguei, vi que tinha um e vi que existia possibilidade, que o universo estava crescendo. E precisava de espaço pra que a gente frequentasse. Isso que me fez ir abrindo um bar atrás do outro. Eu tive mais de 20 bares.” (Ártemis, 64 anos)

Esse relato de Ártemis diz da sua impressão quando voltou ao Brasil: ela havia passado um ano nos Estados Unidos e se deu conta de um mercado a ser explorado, mas seus bares tiveram vida curta. Para Rosa, essa é “a característica mais marcante de todos os espaços construídos pelos homossexuais, eles simplesmente acabam”.

Muda-se a localidade, o ambiente, o espaço, para dar movimento, a impressão de que as coisas estão se movendo, como tudo no mundo se move, mas não é isso o que realmente acontece. E esse processo, que parece natural, como se seguisse um fluxo, é artificial, apenas aparente, uma jogada ótica, e que, por isso, se repete ininterruptamente. Nessa divagação sobre o tema, há que se destacar o fato de as proprietárias se repetirem. Raramente se renovaram no período de 70/80. (Rosa, 61)

De fato, muitos bares e boates tiveram curta duração. Menciono-os aqui apenas para registrar suas existências e, quem sabe, fomentar pesquisas futuras. As datas que foram possíveis apurar são aproximadas. São eles: bar Aliás, na rua Gonçalves Dias, 2.217; boate Ávida, na avenida Getúlio Vargas, 1.423; boate Andaluz, na rua Congonhas, 487; bar Arpoador, na rua Equador; Bar da Marizinha, no Calafate; bar Barbuds, na avenida Álvares Cabral; boate Brilhante, na avenida Nossa Senhora do Carmo; boate Freedom, na avenida Bias Fortes, 413; boate L’apogée, na rua Antônio de Albuquerque; bar Olívia, na rua Major Lopes, 469; boate Pagã, na

rua Padre Odorico, 95; boate Troisième, na rua Paraíba, 1.055; bar Flor de Lis, na avenida Antônio Carlos, quase chegando na Lagoa da Pampulha; boate Gis Club, na avenida Barbacena, 33; Liberty Hall, na rua Paracatu, 65; bar Maria Cocah, na rua Sergipe, 1.440 (2003-2007); bar Mineiro Bill, na rua Rio Pomba, 1.600, e depois na avenida Pedro II, 4.001; Estação 2000, na avenida Barbacena, 823; boate Mikonos, na rua Pernambuco, 588; bar Casa da Monet, na rua Angustura, 122 (2007-2009); bar Quintal; Vila Santo Antônio, na rua Congonhas, 579; Solluna, na rua Itambé, 223, e depois na avenida Amazonas, 1.734. Os antigos que recebiam majoritariamente o público feminino foram poucos. Há testemunhos dizendo que algumas casas começavam com público feminino, mas eram “invadidas” pelos gays. Chance há que a referida “invasão” tenha contribuído para que se criassem seus espaços mais privados; não era comum se misturarem ou manterem relações com gays, como evidenciado em alguns depoimentos.

Sempre que algum bar novo despontava no horizonte da cidade, a distribuição de *flyers* ou filipetas, prática comum à época, acontecia em outros bares ou boates da região do novo empreendimento ou em territórios mais descolados ou menos preconceituosos.

Se os espaços públicos eram poucos, a turma do Vila Sésamo criou os seus territórios particulares, tornando a coesão e longevidade das relações mais evidentes entre elas. Os bares e as boates que elas frequentaram foram fechando, forçando com que elas fossem mudando o estilo de vida. Contudo, mantiveram seus encontros em espaços outros, sem vinculação com o público homossexual.

As deusas mitológicas e as flores, assim como as demais, tiveram contatos mais intensos e constantes quando eram jovens e frequentavam territórios comuns. Porém, à medida que foram amadurecendo, os contatos foram se escasseando.

A existência de espaços antes destinados ao público homossexual feminino era pequena na capital mineira. Em tempos atuais, os que se apresentam como destinados ao público LGBTQIA+ recebem público variadíssimo. Se entre as jovens lésbicas isso é comum, para as mais velhas é inibidor. Embora as mais maduras lamentem, é importante considerar que não precisar mais se refugiar em guetos representa significativo avanço. Soma-se a isso a recente propagação dos aplicativos de relacionamento, outro território que se apresenta como alternativa para se conhecer pessoas e com elas se relacionar. Se o seu uso já estava consolidado, eles se expandiram, também de forma viral, em tempos de pandemia. Porém, entre as entrevistadas solteiras não apareceu nenhuma adepta a eles, questão que se relaciona com a geração à qual pertencem. Apenas Jane Eyre, que sempre trabalhou na área de tecnologia, disse ter frequentado as salas de bate-papo do Uol, alternativa do final dos anos 1990 que antecedeu os atuais aplicativos de

relacionamento, tendo conhecido aí sua atual mulher, Zélia. O Uol oferecia inclusive salas específicas para lésbicas.

Passo a perscrutar em outros campos como as entrevistadas vivenciaram suas existências e qual o impacto das identidades que abrigavam em seus corpos sobre as suas relações.

4.2 Identidades menosprezadas

Minha tristeza não tem pedigree,
já a minha vontade de alegria,
sua raiz vai ao meu mil avô.
Vai ser coxo na vida é maldição pra homem.
Mulher é desdobrável. Eu sou.
(Adélia Prado)

Sem ignorar que os estudos queer estão propondo a implosão da categoria identitária, proponho-me a pensar as formas de identidades que foram possíveis às lésbicas atualmente idosas, a partir de um recorte no tempo, entre os anos 1970 e 1990, e em dado território geográfico, a cidade de Belo Horizonte, cravada entre as montanhas do estado de Minas Gerais.

É possível dizer que hoje uma identidade queer é mais radical que uma identidade lésbica ou gay, porque estas se tornaram respeitáveis e mesmo conservadoras – como na aspiração pelo casamento legal. Mas também é possível afirmar que o queer é apenas um gesto na direção de uma vaga antinormatividade ou identidade não convencional. Na Itália, por exemplo, a palavra *eteroqueer* é usada para falar de pessoas que parecem queer, que se vestem e se comportam de maneira que foge a heteronormatividade, mas são heterossexuais (LAURETIS, 2019b, p. 399-400, grifo da autora).

De acordo com a teoria da performatividade da filósofa Judith Butler (2007, p. 266), “a essência ou a identidade [...] são invenções fabricadas e preservadas mediante signos corpóreos e outros meios discursivos”. Em diálogo com Butler, Preciado (2019a) nos diz que as diferenças sexuais são performatividades normativas inscritas nos corpos como verdades biológicas e que a forma como cada um se situa nesse universo caracteriza distintas inscrições performativas da identidade. Ainda para Preciado (2019a, p. 421), as abordagens queer colocam aos feminismos o desafio de abandonar a identidade natural (homem/mulher) ou definições baseadas nas práticas (heterossexuais/homossexuais) para passar a basear-se e atuar com uma multiplicidade de corpos que se erguem contra os regimes que os constroem como “normais” ou “anormais”. Para Preciado (2019b, p. 417), “a identidade homossexual [...] é um acidente sistemático produzido

pela maquinaria heterossexual, e estigmatizada como antinatural, anormal e abjeta em benefício da estabilidade das práticas de produção do natural”.

De acordo com Lenise Borges (2014 p. 286), “o debate é, indiscutivelmente, político, [...] já que qualquer projeto feminista de emancipação passa, necessariamente, por uma análise teórica e histórica sobre o poder, além, é claro, das dimensões éticas e políticas envolvidas nos processos de transformação social”.

Ouvir mulheres que romperam com identidades heterodominantes e buscaram entre outras mulheres suas parceiras sexuais deixou evidente a abjeção que incidia sobre elas. Capitu nos dá uma dimensão disso: “éramos tratadas como doentes e pervertidas, párias da sociedade. Um horror! A sociedade hipócrita sempre nos tratou com nojo e desrespeito”.

Aqui cabe considerar que o olhar do outro é um componente básico para a construção da identidade cujo invólucro é o corpo e suas evidências. Mesmo com a redução da pressão após 21 anos de regime civil-militar, com o acesso possível aos arquivos de ações militares de repressão após a criação da Comissão Nacional da Verdade (CNV) em 2012, as recentes conquistas de alguns direitos e a exposição de jovens casais de lesbianas em tempos atuais, ainda assim ficaram para as mais velhas as marcas, os temores, os cuidados e os hábitos comuns a quem carrega um estigma.

Ao serem perguntadas se em algum momento se sentiram orgulhosas ou confortáveis na homossexualidade, das 21 ouvidas, vinte afirmaram nunca terem encontrado esse sentimento. Jane Eyre, em tom reflexivo e hesitante, disse que se sentia “entre a aceitação e a tolerância”, algo que teria acontecido em tempos “mais recentes, muito recentes...”.

A exceção surgiu na entrevista com Deméter: fatores como o rompimento com a família e a consequente mudança de Oeiras, no Piauí, para Belo Horizonte, somados à peculiar vida profissional, trabalhando em bares e boates destinados a receber o público homossexual, e a sua filiação ao Partido dos Trabalhadores (PT) em 1979 são elementos que auxiliam na construção do orgulho, que ela atribui “principalmente por ter vivido em uma época que era tão difícil ser lésbica”²³.

Sendo a norma aquilo que dispensa nomeação, e tendo como base o masculino como referente universal, escapar ao socialmente prescrito às vezes acontece antes que se tenha consciência de suas implicações. A socialização de meninos e meninas se dá de forma bastante

²³ Deméter afirmou ter pertencido à corrente “Liberdade e Luta: Libelu”, de inspiração trotskista. A referida corrente, ao romper política e esteticamente com o movimento estudantil da guerrilha armada, foi uma referência na esquerda a partir da segunda metade da década de setenta.

desigual. Contudo, os depoimentos apontaram que entre as mais desfeminizadas a infância foi fortemente marcada pelo distanciamento das brincadeiras atribuídas às meninas.

Esta é uma característica que, embora pudesse insinuar no bojo do senso comum algum traço da homossexualidade, não foi suficiente para pautar o tema no núcleo familiar.

Chama a atenção a permissividade que muitas tiveram para as brincadeiras de rua, para brinquedos “de menino”. Se na infância houve liberdade para tal, essa liberdade vai diminuindo à medida que a infância vai ficando para trás, sendo comum abrir espaço para cobranças quanto à adequação aos padrões hegemônicos de feminilidade. Quando a masculinidade se intersecciona com a lesbianidade, ela passa a ser vista como um preocupante desvio de gênero, momento que as famílias começam a se mobilizar mais intensivamente na reeducação do gênero (HALBERSTAM, 1998).

A insegurança quanto ao sentimento que sua homossexualidade possa provocar a outrem é comum entre as entrevistadas. Tive a oportunidade de participar, em novembro de 2021, do primeiro encontro de parte das lésbicas entrevistadas no grupo da literatura. Elas se reuniram logo após a dose de reforço da vacina contra Covid-19. Eram dez mulheres, das quais cinco compartilharam as histórias que ancoram este estudo. Estavam afrouxando um pouco o isolamento, já que os dados epidemiológicos pareciam sob “controle”.

Uma delas, que está em um relacionamento estável há 32 anos e cuja companheira foi entrevistada para a pesquisa, me chamou e proferiu, repetidas vezes, a seguinte frase: “Você acha que o meu pai, que está com 91 anos, tem obrigação de ver uma cena dessas?” – referindo-se a um casal de jovens rapazes namorando em uma mesa próxima à nossa, na varanda do conhecido e liberal Edifício Archangelo Maletta, no centro de Belo Horizonte. Tentei argumentar, mas foi impossível. Ela estava convicta do absurdo da cena: embora referindo-se ao pai, expunha sentimentos que eram seus e comuns à maioria das lésbicas da mesma geração. Magnólia também tem dificuldade com a exposição. Ela relatou que na época dela “a gente era mais escondido, mais reservado. Hoje as mulheres beijam na rua, andam de mãos dadas. Eu não gosto de ver, na rua, eu não gosto de ver, a gente tem de ter respeito na rua”.

Chega a ser compreensível que muitas se sintam desconfortáveis diante da exposição em espaços públicos. De acordo com Wittig (2022, p. 65), existe somente um inconsciente: ele é heterossexual e nega a dominação. Para a autora, é um inconsciente “que zela com consciência demais pelos interesses dos senhores em que habita para que eles sejam destituídos tão facilmente de seus conceitos”.

As experiências vividas na carne e introjetadas na alma impõem limites tanto para a própria exposição quanto para a aceitação de casais assumidamente homossexuais, cena que a maioria repudia. Tais experiências encontraram na invisibilidade segurança para suas existências. De acordo com Goffman (1988, p. 43), a questão que se coloca é a de que “em certas circunstâncias, a identidade social daqueles com quem o indivíduo está acompanhado pode ser usada como fonte de informação sobre a sua própria identidade social, supondo-se que ele é o que os outros são”. Assim, o que se diz sobre a identidade social de uma pessoa assume grande importância para ela.

Mudanças recentes, como a saída da população LGBTQIA+ do armário, aliada ao empoderamento da geração de lésbicas mais jovem não encoraja as entrevistadas à exposição, ponto comum entre elas. Estamos diante de uma geração cujo tema da sexualidade já era difícil dentro do padrão; em rotas desviantes, são ainda mais. Para além da geração da qual se faça parte, romper com o modelo de sexualidade hegemônica desaguará, fatalmente, na desvalorização da pessoa aos olhos de parcela muito expressiva da sociedade, desvalorização que pode se manifestar nos diversos setores da vida.

Tia Violeta viveu uma história de amor e abandono que a dilacerou. Disse que, quando tinha entre dezenove, vinte anos, costumava ir para uma cidade do interior de Minas Gerais e lá ficava na casa de uma amiga que já tinha um namorado. Conversavam sobre o namoro da amiga, dormiam na mesma cama e “o negócio, como diz o outro, foi dando liga. Aí começou... um carinho aqui, outro carinho ali e virou um namoro. Mas a gente não sabia o que era. Não sabia!”

Ela morava lá em São Vicente. Aí chegou um Natal, eu tinha uma situação mais ou menos, eu saí da livraria e aluguei um avião – acho que foi lá no Carlos Prates, acho que era lá que alugava, e fui lá em São Vicente. Lá tinha um campinho de aviação para teco-teco, essas coisas. Fui naquele negócio balançando daqui até lá pra dar um abraço e um beijo nela de Natal. Saí daqui e fui lá. O cara me esperou, eu entrei no avião e fui embora. (Tia Violeta, 76 anos)

Esse primeiro amor vivido passou a namorar o irmão de Tia Violeta e com ele se casou, mas o romance entre elas se manteve:

Como ele era repórter esportivo e cobria o Cruzeiro na Libertadores, ele ia para todo canto com o Cruzeiro e depois foi para a Copa do Mundo. Toda vez que ele ia viajar, ela me pedia para ficar com ela. Aí eu ia ficar na casa dela. Quando o segundo filho dela nasceu, aí eu falei “Ah, meu Deus, eu não posso continuar com isso, não”. Mas aí, eu tive uma crise de angina e fui hospitalizada por dez dias e ela foi para o hospital e fez questão de dormir todos os dias no hospital. Ela tinha uma fixação em mim. Não

era propriamente um amor. Quando tive alta, ela ia lá pra casa e ficava, lá no meio de todo mundo, passando o pé na minha perna, insistindo. (Tia Violeta, 76 anos)

Foram oito anos de desassossego e culpa. Quando o segundo filho nasceu (mais um sobrinho para Tia Violeta), ela rompeu a relação. Na família ninguém ficou sabendo do longo relacionamento que tiveram.

A descoberta da homossexualidade traz com ela, na maioria das vezes, a necessidade, ainda que inconsciente, de que seja mantida em segredo. Tia Violeta relata que é desconfortável, que tem “vergonha, até hoje, assim, de abraçar, de alisar uma pessoa... Eu até tenho vontade, mas não faço. Eu sou muito contida”. O contato com a homossexualidade pode se apresentar de muitas formas, sendo a vergonha e até mesmo a surpresa possíveis, como acontece quando se afixa um rótulo: antes que a própria pessoa se dê conta, alguém lhe conta.

Quando perguntada sobre uma primeira lembrança ou contato que pudesse insinuar interesse por meninas, Jane Eyre nos apresenta um traço identitário e nos dá uma dimensão do olhar de outra pessoa sobre a criança que ela era:

Eu tinha um comportamento mais masculino mesmo. Já comentei com você, inclusive, que tinha uma empregada do meu avô que cuidava da fazenda, cozinhou e tudo. Eu devo ter feito alguma coisa que ela não gostou e eu escutei ela falar:
– Também, esse macho-fêmea...
Entendeu? Isso eu devia ter sete para oito anos de idade; se muito, dez. E eu nunca esqueci essa fala dela. (Jane Eyre, 65 anos)

Passados mais de cinquenta anos, a pequeníssima e potente frase ouvida pela criança ainda reverbera na mulher de 65 anos que afirmou: “a gente não se torna, eu nunca consegui ser mocinha”. Caubi, ao refletir sobre a transição da infância para a adolescência, relata que “na época a gente não se descobriu nem se reconheceu como homossexual, a gente gostava de meninas, era muito inocente”.

Dentre anotações em meu diário de campo, constam várias histórias coletadas em ocasiões sociais, mulheres que, por algum motivo, não cheguei a entrevistar. Uma delas disse que teria ouvido, ainda quando criança, uma vizinha dizer que ela era uma “barrigada perdida”, numa referência aos seus modos masculinos, frase também nunca esquecida. Há que se considerar que a criança de cada pessoa viverá dentro dela enquanto vida houver. Bovary disse ter ouvido a música “mulher-macho, sim senhor” a infância inteira.

Em grupos desviantes, processos de estigmatização e rotulagem são comuns. Para Becker (2008), aos processos de imposição de rótulos sobre aqueles que são designados como desviantes se seguiriam a aceitação do rótulo e a busca por uma comunidade desviante na qual o

rótulo se tornaria normal. O desviante é alguém a quem o rótulo foi aplicado com sucesso, e o comportamento desviante é aquele que as pessoas rotulam como tal, o que acarretaria importantes e deletérias consequências sobre a participação social mais ampla e para a autoimagem do indivíduo, situação que pode levar as pessoas a evitarem alianças embaraçosas com a sociedade convencional.

Se novos ares oxigenam a existência de jovens lésbicas, que ganharam visibilidade e, entre os recentes direitos adquiriram o de constituir legalmente uma família, sobre as mais velhas pesam, de forma mais evidente sobre seus corpos e modos de se expressarem, as marcas indelévels do estigma. Contudo, se temos de um lado a possibilidade da vivência do homoerotismo de forma relativamente mais aberta, a vida continua cercada e imersa por instituições que mantêm a dominação heterossexual (SEIDMAN, 2004, p. 6). Nesse contexto, “a interpelação das epistemologias heteronormativas e coloniais entram como agenda feminista prioritária” (HOLLANDA, 2020, p. 12).

O lugar marginal ocupado pelas mulheres ao longo da história da humanidade, e principalmente pelas mulheres que mantinham relações sexuais com outras mulheres, nos coloca diante da perspectiva apontada por Simmel (1983, p. 165), para quem as interações sociais “surtem com base em certos impulsos ou em função de certos propósitos”, o que nos permite inferir que os vínculos construídos pelas participantes deste estudo surgiram, também, da necessidade de conhecerem outras lésbicas, com elas se relacionarem e se preservarem. Os guetos e a invisibilidade se apresentaram como possibilidades de proteção e resistência à heterossexualidade compulsória, vista como única forma legítima de se relacionar.

Cabe aqui uma ponderação entre agência e resistência. Lorena Mochel (2020, p. 127) chama a atenção para o fato de “estarmos sempre buscando resistências a uma suposta dominação masculina quando a agência feminina sobre os corpos e sexualidades, nem sempre foi resistência”. Com as devidas ressalvas para não “obliterar a resistência nos casos em que ela de fato existe”, a autora chama a atenção para a necessidade de que “os feminismos contemporâneos possam se dar conta de que a linguagem da vitimização que passa pela ideia de liberdade salvacionista já é, por si só, um projeto de dominação que ameaça a existência de outros sujeitos do feminismo”. Saba Mahmood (2019), em seus estudos sobre o Oriente Médio, chama a atenção não para a resistência às normas, mas para as múltiplas formas em que elas são incorporadas. Nesse campo heteronormativo, Navarro-Swain (2004, p. 13) traz questionamentos importantes sobre o subterrâneo universo das lésbicas. “Onde escondem-se e esconderam-se as lésbicas? Em que nicho de obscuridade e silêncio se pode encontrá-las? Não se fala delas por que

não existiram? Ou sua existência representa a desestabilização e o caos na ordem ‘natural’ da heterossexualidade dominada pelo masculino?”

Monique Wittig (2022) aponta caminhos para as questões levantadas ao estabelecer profícuo diálogo com a célebre afirmativa de Simone de Beauvoir “não se nasce mulher, torna-se mulher”. Para a autora lésbica é o único conceito que escapa às categorias de sexo (mulher e homem) porque o sujeito designado (lésbica) não é uma mulher, seja econômica, política ou ideologicamente, é a relação social específica a um homem que faz da mulher uma mulher. A servidão –, implica obrigações sociais, físicas e “econômicas (“residência forçada”, trabalho doméstico, deveres conjugais, ilimitada produção de filhos etc.), uma relação da qual as lésbicas escapam quando se recusam a se tornarem ou permanecerem heterossexuais. Wittig é categórica quanto à necessidade da destruição da classe de mulheres, o que só pode ser conseguido pela destruição da heterossexualidade como um sistema social baseado na opressão das mulheres pelos homens e que produz a doutrina da diferença entre sexos para justificar a opressão. Ainda de acordo com a autora, é a heterossexualidade que exige o alinhamento de gênero. Para essa vanguardista pensadora, a categoria mulher “só tem significado nos sistemas heterossexuais de pensamento e nos sistemas econômicos heterossexuais” (WITTIG, 2022, p. 67).

Preciado, retomando a declaração de Wittig – “as lésbicas não são mulheres” –, chama a atenção para o recurso que “permite opor-se à desidentificação, à exclusão da identidade lésbica como condição de possibilidade de formação do sujeito político do feminismo moderno” são “identificações estratégicas”. “As identificações negativas como ‘sapatas’ ou ‘bichas’ são transformadas em possíveis lugares de produção de identidades resistentes à normalização, atentas ao poder totalizante dos apelos à ‘universalização’” (PRECIADO, 2019a, p. 425).

Nastasya nos diz que as jovens lésbicas “entram nos bares e estão querendo se beijar. E tem pessoas que não aceitam. Eu não sei se elas vão ter esse respeito que nós tivemos na época.” Curioso que ela nomeie como respeito uma vida de silêncio e de manifestações contidas entre manobras para manterem a lesbianidade invisível aos olhos da sociedade.

Para Goffman (1988), cujos estudos concentram-se no campo da microsociologia, corrente sociológica que teve início na Escola de Chicago, este tipo de comportamento é frequentemente utilizado para reduzir a tensão, facilitando a interação com outras pessoas, evitando confrontar-se e confrontar outros com o seu estigma. Porém, tais atitudes têm consequências: se de um lado, podem evitar descréditos sociais, uma vez que garantem a preservação do segredo, de outro, podem colocar em causa um sentimento de integridade. Ao tentarem manter um verniz de mulher heterossexual, elas precisam ocultar comportamentos não condizentes

com o que é esperado em um mundo heteronormado. Isso exige um estado de atenção constante no sentido de não levantar suspeitas que as colocariam em descrédito (SEIDMAN, 2004; PONSE, 1976; GOFFMAN, 1988).

Aquele que se desvia pode continuar preso à norma porque os outros mantêm cuidadosamente o seu segredo, fingem ignorar sua revelação, ou não prestam atenção às provas, o que impede que o segredo seja revelado; esses outros, em troca, podem permitir-se ampliar seus cuidados porque o estigmatizado irá, voluntariamente, se abster de exigir uma aceitação que ultrapasse os limites que os normais consideram cômodos (GOFFMAN, 1988, p. 110-111).

O curioso é que um número bastante expressivo das mulheres entrevistadas traz em seus corpos marcas estéticas que normalmente denunciam a orientação sexual quando vista da janela do “senso comum”, ainda que ser uma mulher masculina ou um homem feminino não signifiquem necessariamente ser homossexual. Mas não estamos aqui falando de verdades e sim de olhares que pesam: por vezes há mais nos olhos de quem vê do que naquilo que a carne insinua.

Apesar da reprodução dos modelos feminino x masculino na formação de casais entre elas, a desidentificação com o mundo heteronormado apareceu com frequência. Capitu afirma ter nascido assim, com atração por meninas da idade dela: “só não demonstrava porque achava que no mundo só eu sentia aquilo” – percepção comum à maioria delas.

Silvia Aguião (2008), ao analisar categorias destinadas a tipificar a orientação homossexual feminina em pesquisa realizada em um bairro do subúrbio da cidade do Rio de Janeiro, constatou que as “categorias identitárias apareceram atreladas a formas específicas de se comportar, de se vestir e se relacionar, articuladas (em maior ou menor grau) a características consideradas masculinas ou feminina”; e mais, que “os sujeitos” se constroem de acordo com o que desejam atrair para si, ou de acordo com o outro, do qual quer ser objeto de desejo (AGUIÃO, 2008, p. 297). As asserções da autora em sua pesquisa *Sapatão não! Eu sou mulher de sapatão!* revelam o mesmo encontrado entre as mulheres pesquisadas em Belo Horizonte. A frase de Karenina sintetiza a impressão de muitas. Ela diz que elas eram “normais, com características comuns. Só algumas mulheres que andavam parecendo um rapazinho”. Margarida, ao lembrar a sua infância, diz que se “parecia mesmo com um menino” e completa afirmando a persistência do perfil presente entre as lésbicas da sua geração.

Ainda que o conceito de identidade seja polissêmico e, por vezes, controverso, alguns traços de suas identidades sexuais não normativas ficaram evidentes. O que a ampla gama de informações colhidas, as fotos acessadas e as imagens que trazemos na memória denotam é que

a maneira como performaram o gênero marcou seus corpos e se materializou na formação dos casais entre elas.

[...] a forma mais ordinária de reprodução das identidades de gênero acontece nas diferentes maneiras que corpos são colocados em relação às expectativas profundamente enraizadas e sedimentadas sobre existências atribuídas de gênero. Existe uma sedimentação das normas de gênero que produz o fenômeno peculiar do sexo natural, ou da mulher de verdade, ou qualquer outra ficção social que se faça presente e seja convincente; essa sedimentação tem produzido, ao longo do tempo, um conjunto de estilos corporais que, de maneira reificada, são apresentados como configuração natural dos corpos, divididos em sexos que se relacionam de maneira binária (BUTLER, 2019, p. 220).

A ficção sobre a qual nos fala Butler é extremamente potente. As histórias de vida ouvidas para esta tese tornaram evidente o poder da ficção do gênero. As vidas das entrevistadas pendiam entre a dissimulação da orientação sexual, principalmente nos ambientes familiares e profissionais, e a reprodução do modelo binário, heterossexual e machista, como indica a frase “antes de ir para as festas, na hora de tomar banho, eu sempre saía aliviada para não ter que avançar nos outros na rua” (Ártemis, 64 anos) ou as percepções de Bovary: “quando você arrumava alguém, você carregava na palma da mão. Hoje realmente é mais fácil, muito mais fácil. Você não precisa nem arrumar, é só telefonar. Você alivia e resolve sua vida. O que a gente queria naquela época era beijar na boca e transar”.

Entre papéis masculinos ou femininos que performavam surgem, entre as brumas do gelo seco, ficções, fantasias e desejos que se misturam na toada das músicas nas baladas. Para Hardie e Johnston (2015), a música se constitui em um elemento importante para a produção de espaços imaginados. Para as duas autoras, os espaços criados pelas lésbicas e a vivência das emoções por meio das músicas são fundamentais para o processo de identificação da orientação sexual e para o desenvolvimento de afetos e sentimentos de pertencimento, já que muitas não se sentem pertencentes (ou acolhidas) na família, vizinhança ou local de trabalho. Elas criam espaços próprios para a vivência de emoções que são embaladas pelas trilhas sonoras e compartilhadas com o grupo.

Dentro das boates, no êxtase dos jogos de luzes conformando paraísos artificiais, as músicas mostram seu poder de ampliar ficções, sonhos e desejos. Fora desses espaços, continuam produzindo efeitos outros. Disseminam imagens que se espalham: “maria sapatão, / sapatão, sapatão, / de dia é Maria, / de noite é João”, “Paraíba masculina / muié macho, sim sinhô”. Isso não ocorre à revelia e impunemente; tais imagens rompem as barreiras das pistas

de dança, impregnam o imaginário coletivo, marcam e hierarquizam existências nas estreitas referências de um continental Brasil colônia.

Dessa forma, fêmeas e machos colonizados cujo comportamento não se enquadrava no modelo “natural” eram considerados “homens” e “mulheres” deficientes. As “mulheres nativas” eram consideradas sexualmente hiperativas, portanto, masculinas, e os “homens nativos” eram considerados passivos, portanto, femininos. Para Lugones, entretanto, nas sociedades ameríndias e africanas não havia um sistema de gênero no qual as mulheres deveriam ocupar papéis subalternos e passivos, e os homens papéis de dominação e governo. Esse fato, a fluidez entre os padrões de comportamento locais, foi interpretado como falta de desenvolvimento social e civilizatório pelos europeus (CASTRO, 2020, p. 147-148).

Somam-se ao referido acima por Susana Castro os estudos da antropóloga Margaret Mead, já referenciados neste texto. Algumas formas de performar o gênero colidem com práticas e modos de ser arraigados no patriarcado e, quando explicitadas, oferecem riscos. Ao serem percebidas, são alvo de preconceitos que podem desaguar em violências; quando reconhecidas, são vistas mais como um outro a ser estudado do que a ser integrado em condições de igualdade. É preciso reconhecer que “temos o direito de ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito de ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, aliamente ou reproduza as desigualdades” (SANTOS, 2003, p. 56).

Faz-se necessário reconhecer a legitimidade das diferenças e a necessidade de equanimidade em lugar da hierarquia enraizada na norma. Em território geograficamente marcado pela católica e tradicional família mineira, corpos dissidentes do sistema sexo-gênero foram deliberadamente invisibilizados em seus núcleos familiares. Ao saírem dele, a opção pela invisibilidade poderia garantir a proteção por vezes negada no seio familiar, primeiro núcleo de acolhimento e afeto ao qual estamos expostas. Para Souza e Duarte (2013, p. 430), “a amizade é um relacionamento importante para a vida adulta, por vezes como complemento à ausência de laços familiares fortes”.

A opção por não levantar ou “dar bandeira” foi uma escolha deliberada. Entre elas havia clareza de que a bandeira só serviria para estigmatizá-las ainda mais. Jane Eyre sintetiza o comportamento e o argumento, neste caso, homogêneo do grupo: “não temos a menor necessidade de levantar essa bandeira. Não fazemos e eu entendo perfeitamente, porque se a gente olhar para o passado...” O tom reticente e lacônico aponta na direção do que foi vivido e sofrido. Para Bovary, “abrimos portas e levantamos bandeiras de uma forma muito discreta, de uma forma sutil, como um bom mineiro, comendo pelas beiradas”.

A orientação sexual das depoentes se deu em um misto de ocultamento e revelação. Entre visibilidade e invisibilidade, a depender da conveniência e do espaço, o risco precisava ser calculado. Ao Estado coube a conveniência; afinal, a invisíveis não cabem direitos. Nas palavras de Wittig (2022, p. 63), “serás-hetero-ou-não-serás” – romper com valores hegemônicos coloca em risco a ordem patriarcal, importante pilar para a manutenção de uma sociedade heterocentrada.

Sobre as provedoras, Bovary afirma ter desempenhado o papel em um relacionamento e conhecido algumas outras: “mas não era uma prática comum. Naquela época todo mundo dividia as contas. A gente dividia um torresmo, prática bem menos comum entre as 80+”. Gerânio foi provedora em alguns relacionamentos. Ela chegou a dar casa para uma namorada em São Paulo e afirma, junto com Perséfone, que elas que pagavam as contas, dividir de jeito nenhum: “Não. A gente não deixava, não. Quê que isso?! Menosprezar a gente?!” Perséfone complementa que a prática era comum, mas “Tinha também o contrário. Tinha algumas que viviam à mercê dessas”, referindo-se àquelas que nunca pagavam nada.

Magnólia disse só não ter sido provedora na primeira relação. Certa ocasião, uma mulher teria dito a ela: “Ah, se você quiser ficar comigo, você passa tudo que você tem para o meu nome”. E complementa: “da segunda pra frente, só ladra. Todas me roubaram, muito”.

O que ela tinha era meu, que ela roubava. A segunda que eu tive, até minhas senhas do cartão ela conseguiu. Ela só não conseguiu sacar o dinheiro todo porque o cartão quebrou. Essa eu odeio. E ela começou a morar num apartamento que eu tenho. Aí eu cisme, olhei no bolso da blusa dela e vi que ela tinha tirado [um dinheiro meu]. [...] E começou a sumir dinheiro do meu carro. Eu pensei: “Tem coisa errada aí”. Aí eu fui onde eu guardo meu dinheiro. Meu dinheiro não estava lá, eu tinha meus dólares, meus cordões de ouro... Ela só não vendeu uma placa que meu pai me deu porque tinha meu nome e telefone. Ela pegou 250g de ouro. (Magnólia, 68 anos)

Embora com poder aquisitivo infinitamente menos favorecido do que o de Magnólia, Caubi também viveu uma relação na qual ela foi a provedora. Nas palavras dela, “era uma prática comum [...] Uma era mais doninha, a outra é que fazia algo pela subsistência familiar”.

Ártemis nos diz que as “caminhoneiras” tinham essas atitudes, talvez alguma relação com o macho provedor. Muitas dessas mulheres estavam se inventando a partir dos referenciais binários que conheciam e acessavam. A prática surgiu com mais naturalidade entre as de menor poder aquisitivo em tempos presentes.

Atena se apresentou como uma provedora de identidade bastante flexível, tanto na materialidade do corpo quanto no desempenho do seu papel na relação. Contou ter ganhado muito dinheiro, que poderia “estar milionária, com uma mansão, com piscina”, mas ajudou muita

gente e diz não se arrepender. “Eu estou bem, não moro na rua. Moro em um humilde apartamento, mas é meu. Não pago aluguel. Tenho o meu carrinho ali na hora que quiser. Tenho minha vida, sou feliz, me sinto muito feliz”. Atena ocupou por diversas vezes o lugar de provedora, deu joias, carro e apartamento na praia para namoradas, mas disse ter dado um basta nessas situações, que agora quer viver para si. Quando jovem, gostava de mulher mais masculinizada. Relembra ter sido bastante feminina: usou minissaia, bota, maquiagem pesada, brincos, cílios postiços e peruca porque era moda. Disse ter mudado muito de perfil, atualmente gosta de mulher feminina, mais nova, de salto alto; e acrescenta que se uma mulher masculina a cantar, está perdendo tempo.

Embora Atena tenha se apresentado sem cerimônias como provedora, adotou um tom reticente em algumas respostas numa clara associação às condições modestas nas quais vive.

Botei o apartamento no nome dela. Estou sem o apartamento e ela tem o apartamento dela. Ela tem praia pra ir e eu não tenho. Mas já que eu fiz, não adianta chorar o leite derramado. Eu sempre ajudei minhas mulheres. E sempre peguei mulheres nas piores condições, espiritualmente e financeiramente. Eu dava carro pra mulher, apartamento na praia. Eu podia. Hoje... se eu não tivesse ajudado essas pessoas... Agora que eu cortei. Eu falei: “Não, chegou! Agora vou viver pra mim. Agora é eu, mais eu, mais eu e mais eu. Depois vem o resto, uai... As duas, eu que estava bancando até outro dia. Agora que eu cortei. (Atena, 71 anos)

Há uma passagem curiosa no diário de campo que acompanha esta pesquisa há tempos, uma história contada por uma mulher bastante masculinizada. Na faixa dos seus 76 anos, ela relatou que “pra ter mulher precisa ter bala na agulha, tem que ter dinheiro, ter mulher é caro”. A frase surgiu quando ela me contava sobre um triângulo amoroso vivido entre Belo Horizonte e São Paulo, no qual se sentia em desvantagem financeira diante da “concorrente”. Relatei esse caso para algumas das entrevistadas. Poucas concordaram, mas Perséfone, que participava da entrevista de Gerânio, a relembrou do tempo em que “ela tinha bala na agulha e bancava”. Ártemis citou algumas que ficaram “na merda porque gastou tudo com as mulheres”. Nesse bojo, os relatos de Magnólia se destacam:

Eu tive uma que trabalhava na boate. Todo mundo babava por ela, fiquei com ela um tempo. [...] Ela aprontou comigo. Montei um negócio pra ela, ela não queria trabalhar. É vagabunda, não queria, só sabe sugar dos outros. Eu gastei quase um milhão [de reais]. E agora eu ganho um salário só. Eu falei pra ela: “Você é cara pra mim, eu não aguento, não”. Eu tinha que pagar tudo. [...] Hoje ela está com 43 anos, 25 anos mais nova do que eu. (Magnólia, 68 anos)

Hera também foi uma típica provedora, embora no início da sua carreira no ramo de bares e boates tenha contado com a ajuda das amigas. Ao se estabelecer no ramo, ela mantinha

a “casa aberta e as despesas pagas”. Ao lembrar as relações que teve com mulheres, disse que não sabia se gostavam dela ou se gostavam do seu dinheiro. Sobre carros, disse que teve “uma caminhonete que tinha até televisão dentro. Eu tive um sem capota, tive uma caminhonetezinha baranga que era pra fazer compra... Eu tive uns quatro ou cinco carros, mas nunca dirigi”.

Hera mostrou uma foto do Escort XR3 vermelho conversível, carro bastante caro naqueles tempos. Ao lado dele, além da namorada, algumas outras mulheres. O que chama a atenção entre a Hera que vestia terno e a que se apresentou surpreendentemente feminina para a entrevista é que as identidades podem ser marcadas, mas também fluidas. A performatividade é dinâmica.

As histórias de vida compartilhadas nesta tese tornaram evidente o poder da ficção do gênero, como é possível verificar na formação binária e no desempenho de determinados papéis.

De acordo com Lauretis (2019b), para quem os discursos sobre identidades de gênero e sexuais são políticos desde seu início, os termos empregados atualmente no Ocidente para falar de identidades sexuais não normativas têm privilegiado gêneros, em detrimento das sexualidades, ou identidades sociais, em vez de aspectos sexuais.

No entendimento de Hall (2006, p. 38), “a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento”. Esse autor também aborda a crise da identidade vivida pelos indivíduos na pós-modernidade. Para Johnson (1999), o processo de desenvolvimento das identidades pode durar uma vida inteira, além de mudar ao longo do tempo e das situações vividas. Ártemis diz que tinha as mais menininhas e as mais sapatinhas, mais machinhas:

Era uma característica dessa época, para as pessoas se identificarem. [...] Nos últimos 20 anos pra cá, é que acabou isso. Ainda tem alguns casais assim. Foi uma característica que nós vivemos, eu vestia terno e colete, sempre, mas é porque eu me identificava com isso, não porque eu quisesse ser homem. Eu nunca quis imaginar que eu era homem, que eu era provedor, que eu era gostoso, bonito, charmoso, não, mas eu gostava dessa imagem. Não tanto quanto a Hera, que vestia terno de loja. Mas, assim... um blazer... uma coisa mais masculina, mas não tanto de sapato social de homem, nem usava cueca, sempre detestei. (Ártemis, 64 anos)

MacRae (2018, p. 210), ao se referir aos “poucos locais públicos frequentados por lésbicas em São Paulo por volta de 1980”, diz sobre uma reprodução do comportamento heterossexual no qual as lésbicas assumiam “os papéis de lady – a parceira que faz o papel de ‘mulher’ – ou de fanchona – a parceira que faz o papel de ‘homem’”. Relacionamentos nos quais se via “as fanchonas se esforçando ao máximo em imitar homens, chegando, em casos extremos, a

usar cuecas, adotar gestos bruscos e a tratar as ‘suas mulheres’ de acordo com os padrões machistas vigentes na sociedade”.

Ao adotarem padrões e posturas tão marcadamente alicerçados em estruturas patriarcais e em uma masculinidade tóxica, essas vivências nos ajudam a entender e situar o longo repertório de brigas que figuram em suas memórias. De toda forma, nenhum extremo, como os atuais e crescentes casos de feminicídio, foi relatado.

O “fato de explicitar a possibilidade de uma masculinidade de mulheres implica previamente desconsiderar a masculinidade como incindível da estrutura biológica do homem e desenhá-la como uma ficção que se constrói performática e socialmente” (LACOMBE, 2007, p. 215).

Naqueles tempos de acessos restritos e liberdades vigiadas, o banheiro, território cuja polêmica se alarga junto com a ampliação da sopa de letrinhas LGBTQIA+, apareceu figurando em situações bastante distintas. Afrodite trouxe relatos do uso por algumas frequentadoras do seu bar para cheirar cocaína; Tia Violeta disse de encontros neles para beijarem escondidas; Perséfone contou que era comum irem ao banheiro pra beijar e que já soube de quem foi pega nele transando. Ártemis apresenta uma outra lente sobre o espaço ao contar dos olhares que recebia e que a constrangia. Ela contou também de situações vivenciadas ao entrar no banheiro feminino, como ter sido “cutucada” e informada que o banheiro dela seria o outro, o masculino. Jane Eyre narrou um episódio também no banheiro: estava com “o cabelo muito curto, muito batidinho” e foi abordada, mas que na sequência a pessoa teria se dado conta de que ela era mulher.

Alves, Moreira e Jayme (2021), ao estudarem o binarismo claustrofóbico masculino/feminino presente na arquitetura e nas placas identificatórias dos banheiros de espaços públicos, nos trazem um bom exemplo da dinâmica presente nesses espaços:

[...] as próprias mulheres atuam como fiscais de gênero: se existe a suspeita de que uma pessoa tem um pênis, esta se torna imediatamente alvo de vigilância das usuárias. Na sequência, as mulheres buscam pistas da ambiguidade do corpo, como cabelo curto, roupas pouco femininas, ausência de maquiagem, forma de andar, entre outras (ALVES; MOREIRA; JAYME, 2021, p. 4).

Em texto no qual trabalha com as classes mais vulneráveis, Aguião (2008) constatou que as chamadas “caminhoneiras” se situariam entre as “ativas” sexualmente e no extremo masculino da performatividade do gênero. No extremo oposto ficariam as “*ladies*” ou “passivas”, consideradas muito femininas, as participativas ou “*flex*” – classificações que remetem às práticas sexuais, mas também se referem a “atributos estéticos, corporais e gestuais”. A autora,

a partir da amostra trabalhada, diz da possibilidade de se “afirmar que a feminização dos homens e a masculinização das mulheres podem ser indicativos de uma posição de classe” (AGUIÃO, 2008, p. 304). As “mulheres masculinas” e os “homens femininos” seriam também os mais pobres.

Contudo, os dados não são corroborados pelas lésbicas que integram a presente pesquisa. Talvez haja uma questão geracional e geográfica a ser considerada. Perséfone relata que na geração dela “era muito assim, homem, cortava-se cabelo curtinho, tinha aquela diferença entre uma e outra nos casais [...] Não é igual hoje, não, que todas duas estão bem femininas. É diferente. A gente não sabe nem distingue se é ou se não é. Tem ainda, mas poucos casais são assim”. Caubi nos conta que eram “tipo rapazinhos mesmo, nós jogávamos futebol, participávamos de coisas assim, mas não tínhamos o comportamento publicamente”.

Regina Facchini (2008) estudou os circuitos pelos quais transitavam mulheres que gostam de mulheres na cidade de São Paulo, tendo se referido a um movimento de expansão e diversificação do antigo gueto homossexual e identificado áreas e estabelecimentos frequentados por mulheres muito jovens ou mais velhas. Ela constatou que a distinção entre “masculinas” e “femininas” parece mais rígida, aderindo a padrões mais tradicionais entre as mais velhas.

Podemos entender que a adoção de traços identitários fortemente marcados por características masculinas a partir de uma identificação arquetípica, algo que estaria no âmbito do inconsciente coletivo e tende a ser compartilhado por toda a humanidade.

De modo geral, a postura ativa sempre foi associada à masculinidade/superioridade e a passiva à feminilidade/inferioridade. Parker (1991), ao interpretar as polaridades atividade/passividade, dominação/submissão, penetrar/ser penetrado, as atribui à cultura patriarcal, cuja materialização se dá tanto na linguagem corporal quanto na produção de uma hierarquia sexual.

Oliveira (2006) estudou a homossexualidade masculina em camadas populares, encontrando dois tipos de relação: as iso-generificadas – quando o gênero dos atores envolvidos é percebido como “igual” – e as alter-generificadas – quando o gênero é tido como distinto/oposto. Em que pesem seus estudos circunscreverem-se ao campo masculino, dentre as mulheres pesquisadas, as que se identificaram como sendo masculinas foram categóricas ao afirmarem nunca terem namorado uma que fosse igualmente masculina, ainda que com o tempo algumas [ex-namoradas] tenham se desfeminilizado.

Na amostra pesquisada, não foi possível associar a forma como performaram o gênero a um estrato social específico. Ele apareceu mais vinculado a um tempo histórico vivido por

um grupo de mulheres. O trecho abaixo ilustra o que permeou percepções e discursos da maioria durante as entrevistas:

Não há mais na sociedade essa visão da identidade feminina, do jeito de ser mulher. Porque hoje a gente vê homens de brinco ou de cabelos grandes, coisa que antigamente não existia, como aquele jeito nosso antigo de ser. Por isso que deve ter nascido o termo “maria sapatão”, exatamente por as pessoas serem assim mais... pisar duro, alguma coisa que indicava: aquela ali é mulher-homem, mulher-macho, sim, senhor. Tinha isso, sim. E eu nunca fui assim de muita vaidade, fazer uso de maquiagem e vestidos. (Caubí, 67 anos)

Ser mulher é um papel que pode ou não ser desempenhado. Os modelos possíveis se vinculam a construções sociais, culturais, geográficas, históricas e temporais – contrapor-se a esses modelos e papéis tem consequências. Aguião (2008, p. 308) diz que a homofobia se sobrepõe ao racismo e à discriminação por classe. No coletivo de mulheres investigadas, as duas que se autodeclararam preta e negra corroboram a afirmação quanto a ser mais difícil ser lésbica. Pelo menos no núcleo familiar de origem, elas se sentem protegidas do racismo.

Embora a orientação sexual não tenha aparecido em primeiro plano como viés explicativo e reflexivo, e, em alguns momentos aparecerem contradições, no conjunto, há pouca percepção entre elas sobre o que seria efetivamente uma situação lesbofóbica. Ainda, em que pesem as diferenças no poder aquisitivo e os decorrentes acessos que ele proporciona serem distintos, a classe social também ficou em segundo plano, assim como a questão racial.

A lesbofobia incide de forma mais evidente sobre as mais desfeminilizadas, o que nos remete à intolerância sobre aquelas que ousam romper com o padrão de feminilidade que impera em nossa sociedade. Em tempos atuais, nem sempre há valorização da composição do par masculina/feminina, evidenciando uma resignificação do modelo que, em tempos pretéritos, foram importantes para que pudessem reconhecer umas às outras.

Dentre as mulheres ouvidas, dezessete ostentavam marcadamente características atribuídas ao universo masculino e quatro ficavam “no meio do caminho” ou “menos macho”, expressões utilizadas por duas entrevistadas, as quais considero oportunas para pensar esteticamente o grupo, uma vez que andrógino me parecia insuficiente, marcadamente feminina nenhuma. Uma delas, Hera, transitou de um extremo ao outro. Como eu conhecia algumas de vista desde meados da década de 1990, pude notar que ficaram mais desfeminilizadas, talvez pelo processo de envelhecimento que, entre várias, mudou corpos e diluiu vaidades.

A maioria ostentava com naturalidade, quando da realização das entrevistas, um conjunto de atributos estéticos corporais comumente associados ao universo masculino. Elas se

referiam a si e às amigas no masculino com frequência. Fiquei com a sensação de que nem se davam conta, como se poderá notar ao longo desta tese ou em exemplos como quando Capitu diz: “a gente foi se fortalecendo porque era segregado” ou “a gente era famoso, mas ali só”; quando Jane Eyre se refere a um “fulano” quando pedia que uma das amigas se mantivesse vigilante quanto à aproximação de algum “careta”; ou ainda Nastasya ao se referir ao grupo de amigas: “cada amigo dessa turma toda tem o seu papel na vida dela”. O mesmo ocorreu no grupo das deusas e flores: Ártemis, ao se referir ao grupo composto exclusivamente por mulheres, diz que era “de amigos do Vila Sésamo”; Hera ao afirmar ter ficado “amigo de todos lá”; Margarida, ao se referir às ex-namoradas que “passa a ser um amigo”, ou ainda Magnólia ao afirmar que “a gente era mais escondido”, ao criticar a exposição das lésbicas mais jovens.

Caubi fazia deliberadamente, gostava de tratar as amigas próximas no masculino, mas de maneira consciente, em tom de cumplicidade e deboche. Era engraçado.

Duas reportaram terem sido alvos de alguma violência que se relacionasse com a orientação sexual ou a performatização do gênero. Uma, quando andava ao lado da namorada: ainda que não houvesse qualquer demonstração explícita de afeto, o par era marcadamente masculino x feminino (comum à época), foram chamadas de sapatão. Outra, recebeu o mesmo tratamento no bar de um estádio de futebol, foi ainda extorquida por policiais no estacionamento do mesmo estádio, em outra ocasião, quando estava com a namorada dentro do carro. As demais, embora tenham relatado não terem sofrido violências que pudessem ser relacionadas com a orientação sexual ou com a forma que performaram gênero, trouxeram elementos que indicam outra direção, evidenciando episódios lesbofóbicos. O relato de Caubi, que trocava cartas com uma coleguinha de escola quando tinha quinze, dezesseis anos, ilustra a relativização das violências sofridas, característica comum entre elas.

A minha mãe ficou sabendo porque eu tive um *affaire* com uma colega de escola, Lúcia, e naquela época a gente tinha a mania de escrever muitas coisas, era cartinha pra lá, bilhete pra cá. E a mãe dessa menina pegou as cartas que ela guardava no armário em casa. Então, a danada da mulher tirou dezenas de cópias e saiu entregando para todas as pessoas que tinham relacionamento comigo, vizinhos, amigas, e pra minha mãe também, é claro. Foi lá em casa. Foi descobrindo endereços da rua onde eu morava, levou e entregou para as pessoas.

Em outro momento, Caubi afirma: “nunca fui questionada, nunca fui submetida a nada, passei em branco”. Curiosa essa relativização corriqueira das violências sofridas. Hera mostrou a cicatriz de um tiro na barriga, fruto de uma briga com o ex-marido e o rompimento com a filha; Afrodite contou um episódio com o irmão; Perséfone e Atena contaram da difícil reação

das mães quando souberam que eram lésbicas; Perséfone também chegou a ser demitida do emprego. Deméter, além da reação da mãe, contou do assédio no trabalho e da postura dos irmãos, que culminou com a saída dela de casa.

Rosa foi expulsa da casa dos pais; Orquídea precisou sair face à reação da família, que chegou a intervir para ela perder o emprego, além de terem tentado interná-la para que se curasse. Em maior ou menor grau, todas relataram ou deixaram escapar algum episódio que pelo menos tangenciou ações lesbofóbicas. Há uma clara relativização, quando não negação, dos episódios lesbofóbicos pelos quais passaram.

Alguns trabalhos corroboram a existência de performances comuns a certos universos lesbianos. Entre as mulheres ouvidas nesta pesquisa era comum a performance masculina.

Carvalho (1995), a mesma que cita o Vila Sésamo em sua pesquisa, em etnografia feita na cidade de Belo Horizonte nos anos 1990, evidencia, no período pesquisado, a busca de algumas por um afastamento do modelo tradicional de lésbica. A pesquisa coincide com a emergência da *lesbian chic*, que encarnava e ostentava o estereótipo da mulher feminina, perfil contrário ao das lésbicas feministas radicais que se popularizou nos anos 70 e 80. A *lesbian chic* ostentava visual oposto ao das *butch*, caminhoneiras, sapatonas. O perfil pode ser conferido na série *The L Word* (2004)²⁴.

Quanto às *butch*, o termo é explorado por Judith Halberstam (1998), atualmente Jack Halberstam, em seus estudos sobre masculinidades não hegemônicas para a compreensão da masculinidade feminina e o que ela implica. O autor coloca em tela mulheres que se sentem mais confortáveis com estilos, identidades e códigos do gênero masculino, do que com os do gênero feminino. A encenação, enquanto ficção política de um gênero específico, vai perdendo referência. Embora se tenha avançado nas pesquisas desde a sua publicação, a obra traz uma questão que permanece central: o que exatamente a masculinidade tem a ver com os homens?

Entre as entrevistadas, os pares se formavam no binômio masculino versus feminino, reproduzindo o modelo hierárquico do gênero e da identidade visual e sexual comumente presente em sociedades heteronormadas.

A formação de grupos identitários e a multiplicação de gêneros nem sempre escapa dos meandros do capitalismo e do patriarcado, suas demandas muitas vezes recaem na fabricação de corpos que remetem aos modelos de feminino e de masculino, seja através das tecnologias e aparatos biomédicos e farmacoquímicos, seja na disseminação de artefatos culturais e ornamentos que remetem às normas de gênero dominantes (LESSA, 2021, p. 85).

²⁴ A série retrata a rotina de um grupo de amigas lésbicas super *fashions* que viviam em West Hollywood, Califórnia.

O que foi possível depreender das histórias ouvidas é que alguns elementos conectaram essas mulheres. Havia uma identidade social comum, construída coletivamente naquele tempo histórico, em que a afirmação da identidade lésbica em seus territórios parece ter materializado o reconhecimento e o apoio que precisavam e que encontravam umas nas outras para resistir à sociedade heteronormada. Essa percepção, à luz dos estudos de Wittig (2022), extrapola o universo das mulheres entrevistadas. Para a autora, quando se reconhece a opressão, é preciso conhecer e experimentar o fato de que uma pessoa pode se constituir como sujeito em resistência à opressão. Ainda segundo Wittig (2022, p. 49), “cada pessoa tem a própria identidade. Não há luta possível para pessoas destituídas de identidade e sem motivação interna para lutar, pois ainda que só seja possível lutar com outras pessoas, primeiramente eu luto por mim mesma”.

Embora as identidades não possam ser essencializadas e as maneiras de se performar gênero se mostrem atravessadas por subjetividades tão singulares quanto cada uma das pessoas sobre a face da terra, há características e elementos comuns entre elas, interligando-se ao tempo histórico vivido e ao lugar geográfico que ocuparam, o que não significa dizer que suas identidades não tenham se alterado ao longo do tempo. No caminho percorrido para a construção de suas identidades, alguns elementos triviais oferecem pistas a partir das vivências nos guetos, dos hábitos e preferências, como se vestiam, como eram suas relações sociais e afetivas, o que consumiam, quais repertórios musicais as embalavam, quais lugares frequentavam, com quem e o que faziam neles. Para Teresa de Lauretis (2019), o sistema sexo-gênero é:

tanto construção sociocultural quanto aparato semiótico, um sistema de representação que atribui significado a indivíduos inseridos na sociedade. O fato de alguém ser representado ou se representar como feminino ou masculino “subentende a totalidade daqueles atributos sociais. [...] a proposição de que a representação de gênero é a sua construção, sendo cada termo a um tempo o produto e o processo do outro, pode ser reexpressa com mais exatidão: a construção do gênero é tanto o produto quanto o processo de sua representação (LAURETIS, 2019a, p. 126).

Em outras palavras, é um sistema porque a anatomia dos corpos determina papéis, disputa e age sobre a realidade, validando certos corpos e tornando outros abjetos. Nessa perspectiva, a feminilidade em um corpo masculino ou a masculinidade em um corpo feminino comumente provoca reações de rejeição, pois extrapola a forma e o significado socialmente construídos para “homem” e “mulher”. Afrodite, que muito presenciou isso em seus bares, disse que os casais eram formados por uma “mais masculina e uma mais feminina, duas femininas tinha muito, mas duas masculinas, jamais”. Para Tia Violeta, hoje em dia está tudo meio misturado,

mas naquela época “era mais visível porque sempre tinha uma mais masculina e uma mais feminina, mais ‘coquetezinha’”.

Assim como entre homem e mulher estão ocorrendo mudanças notáveis, também entre casais homossexuais está se dando uma diluição da dicotomia ativo/passivo, a par de maior democratização do relacionamento. Isto parece ocorrer principalmente entre moradores de cidades grandes, de níveis socioeconômico e educacional mais elevados. Desloca-se a ênfase dos detalhes do ato sexual – quem penetra quem – para o relacionamento visto de maneira mais abrangente, isto é, o que importa é com quem você se relaciona, se com pessoas do seu próprio sexo ou não (MACRAE, 2018, p. 58).

Naqueles tempos, a formação de casais se organizava em torno de tipos e categorias que evidenciavam, de forma muito marcada no grupo pesquisado, que aquelas que performavam no gênero masculino formavam par com mulheres de aparência feminina, mas há ausência de uma “chefe de família” entre a maioria delas. As despesas e as tarefas são divididas. Seus depoimentos indicaram que, pelo menos no cotidiano, há pouco espaço para o modelo dominante/dominada.

O par igualitário tem sua origem explicada por um encontro psicológico singular, apoiado na crença de um sentimento amoroso, e que por esta razão almeja extirpar outras considerações que não as motivadas pelo sentimento. A ordenação simbólica desta unidade sociológica esteia-se na indiferenciação entre os membros, o que na prática cotidiana espelha uma certa reivindicação de equanimidade na divisão das tarefas domésticas. Distribuição dos deveres que a (eventual) convivência possa impor e acento na não-dependência econômica entre os parceiros constituem aspectos importantes dessa unidade (HEILBORN, 1996, p. 138).

Ainda que o par seja igualitário e haja equilíbrio na divisão dos deveres e tarefas, permanece entre elas a formação binária. A desconstrução do perfil masculino é pouco frequente, mas ocorreu com Hera.

Ao ser indagada sobre o surpreendente visual feminino apresentado no dia da entrevista, Hera disse: “Não é feminino, não. Só não uso saia. Só quando estava casada usava”, e acrescenta que foi princesa do comércio de Belo Horizonte, “antes da vida gay”. Chama a atenção a diferença do visual da Hera que transitava pela noite em trajes masculinos e a que se apresentava, talvez a valorização atribuída ao masculino pela sociedade a tenha seduzido a ponto de se metamorfosear tanto durante o período que esteve no comando de suas casas noturnas. Chance há também de que o visual assumido se relacione com o perfil de mulheres que desejava atrair ou que passou a desejar, tendo em vista que já havia performado no feminino. Ao ser perguntada se já havia namorado uma mulher mais masculina, respondeu com um categórico não! Aqui há

algo curioso. Entrevistei uma de suas ex-namoradas que performava o gênero masculino desde jovem. Embora tenha relatado só ter se envolvido com mulheres femininas, essa entrevistada namorou Hera, que, segundo ela, à época usava minissaia e era feminina. Tais performances evidenciam a fluidez que as identidades podem assumir. Sobre a composição dos casais que frequentavam seus estabelecimentos, Hera disse que algumas tinham um comportamento muito masculino, era uma masculina com uma feminina: “antigamente era assim, quem era masculina era masculina e as outras não. Hoje em dia tá tudo normal”.

Quando Simone de Beauvoir diz que “não se nasce mulher, torna-se”, ela se apropria e reinterpreta essa doutrina fenomenológica dos atos de formação. Nesse sentido, um gênero não é de forma alguma uma identidade estável do qual diferentes ações acontecem, nem seu lugar de agência; mas uma identidade tenuamente constituída no tempo – identidade instituída por meio de uma *repetição estilizada de certos atos*. Os gêneros são instituídos pela estilização do corpo e, por isso, precisam ser entendidos como o processo ordinário pelo qual gestos corporais, movimentos e ações de vários tipos formam a ilusão de um Eu atribuído de gênero imemorial. Essa formulação retira a produção do gênero de um modelo essencial de identidade e a coloca em relação a uma determinada *temporalidade* social. Se os gêneros são instituídos por atos descontínuos, essa *ilusão de essência* não é nada mais além de uma ilusão, uma identidade construída, uma performance em que as pessoas comuns, incluindo os próprios atores sociais que as executam, passam a acreditar e performar um modelo de crenças (BUTLER, 2019, p. 213-214, grifos da autora).

A questão da identidade não é de ordem teórica, mas política: a “identidade sexual não é a expressão instintiva da verdade pré-discursiva da carne, e sim um efeito de reinscrição das práticas de gênero no corpo” (PRECIADO, 2019b, p. 416). Com identidades tão fortemente marcadas, as entrevistadas precisavam se proteger de violências físicas ou simbólicas, proteção que encontravam nos guetos que construíram para si. Para Goffman (1988), a identidade social de um indivíduo divide o seu mundo de pessoas e lugares, e as contingências do encobrimento são parte da moralidade empregada para mantê-las em seus devidos lugares. Assim, tanto o encobrimento quanto o acobertamento estão implícitos permitindo um controle estratégico sobre a própria imagem e o que ela conta/oferece aos outros, o que estabelece uma cooperação tácita entre os normais e os estigmatizados.

Nesse bojo, há que se considerar que os processos de colonização atravessam todas as formas de organização social formatando corpos e mentes à estrutura patriarcal. Para Sandra Harding (2019, p. 96), as teorias patriarcais que se busca “estender e reinterpretar não foram criadas para explicar a experiência dos homens em geral, mas tão somente a experiência de homens heterossexuais, brancos, burgueses e ocidentais”. Segundo Lauretis (2019a, p. 140), para pensar o gênero (homens e mulheres) de outra forma e (re)construí-lo em termos diferentes daqueles ditados pelo contrato patriarcal, será necessário o afastamento do “referencial

androcêntrico, em que o gênero e a sexualidade são (re)produzidos pelo discurso da sexualidade masculina". A orientação sexual, enquanto referencial identitário, é um fenômeno relativamente recente na história humana. De acordo com Teresa de Lauretis (2019b, p. 398), as palavras gay, lésbica e queer simbolizavam uma forma de contestação social, antes de ser identidade, e graças ao movimento de liberação gay dos anos 1970 "se tornou motivo de orgulho e uma marca de resistência política". Entre as lésbicas entrevistadas, o orgulho da homossexualidade apareceu apenas no depoimento já apresentado de Deméter.

No campo dos constrangimentos, ainda em dias atuais, a palavra lésbica é um marcador importante e não faz parte do contexto discursivo das mais velhas. Há uma verdadeira aversão ao termo. Apenas Atena disse usá-la desde jovem. Capitu acha-a "muito difícil, muito pesada, feia, igual fanchona, soa mal, palavra usada para maltratar".

Ártemis endossa a dificuldade com a palavra que para ela era "pesada. A gente não aceitava. Nunca aceitava. Ela sempre foi usada pejorativamente para classificar as pessoas. Então, entendida era mais fácil. Fanchona também é uma coisa que usava na minha época e que a gente não gostava. É mais o peso".

[...] afixar o rótulo de 'valor humano inferior' a outro grupo é uma das armas usadas pelos grupos superiores nas disputas de poder, como meio de manter sua superioridade social. Nessa situação, o estigma social imposto pelo grupo mais poderoso costuma penetrar na autoimagem deste último e, com isso, enfraquecê-lo e desarmá-lo. [...] Assim, a exclusão social e a estigmatização dos outsiders (estranhos, desviantes) pelo grupo estabelecido eram armas poderosas para que este último preservasse sua identidade e afirmasse sua superioridade, mantendo os outros firmemente em seu lugar (ELIAS, 2000, p. 24).

O panfleto transcrito abaixo nos ajuda a entender a resistência à palavra:

Homossexual. Mas pode me chamar de lésbica. E por que não? Procure em qualquer dicionário e você verá que a palavra lésbica tem, por definição 'mulher homossexual'. Alguma ofensa nisso? Nenhuma, mas essa sempre foi usada com o intuito de ferir por uma sociedade heterossexual que não admite que ninguém saia dos padrões que ela considera 'normais e aceitáveis'. Além de não ser nada ofensivo em si, a palavra lésbica tem uma origem muito bonita, que remonta aos tempos da antiga Grécia, à ilha de Lesbos, onde a poetisa Safo viveu e cantou a beleza do amor entre as mulheres. Se você transportar essa palavra para o seu dia-a-dia, ela vai perder gradualmente essa capacidade de ferir, você está desarmando o inimigo. Esse é justamente um dos trabalhos do 'LF', esvaziar a conotação pejorativa, ofensiva, que a palavra lésbica carrega, mostrando que ela não precisa estar necessariamente associada a uma agressão. Grupo de Ação Lésbica-Feminista - Caixa Postal 293-SP (MACRAE, 2018, p. 322).

Diante dos desafios encontrados por essas mulheres desviantes para forjarem suas identidades lésbicas e atenta à ambiguidade, complexidade, controvérsias e interseções que

envolvem o termo identidade, nas mais diversas áreas do conhecimento, retomo aqui esse importante aspecto da existência humana em diálogo com os processos de estigmatização imbricados nas relações sociais.

Bauman (2005) nos adverte quanto aos cuidados quando pensamos identidades. “É preciso cuidado para não tornar a abordagem desse tema em um instrumento de estereotipização, de desumanização, de estigmatização, ou o pior deles, de negação da identidade”. Para Eagleton (2005), temos que forjar identidades se quisermos sobreviver.

O esforço empreendido por essas sexagenárias lésbicas, ainda que de forma inconsciente, alinhado com o desejo e a necessidade de conheceram outras mulheres, construírem suas relações afetivas e sexuais somadas às suas maneiras de agir e interagir, indicam elementos comuns formadores de suas identidades. Uma identidade com nuances comuns aos guetos que as uniram e que possivelmente tenha iluminado frestas para uma existência digna, apesar da heteronorma. Em consonância com Heilborn (1996, p. 137), a identidade é aqui “entendida e operacionalizada na acepção de um conjunto de marcas sociais que posicionam um sujeito em um determinado mundo social. Não se trata de uma concepção que se baseie numa substância reificada de marcas sociais estáticas”. A autora situa a identidade sexual na cultura ocidental como uma das dimensões centrais da identidade social.

De modo geral, é possível afirmar que entre as mulheres entrevistadas que estavam em um relacionamento afetivo-sexual, mantinham-se os pares em que uma é mais feminilizada e a outra menos, que vivem relações igualitárias, possuem hábitos, tipos de lazer e estilos de vida muito semelhantes entre elas e no grupo de amigas, resultado análogo ao apontado por Carvalho (1995) em pesquisa realizada em Belo Horizonte nos anos 1990. Contudo, no universo estudado por Carvalho, “a aparência feminina e andrógina é construída como um diferencial da lésbica masculinizada”. A amostra que compõe esta pesquisa difere da de Carvalho.

À guisa de conclusão, a maneira como as entrevistadas mais desfeminizadas performaram o gênero não se apresentou como uma escolha deliberada. A aproximação com características socialmente atribuídas ao universo masculino foi surgindo ainda na infância. As preferências, as brincadeiras na rua, os tipos de brincadeiras, a forma como se vestiam foi uma construção espontânea. Contudo, acabou se materializando em um elemento importante para as identidades que abrigavam em seus corpos. Essa construção visual e estética acabou se constituindo em um recurso valioso para identificarem umas às outras e, a partir daí, estabelecerem suas relações de forma relativamente segura.

Entre as jovens do Vila Sésamo, os jogos, principalmente as partidas de futebol que promoviam com regularidade, colocaram em campo e na arquibancada uma vasta gama de possibilidades de novas amizades e constituição de casais com a marca binária comum naqueles tempos.

A identidade pode ser vista como uma potência que aglutina; por permitir que um/a seja identificado/a por um/a outro/a, pode funcionar também como proteção em uma trincheira na qual semelhantes se escolhem, acolhem e tentam se proteger.

Se em tempos atuais nos deparamos com a formação de casais cujas marcas do gênero se apresentam menos evidentes, mais instáveis e fluidas, no passado alguns marcadores identitários se mostraram estrategicamente fundamentais. Capitu, figura de personalidade forte e precoce, sempre aglutinou em torno de si muitas amigas, algumas das quais participam desta pesquisa. O relato dela que transcrevo abaixo ilustra a potência da performatividade do gênero no tempo por elas vivido. O depoimento se situa na transição infância-adolescência e se refere aos encontros na porta do colégio:

Ali nós começamos a ser atraídas uma pela outra, não sexualmente falando, mas pelos desejos. Nós fomos descobrindo entre a gente que tínhamos os mesmos desejos, até pela própria vestimenta. Por exemplo, a Caubi foi uma pessoa que se vestiu muito mais masculinamente. Então, como se diz, um gambá vai cheirando o outro... (Capitu, 65 anos)

Perséfone e Gerânio endossaram a percepção de Capitu e disseram que reconheciam de longe quem também era lésbica e se aproximavam. Identificavam pelo jeito de olhar, de gesticular e as coisas que faziam, como puxar uma cadeira para a outra, dando pistas. A referida masculinidade exibida em um corpo feminino tem consequências. Estudos sobre processos de estigmatização têm mostrado que ele é inicialmente atribuído pelo exterior, seja individual ou coletivo; em seguida, internalizado pelos estigmatizados/as, potencializando seu poder de discriminação.

De acordo com Bauman (2005), a identidade estava determinada, nos estados pré-modernos, pela nacionalidade, classe social, etnia, gênero, costumes tradicionais, autoridades imutáveis, rotinas preestabelecidas e pelas verdades inquestionáveis, proporcionando poucas oportunidades de construção e de invenção. Se assim o foi, não mais o é.

Na contemporaneidade, os seres humanos se desconstroem, se reconstroem, se reinventam; assim, muitos relacionamentos são pautados no respeito pelos traços pessoais do outro, pelos pontos de vista independentes (GIDDENS, 2002). Ainda de acordo com o autor, no estudo das identidades não é apenas o relacionamento que está em jogo, mas, sobretudo, a

democratização da vida pessoal e social. Para Capitu, “avançamos muito nessa questão, mas ainda estamos longe do ideal”.

Partindo de aspectos das vidas pessoais e sociais, e em consonância com Hall (2006) – de que o sujeito pós-moderno não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente e que a identidade é formada na *interação* entre o eu e a sociedade –, foi possível identificar, entre as entrevistadas, elementos – conscientes ou inconscientes – que colaboraram para a construção, ainda que temporária, de uma identidade lésbica tecida nos guetos e grupos sociais da geração focalizada. Uma identidade constituída de elementos que possibilitaram a elas a produção de sentidos e significados para uma vida divergente da convencional, em tempos de intensas restrições de liberdades imposta pelo regime militar, que pretendia vigiar e punir agremiações, ações, mentes e corpos. As estratégias adotadas por dissidentes sexuais da norma precisavam encontrar meios de existir entre uma esquerda homofóbica e uma direita reacionária e conservadora. Algumas vivências de preconceitos e discriminação comuns às lésbicas oscilam entre a aversão e o desejo. Em ambas as situações, a vulnerabilidade feminina há que ser levada em consideração.

Eu levei foi muita cantada. Tinha muito chefe que não entendia essa posição da gente, que cantava a gente ou, às vezes, até mesmo sugeria que a gente fosse fazer uma suruba com ele: eu, minha namorada e ele. Esse assédio sempre houve. Em vários lugares em que eu trabalhei. Talvez esse tenha sido um dos motivos de eu ter optado por trabalhar na noite LGBT. Justamente por causa desse assédio que eu sofria muito. (Deméter, 61 anos)

O relato de Deméter, cujo perfil sempre foi masculinizado, apareceu como uma exceção. Duas possibilidades nos oferecem pistas para analisá-lo. A primeira remete ao fato de ela viver há mais de trinta anos com uma ex-garota de programa que talvez ostentasse um modelo de feminilidade dentro dos padrões construídos socialmente e que alguns homens invasivamente costumam desrespeitar, impondo à mulher formas de se vestir e se comportar como condição para que sejam respeitadas. A segunda talvez se relacione com o fato de a maioria das outras entrevistadas estarem mais distantes desse modelo. Aqui uma especulação poderia remeter à performance do gênero no masculino, mesmo que inconsciente, enquanto estratégia para afastar a fantasia de uma relação heterossexual.

Ao performarem o gênero, seus corpos e posturas questionavam códigos, regras e as normas sexuais vigentes.

O corpo parece uma noção simples, particularmente se comparado a conceitos como ‘eu’ e ‘auto-identidade’. O corpo é um objeto que todos temos o privilégio de viver

ou somos condenados a viver; fonte das sensações de bem-estar e de prazer, mas também das doenças e das tensões. [...], o corpo não é só uma entidade física que possuímos, é um sistema de ação, um modo de práxis, e sua imersão prática nas interações da vida cotidiana é uma parte essencial da manutenção de um sentido coerente de auto-identidade (GIDDENS, 2002, p. 95).

O corpo é um território político e a identidade de gênero é vivenciada na carne. Sua construção é um processo contínuo e permeado por elementos das mais diversas ordens: históricas, culturais, religiosas, literárias, midiáticas e pelos mais diversos espaços e ambientes pelos quais se escolhe ou se é obrigado a transitar. Essa miríade de elementos que possibilita a construção das mais diversas redes de relacionamentos sociais possibilitou também entre as entrevistadas a construção de uma identidade comum, identidade marcada pela repetição estilizada de certos atos que rejeitaram e confrontaram, com suas existências e corpos, muito do que foi esperado e desejado pela família e pela sociedade.

De acordo com Bauman (2005, p. 19-20), as “identidades flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas”. Ainda de acordo com esse autor, a identidade só nos é revelada como algo a ser inventado como alvo de um esforço, um objetivo. Comprometer-se com uma única identidade para toda a vida, ou até menos do que a vida toda, mas por um longo tempo, é um negócio arriscado em nosso mundo fluido. As identidades são para usar e exibir, não para armazenar e manter.

Ao ouvirmos e analisarmos as histórias de vida compartilhadas por meio das entrevistas e observando seus encontros, ficou evidente a distância por elas mantidas de pautas na direção da afirmação da identidade. Percebe-se reserva nas exposições, como apontado por Heilborn (1996). Há um evidente regramento de gestos e emoções. A demonstração de afeto entre casais só fica evidente nos espaços ou reuniões privadas; publicamente, elas continuam no armário. Para Seidman (2004, p. 58-59), “o armário” agrega ironicamente uma autoconsciência que fixa a atenção precisamente no que é prescrito, tornando a identidade um elemento central do *self*, uma vez que, na vida quotidiana, permanece a centralidade de atitudes que evitem suspeitas quanto à orientação sexual. Caubi sintetiza como se comportavam e se comportam: “na nossa turma, as pessoas sempre foram muito discretas, nunca foram de ficar agarrando em público, beijando em público. Era um perfil mais conservador, de quem não gostava de se exibir”. A maioria das mulheres entrevistadas se mostrou pouco à vontade com a visibilidade assumida pelas jovens lésbicas, como já exposto em outros trechos, além do que segue abaixo:

Elas entram nos bares e estão querendo se beijar. E tem pessoas que não aceitam. Eu não sei se elas vão ter esse respeito que nós tivemos na época, não é por aí, mas fazer o quê?. Cada um tem de se respeitar. Respeito pelo ser humano, pelo outro. Você se colocar no lugar do outro, acho que você tem de fazer isso. (Nastasya, 64 anos)

Ignora-se que “se colocar no lugar do outro” deveria ter como contrapartida que o outro se coloque “no lugar do um”. Nastasya tem esse posicionamento em comum com as entrevistadas, acha ofensivo ou desrespeitoso se assumir lésbica: “eu não me abro pra qualquer pessoa, mas eu não me escondo mais”. O texto é controverso: vem de uma pessoa que não assume a homossexualidade e que critica a postura das que o fazem. É como se a orientação sexual delas tivesse se acomodado dentro, um sentimento íntimo, um descanso, uma aceitação, como se elas se conformassem. Não há questionamentos quanto à legitimidade de seus desejos e direitos.

Como as demais entrevistadas, exceto Deméter, Nastasya deixa evidente a distância que mantém das pautas identitárias e a busca por reconhecimento e visibilidade. Ela relata que no tempo que trabalhou com transporte escolar “ficava com medo das mães saberem da minha ‘opção’ e tirar as crianças. Eu já tirei criança do meu carro por mãe achar que uma criança era autista e a outra mãe não queria que ficasse junto com as crianças ‘normais’”. A opção por excluir uma criança autista exponencia em muito a dificuldade de ela se colocar diante de injustiças. Capitu, ao contrário da amiga, conta que sempre teve “muita empatia pelo outro. Quando jovem, já tive brigas na rua para defender morador de rua que estava sendo maltratado. Eu quis ir lá bater no cara”. Embora sejam amigas de longa data, fica evidente a heterogeneidade do grupo, marcadamente no Vila Sésamo, atuais confreiras, característica que foi ficando mais evidente à medida que foram envelhecendo e que culminou com as polarizações políticas pós-eleição de 2018.

Mesmo as três que formalizaram legalmente a união com suas companheiras não atribuíram mérito à luta dos movimentos identitários em prol dos recentes direitos, como o casamento entre pessoas do mesmo sexo.

O conjunto das entrevistas evidencia que a homossexualidade delas é ainda velada na maioria dos ambientes pelos quais transitam e persiste o regramento dos gestos. A recente possibilidade a uma exposição pública da homossexualidade antes de as encorajar e ser vista como um direito se apresenta como desrespeito às outras pessoas, como se o amor, o afeto e a manifestação delas não fosse um direito humano legítimo. São os efeitos do vivido cristalizado.

Da mesma forma que os vários corpos gordos, largos, grandes, pequenos, estreitos existem dissociados dos modelos convencionados, a “masculinidade” pode existir dissociada do macho, produto do patriarcado falocêntrico, cuja força, constitutiva e formadora, não deve ser

ignorada. Em tempos de desconstrução, é preciso despatriarcalizar o Estado, suas instituições e as relações.

Em síntese, se é nas relações sociais que as identidades se constituem, se condicionam e produzem experiências distintas, as construções identitárias delas, com marcadores estáveis em determinados momentos, se apresentou como fruto do meio no qual estavam inseridas, com os pares que formaram e no tempo histórico vivido, como foi comum a tantos outros grupos como góticos, *punks*, emos, metaleiros, dentre outros. Afinal, as identidades se configuram na relação com o outro, de forma nunca essencial e sempre relacional. Há que se considerar que a identidade é também um papel que se desempenha.

A seguir, será visto como essas identidades foram acomodadas, ou não, em seus núcleos familiares, quais as consequências, perdas e ganhos quando ela se revela e quando é omitida.

4.3 Entre relações familiares e o indizível desejo

Nesta seção, apresento como a ruptura com as tradicionais expectativas familiares atravessaram as vidas das mulheres que ousaram um caminho dissidente da heteronorma, apesar da herança deixada pelo colonizador que aportou em terras brasileiras com seus valores judaico-cristãos. De acordo com Goffman (1988), a maioria das pessoas deseja ardentemente esconder a homossexualidade de sua família; mesmo aquelas que se expõem abertamente em público são cuidadosas no sentido de evitar que se levanten suspeitas no círculo familiar.

Ainda que sejam perceptíveis as alterações vividas nas últimas décadas, e a forma como algumas famílias têm respeitado a orientação sexual de seus filhos e filhas, não se pode ignorar o crescimento das religiões evangélicas no Brasil a impor seus limites, merecendo destaque as pentecostais.

Das 21 entrevistadas, vinte têm suas origens em famílias católicas e dezoito pertencem a tradicionais famílias mineiras. As três que nasceram em outros estados brasileiros eram igualmente oriundas de famílias católicas e se mudaram ainda jovens para Belo Horizonte.

Se a tradição católica é um traço comum ao grupo pesquisado, tanto mais o era para as suas famílias se considerarmos as idades envolvidas. Segundo dados do Censo de 2010, o Brasil ainda é uma nação predominantemente católica²⁵. Embora seja também o maior país

²⁵ De acordo com o Censo de 2010, do IBGE, o Brasil ainda é a maior nação católica do mundo. Porém, na última década, a Igreja teve uma redução da ordem de 1,7 milhão de fiéis, um encolhimento de 12,2%. Os dados

neopentecostal do mundo, esta não foi uma característica encontrada entre as entrevistadas. Um dos fatores que pode explicar a exclusividade das origens católicas se relaciona com o processo de colonização sofrido pelo povo brasileiro: aonde ia a cruz, ia a espada. Há que se considerar, ainda, o patriarcado, a moral cristã e a heteronorma dela decorrente a pesarem sobre as sexualidades.

Se o progresso de Minas Gerais esteve por longos anos “condicionado à manutenção das tradições locais, constituídas por valorização do trabalho, obediência aos governos, defesa da ordem política e social, catolicismo fervoroso e apego à família” (RAMALHO, 2015, p. 252), as mineiras não passaram incólumes por tais atributos.

Em uma digressão histórica, encontramos o trabalho do renomado historiador Ronaldo Vainfas (2010, p. 232) que, ao se debruçar sobre os documentos produzidos pelo Santo Ofício entre os séculos XVI e XVIII, situa as relações sexuais entre jovens moças como uma forma de contornar a “tirania dos pais” e as “brincadeiras pueris”, como estratégia para manter a “honra da virgindade e de evitar riscos de castidade”. O autor chegou a vincular as relações homoeróticas femininas a partir da influência de livros que abordavam o amor entre mulheres. Ficam, além do desconforto das muitas histórias escritas sob uma ótica masculina ancorada no patriarcado, as perguntas quanto ao volume produzido e o acesso a essa literatura no tempo histórico por ele pesquisado, e outra mais contundente: onde se situaria o campo do desejo? Estaria restrito aos privilégios masculinos? Em sociedades heteronormadas e marcadas por componentes culturais misóginos, prevaleceria a relação do desejo sexual entre mulheres restrito ao campo da doença ou da perversão?

A sexualidade e sua dupla “pênis-penetração”, e, a exemplo, seus derivados “ativo/passivo”, tem como origem a própria construção da estrutura patriarcal. Relegar o sexo entre mulheres a essa zona do “não sexo”, do sexo ridículo, absurdo, estúpido, insuficiente, deve-se a uma organização limitada dos corpos nessa estrutura (AZEVEDO, 220, p. 306-307).

Embora alguns relatos digam da aversão à possibilidade de uma relação sexual com homens, o que a maioria explicitou foi o desejo que sentiam por outras mulheres. Em que pesem os séculos que separam a presente pesquisa daqueles sobre os quais o historiador se debruçou, é possível constatar como a força e a persistência da tradição e dos valores morais atravessam

de forma marcada as mulheres, divide e hierarquiza, ainda em tempos atuais, o mundo entre heterossexuais e homossexuais, normais e anormais.

De acordo com Navarro-Swain (2004), duas mulheres juntas “estão sozinhas”, não gozam de validade e de autonomia, não podem contar como simbolicamente relevantes, porque é o homem quem legitima a parceria. Nesse raciocínio, do ponto de vista da atividade sexual, é o coito (seja anal ou vaginal) que comprova uma relação sexual legítima (natural ou “antinatural”).

Em cenário tão marcadamente desfavorável, elas seguiram bem os ditamos da norma: a omissão da orientação sexual no núcleo familiar foi tratada com naturalidade pela maioria. Úrsula se sente privilegiada: nunca teve problema em nenhum âmbito da vida que se relacione com a sua homossexualidade. Há, conforme já exposto em outros trechos, uma relativização e aceitação, como se o que estava posto na sociedade e a forma que encontraram para a vivência de seus proibidos afetos entre o armário e o gueto fossem suficientes.

O universo considerado indica uma não-univocidade da relação com a família. Embora a homossexualidade de todas tenha sido vivida veladamente, pelo menos durante a maior parte de suas vidas, as experiências variaram desde uma maior liberdade para se envolverem em brincadeiras de rua com meninos, se vestirem mais masculinamente, ao seu extremo oposto, com questionamentos sobre quando se casariam, se teriam filhos, chegando a casos dramáticos como o vivido por Orquídea. Embora seja ela a segunda mais jovem entre as entrevistadas, foi uma das que sofreu mais intensamente, no seu núcleo familiar, as consequências de uma orientação sexual dissidente.

A vertente religiosa, embora não seja um tema explorado nesta pesquisa, é convidada para situar um dos grandes desafios enfrentados pelas pessoas que ousaram se contrapor à norma e dela se desviar. Para situar a dimensão do peso da moral cristã no seio das tradicionais e católicas famílias mineiras, apresento o que foi vivenciado por Orquídea. Ela afirma ter “se descoberto” homossexual aos quinze anos de idade. Na casa da sua família, “todo domingo tinha aquela história de que tinha que ir à missa para poder ir para o clube nadar. Primeiro tem que ir à missa. Sempre foi assim [...]. Todo mundo passa por esse processo, né?”. Seu texto apresenta uma prática bastante comum entre as famílias mineiras da geração focalizada.

Protagonista de uma comovente trajetória, ela conta ainda que a mãe, católica fervorosa, ao descobrir que ela tinha uma namorada, convidou uma amiga e viajaram as três para Guara-pari (ES): “aí foi doutrina: minha mãe com a amiga dela, 24 horas por dia – ‘Isso é uma doença,

é uma doença””. Ela diz que a mãe é “católica apostólica romana do tipo separada do marido que não pode se casar novamente para não cometer o adultério”.

Orquídea deixou a casa dos pais aos dezoito anos e relatou comovida que “essa parte aí foi muito difícil, eu era muito nova, né? Aí, eu peguei algumas roupas que eu tinha, coloquei em dois sacos de lixo [...], minha mãe e dois irmãos estavam na sala e eu falei: – Eu estou saindo de casa”. Conta ainda que um dos irmãos tentou impedir a sua saída e o outro tentou agredi-la. Mas conseguiu sair. Compartilhou também um episódio no qual a mãe simulou a própria morte para “sensibilizar” a filha da culpa decorrente dos seus atos; que perdeu o emprego graças à interferência da mãe, que tentou interná-la em uma clínica para que ela se curasse da homossexualidade, local de onde pulou o muro e fugiu em desespero.

Vivendo sob forte pressão familiar, viu-se coagida pela família a se casar da forma mais tradicional possível. Tendo lutado desde os quinze anos para ter seus sentimentos respeitados, resignou-se aos 25 anos à imposição familiar. Casou-se com pompa e circunstância, em 1985, na mais elitista catedral da cidade, a igreja de Lourdes. A família recepcionou oitocentos convidados no Clube dos Oficiais da Polícia Militar.

Magnólia também viveu situações de muita tensão, quando perguntada sobre como a sua orientação sexual era vista no núcleo familiar. A respeito da mãe, disse que mais no final da vida dela o assunto orbitava sobre a relação. O pai faleceu quando ela tinha 21 anos, antes que ela tivesse relacionamento com mulheres, o que só ocorreu aos 35 anos. A relação com os irmãos foi mais tensa: “eles não admitem, se reúnem e não me chamam, nem sei onde eles moram” e que ela é “nula na família”. Relatou um episódio com o irmão que quase chegou à agressão física: “eu estava doida pra ele botar a mão em mim, eu ia colocar ele na cadeia”.

Não convivo com nenhum irmão. Só a filha dele, que liga de vez em quando pra saber como estou. Essa menina tem 35 anos, eu fui no aniversário dela de 1 e 2 anos. Só ela me convidou quando casou. Meu afilhado casou e não me convidou. A outra filha do meu irmão se casou e não me convidou. Ninguém me convida. (Magnólia, 68 anos)

O lugar da mulher na família de Magnólia era claramente marcado. Ela conta que “meus pais deram carros para todos os meus irmãos, nunca me deram nada. Eu que batalhei, cheguei a ter cinco carros zero na minha garagem, que eu comprei”.

Quando a mãe de Magnólia faleceu, os irmãos fecharam a loja que ela administrava. Segundo seus relatos, a parte que lhe cabia na divisão foi “roubada”, e os irmãos “mandavam o cara aqui com revólver, me levava no banco, eu sacava dinheiro quase todo dia. Eu já não estava aguentando, fiquei quatro anos sem sair de casa. Aí ele veio aqui, o cara me ameaçou de morte”. Magnólia afirmou não ter amigas e não sair mais. Quando passou mal, “quem me socorreu foi

a porteira. Eu chamei meu irmão, me viu passando mal e falou: ‘Liga pra suas amigas pra te levarem pro hospital’”. Contou ainda que deixa a porta do apartamento aberta “porque, se eu precisar de qualquer coisa, elas vêm e me socorrem”, referindo-se às faxineiras do prédio.

As consequências da lesbofobia, embora tenham atravessado a vida de todas nos mais diversos âmbitos de suas existências, se apresentaram de forma ainda mais contundente nas famílias de Orquídea e Magnólia, reiterando os estudos de Goffman (1988), que apontaram para a necessidade da omissão da orientação sexual no seio familiar. Para o autor, mesmo algumas pessoas que procediam em público de maneira aberta, eram bastante cuidadosos para evitar suspeitas no ambiente familiar. Situação constatada nas diversas histórias de vida que compõem este estudo.

As violências sofridas na família deixaram suas marcas; afinal, o núcleo familiar é o espaço por excelência de segurança ontológica essencial. De acordo com Giddens (1991), a segurança ontológica envolve o respeito pelas experiências do indivíduo e há aspectos de segurança e confiança que parecem se aplicar a todas as culturas e cujos desdobramentos são observáveis no desenvolvimento da personalidade e da identidade dos indivíduos. Em seus estudos, esse sociólogo identificou quatro focos de confiança e segurança ontológica: as relações de parentescos; a comunidade local; as cosmologias religiosas; a tradição.

A família é a primeira delas. A possibilidade de rejeição pelos familiares implica altos custos e é frequentemente evitada (PONSE, 1976; SEIDMAN, 2004). A preocupação maior é ocultar o que, aos olhos daqueles próximos, seria vergonhoso (GOFFMAN, 1988). Quando a revelação, por algum motivo, se torna inevitável e falta ao desejado o apoio que gostaria de receber, o resultado pode ser devastador.

No que se refere ao lugar ocupado pelas mais velhas na sociedade, nos espaços familiares, profissional e social, o desconforto e o constrangimento sempre estiveram presentes. Se quando jovens a homossexualidade era um desafio em suas famílias de nascimento, ele ainda pesa sobre as maduras, ainda que com certo tom de conformação. Para Gerânio, “o mais difícil foi ter de esconder da família. Pessoas de quem eu gostava e que queria levar pra casa para apresentar e não podia. Isso era muito chato”. Jane Eyre, que vivia há 21 anos com a companheira, tendo formalizado a união estável depois de quinze anos de convivência, conta como é a relação com a família da companheira.²⁶

Eles aceitam que eu tenha esse lado. Mas eles não gostam disso, não. Eles são preconceituosos. A família da Zélia, a maioria aceitou muito bem. Mas tem gente muito

²⁶ No Brasil, a união estável entre pessoas do mesmo sexo só foi possível a partir de 2011.

próxima na família da Zélia que aceita a gente porque nós os respeitamos, isso já foi falado textualmente. Tipo assim, já foi falado que nós não somos pessoas mais grosseiras, mas aquelas caminhoneiras, e que a gente sabe se comportar. Então a gente é aceita. (Jane Eyre, 65 anos)

O tom do seu depoimento remetia a um sentimento de menos valia que comumente incide sobre pessoas que são desvalorizadas, minando-lhes a autoconfiança. A pessoa com sentimento de menos valia se sente impotente, o que lhe tira a coragem e limita ou empobrece sua atuação. O tom de Jane Eyre era o de uma mulher conformada: para ela era suficiente que as famílias soubessem e as “aceitassem”. É como se o alívio de não precisar mais se manter vigilante naquela altura da vida fosse suficiente. Para Zélia, mulher de Jane Eyre, que se diz lésbica desde sempre, o tema da sua homossexualidade nunca foi abordado em seu núcleo familiar, dando a impressão de que estava bem daquele modo.

Nogueira e coautoras (2017, p. 476) dizem que a “fruição da memória faz eco aos fluxos e ao imponderável da vida. O que importa ao sujeito é a forma como a coisa foi vivida, ou seja, como determinada vivência pregressa compõe com os fatos e elementos afetivos atuais”. Para Goffman (1988), o estigmatizado se abstém voluntariamente de exigir uma aceitação que ultrapasse os limites que os normais consideram cômodos.

Na tentativa de escapar do rótulo de lésbica e do estigma dele decorrente, algumas entrevistadas relataram ter tido um namoradinho. Várias disseram ter lançado mão da companhia de um amigo gay que desempenhou o papel em evento familiar ou profissional.

Se a invisibilidade na esfera pública contornou violências e constrangimentos, na familiar a presença do namoradinho evitou confrontos e contornou pautas delicadas. O depoimento de Lolita ilustra o que foi vivido pela maioria. Ela nos conta que viviam “uma vida dupla”: uma na qual se abriam completamente nos espaços que criaram para si e “uma vida de mentiras, uma vida de fachada”.

Para Seidman (2004, p. 32), a necessidade de monitoramento constante da conduta, do discurso e da expressão coloca para a vida dessas pessoas um elevado sentido de teatralidade ou deliberação representativa. A autora aponta uma diferença entre uma modelação de vida destinada a camuflar um segredo e uma forma de vida em que a gestão do homoerotismo surge mais como uma inconveniência ou perturbação menor em circunstâncias delimitadas, situando os comportamentos entre o fingimento permanente e a ocultação episódica.

Nessas situações, muitas entrevistadas demonstraram ter consciência dos papéis que representavam para os outros, promovendo intencionalmente a exclusão de uma parte delas, fazendo emergir papéis que aprenderam e que conscientemente representavam.

Se a família sabia da homossexualidade, eu acho que não, porque na época essas coisas não eram tratadas. Talvez me achassem um tanto diferente das outras meninas. Na minha família, ninguém nunca teve nenhum tipo de problema. Eu tive algumas namoradas, poucas, mas conheceram todas, nós convivíamos, assim, mansa e pacificamente. Nunca teve nenhuma piadinha, ninguém nunca comentou nada. Ninguém, nunca teve problema não. (Caubí, 67 anos)

Para a manutenção dessa fachada, os namorados “de aluguel” eram comuns, por vezes usavam os mesmos para manter as aparências. “Tinha um amigo nosso, amigo de todas, o Roderio, [...] que era um apoio, de vez em quando, ele aparecia na casa de uma ou outra como namorado para aliviar uma barra daqui ou dali” (Caubí). Ártemis relata que “mesmo com as amiguinhas, a gente tinha namoradinhos... eu, por exemplo, namorei muitos anos na minha família o Stevan, aquela bicha”. As referidas amiguinhas eram as namoradas.

Da amostra, duas foram legalmente casadas com homens: Hera, que inclusive teve filhos com o marido, e Orquídea, que ostentou um casamento de fachada com um amigo gay, para tranquilizar a família. Uma relatou a experiência sexual tida quando estava “chapada”, as que chegaram a ter algum namorado real relataram ter apenas trocado alguns beijinhos.

É preciso sopesar as vantagens da omissão da homossexualidade. A maioria afirmou que a família, no fundo, sabia, mas preferia ignorar. De toda forma, o fato de a lesbofobia pairar no ar mediando, ainda que tacitamente, as relações, acabava por fazer dela um recurso “educativo”. É comum no seio familiar discursos e práticas que reforçam normas heterossexuais que reverberam na adequação dos corpos, modos de se vestir, se comportar e se expressar.

O peso da virgindade à época também precisa ser considerado. As jovens “que se perdiam”, expressão usada à época para designar aquela que não era mais virgem, costumavam ser colocadas para fora de casa, às vezes grávidas. Talvez o peso virgindade-gravidez x homossexualidade colaborasse para a convivência das “amiguinhas” junto às famílias.

Os pais achavam bom o fato de não ter perigo de engravidar, mas acho que eles sabiam da relação da gente. Era mais fácil pra eles fingir que não sabiam do que se a filha fosse hétero e quisesse viajar com um homem. Isso eles não iriam deixar. Mas eles sabiam e não aceitavam. A maioria não aceitava essa relação, mas fingiam que não sabiam, então estava tudo certo. O importante era não incomodar a família: se você é ou não feliz não interessa, o importante é como você é visto pela sociedade e pela família. (Capitu, 65 anos)

Alguns depoimentos dizem da facilidade de conseguir autorização dos pais mais facilmente quando iam viajar porque só iam mulheres. O trecho transcrito abaixo ilustra uma prática adotada entre as da turma do Vila Sésamo que ajudava a manter a fachada:

Nós tínhamos uma representante, sempre, uma mais meiguinha, tipo a Azaleia, que, sempre que precisava pedir alguma coisa para os pais, uma coisa excepcional, para viajar, por exemplo para Juatuba, a gente tinha a titular, a mais delicada. Não poderia mandar eu, a Begônia, a Tulipa, Capitu... A gente era muito homem pra chegar e falar que estava tudo certo. Mas a Azaleia não, chegava com aquela vozinha doce, aquela carinha boa, conseguia qualquer coisa. (Caubí, 67 anos)

Para Ártemis, estar entre mulheres facilitou a aceitação da família, “a moça não ficaria grávida: ‘Não, minha filha não vai casar grávida. Ela sai com as amigas, ela tem uma turma, as amiguinhas até dormem aqui’”.

Chance há que a vigilância e a cobrança familiar no que se refere à exigência da manutenção da virgindade tenha desviado a atenção e favorecido uma discreta convivência homoe-rótica entre elas no seio familiar. Afinal, ir dormir na casa da “amiga” sempre foi uma boa camuflagem.

Lolita conta que viveu uma vida dupla, em família e no trabalho, “era uma vida de uma pessoa dita normal, que convivia nos locais que as pessoas heterossexuais frequentavam e uma vida fora da família, fora do meu núcleo de trabalho”. À medida que foram envelhecendo, o cenário familiar para algumas permaneceu praticamente inalterado, para outras foi mudando. A presença das companheiras foi ganhando algum espaço, discreto.

Capitu apresenta um cenário incomum: sua mãe, com 92 anos, sabe que a filha tem uma relação e “costuma perguntar sobre a relação das amigas” enquanto suas irmãs incentivam que ela se case.

Lolita conta que “desde criança eles sabiam que eu era uma pessoa diferente, mas hesitaram muito em enxergar e aceitar, por mais que soubessem”. E complementa:

Hoje eles já me respeitam pelo que eu sou, pelo que eu fui e em nenhum momento desmerecem o fato de eu ter sido uma pessoa que trabalhou, que conseguiu as coisas lutando, respeitando, nunca quis enfrentar ninguém, e de fazer disso uma convivência harmoniosa com minha família. Hoje em dia todos sabem na minha família e todos me respeitam muito, apesar de alguns irmãos mais velhos – eu tenho irmãos de mais de 80 anos de idade – saberem, respeitarem, mas evitarem falar sobre o assunto. Da mesma forma, eu respeito, porque eu acho que eles viveram em uma época de muita repressão, inclusive a do lado sexual e tudo. Então a gente tenta chegar a um lugar comum, que é bom para eles e que é bom para mim, mas hoje já é uma vida muito mais liberada. (Lolita, 66 anos)

No outro extremo está Perséfone: sua homossexualidade chegou aos ouvidos da mãe quando ela tinha mais de quarenta anos e já vivia com a companheira. Ainda assim teve que lidar com a revolta e suas implicações, uma vez que sua mãe “nunca aceitou a situação”.

Nastasya conta que na família dela “todo mundo sabe de mim, mas nunca comentaram nada”. Karenina diz que em sua casa “nada [era] revelado, mas tudo sabido. Sempre teve respeito entre nós”. Viveram entre silêncios e omissões. O respeito não foi reivindicado; a noção de direito se apresentou de forma um tanto peculiar entre elas.

Para além das famílias de origem, há as famílias que algumas constituíram para si. São os casos de Hera, que foi casada e teve quatro filhos; Orquídea, que chegou ao extremo de se casar para acomodar a relação com a família de origem; Afrodite, que teve uma namorada casada e com filhos.

Bernedette Muthien (2020, p. 81), em texto que aborda a perspectiva africana ativista, relata que “muitas mulheres fora da África do Sul, que poderiam se identificar como lésbicas em qualquer outro lugar, estão casadas, com filhos e/ou praticam relações sexuais com pessoas do mesmo sexo de forma oculta, em razão da violência da homofobia patriarcal pós-colonial” que, acrescento, também ocorre no Brasil.

Entre as mulheres 70+, a relação com mulheres casadas apareceu com mais frequência e naturalidade, ainda que seus “casos” fossem casadas e mantivessem vida conjugal com os maridos:

Saía todo mundo junto e a gente também no meio deles. Naquela época, as pessoas não maldavam sobre isso. Era muito esquisito. Eu fico pensando hoje nessas novelas de época que colocam isso. Não tinha, não. Se tivesse, era muito escondido. Os maridos não maldavam isso, não. A que tirou a Hera de casa era amiga do marido. (Perséfone, 83 anos)

Fazendo coro, Caubi acha “que na época as pessoas não viam a coisa assim, com maldade, não”. As entrevistadas que se relacionaram com mulheres casadas com homens tinham em comum um perfil bastante masculino, tanto quando jovens, como assumem em seus depoimentos, quanto no momento das entrevistas, exceção para Hera e Atena que ilustram a fluidez que as identidades podem assumir – ambas performaram feminina ou masculinamente em diferentes fases da vida.

Ainda que a maioria dos relatos aponte para um desconhecimento intencional das famílias quanto à orientação sexual delas, chama a atenção a única presença que atuou na contramão daqueles tempos. Trata-se de Augusta, avó de Margarida, por quem esta demonstrou verdadeira adoração. A avó a criou desde os três anos de idade, quando a mãe abandonou o pai e foi viver em outra cidade. Ao final da entrevista, havia um transbordamento da presença dela. Se algumas memórias despertaram admiração e emoção, essa foi uma. O impacto das atitudes da avó sobre Margarida, do modo como cuidou da educação daquela criança meio menino briguento e

jogador de futebol que arrumava confusão pra todo lado, nos coloca diante da potência que o amor, a aceitação e o acolhimento podem representar na formação humana. Portadora de uma trajetória familiar pouco comum às mulheres de sua geração, Margarida encontrou na avó Augusta que um pilar de afeto e inspiração para a sua formação humana. Relação que mereceria um capítulo à parte. Ouvir Margarida falar sobre aquela mulher foi muito tocante. A relação desenvolvida no núcleo familiar destoa de todos os outros depoimentos. Augusta aceitou e acolheu a neta como ela era; com a sua vanguardista forma de ver o mundo, gerenciou a família, ampliando possibilidades que foram fundamentais para a formação de Margarida.

Na família de Deméter, encontrei situação distinta:

Nossa! Era muito complicado, no começo foi muito difícil. Minha família não me aceitava de jeito nenhum. Quando eu tinha dezoito para dezenove anos, saí de casa justamente por isso, pela falta de aceitação. Não pela minha mãe, eu acho que mais pelos meus irmãos. Porque mãe sempre dá aquele apoio, independente do que esteja acontecendo. Você estando certa ou errada, mãe é sempre mãe. Mas os meus irmãos me cobravam muito esse fato de eu gostar de mulher e aí eu já tinha um emprego. Eu saí de casa e fui morar com amigos. E nunca mais voltei. (Deméter, 61 anos)

Até aquelas que disseram não ter vivenciado maiores dificuldades no núcleo familiar acabaram se contradizendo em algum momento, como é exemplo Afrodite ao afirmar que a família sempre aceitou sua homossexualidade. Entretanto, ela narrou um episódio no qual o irmão, durante uma discussão, a teria ofendido por causa da orientação sexual e a chamado de lésbica na frente do pai. Ainda assim, ao entrar pela primeira vez em uma boate para homossexuais – a Chez Eux –, Afrodite relatou que o primeiro pensamento que lhe ocorreu foi “o que diria meus pais... e se mamãe me visse aqui agora?” e completou afirmando que sabia que “estava fazendo algo errado, muito errado”.

Capitu cuidava da mãe e de uma tia na ocasião da entrevista. Ártemis compartilhou que quando a mãe ficou doente, o pai já era bem mais velho e ela ficou em casa pra cuidar deles: “É sempre assim: quem é sapatão é que fica mesmo, não tem jeito”. Ela só se casou aos 59 anos, depois do falecimento dos pais. De toda forma, conseguiu tomar uma atitude que outras não conseguiram: disse que “não foi fácil encarar a família vestida pra casar com outra mulher. Eu fui, mas não foi com aquela desenvoltura, aquela satisfação, é uma coisa difícil de encarar”.

Se as famílias de nascimento impuseram desafios, as famílias construídas entre elas ajudaram a superá-los. Ártemis afirma não haver diferença entre família de origem e família construída: “Eu diria que é a família. Não é a segunda. É a família. Família é uma coisa só”.

A fala de Ártemis chama a atenção: foi no seu círculo de amigas – as da literatura – ainda que politicamente polarizado, como tem sido comum nestes tempos no Brasil, que foram encontrados os mais longevos e solidários laços de amizade e apoio.

Pais ou mães ausentes também figuram em seus depoimentos. Hera disse que “não tinha pai” e que a mãe morreu quando ela era muito nova. Tia Violeta relata que só se deu conta da sua homossexualidade aos dezenove anos, que sua mãe morreu quando ela tinha dezessete e acrescenta: “meu pai era um pai financeiro, só isso, e minha mãe não era muito amorosa. Acho que isso influenciou muito nos meus relacionamentos”.

O que a maioria das famílias espera de suas filhas, principalmente na geração em tela, não comportava sexualidades dissidentes e romper com expectativas familiares impõe sentimentos contraditórios, nenhum positivo. Capitu disse que há aquelas que ainda “não se aceitam, pessoas da idade dela que até hoje não se aceitam”. Talvez as raízes da dificuldade em se aceitarem se relacionem com o que vivenciaram na família, lugar de origem e o primeiro que deveria representar acolhimento e proteção. Para além da família, a sociedade, de forma geral, também não contribuiu para que se aceitassem, cada uma das mulheres ouvidas enfrentou seus desafios, ficaram as marcas do estigma, algumas sequelas permaneceram e não as encorajam a se exporem.

No próximo capítulo, analiso como os contatos, os trânsitos entre territórios privados e públicos, e interesses comuns foram aproximando e amalgamando potentes e vigorosos vínculos de amizade entre algumas, enquanto outras foram se isolando.

5. AQUI SE PLANTA, AQUI SE COLHE: NAS TEIAS DOS AFETOS E DA SOLIDARIEDADE

O que se produzir – casa habitável ou ruína estéril – será a soma do que pensaram e do que pensamos de nós, do quanto nos amaram e nos amamos, do que nos fizeram pensar que valemos e do que fizemos para confirmar ou mudar isso, esse selo, sinete, essa marca. (Lya Luft, 2015)

Uma vida comporta muitos caminhos, variadas escolhas, múltiplos posicionamentos, distintos afetos e sensibilidades. Neste capítulo, proponho uma mirada do “alto da colina”. Apresento, a partir dos territórios ocupados, dos caminhos percorridos e compartilhados, dos relacionamentos que tiveram, como os vínculos de amizade das entrevistadas se mantiveram ao longo do tempo, quais os seus impactos e entre quais mulheres.

Souza e Hutz (2008, p. 261), ao fazerem uma revisão da literatura sobre relacionamentos de amizade, constataram a escassez de estudos brasileiros sobre amizade em adultos e concluíram que as funções básicas da amizade surgem cedo e permanecem ao longo da vida. De acordo com os levantamentos que fizeram, autora e autor apuraram que a amizade se relaciona com a troca de recursos e de comunicação, com a satisfação de necessidades emocionais, à presença e à semelhanças, e facilidade de interação com o mundo. Observaram também que os estudos

sobre as amizades se concentram basicamente na infância e adolescência, no caso de jovens, geralmente estudantes universitários entre 18 e 30 anos, tendência vinculada à facilidade na coleta de dados, principalmente nas universidades, e ao fato de que, nessa faixa etária, as amizades são mais evidentes. Eles afirmam também que o estudo empírico e sistemático da amizade na vida adulta é bem mais recente, tendo se iniciado na década de 1970. Autora e autor depreendem de seus levantamentos “que onde a pesquisa sobre amizade na adultez estiver iniciando, como no Brasil, é mais apropriado focalizar amizades reais para em um segundo momento investigar o ideal de amizade”. Assim, “à medida que a investigação empírica evoluir e possibilitar novos resultados e problemas de pesquisa, os modelos sobre relacionamentos disporão de mais recursos para a teorização” (SOUZA; HUTZ, 2008, p. 263).

Entende-se que dados obtidos sobre a amizade de brasileiros possam ser comparados a dados referentes a outras culturas e discutidos com base em modelos teóricos propostos; todavia, as possíveis diferenças decorrentes desta comparação devem ser estudadas, e não descartadas simplesmente para confirmar modelos da literatura internacional (SOUZA; HUTZ, 2008, p. 263-264).

Sobre velhices LGBTQIA+ há pouco material, mas independente da orientação sexual, envelhecer não é tarefa fácil e os desafios enfrentados pelos dissidentes do sistema sexo-gênero carregam suas peculiaridades.

Atena conta que quando chegou aos 40 anos precisou de ajuda. Ela relata que “odiava pensar que ia chegar aos 70”. Então, procurou “ajuda com psiquiatra, com psicólogo e eles abriram meus olhos”. Publicado recentemente, o livro *O brilho das velhices LGBTQ+* (2021, p. 21) é apresentado como o primeiro em língua portuguesa que contempla múltiplas expressões e identidades de gênero e sexualidade de pessoas idosas no Brasil. Na obra são explorados vinte depoimentos, sendo quatro de pessoas cujas origens estão em Minas Gerais. No entanto, apenas um, oriundo de Sete Lagoas (MG), permanece na cidade de nascimento. Dois se mudaram para São Paulo e outro para Cabo Frio (RJ). Nenhuma pessoa de Belo Horizonte foi ouvida. A ausência de depoimentos de pessoas idosas da capital mineira chama a atenção e remete às dificuldades que encontrei, no percurso desta pesquisa, para conseguir algumas entrevistas.

Recentemente, fui convidada para participar de um documentário (ainda sem título) sobre a cena homossexual belo-horizontina vivida entre as décadas de 1970 a 1990. Nele, ao que tudo indica, as presenças masculinas se sobressairão. Durante a filmagem, compartilhei o que as entrevistadas haviam relatado no âmbito desta pesquisa, participei para dar voz às suas histórias com o objetivo de oferecer material para pesquisas futuras. Ao se recusarem a participar, elas reafirmam, como se depreende de seus depoimentos, o desejo de continuarem na

invisibilidade. O convite recebido na ocasião, junto ao release e à proposta do documentário, fazem parte do Anexo IV deste trabalho.

Voltando ao referido livro *O brilho das velhices LGBTQ+* (BARON, HENNING; ORTIZ, 2021, p. 21), seus autores concluíram, a partir do conjunto de depoimentos colhidos, “que a comunidade LGBTQ+ é muito mais do que uma luta interminável contra o preconceito. Ela é acolhimento, representatividade e, mais do que tudo isso, é um movimento político que luta pelos direitos de todos os indivíduos que dela fazem parte, sem exceções”. Eles apontam ainda que a omissão e o silenciamento sobre essas vidas perpetuam invisibilidades e violências que a comunidade precisa enfrentar.

As mulheres ouvidas para esta tese envelheceram entre omissões, silenciamentos e invisibilidades fora de seus guetos. As que tiveram bares e boates ou a garçonete – Hera, Atena, Deméter – se dispersaram e vivem vidas mais isoladas. Afrodite mantém um círculo de amigas entendidas com as quais ainda se encontra. Ártemis segue próxima e envolvida com as amigas do grupo nomeado com nomes da literatura. Entre as flores, apenas Tia Violeta mantém convivência com várias do grupo da literatura; Gerânio mantém contato com uma ex-namorada que a ajuda com os cuidados que seus 89 anos demandam e com a amiga Perséfone; Margarida e Orquídea moram em outras cidades; Caubi e Rosa faleceram precocemente.

No processo de envelhecimento, a centralidade dos territórios que ocuparam um dia foi perdendo espaço. Em contexto tão desafiador para os dissidentes do sistema sexo-gênero, o impacto que as relações de amizade, ou a falta delas, foram ganhando ao longo do desenvolvimento da pesquisa foi surpreendente.

As mulheres aqui identificadas com nomes da literatura conseguiram um feito digno de nota. Seus relacionamentos passaram a orbitar em torno dos afetos construídos quando jovens, das afinidades perpetuadas, dos locais onde passaram a fixar suas residências. Há entre elas uma gama considerável de encontros que ainda promovem, como acontece no já citado Vaga Beer ou no Cartoleiras das Minas. Neste grupo, algumas optaram por viver em condomínios fechados ou cidades vizinhas a Belo Horizonte, como Nova Lima, Lagoa Santa e Casa Branca, antecipando um pouco propostas que em tempos atuais são nomeadas *coliving* ou *cohousing*, que vêm timidamente surgindo no Brasil e com a qual algumas entrevistadas desde jovens já sonhavam. Nas referidas propostas, cria-se um tipo de comunidade intencional que visa moradia compartilhada para pessoas com afinidades de intenções. Algumas conseguiram fazer algo próximo.

De acordo com Souza e Hutz (2008), o tempo livre pós-aposentadoria e as condições de saúde física e mental, finanças e moradia são cruciais para a qualidade de vida na velhice com impacto tanto na formação quanto na manutenção das amizades, sendo nessa etapa da vida menos frequente a interação com amigos e os encontros mais breves. Entre pessoas idosas, a convivência e o cultivo de amizades têm se mostrado essenciais para a felicidade, especialmente por meio da vivência diária em condomínios fechados, específicos para esta faixa etária.

Bovary diz que “todas nós somos bem-sucedidas e isso faz diferença”. Capitu diz que “todas têm uma vida digna. Umas estão bem melhores, outras nem tanto, mas não falta nada. Falta, às vezes, assistência médica, nem todas têm”, referindo-se aos planos privados de saúde. Jane Eyre complementa: é uma característica interessante, eu vejo que nesse grupo, todo mundo, de alguma forma, chegou até aqui com uma boa condição de vida, de saúde. Já perdemos algumas pelo caminho, e tem algumas com a condição melhor ou pior que as outras.

Um traço evidente entre as da literatura, juntas desde que eram a turma do Vila Sésamo, diz respeito aos vínculos criados no grupo, característica que pode ser associada com o fato de elas não saberem se seriam aceitas fora do próprio grupo. Capitu esclarece sobre esses vínculos:

Eles surgiram na época que estávamos no colégio. E como a gente era sempre muito segregada, isso deu força pra gente ficar sempre unida. Porque se a gente saísse daquela bolha, a gente não sabia como seria tratada. Não sabia se na minha relação com casais héteros eu seria aceita. Então nós ficamos sempre muito fechadas. Eu acho que isso fortaleceu um laço entre a gente. E nós sempre nos preocupamos muito umas com as outras. Acho que isso é um traço, talvez até exacerbado pela homossexualidade. Até hoje, sempre que uma tem um problema, a gente ajuda, faz uma vaquinha, contribui. Então eu acho que é isso aí, a gente foi se fortalecendo porque era segregado. (Capitu, 65 anos)

Viva a sororidade feminina! Urge perceber o potencial que as relações afetivas ocupam em toda e qualquer relação. O tempo, o pertencimento a um mesmo gueto, os laços de longa data e a manutenção dos contatos entre elas têm se mostrado potentes para a manutenção dos vínculos de amizade e a imersão de uma rede de apoio entre várias entrevistadas. Nastasya conta que a “todo momento na minha vida eu conto com alguém. Cada um tem o seu papel. Cada amigo dessa turma toda, uma turma enorme, maravilhosa, cada um tem o seu papel”. Para Macabéa, nos encontros entre elas parece haver o desejo de “querer preservar aquela época no coração, aquele relacionamento espetacular que a gente tinha. Então é como se a gente quisesse parar no tempo, porque não se tem mais isso hoje em dia”.

Se os vínculos de amizade “espetaculares” culminaram, para algumas, na construção de uma rede de proteção e apoio, a ausência deles evidenciou trajetórias de vidas mais áridas.

Tendo finalizado as entrevistas, algumas repescagens foram necessárias, como explicitado no percurso metodológico. Quando voltei a Tia Violeta, via WhatsApp, um ano após ela ter concedido a entrevista, para saber se ela havia feito terapia em alguma fase da vida, respondeu-me que não, que a terapia dela são os amigos e enviou-me um vídeo onde dançava feliz na festa de comemoração dos seus 77 anos, realizada naquela semana e proporcionada pelas amigas que vivem em um condomínio em Nova Lima (MG).

Tia Violeta e Rosa situam-se, na amostra pesquisada, entre as mais vulneráveis economicamente. Embora ambas tenham vivido períodos áureos em suas carreiras profissionais, com bons ganhos salariais, nenhuma das duas teve carro. Rosa foi uma mulher que não usava transporte público, só andava de táxi. Tia Violeta também não foi de economizar, chegou a alugar um avião só para dar um abraço na namorada que dividia com o irmão no interior de Minas Gerais, sem que ele soubesse. Ambas gastaram o que ganharam, aposentaram-se com um salário mínimo e tiveram percursos bem díspares.

Rosa foi expulsa de casa pelo pai quando ainda muito jovem, tendo retornado com cerca de quarenta anos em difícil situação econômica, afetiva e social. Nesse retorno, acabou assumindo os cuidados com a mãe. Depois que a mãe faleceu, foi definhando triste, solitária e isoladamente, na casa do pai também doente. Faleceu com 61 anos. As poucas amigas que teve um dia foram ficando pelo caminho. Uma ou outra resistiram ao tempo, mas estavam envolvidas com as suas vidas e apareciam raramente. Eram amizades desbotadas, a elas faltaram os insumos de uma convivência mais amiúde que poderia nutrir vínculos, renovar interesses e fecundar as trocas. Rosa morreu carente de cuidados.

Entre as que compõem o grupo da literatura, é comum cuidar de quem precisa. Ártemis diz que “a gente pega mesmo e põe dentro de casa e cuida e vai. Eu também sou de muito cuidados”. Relata um acontecimento que foi também por outras mencionado, o adoecimento de uma amiga:

Levei pra dentro de casa. Cuidamos dela até o último dia com a ajuda de todas do Vila Sésamo. No dia que ela morreu, lá na casa, na hora que ela morreu, meia-noite e pouco, eu tinha dezoito amigas lá dentro de casa. Nós pagamos cuidador, material de hospital, oxigênio, tudo que ela precisava. Ela não tinha nada, tinha SUS. Além disso, tinha médicas, [...]. Acho que tinham duas médicas e dezoito amigas lá em casa. (Ártemis, 64 anos)

Rosa não teve a mesma sorte daquelas que tiveram amigas com as quais puderam contar. Outro exemplo do forte vínculo de amizade e apoio entre elas está no *A véia no Caminho*. Este

foi o nome do evento que as confradeiras criaram para realizar o sonho de Tia Violeta de fazer o Caminho de Santiago²⁷.

[...] essa é a melhor história da minha vida. Eu falei perto das meninas, acho que foi no bar da Úrsula, que eu tinha muita vontade de fazer o Caminho de Santiago. Aí alguém perguntou “por que você não faz?”. Eu falei: “uma que eu não tenho dinheiro, porque eu aposentei com salário mínimo e outra que eu não queria fazer isso sozinha, queria ir com alguém”. Daí, na outra semana, uns dez dias depois, apareceu *A véia no Caminho*. E me comunicaram que *A véia no Caminho* era uma ação entre amigas para poder me levar para o Caminho de Santiago. Fiquei eufórica, mas muito sem graça, eu não sabia o que eu falava. [...] Aí as meninas depositavam. A Jasmim era a contadora [...] ah, era gente demais. Que gentaiada que contribuiu. Acho que o pai da Bovary deu um bezerro, [...] eu sei que todo mundo ficou envolvido. *A véia no Caminho* deu um tanto de dinheiro. Compraram a passagem, pagaram a minha estadia, me deram um colosso de euros – 1.800 euros pra poder gastar lá. Chegou lá, muita coisa elas pagavam pra mim [...] então era uma festa. Porque eu ia na frente, toda serelepe. E foi um sonho realizado. (Tia Violeta, 76 anos)

Como as amigas patrocinadoras não tinham interesse em fazer o Caminho, Tia Violeta foi na frente, mas parte do grupo que cotizou a viagem foi encontrá-la no final do percurso. Dentre elas, Jane Eyre, sua mulher Zélia e três amigas.

A criatividade (como já demonstrado na série de eventos e alternativas que as identificadas por nomes da literatura mundial construíram), o estilo de vida que adotaram e a forma como se relacionaram e se relacionam proporcionam ações e trocas peculiares que chegam a extrapolar necessidades no campo da materialidade. Parece haver respeito não só às histórias que construíram juntas, mas respeito pelos sonhos que por vezes se mostram irrealizáveis para quem o sonha. Como as viagens que proporcionaram, os recolhimentos que fizeram para ajudar uma amiga a se aposentar, os auxílios na área da saúde quando alguma mais fragilizada necessita.

As que têm melhores condições financeiras, por óbvio, conseguem ajudar mais quando a questão que se apresenta é monetária, mas a diferença de poder aquisitivo entre elas não exclui as menos abastadas, como são exemplos Úrsula, Tia Violeta e Caubi. As atividades coletivas que a turma da literatura, atuais confradeiras, continuam promovendo nutrem os vínculos das relações com aquelas cujas afinidades são menores ou vivem mais distantes. Para Macabéa, “quando a gente se encontra, é como se o tempo não tivesse passado, como se a gente fosse criança, como se a gente fosse adolescente, como se a gente tivesse parado no tempo. Então, é uma coisa de tempo. É assim que eu vejo”.

²⁷ O Caminho de Santiago é feito desde o século IX. O evento refere-se ao percurso de peregrinos para chegarem a Santiago de Compostela para venerar as relíquias do apóstolo Santiago Maior, cujo suposto sepulcro fica na catedral de Santiago de Compostela.

Diante das novas formas de interação social que emergiram com a popularização da internet, muitas criaram seus territórios virtuais, prática que tem se mostrado quase inevitável diante da disseminação de novas tecnologias cujos usos se intensificaram com o isolamento social imposto pela pandemia de Covid-19 (2020-2022). No conjunto das entrevistadas, apenas Hera estava completamente ausente das redes sociais; as demais usavam pelo menos WhatsApp ou Facebook; algumas engajadíssimas no Twitter e com disposição para outras novidades. Os contemporâneos contatos, também via redes sociais, somados às escolhas que acompanharam o envelhecimento se apresentaram como consideráveis elementos a ancorar os vínculos criados.

Não conheci a turma do Vila Sésamo na juventude, mas a convivência com algumas delas, já confreiras, no final dos anos 1990, possibilitou conhecer suas histórias, que oscilavam das engraçadas às dramáticas, e presenciar algumas situações de ajuda e trocas entre elas. Todavia, é preciso destacar que, ainda que exista proximidade com algumas, foi impossível conseguir entrevistar umas tantas outras. Afrodite, que conhece o grupo desde muito jovem, disse não ter convivido muito com ele e que “era um grupo impenetrável”.

Ártemis deixa claro que há um Vila Sésamo-raiz e quem convive com elas percebe. Embora Ártemis diga que o “Vila somos todas nós que nos conhecemos, vivemos e amamos e somos amigas desde sempre, pode existir vários grupos com outros nomes, mas na verdade sempre fomos nós todas”. Contudo, outro trecho da entrevista concedida evidencia proximidades e apoios distintos entre elas: “A Úrsula nunca pôde contar com o Vila Sésamo, ou, pelo menos, na totalidade, parte sim. E quem sustentou o bar da Úrsula? Foi a Jane Eyre e a turma lá de vocês todas...”

Como o comércio foi também fortemente atingido pela pandemia e o Cartoleiras das Minas tinha recursos financeiros, elas destinaram uma parte desse recurso para socorrer a amiga:

Por exemplo, o próprio bar da Úrsula, a gente teve uma onda aí de dar uma força, todo mundo comprou uns vouchers dela, antecipação de receita. Nós tínhamos uma sobra do dinheiro do Cartoleiras das Minas, da festa do ano passado, a gente passou para ela e ela vai restituir, porque como é um grupo maior... Por mim não precisa, mas ainda cabe discussão se ela vai ter que restituir esse valor ou não, por aquele período em que estava completamente fechado e ela estava sem renda nenhuma. (Jane Eyre, 65 anos)

Úrsula pôde contar, além dos recursos destinados como antecipação de contas que muitas pagaram, mas que, em função do fechamento do bar, não puderam usufruir, também com os recursos do Cartoleiras e foi dispensada de toda e qualquer restituição.

Uma das questões da entrevista se referia a mencionar pessoas com as quais pudessem contar em uma eventualidade. A maioria se referiu à família e às amigas:

Sem dúvida nenhuma. Eu tive uma prova disso recentemente. Por causa da pandemia, eu tive de fechar o meu bar, o Cantinho da Úrsula. Esse grupo e mais algumas amigas estiveram presentes, me ajudando durante um ano, pagando o salário da minha funcionária e os custos operacionais. Eu dava a elas na época um vale-bar. Hoje nenhuma delas quis receber. Quando eu falo: “vou pagar seu vale-bar”, dizem não, que aquilo foi uma ajuda, uma contribuição pela minha luta, por tudo que eu represento pra elas. E por tudo que elas representam pra mim. (Úrsula, 70 anos)

Relatos e ações dessa natureza se apresentaram apenas entre as congreiras. Se quando jovens as distâncias econômicas e culturais pareciam menores, com o tempo foram se acentuando. No entanto, não geraram hierarquias entre elas.

Capitu nos conta que “uma parte do dinheiro das Cartoleiras foi usada para socorrer a Úrsula”. Ela relatou também que acabam pagando a taxa de adesão do Cartoleiras para aquelas que não têm o valor. Se a disposição para saídas e farras foi impactada pelo processo de envelhecimento, a solidariedade não. Caubi conta que tem “uma preguiça mórbida de sair [...] Quando tem alguma coisa, que a gente fazia até pra prestigiar um pouco financeiramente o comércio da Úrsula, o Cantinho, a gente fazia uns eventos muito bons, sempre matinês, a maioria não gosta mais da madrugada”. O Cantinho da Úrsula estava localizado no bairro Sagrada Família, região leste de Belo Horizonte. Lamentavelmente o estabelecimento fechou em 2021, sucumbindo diante dos desafios impostos pela pandemia de Covid-19. Antes disso, contou com o apoio financeiro das amigas.

A paixão pelos esportes, mais especificamente o futebol, ainda ocupa lugar central entre um grupo significativo delas. Porém, seu acompanhamento se dá de uma forma mais passiva. Sobre encontros e farras, Ártemis diz:

Sim, vamos fazer isso o resto da vida! Na verdade, é o seguinte: algumas do Vila Sésamo estão mais em casa mesmo. Elas não gostam de sair. E algumas ainda lembram de querer dançar, de gostar dessa coisa de encontrar, de rever pessoas. E não é nem a questão financeira, porque antigamente pesava muito: “ah, não vou a essa festa porque não tenho dinheiro”. Aí tinham algumas que a gente tinha que pagar e bancar por elas, senão a gente não ia ter a presença dessas pessoas. Mas hoje não tem mais essa dificuldade. É mesmo aquele trem de ficar velha e não querer sair de casa. (Ártemis, 64 anos)

Mesmo que estejam mais caseiras, como ficou ainda mais evidente entre as de 80+, as que se mantiveram mais coesas criaram uma verdadeira “segunda família” para si:

Família é uma coisa só. Eu sinto hoje as meninas, especificamente a Begônia, Tulipa, Bromélia, e a Azaleia como se fossem membros da minha família. A Azaleia esteve, coincidentemente, presente em minha vida em todos os momentos difíceis por que passei, com relação à saúde de familiares, sempre. Sabe aquela pessoa que do nada aparece? [...] a gente não perdeu esse laço. (Ártemis, 64 anos)

As flores citadas por Ártemis são do Vila Sésamo e, embora conheçam a pesquisadora pelo menos de vista, se recusaram a conceder entrevistas, mas seguem solidárias entre elas:

Eu perdi uma sobrinha com 37 anos com câncer de pulmão fulminante. No dia do auge do meu desespero, eu peguei o telefone e liguei para elas: pelo amor de Deus, vocês venham aqui me acudir, porque senão vou morrer junto com ela. Menina, vieram imediatamente. Eu cheguei ao hospital, elas chegaram junto. [...] Foi todo mundo. [...] E eu tive Covid, a gente se sente morta, ou morrendo, completamente isolada. E elas foram muito presentes. (Ártemis, 64 anos)

Sobre espaços e territórios que tenham favorecido a criação de vínculos e de uma possível rede de apoio, além dos bares, boates, sítios alugados e viagens que fizeram juntas, Jane Eyre nos fala dos encontros nas casas de amigas:

Ali a gente fazia reuniões, as pessoas vinham, a gente fazia um jantarzinho, uns petiscos, ficava por ali também ouvindo música etc. etc. Isso era comum, várias pessoas tinham essa prática de compartilhar, até para dividir as despesas. O pessoal alugava muito barraco no fundo de uma casa e compartilhava aquilo ali. Era comum isso aí. (Jane Eyre, 65 anos)

A necessidade de levarem uma vida clandestina e dupla parece ter favorecido, além da constância dos encontros, algumas práticas e hábitos, como os aluguéis de sítios por longas temporadas, como já apresentado. Quanto àquelas mais resistentes em sair de casa nos tempos atuais, além dos desdobramentos acarretados pelo envelhecimento, há que se considerar a distância geográfica entre as casas, já que algumas se mudaram para condomínios fechados ou cidades próximas à Capital. Ainda assim, os contatos pelas redes sociais, entre as da literatura, são intensos. Nesses canais, planejam esperados encontros e festas, ocasiões que contam com considerável público.

Para Eribon (2008, p. 51), as redes de amizade são muito importantes para os gays mais velhos, principalmente quando cessam de participar das vidas dos bares e dos lugares de paquera. Para as lésbicas, o quadro não é diferente.

Ainda que um distanciamento fique evidente e soe quase como uma contingência natural ao longo da vida, elas resistem criativamente, como é o caso do Vaga Beer, evento por elas criado e já mencionado:

Esse sim é um evento que eu também criei, no dia que me aposentei. Nós tínhamos um encontro, no primeiro semestre, no Bar do Luizinho e, no segundo semestre, no Mané Doido, no Mercado Central, que é para encontro de aposentadas e não necessariamente era para ser de lésbicas, mas virou. Era mais um encontro nosso, apesar de acontecer num espaço público. Então, esses eventos a gente anuncia a organização deles num desses grupos virtuais. (Jane Eyre, 65 anos)

O tom de empolgação ao falar do Vaga Beer foi ficando reticente. Em 2021, tinham planos de comemorar com estilo os dez anos do evento. O verbo surgiu no passado; a pandemia e o consequente isolamento social acertaram a todes indistintamente – no caso delas, agravado pela idade, o que as colocou no grupo de risco.

Ao serem perguntadas se conheciam outros *coletivos* de lésbicas com o nível de organização e interação que conseguiram construir, apenas Capitu disse conhecer “as Cabeludas, o grupo delas era bem menor, era pequeno, mas elas até hoje são muito próximas, muito”. O grupo das deusas e o das flores desconheciam algum coletivo. Jane Eyre nos disse isto:

Não. Eu não conheço. Assim, no tamanho. Existem outras pessoas que se agrupam e tal, mas assim que ao longo do tempo agregou tanta gente e foi indo... Entra e sai, lógico, uns se aproximam, outros se afastam, como sempre. Umas se agregam inclusive para morar. Hoje está mais comum, já pela nossa faixa etária, uma agregação de grupos no local de moradia, como a gente tem aqui. Você sabe onde eu moro: aqui nós somos seis casais de lésbicas que moramos aqui numa associação de bairro, tipo um condomínio horizontal. Bom, então, mas assim, que tem essa capacidade de agregação da gente, fazer um Baile do Papel AlmaSso e chegar próximo de duzentas pessoas, não, eu desconheço. (Jane Eyre, 65 anos)

Úrsula diz que “o laço que se criou no Vila Sésamo não existe em outro grupo, não”. Para além do incipiente conhecimento que eu tinha sobre o universo dessas mulheres, trabalhar com os seus relatos me fez descortinar vigorosos laços solidários, como algumas festas e encontros que sugeriam levar fraldas, leite, cobertores etc. para doação a alguma instituição indicada. Os animais também contam com a ajuda delas:

Aí tem gente que cuida de animal abandonado, que recolhe animal na rua; o grupo tem algumas pessoas que são muito ligadas a essas causas de animais. Então, a gente também tem algumas ações que alguém dispara e já tem mais ou menos aquelas pessoas que sabe que podem contar e tudo mais. Então, quando acontece isso, já é quase natural: – ‘oh gente, dá para levantar uma grana aí para...’, aí a gente faz isso. Já tem um grupo mais ou menos ali, que já sabe como é que funciona, numa emergência... As pessoas são solidárias, né[?], a maioria. (Jane Eyre, 65 anos)

Começar a pesquisa entrevistando Jane Eyre foi uma escolha estratégica para a tese pela centralidade que ela ocupa entre as amigas. Algumas entrevistas só foram concedidas graças à

influência dela, amiga de muitas, figura nuclear e criativa na modelagem de farras e eventos, assim como pela amplitude de áreas passíveis de aprofundamento e que foram importantes para ajudar a nortear as demais entrevistas.

A classe social à qual pertencem se mostrou múltipla e variada nos três segmentos, o fato de haver apenas duas pretas na amostra pesquisada, uma no grupo das deusas outra no grupo das flores, é mais um elemento a distinguir o grupo da literatura - Vila Sésamo, as atuais confeiras - como mulheres com capitais econômicos, culturais, familiares e *habitus* mais homogêneos (BOURDIEU, 1977), confirmando a imagem que o grupo plasmou na cidade como sendo de “riquinhas”. Foi entre essas confeiras que foi possível identificar os muitos e distintos apoios, seja no campo das necessidades materiais ou afetivas, seja no campo dos sonhos e desejos, os engajamentos são múltiplos, não há consenso. Algumas colaboram quando a questão é mais urgente; outras entendem que é possível ajudar uma amiga a “conhecer um lugar, realizar um sonho” ou resgatar uma lembrança afetiva, como fizeram quando algumas presentearam Bovary em seu aniversário com um fusquinha como o que ela teve quando jovem.

Eu tive um fusca, o primeiro carro que eu tive, daquela cor, em 1976, com 15 anos de idade. Quando eu fiz 50 anos, juntou uma galera e me deram um fusca. Criaram o grupo tira-grude, todo mundo contribuiu e me deram o fusca, que está passando por uma restauração. Hoje ele é placa preta, é a minha paixão, sou louca por ele. Eu me emocionei muito porque achei que fosse meu antigo fusca. (Bovary, 60 anos)

Como diz Capitu, “sempre que uma tem um problema, a gente ajuda, faz uma vaquinha, contribui”. Ela segue dizendo que em uma eventualidade “poderia contar com muitas. Se eu precisar contar mesmo, eu encho uma mão tranquilamente”. Macabéa diz que há “uma relação de amizade, de solidariedade entre elas. Eu contaria com elas sim, é uma amizade verdadeira”.

Sem que haja a intenção de insinuar uma ruptura entre elas – algo que não há –, é importante considerar que a turma original do Vila Sésamo se aglutinou em dois grupos de acordo com afinidades, proximidade de vizinhança, viagens e os hábitos que mantêm, como frequentar mesa de bar para tomar cerveja, assistir ao futebol juntas, por exemplo.

Apesar de alguns interesses distintos, há amizade e admiração entre elas. Ártemis, ao se referir ao núcleo mais “festeiro” delas, assim o faz:

E a parceria delas? Todo mundo é parceiro na dor. E eu queria que fosse também na alegria. Esses encontros trazem alegria para todo mundo. Trazem boas lembranças, trazem o bom sentimento, mesmo que eu tenha brigado com você, tomado uma namorada sua, vinte anos depois nós vamos morrer de rir, encontrar e ser feliz. (Ártemis, 64 anos)

Essas mulheres mantêm contatos intensos via redes sociais. O volume de mensagens trocadas entre elas nos grupos de WhatsApp é imenso. Recorri a eles ao longo da escrita da tese sempre que foi preciso confirmar alguma informação.

Díaz-Benítez (2020, p. 279), ao discutir sobre muros e pontes no horizonte da prática feminista, aponta que a internet e as redes sociais têm possibilitado a “articulação e a emergência de novas formas de mobilização política, permitindo intercâmbios e construção de conhecimentos e afetos”, como foi possível constatar entre boa parte das mulheres ouvidas.

Nesses espaços virtuais de convivência, elas nutrem afetos. Embora o tempo seja um bem raro, ele é mais disponível entre aquelas pessoas que já se aposentaram, condição da grande maioria das entrevistadas. Contudo, foi entre as integrantes do grupo da literatura que o uso das redes sociais se apresentou com mais intensidade; aí são discutidos os mais variados assuntos. Em que pese alguns grupos terem foco em determinados temas, política, futebol, animais e vacinas eram assuntos recorrentes. Em um dos grupos, a presença de *fake news* era comum; em outro, assim que apareciam, elas investigavam e rebatiam com propriedade. Ártemis, assim como outras, compõe os dois grupos no WhatsApp – Vila Sésamo e Polêmica – e nos conta que “no outro grupo, elas leem e não sabem o que estão lendo. Aí vão postando. Existe essa diferença”.

A longa entrevista-piloto realizada com Jane Eyre trouxe panorama e moldura para o universo dessas que se mantêm coesas, os inúmeros eventos criados garantem a convivência e a manutenção dos vínculos construídos na juventude e mantidos na fase madura da vida, sinalizando a existência de uma rede entre elas. E tem demanda para mais: “As pessoas às vezes cobram: ‘Vamos fazer um evento, vamos encontrar!’ Porque sente falta dos nossos encontros e tudo mais. O conjunto desses espaços é que mantém, e temos uma liga ainda com muita gente, com várias pessoas” (Jane Eyre, 65 anos).

Se parece óbvio que passar a vida ao lado de amigas/os que se fez pela caminhada da vida e que a construção dessas relações ocupa um lugar central para o bem-estar na velhice de todo e qualquer ser humano, menos óbvio é o impacto dessas amizades se levarmos em conta que quando somos jovens não estamos atentas/os à importância crucial que tais relações e afetos podem assumir.

Na contramão dos relatos e dos vínculos construídos pelas mulheres identificadas por nomes da literatura, apareceram três exemplos emblemáticos. O primeiro é a fragilidade financeira na qual vive Hera, somada ao vício em bingo, relatado com naturalidade. Disse que eles levam na casa dela todos os dias para que ela possa jogar. O segundo se refere a Magnólia, que

afirma ter como únicos “esportes” “aquele livrinho de faroeste e jogar joguinho de celular”. Ela disse que joga “quase 24 horas por dia, direto”, mas que não joga “a valer dinheiro”.

O terceiro é o final de vida miserável pelo qual passou Rosa. O relato que transcrevemos a seguir possibilita conhecê-la um pouco, seus olhares para “o outro” e suas escolhas:

Em meu voo solitário podia imaginar mundos diferentes, sonhar utopias mil, criar espaços livres e até acreditar que poderia viver entre os normais seres humanos, porque, afinal, embora diferente, era um deles. No entanto, ao me descobrir em um bando, percebi que não passávamos disso, um bando sem rumo, sem voo, sem chão, sem sonhos, utopias ou razão, sem família, sem amigos fora do bando, era uma prisão comunitária que fingia liberdade. Um bando muitas vezes canibal, traiçoeiro, mal-doso, noctívago. Era um amontoado de dores e frustrações com cobertura de marrom glacê, plumas e paetês. (Rosa, 61 anos)

Rosa descortina uma percepção sombria e amarga, diferente da compartilhada pelas demais. Hera também se mostrou mais vulnerável do alto dos seus 85 anos, uma mulher diferente daquela que ganhou “dinheiro pra caramba”, tanto dinheiro que enchia uma cama de casal com valores auferidos em uma única noite. Quando perguntada de um sonho ou algo que pudesse ter feito diferente, disse que “teria comprado pelo menos uma casa”. No momento da entrevista, ela morava com uma filha, pagavam aluguel. Hera disse também que ajudava a cuidar do ex-marido, que ele havia se casado quatro vezes depois que se separaram, eram amigos. Disse ser amiga das entendidas todas, mas não convive com elas.

Algumas parecem ter subestimado o poder de uma comunidade. Julieta Paredes Carvajal (2020) discorre sobre distintos grupos comunitários, ilumina perspectivas decoloniais e diz de “uma ruptura epistemológica com o feminismo ocidental”, forma pela qual intitula seu ensaio. Para ela, a comunidade é um princípio inclusivo que cuida da vida. Quando se refere à comunidade, ela diz de inúmeras comunidades presentes na sociedade, sejam elas comunidades esportivas, culturais, de luta, territoriais, de amizade, de bairro, geracionais, sexuais, de afeto, dentre outras citadas. Para a autora, é preciso compreender que de todo grupo humano podemos fazer e construir comunidades. É uma proposta alternativa à sociedade individualista. Para Carvajal, a humanidade possui pessoas diferentes que constroem identidades autônomas, que assim constituem e constroem uma identidade comum. Ainda de acordo com a autora, quando se fala de comunidade, fala-se de outra maneira de entender, organizar a sociedade e viver a vida.

Nesse sentido, a comunidade que se constituiu a partir da “turma do Vila Sésamo” desaguou nas festivas confradeiras, que na velhice ainda se irmanam e se apoiam. Guita Debert e Mauro Brigeiro (2012) apontam que o grande acontecimento do século XX na história da

velhice: a inclusão das conquistas que ela permite, uma vez que nessa etapa da vida retratavam-se apenas suas perdas.

É importante afirmar que está ausente da bibliografia especializada que revisamos qualquer preocupação com as assimetrias nas relações de gênero, ainda que eventualmente os especialistas especulem como determinadas normas associadas ao masculino e ao feminino podem representar um obstáculo para a livre expressão e satisfação sexual de homens e mulheres. A velhice, em vez de esgotar a expressão sexual, inauguraria uma nova fase para sua experimentação. A necessidade de um novo posicionamento individual diante da sexualidade é prescrita pelos especialistas e complementada por uma proposta de revisão subjetiva sobre as amarras de gênero, mas isto sem questionar as assimetrias relacionais, ficando a reflexão restrita ao plano individual (DEBERT; BRIGEIRO, 2012, p. 52).

Na contramão do sinalizado no texto acima, as mulheres entrevistadas – e não só elas, mas algumas com as quais venho abordando curiosamente o assunto – têm se mostrado conformadas e adaptadas à menopausa e à comum relação que historicamente se estabeleceu entre ela e a redução da libido, texto mais frequente entre mulheres heterossexuais. Aqui também há que se considerar o peso do fato de que não nascemos mulher, mas nos tornamos dentro de referências postas que excluem possibilidades, como brilhantemente denunciou Simone de Beauvoir. De toda forma, se seria esta mais uma construção histórica a pesar sobre as mulheres ou se haveria realmente uma condição hormonal posta, embora fuja aos objetivos desta tese, é tema fecundo e necessário para outros estudos e pesquisas.

Dentre as entrevistadas, Hera e Caubi responderam enfaticamente ao serem perguntadas se estavam em alguma relação amorosa. A primeira com um “graças a Deus, não”; a segunda disse: “passou o meu tempo, graças a Deus”. O que haveria para que o tenham dito em nome de Deus demandaria uma investigação que também escapa ao escopo desta pesquisa. De toda forma, há que se considerar o peso da construção cultural e, ainda no campo das possibilidades, a autoidentificada origem católica delas. Suas respostas oscilam entre o alívio e o determinismo do tempo. A exceção foi Gerânio, que do alto dos seus 89 anos manifestou interesse em constituir uma relação, se casar.

As relações entre as mulheres que figuram nesta pesquisa com nomes de grandes personagens da literatura têm se mostrado socialmente potentes. Contudo, no campo do privado, será necessário perscrutar sobre a dimensão que a sexualidade ocupa em suas maduras vidas:

Para muitos estudiosos, é impossível atualmente imaginar qualidade de vida sem a dimensão sexual plenamente realizada. Esta visão é incompatível com dados etnográficos sobre mulheres mais velhas que afirmam estarem vivendo a melhor etapa de suas vidas, porque, entre outras coisas, a velhice permitiu que elas liberassem de mais essa

obrigação. A tendência dos analistas é considerar que as amarras à moralidade vigente explicam esse tipo de declaração (DEBERT; BRIGEIRO, 2012, p. 45).

Se a dimensão sexual não foi buscada nesta pesquisa, e a resistência explícita ou direta ao regime ditatorial e a militância não foram encontradas, a da amizade e do afeto apareceram espontaneamente.

É precisamente porque estamos dispostos ‘a constituir amizades e companheirismos profundos’, e ansiamos por isso de modo mais vigoroso e intenso do que nunca, que nossos relacionamentos são cheios de som e fúria, repletos de ansiedade e estados de alerta perpétuo. Estamos dispostos a isso, já que os vínculos de amizade são [...] nossa única ‘escolta [social] em meio às águas turbulentas’ do mundo líquido-moderno [...]. A mão amiga de um parceiro leal, confiável, ‘até que a morte nos separe’, a mão que se pode contar que será estendida prontamente e de boa vontade quando for necessário – o que as ilhas oferecem a náufragos potenciais ou oásis a pessoas perdidas no deserto – precisamos dessas mãos e queremos tê-las – quanto mais delas em torno de nós, melhor... (BAUMAN, 2009, p. 170-171).

Um estudo longitudinal iniciado em 1938 na Harvard Medical School, liderado pelo psiquiatra Robert Waldinger (2015), o quarto à frente da pesquisa que acompanhou, durante 75 anos, a vida de 724 pessoas, constatou a importância que os relacionamentos gratificantes adquirem em nossas vidas²⁸. O estudo, que teve como objetivo conhecer o que mantém as pessoas saudáveis e felizes ao longo da vida, constatou a importância das boas relações. Se a solidão é tóxica, a qualidade das relações que construímos e mantemos é fundamental e tem um efeito protetor. É importante saber que se pode contar com outra pessoa em momentos de necessidades. Conclusão, uma vida boa se constrói com boas relações, envelheceram melhor aquelas pessoas que tinham com quem contar e se apoiaram nas relações com a família, com os amigos e com a comunidade.

Como a família nem sempre se constitui em núcleos de apoio para pessoas cujas sexualidades são dissidentes da norma, criaram uma comunidade. Em geral, as relações de amizade, ou a ausência delas, podem se tornar decisivas para a qualidade da vida que se leva. O que se mostrou evidente, dentre as depoentes que conseguiram criar e manter relações de amizade até a velhice, foi que os vínculos criados e a manutenção da convivência nutriram suas relações:

O fato de a gente continuar amigas nos dá muita segurança de saber que a gente pode contar com essas pessoas em momentos de necessidade, de aflição, de dor, de festa,

²⁸ O estudo identificou ainda, como fatores da longevidade e de um envelhecimento bem-sucedido, a atividade física, a redução do tabaco e do álcool, o desenvolvimento de mecanismos de *coping* para lidar com as adversidades; a alimentação saudável e relacionamentos gratificantes. As estratégias de *coping* referem-se a mecanismos cognitivos e comportamentais, utilizados para fazer face a situações que são percebidas como excedendo a capacidade de utilização dos recursos pessoais disponíveis.

de tudo. A gente dividiu e continua dividindo alegrias e tristezas. Então o grupo se manteve unido com as pessoas que tinham pensamentos parecidos, conviviam nos mesmos locais e tinham objetivos parecidos. Hoje, a maioria do grupo já é de senhoras. Nós já nos aposentamos, nós temos o estilo de vida diferenciado que a gente tinha antes – que a gente vivia a festa, vivia o auge, vivia as noites, os bares, os namoros, as festas. Hoje é uma vida mais restrita, mas a gente continua se encontrando em momentos de muita alegria, encontros de muita alegria, mais raros, e em momentos de, às vezes, dificuldades. E uma se apoia na outra. (Lolita, 66 anos)

Sem ignorar a condição social privilegiada de algumas, dentre as menos favorecidas economicamente envelheceram de forma mais sadia aquelas que mantiveram relações de amizades próximas. Trajetórias como as de Tia Violeta e Úrsula escancaram a potência que as amizades e afetos podem adquirir; as de Hera, Magnólia e Rosa expõem o impacto devastador da sua falta.

Cabe reconhecer a legitimidade dos sentimentos, vivências, angústias e das lutas travadas, sejam elas em arenas internas e pessoais ou públicas. As condições materiais de existência, embora sejam reconhecidamente alicerce fundamental e facilitador para a tessitura de modos de vida, são os bons encontros que elevam a potência das relações, independentemente da classe social. Nos vínculos que se criam, produzem-se afetos e promovem-se alegrias.

O grupo que se manteve coeso e ancorado nas relações de amizade conseguiu permanecer unido, mesmo que entre elas houvesse um evidente desnível social. Há partilha entre elas: as mais fragilizadas são ajudadas, seja pagando um carnê para aposentadoria, seja auxiliando em algum tratamento médico, suporte para manter o bar de uma amiga ou realizando um desejo, um sonho.

Partindo de um patamar no qual as condições materiais de existência mínimas estejam atendidas, a boa notícia parece ser que o que nos mantém saudáveis e felizes durante a vida requer investimento acessível a quaisquer classes sociais, é um recurso mais interno do que externo.

Podemos afirmar, de forma sucinta, que o conjunto das histórias de vida que foram investigadas situa suas protagonistas em dois polos: um que abriga as mulheres cujos vínculos criados foram curtos e/ou circunstanciais e outro nos quais as conexões criadas garantiram longas relações e potentes vínculos que as acompanham pela estrada da vida e que ainda se mantêm vigorosos.

Entre aquelas que quando jovens integravam o Vila Sésamo e que na fase madura da vida se metamorfosearam em confreiras, neste identificadas com conhecidos nomes da literatura mundial, fica evidente o suporte que encontraram umas nas outras, tanto para as suas construções identitárias quanto para a criação ou ocupação de territórios nos quais construíram seus

vínculos afetivos. Os encontros entre elas criaram raízes que frutificaram em uma rede de solidariedade e apoio que se mantém na velhice. Contudo, para que houvesse raízes e frutos, o gosto pelos esportes, seja praticando quando jovens ou acompanhando na atual fase da vida, forneceu um insumo fundamental.

Entre as mulheres identificadas por nomes de deusas mitológicas e de flores, o universo é mais heterogêneo, mas, independentemente do grupo ou das distintas classes sociais às quais pertencem e do peso das idades que incide sobre o vigor primaveril da juventude de quaisquer pessoas, o que salta aos olhos é a manutenção da convivência na direção da fase outonal da vida. No universo pesquisado, as redes de sociabilidade foram importantes para a construção das identidades, desviantes e não-binárias, que abrigavam em seus corpos. A partir delas, foram alicerçados vínculos de convivência e solidariedade, mas não entre todas.

Em tempos mais recentes, é possível observar, entre jovens feministas, laços e bandeiras comuns que as aproximam e irmanam, colocando em xeque práticas arraigadas no patriarcado. Entre as mais antigas fica a admiração pelos desafios enfrentados à época e a potência das amizades a incidir sobre seus destinos. Entre escolhas, vínculos, perdas e ganhos são muitas as “flores” que acabam solitárias em seus áridos canteiros. Caubi teve melhor sorte entre as amigas durante a vida e na despedida que recebeu de muitas: ela sempre foi querida e as teve por perto. O texto que segue foi extraído do grupo Polêmica e inclui percepções que acompanham o fio que tece a trama das amizades que envolvem muitas das histórias neste compartilhadas. Uma amiga carioca conheceu o grupo Vila Sésamo quando jovem e passou a integrar mais recentemente a Confraria e o Cartoleiras das Minas. O excerto abaixo ilustra a intensidade e a diversidade das trocas entre elas, o esporte como forte elemento aglutinador, as festas, os vínculos e os afetos que vêm resistindo ao tempo:

Coração devastado aqui com a partida da muito querida carioca de nascimento e mineirinha por opção, Caubi. Conhecia Caubi de nome há pelo menos mais de 3 décadas. Mas nunca nos esbarramos. Até que veio a festa das Cartoleiras das Minas em dezembro de 2019 e finalmente nos conhecemos. Foram 2 anos de convivência diária e intensa no Polêmica. Tinha um jeitão de zagueiro. Falava tudo que pensava, agradasse ou não. Uma mulher inteligente e espirituosa. Explanava sobre política e futebol com maestria.

E era sensível também. Ano passado quando minha única irmã esteve internada com COVID, me escreveu no particular me falando palavras de esperança, força e fé. Ali ao conhecer o seu lado humano e amigo aprendi a gostar demais dela.

Me tratava com carinho. Obrigada, Caubizinha, pelas risadas, por nossos debates animados, pela troca de experiências de vida, pela simpatia pelo meu Fluminense.

Você partiu daqui feliz.

Sua grande paixão, o Atlético Mineiro, te reverenciou numa última homenagem ao te presentear com o título que você esperava há 50 anos.

Seus últimos momentos ocorreram dentro das Cartoleiras das Minas. Falando sobre o grande reencontro entre Amigas.

Meu coração está em prantos aqui no Rio. O dia amanheceu nublado sem a sua presença física entre nós. E a saudade já está doendo demais.
Siga na luz, minha querida. Leve a sua alegria e inquietude para o céu. Com certeza Deus não se importará em ver você sacudindo o Paraíso. E não se esqueça de nós.
Saudades... (da amiga carioca)

Se Caubi partiu de uma vida feliz, era querida e foi reverenciada pelas amigas, Rosa teve destino muito distinto. Quando uma eira não tem beira, o vento leva os “grãos” – as que optaram por uma vida sem eira nem beira ficaram meio à deriva, transitaram por territórios físicos ou afetivos, bem mais estéreis.

O fio da amizade, presente em vários depoimentos, foi dando o tom do seu inestimável valor. Ao escrever este capítulo, ficou a sensação de que a pesquisa abarca em si um tributo às amizades, alinhada ao que propõe a teologia queer, que ressalta a potência delas entre dissidentes do sistema sexo-gênero.

A teologia queer da libertação busca desestabilizar a forma como a fé foi construída, recorrendo ao amor e à solidariedade, através de um conceito chave, presente desde o desenvolvimento das teologias gay e lésbica: a amizade. A amizade é a alternativa teopolítica em que apostam as teologias que partem das dissidências sexuais, e que também participam de outras lutas em suas comunidades de origem, como as lutas raciais, de classe, e, no caso latino-americano, apostam na decolonialidade, ainda que isso pareça contraditório especialmente levando em conta sua posição cristã (ORTUÑO, 2020, p. 206).

Sem querer enaltecer filiações “religiosas” (definitivamente não é este o caso), mas considerando a necessidade de um novo marco civilizatório, pauta do discurso decolonial; sem ignorar a potência teopolítica, e reconhecendo a centralidade das relações de amizade e o inestimável valor das pesquisas e discursos decoloniais, cabe questionar sobre as ferramentas de que cada pessoa dispôs para seguir adiante, apesar da herança deixada pelos sombrios tempos bolsonaristas vividos e as sequelas por ele deixadas nos mais diversos âmbitos, inclusive no campo das amizades e dos afetos.

Embora haja considerável quantidade de estudos sobre relações de amizade no Brasil, há uma tendência a priorizarem crianças e adolescentes, fazendo-se ainda necessário perscrutar variáveis relevantes a esses relacionamentos e associá-los a outros aspectos importantes para a saúde humana, como sua relação com a depressão, a ansiedade, e seu papel sobre a quantidade e a qualidade de práticas de lazer na vida das pessoas (SOUZA; DUARTE, 2013). Ainda de acordo com estas autoras, felicidade e bem-estar subjetivo (BES) são dependentes dos relacionamentos que se têm. Neste sentido, foi possível constatar, entre as que compõem o grupo da literatura, que as práticas de lazer amalgamaram as relações de amizade construídas na

juventude e pavimentaram bem as trilhas que as levariam a uma boa qualidade de relacionamentos que as acompanharam até a fase madura da vida.

A maioria das deusas e das flores segue dispersa...

5.1 Nutrindo redes, tecendo afetos

Amizade é matéria de salvação.
(Clarice Lispector)

Nesta seção, dedico-me a analisar, no conjunto das histórias de vida que dão corpo à tese, o que restou do vivido no campo dos relacionamentos homossociais.

Observa-se entre as pesquisadas que a ausência das tradicionais demandas que costumam acompanhar um casamento heterossexual, como a criação de filhos e cuidados da casa, deixou valioso espaço para a convivência social, construção e manutenção das relações de amizade.

O Vila Sésamo, composto pelas jovens entendidas de outrora, foi se metamorfoseando em uma Confraria composta por um mix de mulheres que dele se originava ou com ele convivia, aquelas que nesta tese são nomeadas como personagens da literatura.

Em dado momento, surgiu entre elas o desejo de reencontrar as amigas com as quais haviam perdido o contato, aquelas que foram ficando pela estrada da vida. Com considerável *expertise* na realização de festas e eventos, mobilizaram suas competências e formalizaram em 2009 a Confraria, responsável pela realização do Baile do Papel AlmaSSo, que contou com quatro edições: em 2009, 2010, 2011 e 2017. Criaram também um grupo virtual para interação, prestação de contas e postagem de fotos das festas. O texto de abertura assim apresenta a Confraria:

[...] é uma Confraria de amigas que se reúnem toda primeira quarta-feira do mês no "Cantinho da Úrsula" e, anualmente, no último sábado de novembro, em uma bela festa noturna, animada, dançante, de alto astral, pra dar a largada nas festas de comemoração de final de ano, recarregando as baterias para mais um ano de saúde, alegria e sucesso (Texto extraído do *yahoo groups*, acesso em 14 ago. 2019).

Como o objetivo era fazer uma festa na qual o maior número possível dessas mulheres com as quais conviveram um dia pudessem estar presentes, propuseram encontros mensais no bar de uma das confradeiras, o Cantinho da Úrsula. Tais encontros colaboravam, ainda, para movimentar, de forma solidária e bastante festiva, o bar da amiga. Neles foram realizadas

campanhas solidárias para recebimento de livros, roupas, auxílio financeiro para aquisição de algum remédio e alimentos para doação. Os recursos para a realização do baile foram sendo coletados em parcelas mensais, alternativa encontrada para que as amigas pudessem participar, contribuindo aos poucos.

Os encontros festivos as acompanham desde tempos pretéritos, quando jogavam e organizavam o Festiranga. Utilizaram a considerável *expertise* de que dispunham para organizar, em tempos mais recentes, um baile para juntar aquelas amigas que foram ficando pela caminhada da vida. As três primeiras edições do Baile do Papel AlmaSSo aconteceram em um salão de festas situado no bairro Cidade Nova, em Belo Horizonte; a de 2017, no Liberty Hall²⁹.

Elas adotaram um livro para formalização da Confraria, nele oficializavam a adesão das participantes e estabeleciam os critérios para adesão à festa. Consta em sua abertura o seguinte texto:

Baile do Papel AlmaSSo - Regras iniciais da Confraria - 11/02/2009

Primeiro objetivo: festa de confraternização de final de ano.

Data: 27 ou 28/11/09 - Decisão em 04/03/2009

Adesão: por meio da aquisição de camiseta ao custo estimado de R\$ 10,00 que deverá ser usada nas reuniões mensais da Confraria. Participantes: máximo de 200, sempre indicados por algum já inscrito e sujeitos a aprovação da comissão organizadora. A característica do evento será definida em função do valor arrecadado.

Desistência: não haverá devolução. A cota de participação poderá ser repassada para outra pessoa, também sujeita à aprovação da comissão organizadora.

Estilo de festa inicialmente pretendida: salão de festas, música ao vivo. Bebidas incluídas: espumantes, cerveja, whisky, refrigerantes e água. Segurança, buffet, decoração, garçons, faxineiras.

Comissão organizadora: estrutura e nomes a serem definidos em 04/03/2009. Provisoriamente: X, Y e Z.

Reuniões: toda primeira quarta-feira do mês, para prestação de contas, avaliação e decisão sobre os próximos passos.

Pagamentos: primeiro pagamento em 04/03/2009, com depósito em conta a ser definida ou entregue na reunião. Adesões posteriores sofrerão reajuste de 20% sobre o montante arrecadado, o valor será de R\$ 10,00 acrescido de R\$ 0,01 por participante para efeito de identificação de depósitos. O valor básico de R\$ 10,00 poderá ser majorado caso seja comprovada a necessidade e aprovado em Assembleia mensal. Próximas decisões serão registradas neste livro a cada reunião, marcada para 04/03/2009 a próxima.

As referidas assembleias aconteciam nos encontros que também eram mensais. Além dos objetivos elencados acima, está presente não só o tom seletivo do grupo, mas também o desejo de tornar o evento acessível àquelas que atendessem aos requisitos postos. Foi por

²⁹ Casa noturna de propriedade de Gisele Andrade, figura de destaque na cena LGBTQIA+ da capital mineira. Além de cantora, Gisele é dona do Gis Club, atual Gis +, que funciona na avenida Barbacena, 33, no bairro Barro Preto, desde 2001. Ela foi proprietária também de outros espaços, além de ter promovido várias festas na capital belo-horizontina voltadas para o público homossexual.

ocasião desses encontros que comecei a olhar academicamente para aquele coletivo de mulheres. Naquela ocasião, eu estava interessada em estratégias escolares de homossexuais bem-sucedidos. Aproveitando a oportunidade, apliquei cem questionários “pré-teste” na Confraria, parte deles disponibilizados na rede social que as congregava, parte aplicada nos encontros que aconteciam por ocasião da organização da segunda edição do Baile do Papel AlmaSSo, em 2009, evento que contou inclusive com alguns poucos gays, presença rara entre elas.

As confradeiras tinham a pretensão de tornar o Papel AlmaSSo um baile anual. Contudo, devido ao comportamento inadequado de algumas, desistiram. Os motivos – excesso de bebida e brigas –, se eram comuns na juventude, na fase da vida em que se encontravam não toleravam.

O Baile do Papel AlmaSSo eu queria que fosse um negócio que não tivesse limites [...]. O negócio cresceu muito, chegou em torno de duzentas pessoas e aí começou a dar muito problema. [...] Deu problema de barraco [...] uma coisa muito desagradável. Na última edição do Baile do Papel AlmaSSo algumas pessoas foram vetadas. Reclamaram, xingaram, mas foram vetadas. E, aí, foi um dos motivos também que acabou. Começa a ficar desagradável. Então não dá para você ampliar demais, porque você começa a perder o objetivo, ou começa a ter esse tipo de problema. Você tem que começar a filtrar. (Jane Eyre, 65 anos)

Os bailes acabaram, mas sobraram recursos financeiros. A saída para eles foi organizar outra festa, desta vez Junina, que aconteceu em 2012. Abaixo, transcrevo o e-mail enviado à época:

De: Jane Eyre
Para: baile do Papel AlmaSSo@yahoo grupos.com.br
Enviadas: Sexta-feira, 13 de Abril de 2012 10:57
Assunto: [baile do Papel AlmaSSo] Notícias do Baile do Papel AlmaSSo

Caros e caras!

Várias pessoas tem perguntado pelo "Baile do Papel AlmaSSo", então a turma que coordenou a confraria nos últimos 3 anos se reuniu e decidiu-se pela realização de uma festa junina com o que sobrou do dinheiro da última festa (Jasmim, informar o valor).

A proposta é alugar uma quadra, possivelmente no dia 30/06 e contratar pessoa(s) para fornecer churrasquinho, caldos etc. e combinar com o dono do bar da quadra de deixar determinada quantidade de cerveja pré-paga até completar o valor que ainda estiver disponível, daí pra frente, cada um pagaria o que quiser consumir a mais. Com relação à festa de final de ano, os eventos ocorridos no final da última, nos indicam que não vale a pena continuar.

Agradecemos e pedimos desculpas aqueles que nos apoiaram e que sempre nos incentivaram a realizá-la, mas realmente as coisas nem sempre saem como queremos. Em breve divulgaremos os detalhes da festa junina.

Se problemas de comportamento de algumas participantes do Baile do Papel AlmaSSo na terceira edição (2011) inviabilizaram sua continuidade, em 2017, atendendo a pedidos houve

uma nova tentativa. Desta vez, ela aconteceu no Liberty Hall, na rua Paracatu, 65, no bairro Barro Preto. A casa, que funcionou de 2012 a 2019, foi fechada para receber o baile. O espaço pertencia a Gisele Andrade, cantora, empresária e figura de destaque na cena homossexual da capital mineira. Ela não foi entrevistada porque estava abaixo do corte etário desta pesquisa, mas conversei com ela informalmente.

Na última edição do baile (2017), talvez em sintonia com os novos tempos, houve uma ampliação quanto a quem pôde participar:

Para mim não teria filtro se tivesse um hétero, gay friendly, não é aquele hétero que vai lá para gozar, para achincalhar, como eu acredito que teria quem fosse para lá para criar caso, para bater, para dar porrada em sapatão, né[?]. Poderia ter. Não. Não é isso. É um hétero que é amigo de um gay e vai poder ir. Eu não veria problema nisso. [...] É... Também o hétero vai fazer o quê ali também? Pode ir, mas não teve. (Jane Eyre, 65 anos)

O texto sinaliza a possibilidade de diversificar o perfil da festa, mas denota vulnerabilidades e inseguranças quanto aos riscos. Explicita também que, embora algumas tenham verbalizado ausência de problemas vinculados à orientação sexual nas suas famílias de origem, nenhuma levou qualquer familiar à festa, embora liberdade para isto houvesse.

Antes do advento da pandemia de Covid-19 (2020-2022), as congreiras se encontravam com relativa frequência no bar Cantinho da Úrsula. Lamentavelmente, o estabelecimento não sobreviveu à pandemia, mas as jovens de outrora, as festivas senhoras congreiras sim. Envelheceram em sintonia com Ortiz, Longo e Montiel (2021, p. 21): “pessoas LGBTQ+ idosas devem usufruir em sua plenitude de todas as possibilidades oriundas da própria existência, comuns em outras faixas etárias”.

Se os eventos foram muitos na juventude, na maturidade se mantiveram ainda com algum vigor, como é o caso do Vaga Beer, um dos eventos criado por Jane Eyre em 2011 para comemorar a aposentadoria, numa clara conexão com a pecha criada sobre as aposentadorias pelo então presidente da república Fernando Henrique Cardoso. A polêmica declaração direcionada aos “vagabundos” – aqueles que, na perspectiva dele, se aposentaram com menos de cinquenta anos, tendo ele próprio se aposentado aos 37 como professor – virou piada entre elas.

Os eventos do Vaga Beer foram concebidos para acontecer semestralmente. A proposta foi celebrar a aposentadoria, com encontros planejados para acontecer sempre e simbolicamente às segundas-feiras à tarde, ocasião na qual um livro de adesão é assinado e a aposentada recebe a Medalha do Mérito Vagaba. Medalha que conta com três categorias: bronze para aquelas que

se aposentaram, mas continuam trabalhando; prata para as aposentadas que eventualmente fazem alguns bicos; ouro para as aposentadas plenas!

Vaga Beer é o encontro que Jane Eyre criou, já que fomos nos aposentando com o tempo e nessas aposentadorias fomos consideradas “vagabundas”. E adoramos o título. [...] a gente fazia aquela mesa com vinte mulheres ruidosas. Mas o encontro, assim, como se fosse um encontro de homens. Mas ninguém dava bandeira, abraçar uma ou outra, beijar, não tinha nada disso. Era um coletivo bem normal. Igual a um punhado de funcionário público que vai se encontrar em um lugar, toma cerveja, come. Ficava aquele monte de homem transitando pelo local e olhando muito pra gente. Deviam achar muito engraçado, tipo “que monte de mulher esquisita”. Mas ninguém nunca nos incomodou. O Vaga Beer foi interrompido por causa da pandemia, já há dois anos, porque os encontros de 2020 seriam o primeiro em abril e o segundo em outubro. Nesse ano (2021), nós não renovamos nosso encontro. Vamos ver, se Deus permitir... (Caubí, 67 anos)

Não permitiu: Caubi faleceu subitamente em 29 de dezembro de 2021... Seu texto nos possibilita acessar o perfil do grupo na maturidade, como se comportam em público, como elas se veem e como pensam ser vistas sob as lentes do outro. O conjunto das entrevistas realizadas deixou evidente a impossibilidade de se assumirem em ambientes públicos desde sempre. Ainda que o perfil identitário levante suspeitas, há que se levar em conta o tempo vivido e as marcas por ele deixadas. Elas resistem: se os encontros presenciais foram impactados pela pandemia, os contatos virtuais se intensificaram no mesmo período. Segundo Jane Eyre, os “grupos virtuais agora são os que mais estão funcionando nessa pandemia”.

No caso das pessoas idosas LGBTQ+ são numerosas as camadas de estigmas que elas podem vivenciar. Por um lado, elas têm de sobreviver em uma sociedade gerontofóbica, que tem aversão às questões que permeiam o processo de envelhecimento e velhice, e valoriza aspectos relacionados à juventude, reduzindo o valor das pessoas mais velhas. Por outro, também precisam resistir aos preconceitos de nossa sociedade conservadora, machista e heterocisnormativa (MIGUEL; ROBERTO, 2021, p. 26).

A possibilidade de perscrutar as práticas desalinhadas ao sistema capitalista surgiu graças ao conhecimento que antecedeu a realização do trabalho de campo. Ao pedirmos um exemplo sobre as trocas que partilhavam, Jane Eyre conta: “quando a gente cotiza uma viagem, leva uma pessoa para conhecer um país, por exemplo, que ela tinha desejo. Jamais ela poderia ir por conta própria. A gente já fez isso com três pessoas”. Ao ser incentivada a contar mais, ela se mostra pouco à vontade, mas segue reticente: “quando há necessidade, a gente ajuda. Mas tem sido raro, não tem sido frequente precisarem de ajuda financeira, não. No geral, a maior parte das pessoas chegou bem nesse aspecto, inclusive de autonomia até aqui, sabe?”.

Eu sabia de outros casos e tinha liberdade para insistir.

É... temos. [...] fazer uma festinha de aniversário, uma celebração, uma data importante de aniversário, já fizemos isso, de cotizar, de levar uma pessoa numa viagem etc. De cotizar o pagamento de um INSS para aposentar alguém que precisava pagar um ano, dois anos para conseguir se aposentar, já fizemos isso. De ajudar uma flor que está com um problema de saúde, precisando de uma ajuda... (Jane Eyre, 65 anos)

Tendo iluminado alguma solidariedade à revelia dos grilhões capitalistas, voltemos às festas e eventos por elas promovidos. Embora a maneira formal e cuidadosa com a qual as congreiras organizam suas festas e eventos possa indicar certa burocracia, o argumento delas refere-se aos cuidados necessários com a transparência quando as ações envolvem valores monetários e espaço adequado ao número de participantes. Outras vezes é para simplesmente festejar, como acontece no ato da assinatura dos livros de adesão aos eventos, na concessão de um troféu, medalha ou crachá, puro divertimento! Seguindo a peculiar organização, o Vaga Beer também possui um livro de adesão, onde consta o seguinte texto de abertura: “Contrato de Adesão: solicito minha adesão ao grupo Vaga beer. Declaro que sou aposentada [...], sem intenção de permanecer em qualquer atividade remunerada com trabalho executado regularmente.”

Mantendo a tradição histórica, a Confraria realizava seus encontros em festas fechadas, por elas promovidas, ou em bares com os quais criaram algum vínculo, como era o caso do Bar da Úrsula, ou o tradicional Bar do Luizinho, no Prado, ou ainda o Mané Doido, no Mercado Central, palco da primeira edição do Vaga Beer, em 2011. Se os encontros presenciais foram impossibilitados pela pandemia, os virtuais se intensificaram.

Dentre os diferentes grupos de WhatsApp que elas criaram a partir da disseminação dessa tecnologia, o Cartoleiras das Minas, nas palavras de uma participante, é “o grupo mais ativo em que a sapataria que eu conheço convive e se organiza [...], está totalmente focado no jogo e na festa de premiação”. As movimentações no grupo, que tem foco no futebol, indicam que o esporte continua sendo um elemento central para a coesão de parcela bastante significativa das congreiras em tempos presentes.

Como sempre gostei muito de esporte e não podendo mais praticar, comecei a assistir. Sempre gostei de futebol, de ir para campo, já te contei alguma história, e tem um *game*, né[?], tem um jogo aí, um filão que a Globo descobriu, que se chama Cartola, que é um jogo em que você arma seu time e ele acontece em paralelo com o campeonato brasileiro de futebol. E aí, numa dessas, existe outro grupo agora, que se chama Cartoleiras das Minas, que participa desse *game*. O ano passado, por exemplo, e nos dois anos anteriores, a gente não faz mais o Baile do Papel AlmaSSo, mas faz o encontro das Cartoleiras das Minas no final de ano, onde a gente faz a premiação das vencedoras do *game*. Virou a festa de fim de ano e aí virou aquele trem, tem mais

gente querendo participar, a gente abre um espaço e normalmente participam mais gente. Aí é churrasco, música ao vivo. (Jane Eyre, 65 anos)

No referido aplicativo oficial, há uma moeda virtual – a cartoleta – usada pelas pessoas participantes para montar seus times: comprar jogador, contratar técnico. No movimento paralelo que acontece no grupo Cartoleiras das Minas, que existe desde 2017, além das cartoletas, há também moeda oficial circulando, algo da ordem de dez salários mínimos/ano. Cada participante paga uma taxa de inscrição e alguma taxa simbólica para participar das competições intermediárias. Os valores arrecadados são integralmente distribuídos quando o campeonato chega ao fim. Eles são destinados à premiação das vencedoras e realização da festa de final de ano. O evento é organizado de forma que a maioria receba alguma premiação. Além do valor em espécie, que a vencedora recebe, há, entre os brindes, camisas oficiais do time do coração, dentre outros, e ainda prêmio para quem fica na lanterna. Os valores monetários são, para a maioria delas, simbólicos. O Cartoleiras das Minas, composto por um mix de torcedoras de vários times, tem também um grupo de WhatsApp, onde discutem e organizam os festejos em torno de assuntos futebolísticos. Recebi uma dica privê, por ocasião da festa do Cartoleiras das Minas, em 2019, com a seguinte mensagem: “...estamos fechando a festa de premiação das Cartoleiras das Minas, dia 14/12/2019 no Cantinho da Úrsula. Cada participante só pode levar 1 convidado. Não sei se pretende ir, mas precisa ser convidada de alguém. Eu já estou levando a Zélia” (Jane Eyre, 65 anos).

Há um aspecto curioso nesta mensagem, mesmo para mim, que sou próxima da Confraria (aliás, condição fundamental para ter conseguido as entrevistas que integram esta tese): ainda que estivesse pesquisando sobre elas, precisei *batalhar* um convite. Consegui e, na ocasião, conheci pessoas importantes para a pesquisa, dentre elas Gerânio, a mais velha entre as entrevistadas e uma das sócias do bar Stage Door (1968), um dos primeiros por elas frequentados. Embora elas não participem do grupo, apareceram para a festa, assim como outras da mesma geração que foram convidadas. Pareceu-me haver certo cuidado intencional no sentido de acolherem “suas iguais”.

Ainda que tenham transitado pelos mesmos territórios e por vezes estudado nas mesmas escolas – como é o caso de Magnólia, que estudou, como algumas do Vila Sésamo, no Colégio Champagnat e foi colega de Ártemis –, a trajetória de Gerânio se distancia sobremaneira daquelas que conseguiram construir e manter os laços de amizade.

Souza e Duarte (2013, p. 429) utilizaram uma amostra de 116 universitários de Belo Horizonte e 116 de Porto Alegre ao estudarem o impacto da amizade para o bem-estar subjetivo

(BES). Elas concluíram que “as mulheres apontaram mais satisfação e mais sentimentos positivos com a melhor amizade” correlacionando “positivamente satisfação de vida e afetos positivos”.

As mulheres mineiras (79%) indicaram menos amizades de mesmo sexo, na comparação com as gaúchas (84%). Já o vínculo concomitante com a melhor amizade investigada foi maior com ex-colegas de colégio (32%) na amostra mineira, enquanto que para a maioria dos gaúchos a melhor amizade não possui outro vínculo concomitante (33%), ou seja, a melhor amizade não é um atual ou ex-colega de escola, nem de trabalho, nem integrante da família, vizinho ou parceiro romântico – é apenas um(a) amigo(a), sem laços prévios. A média da duração da melhor amizade foi maior para a amostra gaúcha (10 anos) do que para a mineira (aproximadamente 7 anos) (SOUZA; DUARTE, 2013, p. 432).

As mineiras retratadas nesta tese são de uma geração diferente da pesquisada por Souza e Duarte e trazem a forte marca da orientação sexual. Constatei que entre aquelas que mantiveram mais longos e consistentes laços de amizade ficou óbvia a relação entre satisfação de vida e afetos positivos, assim como uma presença forte de vínculos entre ex-colegas de colégio e ex-namoradas. Essa relação foi se espalhando entre as entrevistadas cuja orientação sexual e interesses eram comuns, como os esportes, característica fortemente presente entre as que nesta tese são identificadas com nomes da literatura mundial.

Estudos realizados por Souza e Duarte (2013) evidenciaram que o bem-estar psicológico e físico são mais altos em pessoas que mantêm relacionamentos próximos com a família e com amigos, em sintonia com a literatura sobre felicidade e relacionamentos. Entre as deusas e as flores encontramos situações mais heterogêneas, com vínculos de amizade mais tênues ou ausentes, chamando a atenção casos extremos como os de Rosa e Magnólia, que embora tenham tido trajetórias pessoais e familiares diferentes e pertencimento a classes sociais distintas, escancaram o vazio de uma vida sem amizades ou afetos consistentes, tanto no círculo social quanto familiar.

Dito isto, passo aos apontamentos finais, já que conclusões precisam ser relativizadas, são feitas não só por quem pesquisa, mas também por quem lê o trabalho e nele enxerga a partir das janelas que cada um abre para mirar uma paisagem, admirar um retrato, considerar perspectivas próprias.

6. APONTAMENTOS FINAIS: ENTÃO FICAMOS ASSIM

Tendo em vista que nenhum estudo na área sociológica tem a pretensão de esgotar um assunto, aqui discorrerei sobre os resultados alcançados, conclusões possíveis e lacunas deixadas.

Quando iniciei a pesquisa, tinha clareza do que buscava, mas não do que iria encontrar. Cada pessoa cria uma verdade sobre si, ou, como diz Larrosa (2003, p. 39), há no sujeito uma “contínua criação, um perpétuo devenir: uma permanente metamorfose”.

As hipóteses construídas no projeto que orientou o percurso da investigação foram elaboradas meio intuitivamente. Havia certa insegurança ao me aventurar em um meio relativamente conhecido. Contudo, ouvir as histórias das vidas que forneceram a trama para a tessitura das considerações apresentadas aqui alterou a imagem prévia que eu tinha sobre o campo.

O que a tese escancarou, além da invisibilidade lésbica já explorada em outros estudos, foi o valor das amizades que muitas foram capazes de construir.

A pesquisa possibilitou acessar vidas vividas no armário, às margens e na invisibilidade, resultado da imposta clandestinidade histórica à qual pessoas dissidentes do sistema sexo-gênero são submetidas. O retrato falado revelado nesta tese é registro da luta contra o apagamento das nossas memórias, das nossas existências!

O encontro entre pesquisadora e pesquisadas trouxe surpresas, revelou facetas impen-sadas, como é exemplo os envolvimento com garotas de programa e seus desdobramentos.

Várias das mulheres entrevistadas já me conheciam. Porém, ficou evidente a intenção de algumas se manterem fechadas, demonstrando orgulharem-se dessa característica. Tentando contornar essa resistência, fiz alguns contatos “no privê”, os retornos foram lacônicos. Uma delas, integrante do Vila Sésamo-raiz, chegou a acusar de *fake* a existência da dissertação que já citava o grupo Vila Sésamo, defendida na UNICAMP em 1995.

O que apresento é resultado de costura miúda e muitos vaivéns. Cada minibiografia elaborada, cada descrição de um evento, uma vivência ou atividade coletiva foi devolvida ao grupo ou às participantes da pesquisa, caracterizando um processo de facilidades aprendidas, apreendidas e potencializadas em tempos pandêmicos, de vidas remotas e intenso tráfego via redes sociais.

Trabalhei com um tema clássico e caro aos estudos sobre dissidências sexuais femininas: a invisibilidade lésbica. De forma geral, poucos são os espaços pelos quais transitam sem filtros, têm dificuldade e muitas críticas quanto à exposição pública e comum em tempos presentes, de jovens casais de lesbianas; entre algumas o sentimento é de aversão.

Conseguir me aproximar de suas histórias de vida demandou, além de uma potente *network*, persistência e perseverança, um verdadeiro processo de convencimento. Muitas se mostraram arredias, fechadas e alheias ao valor de seus relatos e vivências. Persisti, elas eram guardiãs de histórias que ainda estavam por serem contadas e registradas, o tempo impondo seus limites...

A tese foi organizada em três distintos universos, contudo não se pode ignorar a existência de outras lésbicas na mesma faixa etária na cidade. Independentemente da forma como foram agrupadas na pesquisa, o universo delas era fluido e intercambiável, com momentos de maior proximidade ou distanciamento. Contudo foi entre as jovens de outrora que compuseram a turma do Vila Sésamo, mais tarde metamorfoseado na Confraria, que a manutenção dos vínculos e a jovialidade nas relações se mantiveram preservadas. Foi em torno dos interesses comuns que longevos laços de amizade e solidariedade foram construídos e se mantiveram entre elas. Aquelas que conseguiram nutrir os vínculos envelheceram celebrando a vida e apoiando umas às outras.

Entre as que compuseram a turma do Vila Sésamo, formada no final dos anos 1970 há uma evidente sororidade e a existência de um núcleo mais fechado, “raiz”, que se mantém em um gueto pouco acessível, com posturas conservadoras no que se refere às questões políticas,

ambientais e ideológicas. Para além desse núcleo, um grupo maior e mais acessível, o Polêmica, com posturas mais progressistas – embora nele também conste uma pequena minoria com visões mais reacionárias e conservadoras, as relações se mantêm ancoradas nas amizades que vêm de longa data –, participam de acaloradas e bem embasadas discussões políticas, cujas pautas dialogam com o momento de retrocessos vividos no Brasil.

O que foi construído por algumas mulheres se mostrou muito potente no campo dos relacionamentos e dos afetos, condição corroborada pela já citada pesquisa que vem sendo realizada na Harvard Medical School.

Ao que tudo indica, a ausência de um casamento heterossexual, de filhos e tudo o que implica uma relação constituída nos moldes patriarcais imposto às mulheres, favoreceu os modos de vida que adotaram e a criação de laços longevos, festivos e solidários entre várias entrevistadas. Entre algumas, a ausência de vínculos retroalimentados na convivência foi determinante para trajetórias de vidas menos solares.

Relacionamentos com mulheres casadas com homens apareceram com certa naturalidade em vários depoimentos. Embora estivessem casadas com homens, algumas se permitiram relacionamentos homoafetivos, colocando em evidência não só as bissexuais, mas também aquelas que, mesmo se sentindo atraídas exclusivamente por mulheres, acabaram se casando com homens, por vezes ignorando a possibilidade ou a existência de relacionamentos fora da heteronorma, conforme explicitado por algumas.

No seio de suas católicas famílias, a castidade, pilar para a manutenção da virgindade e valor em torno do qual se mobilizavam atenção e cuidados, acabou se apresentando como um elemento facilitador das relações entre elas em seus núcleos familiares. Os namorados, de fachada, colaboravam para desviar a atenção da lesbianidade e contribuía para que as famílias ignorassem o que acontecia entre as “amiguinhas”: a atração, o desejo e a prática sexual.

Fora do núcleo familiar, elas se fecharam nos guetos para viver suas relações afetivas e sexuais, vistas como algo moralmente condenável. Eram pessoas comuns, desviantes do sistema sexo-gênero. Nada de perverso, profano ou desrespeitoso foi revelado nas entrevistas concedidas pelas lésbicas que se encontravam nos guetos belo-horizontinos, alguns criados por elas. Sem perder de vista que as sexualidades dissidentes são o núcleo estigmatizado da sexualidade, a pesquisa evidenciou a escolha que muitas desfeminilizadas fizeram, por uma estética cravada no corpo como marco de resistência política, ainda que de forma inconsciente, afinal podiam performar no feminino, caso quisessem. A dimensão sexual foi intensamente vivida por todas elas. Apesar das católicas famílias conservadoras nas quais têm suas origens, as jovens

de outrora, como é comum a muitas jovens em tempos presentes, independente da orientação sexual, deixaram claro em seus relatos que queriam beijar, transar, namorar, jogar bola e beber.

Como os bares e as boates eram poucos e a exposição era algo que desejavam evitar, criaram seus guetos privados, sendo o aluguel de sítios ou casas uma estratégia presente nos três grupos entrevistados.

O poder aquisitivo ou o pertencimento a determinado estrato social variou muito e não se mostrou determinante para a rede de apoio e solidariedade construída entre algumas.

A vivência da homossexualidade de todas se deu nos guetos, à revelia do conhecimento explícito da família. A mesma reserva ocorreu no ambiente do trabalho ou quaisquer outros que não fossem “seus territórios”. Obviamente, ressaltam-se aquelas que trabalhavam no ramo, ou viveram relações de conflito no núcleo familiar, como aconteceu com Rosa, expulsa de casa, e Orquídea, que acabou se casando com um amigo gay para acomodar as frustrações que sua orientação sexual impunha à família.

A certeza da homossexualidade apareceu como uma condição natural, que se contrapunha à heterossexualidade compulsória, diante da atração e do desejo que sentiam por outras mulheres – condição surgida no mesmo lugar da convicção da heterossexualidade para muitas pessoas e que poderia ser sintetizada com a frase proferida por Capitu “eu nasci assim”, dita de outra forma por outras.

Pavimentar caminhos para a vivência de suas dissidentes sexualidades em tempo histórico tão restritivo à homocultura impôs a elas seus desafios. Ainda que três mulheres tenham vivenciado situações dramáticas relacionadas à ditadura civil-militar em seus núcleos familiares, nenhuma as vivenciou pessoalmente, uma vez que não se posicionaram explicitamente contra o regime. Embora houvesse, no início do trabalho de campo, a expectativa de encontrar posturas mais engajadas ou “feministas”, elas não apareceram. Contudo, cabe considerar o que foi possível a elas enfrentar dentro das possibilidades do tempo histórico vivido e da opressão do sistema cis-hetero-patriarcal. Ficou evidente a competência do aparato repressor com destaque para o Sistema Nacional de Informação (SNI) no que se refere ao controle dos meios de comunicação. Se em tempos atuais as informações chegam em velocidade e diversidade, durante a ditadura pouco acesso tiveram sobre o que estava acontecendo no país. Quanto aos possíveis atravessamentos entre ditadura e homossexualidade, seus relatos sinalizaram a experiência de algo que pairava no ar, remetendo à uma vigilância de costumes que impunha a elas regramento, reserva e vigília constantes.

Apesar de ser uma geração que viveu o impacto devastador da AIDS, apenas Deméter e Atena abordaram o tema espontaneamente, o que sinaliza que a maioria viveu em guetos predominantemente de lésbicas. Alguns relatos explicitaram a presença rara de gays entre elas.

Embora a militância pelo reconhecimento de direitos sociais não tenha se apresentado, as mulheres entrevistadas contribuíram com a presença física para o reconhecimento de muitos dos direitos alcançados atualmente e como fonte de inspiração para o empoderamento da geração mais nova, que, militando ou se expondo, de forma física ou pelas redes virtuais, tem tentado tornar a cena de duas mulheres trocando afeto em público, no mínimo, digna de respeito, ainda que tal exposição soe desrespeitosa e incomode as mais velhas.

Mesmo que as mulheres ouvidas tenham evitado se expor quando jovens, e ainda hoje evitem, há que se reconhecer a necessidade das pautas identitárias para fortalecer a reivindicação de direitos, pelo menos até que questões que alicerçam desigualdades sejam superadas, como aconteceu com aquelas que perdiam a virgindade, as desquitadas e divorciadas que foram tratadas como párias sociais.

O resultado desta tese é um registro de memórias, um retrato falado de uma geração de lésbicas que viveu suas juventudes entre as montanhas que circundam a cidade de Belo Horizonte. Tal retrato foi desenhado a partir de diversos olhares e múltiplas perspectivas de distintas vidas. Ao finalizar, fica a sensação de que a pesquisa não terminou. Resta ainda material valioso que ficou por ser explorado, tendo em vista o limite imposto pelo tempo e pelo escopo da pesquisa.

Chance há de que as histórias das mulheres que deram as caras nesta tese abarquem em si representações de um universo muito maior de mulheres que mantiveram relações sexuais com outras mulheres e travaram lutas identitárias semelhantes nas mais diversas regiões do Brasil.

Há um aspecto curioso que, embora fuja do escopo da pesquisa, eu gostaria de deixar registrado, vislumbrando fomentar outros estudos. Ele se relaciona com os números crescentes de separações. De acordo com levantamento do Colégio Notarial do Brasil, tem havido expressivo crescimento de divórcios nos últimos anos. Para a instituição, esse número é reflexo da maior convivência entre os casais devido às medidas de isolamento social adotadas na pandemia. Se o excesso de convivência durante o longo confinamento afetou casais heterossexuais, as lésbicas que viviam juntas e com as quais tive contato durante a pesquisa relataram ter ficado mais unidas.

Ao terminar, fica a sensação de que eu estava pronta para iniciar a pesquisa, ainda que força e energia não mais existissem...

REFERÊNCIAS

- AGUIÃO, Silvia. “Sapatão não! Eu sou mulher de sapatão!” Homossexualidades femininas em um espaço de lazer do subúrbio carioca. **Revista Gênero**, Niterói, v. 9, n. 1, p. 293-310, 2. sem. 2008
- ALVES, Cláudio Eduardo Resende; MOREIRA, Maria Ignez Costa; JAYME, Juliana Gonzaga. O binarismo de gênero nas placas de banheiros em espaços públicos. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, n. 33, p. 1-18, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/NLxLfBppzTV8By7bzGNnqYy/>. Acesso em: 28 fev. 2022.
- ALVES, Andrea Moraes. Envelhecimento, trajetórias e homossexualidade feminina. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 16, n. 34, p. 213-233, jul./dez. 2010.
- ALTMAYER, Guilherme. Tropicuir: linhas tortas na escrita de histórias transviadas. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista hoje: sexualidades no sul global**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 367-384.
- AMARAL, Adriana. Etnografia e pesquisa em cibercultura: limites e insuficiências metodológicas. **REVISTA USP**, São Paulo, n. 86, p. 122-135, jun./ago. 2010.
- ARANTES, Antônio A. A guerra dos lugares: sobre fronteiras simbólicas e liminaridades no espaço urbano. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 19-28, 1994.
- ARRUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. **Feminismo para os 99%: um manifesto**. Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2019.
- AUAD, Daniela; LAHNI, Cláudia Regina. Cidadania democrática e homossexualidades: comunicação no combate à violência contra as mulheres lésbicas. **Emblemas**, Goiás, v. 10, n. 2, p. 147-166, jul./dez. 2013.
- AZEVEDO, Adriana. Corpo-atritável ou uma nova epistemologia do sexo. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista hoje: sexualidades no sul global**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 303-313.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. **A arte da vida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Trad. Sérgio Milliet. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BECKER, Howard. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- BECKER, Howard. A história de vida e o mosaico científico. In: BECKER, Howard. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Hucitec, 1999. p. 101-115.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Org. Willi Bolle. Belo Horizonte/São Paulo: UFMG/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

BOMENY, Helena. **Guardiões da razão**: modernistas mineiros. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

BORGES, Lenise Santana. Feminismos, teoria queer e psicologia social crítica: (re)contando histórias... **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 26, n. 2, p. 280-289, 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822014000200005&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 26 dez. 2020.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOURDIEU, Pierre. Cultural reproduction and social reproduction. In: KARABEL, Jerome; HALSEY, A. H. **Power and ideology in education**. New York: Oxford University, 1977. p. 487-511.

BUTLER, Judith. Atos performáticos e a formação dos gêneros: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 213-230.

BUTLER, Judith. **El género en disputa**: El feminismo y la subversión de la identidad. Tradução castelhana de M. A. Muñoz. Barcelona: Paidós, 2007.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 313-321.

CARVAJAL, Julieta Paredes. Uma ruptura epistemológica com o feminismo ocidental. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista hoje**: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 194-204.

CARVALHO, Tamara Teixeira de. **Caminhos do desejo**: uma abordagem antropológica das relações homoeróticas femininas em Belo Horizonte. 1995. 198 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 1995. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/279040>. Acesso em: 16 abr. 2020.

CASTRO, Susana de. Condescendência: estratégia pater-colonial de poder. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista hoje**: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 141-152.

COLAÇO, Rita. **Operação Sapatão** – Richetti 15 nov. 1980. Memória/História MHBML-GBT. 05 abril 2009. Disponível em: <https://memoriambb.blogspot.com/2009/04/operacao-sapatao-richetti-15-nov-1980.html>. Acesso em: 11 dez. 2020.

COSTA, Albertina de O.; BARROSO, Carmen; SARTI, Cynthia. Pesquisa sobre mulher no Brasil: do limbo ao gueto? In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista brasileiro: formação e contextos**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p.109-134.

CRENSHAW, Kimberlé Williams. Mapping the margins: intersectionality, identity politics, and violence against women of color. **Stanford Law Review**, Jersey, v. 43, n. 6, p. 1241-1299, 1991.

CURIEL, Ochy. Construindo metodologias feministas a partir do feminismo decolonial. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 121-138.

DEBERT, Guita. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, FAPESP, 2004.

DEBERT, Guita. Problemas relativos à utilização da história de vida e história oral. In: CARDOSO, Ruth C. L. **A aventura antropológica: teoria e pesquisa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. p. 141-156.

DEBERT, Guita; BRIGEIRO, Mauro. Fronteiras de gênero e a sexualidade na velhice. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 27, n. 80, p. 37-54, out. 2012.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Novas subjetividades na pesquisa histórica feminista: uma hermenêutica das diferenças**. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista brasileiro: formação e contextos**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 357-369.

DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira. Muros e pontes no horizonte da prática feminista: uma reflexão. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 261-283.

EAGLETON, Terry. **Depois da teoria: um olhar sobre os estudos culturais e o pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

Editorial. LAMPIÃO DA ESQUINA, Rio de Janeiro, ano 1, p. 5, abr. 1978.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

ERIBON, Didier. **Reflexões sobre a questão gay**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

FACCHINI, Regina. **Entre umas e outras: mulheres, (homo)sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo**. 2008. 323 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

FACCHINI, Regina. **Sopa de letrinhas?:** movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 1990. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FALQUET, Jules. **De la cama a la calle:** perspectivas teóricas lésbico-feministas. Bogotá: Brecha Lésbica, 2006.

FEDERICI, Silvia. **A história oculta da fofoca:** mulheres, caça às bruxas e resistência ao patriarcado. Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2019a.

FEDERICI, Silvia. O feminismo e a política dos comuns. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista:** conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019b. p. 379-394.

FRY, Peter. **Para inglês ver:** identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1982.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade.** Trad. Raul Fiker. São Paulo: Unesp, 1991.

GOFFMAN, Erving. **Estigma:** notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista hoje:** perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 39-51.

GUATTARI, Felix; ROLNIK, Sueli. **Micropolítica:** cartografia do desejo. Petrópolis: Vozes, 1996.

HALBERSTAM, Jack. **Female masculinity.** Durham & London: Duke University Press, 1998.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós-modernidade.** 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **cadernos pagu**, Campinas, n. 5, p. 7-41, 1995.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista:** conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 157-210.

HARDIE, Lisa; JOHNSTON, Lynda T. It's a way for me to feel safe in places that might not really be gay-friendly: Music as safe lesbian space. In: BROWNE, Kath; FERREIRA, Eduarda (Orgs.). **Lesbian Geographies. Gender, place and power.** Burlington: Ashgate, 2015. p. 113-132.

HARDING, Sandra. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 95-118.

HARDING, Sandra. **Feminism and methodology: social science issues**. Bloomington: Indiana University Press, 1987.

HEILBORN, Maria Luiza. Ser ou estar homossexual: dilemas de construção da identidade social. In: PARKER, Richard; BARBOSA, Regina. **Sexualidades brasileiras**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996. p. 136-145. Disponível em: http://www.clam.org.br/uploads/publicacoes/112_1042_serouestarahomossexual.pdf. Acesso em: 12 jul. 2022.

HINE, Christine. **Virtual Ethnography**. London: Sage, 2000.

HINE, Christine. (Ed.). **Virtual Methods**. Oxford: Berg, 2005.

HINE, Christine. How Can Qualitative Internet Researchers Define the Boundaries of Their Project? In: MARKHAM, Annette N.; BAYM, Nancy. **Internet Inquiry**. Conversations About Method. Los Angeles: Sage, 2009. p. 1-20.

HOBBSAWM, Eric. **Sobre a história**. Trad. Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. Introdução. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (Org.). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 11-34.

JAYME, Juliana Gonzaga. Dos/as clones às mulheres trans e travestis: refazendo passos, tecendo memórias de pesquisa. **ARQUIVOS DO CMD**, Brasília, v. 9, n. 2, p. 252-270, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/CMD/article/view/41928>. Acesso em: 1º mar. 2022.

JOHNSON, Corey W. Living the game of hide and seek: Leisure in the lives of gay and lesbian young adults. **Leisure**, Florida, v. 24, n. 3-4, p. 255-278, 1999. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/14927713.1999.9651268>. Acesso em: 23 jun. 2020.

LACOMBE, Andrea. De entendidas e sapatonas: socializações lésbicas e masculinidades em um bar do Rio de Janeiro. **cadernos pagu**, Campinas, n. 28, p. 207-225, jan./jun. 2007.
LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas**. Trad. Alfredo Veiga-Neto. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (Org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019a. p. 121-155.

LAURETIS, Teresa de. Teoria queer, 20 anos depois: identidade, sexualidade e política. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (Org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019b. p. 397-409.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à Internet. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LENZI, Maria Helena; SILVA, Joseli Maria. ‘Faço de conta que eu não existo e você faz de conta que não me vê’: geografias lésbicas na ditadura militar em Florianópolis – SC, Brasil. **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 9, n. 2, p. 114-152, 2018.

LESSA, Patrícia. **ChanacomChana e outras narrativas lesbianas em Pindorama**. Belo Horizonte: Editoras Luas, 2021.

LESSA, Patrícia. **Lesbianas em movimento**: a criação de subjetividades (Brasil, 1979-2006). 2007. 261 f. Tese (Doutoramento em Estudos feministas e de gênero) - Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

LIMA, Alceu Amoroso. **Voz de Minas**: ensaio de sociologia regional brasileira. 3. ed. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1983 [1945].

LOURO, Guacira Lopes. Epistemologia feminista e teorização social: desafios, subversões e alianças. In: ADELMAN, Miriam; SILVESTREIN, Celsi Brönstrup (Orgs.). **Coletânea Gênero Plural**. Curitiba: Editora UFPR, 2002. p. 11-22.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista hoje**: sexualidades no sul global. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo 2020. p. 187-204.

LUGONES, María. Colonialidade e gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista hoje**: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 52-84.

MACRAE, Edward. **A construção da igualdade**: política e identidade homossexual no Brasil da “abertura”. Salvador: EDUFBA, 2018.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez. 2009.

MAHMOOD, Saba. Teoria feminista, agência e sujeito liberatório: algumas reflexões sobre o revivalismo islâmico no Egito. **Etnográfica. Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia**, v. 10, n. 1, p. 121-158, 2006.

MALLIMACI, Fortunato; BÉLIVEAU, Verónica Giménez. Historia de vida y métodos biográficos. In: GIALDINO, Irene Vasilachis de (Coord.). **Estrategias de investigación cualitativa**. Barcelona: Editorial Gedisa, 2006. p. 175-212.

MATOS, Raimundo José da Cunha. **Corografia histórica da província de Minas Gerais**. 2v. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1981.

MEAD, Margaret. **Sexo e temperamento**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

MEIRELES, Cecília. **Romanceiro da Inconfidência**. Ed. Letras e Artes, Rio de

Janeiro, 1965.

MIGUEL, Diego Félix; ROBERTO, Milton. Apresentação: Enxergando os invisíveis. In: BARON, Luis; HENNING, Carlos Eduardo; ORTIZ, Sandra Regina Mota (Orgs.). **O brilho das velhices LGBT+**: vivências e narrativas de pessoas LGBT 50+. São Paulo: Hucitec, 2021. p. 25-28.

MOCHÉL, Lorena. Colidindo epistemologias feministas no sex shop de uma favela carioca. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista hoje**: sexualidades no sul global. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 113-130.

MOLINIER, Pascale; WELZER-LANG, Daniel. Feminilidade, masculinidade, virilidade. In: HIRATA, Hélène *et al.* (Orgs.). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 122-128.

MORANDO QUEIROZ, Luiz Gonzaga. Vestígios de protoativismo LGBTQIA em Belo Horizonte (1950-1996). **Rebeh - Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, [S.l.], v. 1, n. 4, p. 62-76, fev. 2019. Disponível em: www.revistas.unilab.edu.br/index.php/rebeh. Acesso em: 10 dez. 2021.

MUTHIEN, Bernedette. Queerizando as fronteiras: uma perspectiva africana ativista. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista hoje**: sexualidades no sul global. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo 2020. p. 79-87.

NAVARRO-SWAIN, Tania. **O que é lesbianismo?** São Paulo: Brasiliense, 2004.

NOGUEIRA, Maria Luísa Magalhães; BARROS, Vanessa Andrade de; ARAUJO, Adriana Dias Gomide; PIMENTA, Denise Aparecida Oliveira. O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João Del Rei, v. 12, n. 2, p. 466-495, abr./jun. 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082017000200016 Acesso em: 15 fev. 2022.

OLIVEIRA, Cláudia Freitas de. A homossexualidade feminina na história do Brasil: do esforço de construção de um objeto histórico ao desdobramento na construção da cidadania. **Les Online**, Lisboa, v. 7, n. 2, p. 2-19, 2015.

OLIVEIRA, Leandro de. Gestos que pesam: práticas homossexuais e performance de gênero em contexto de camadas populares. XXX Encontro Anual da ANPOCS GT Sexualidade, Corpo e Gênero 2006. Disponível em: <https://anpocs.com/index.php/papers-30-encontro/gt-26/gt22-17/3452-loliveira-gestos-que/file>. Acesso em: 27 fev. 2022.

OLIVEIRA, Luana Farias. Quem tem medo de sapatão? Resistência lésbica à Ditadura Civil-Militar (1964-1985). **Revista Periódicos. Revista de Estudos Indisciplinares em Gêneros e Sexualidades**, Salvador, v. 7, n. 1, p. 6-19, maio/out. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicos/article/view/21694/14301>. Acesso em 11 dez. 2020.

OLIVEIRA VIANNA, Francisco José de. Minas do lume e do pão. In: OLIVEIRA VIANNA, Francisco José de. **Pequenos estudos de psicologia social**. 3. ed. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1942. p. 30-53.

ORTIZ, Sandra Regina Mota; LONGO, Priscila Larcher; MONTIEL, José Maria. Diversidade, envelhecimento e o papel da universidade na construção dialógica. In: BARON, Luis; HENNING, Carlos Eduardo; ORTIZ, Sandra Regina Mota (Orgs.). **O brilho das velhices LGBT+**: vivências e narrativas de pessoas LGBT 50+. São Paulo: Hucitec, 2021. p. 15- 23.

ORTUÑO, Gabriela Gonzalez. Como viver uma fé queer? Os desafios das teologias da libertação, as tensões entre o exercício da fé e as dissidências sexuais. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista hoje**: sexualidades no sul global. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 206-220.

PARKER, Richard. **Corpos, prazeres e paixões**: a cultura sexual no Brasil contemporâneo. São Paulo: Best Seller, 1991.

PODMORE, Julie A. Lesbians in the Crowd: gender, sexuality and visibility along Montréal's Boul. St-Laurent. **Gender, Place & Culture – A Journal of Feminist Geography**, Montréal, v. 8, n. 4, p. 333-355, 2001.

PONSE, Barbara. Secrecy in the Lesbian World. In: WARREN, Carol (Ed.). **Sexuality**: Encounters, identities, and relationships. Beverly Hills: Sage, 1976. p. 53-79.

PONSE, Barbara. **Identities in the Lesbian World**: The social construction of self. Westport: Greenwood Press, 1978.

PRECIADO, Paul B. O que é a contrassexualidade? In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (Org.). **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019a. p. 411-419.

PRECIADO, Paul B. Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (Org.). **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019b. p. 421-430.

QUEIROZ, Maria Isaura P. de. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: QUEIROZ, Maria Isaura P. de. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991. p. 1-26.

QUINALHA, Renan Honório. **Contra a moral e os bons costumes**: a política sexual da ditadura brasileira (1964-1988). 2017. 329 f. Tese (Doutorado em Relações Internacionais) - Instituto de Relações Internacionais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van. **Manual de investigação em ciências sociais**. Trad. João Minhoto Marques; Maria A. Mendes. 4. ed. Lisboa: Gradiva, 2005.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se**: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas, São Paulo: Editora Unicamp, 2021.

RAMALHO, Walderez Simões Costa. Uma crítica ao essencialismo identitário: a historiografia da mineiridade na primeira metade do século XX. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, Ouro Preto, v. 8, n. 18, p. 248-265, 2015. Disponível em: <https://revistahh.emnuvens.com.br/revista/article/view/841>. Acesso em: 17 abr. 2022.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **O poder do macho**. São Paulo: Editora Moderna, 1987.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Reconhecer para libertar**: os caminhos do cosmopolitismo multicultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SANTOS, Joaquim Felício dos. **Memórias do Distrito Diamantino da Comarca do Serro Frio**: província de Minas Gerais. 4. ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1976.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **cadernos pagu**, Campinas, n. 28, p. 19-54, jan./jun. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/03.pdf> Acesso em: 15 dez. 2020.

SEIDMAN, Steven. **Beyond the Closet**: The transformation of gay and lesbian life. New York: Routledge, 2004.

SIMMEL, Georg. Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal. In: MORAIS FILHO, Evaristo de (Org.). **Georg Simmel**. São Paulo: Ática, 1993. p. 165-181. (Coleção Grandes Cientistas Sociais, 34)

SOUZA, Janice Aparecida de. **Estratégias de escolarização de homossexuais com sucesso acadêmico**. 2013. 113 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

SOUZA, Luciana Karine de; DUARTE, Mônica Grace. Amizade e bem-estar subjetivo. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 29, n. 4, p. 429-436, out./dez. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/ZmzL8Svf5F865hvTmfMbpv/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 17 ago. 2022.

SOUZA, Luciana Karine; HUTZ, Claudio Simon. Relacionamentos pessoais e sociais: amizade em adultos. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 2, p. 257-265, abr./jun. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/fcvqh9ZLPbtvPH59Rtm8qjy/> Acesso em: 18 ago. 2022.

STUBS, Roberta; TEIXEIRA-FILHO, Fernando Silva; LESSA, Patrícia. Ativismo, estética feminista e produção de subjetividade. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 26, n. 2, p. 1-19, 2018.

TEIXEIRA, Alexandre Eustáquio. **Territórios homoeróticos em Belo Horizonte**: um estudo sobre as interações sociais nos espaços urbanos. 2003. 100 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

TREVISAN, João Silvério. Demissão, processo, perseguições. Mas qual é o crime de Celso Cúri. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, n. 0, p. 6, abr. 1978.

VAINFAS, Ronaldo. **Trópico dos pecados**: moral, sexualidade e inquisição no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

VASCONCELOS, Diogo L. A. P. de. Discurso de inauguração do IHGMG. **Revista do Arquivo Público Mineiro**, Belo Horizonte, v. 14, n. 1, p. 213-220, 1909.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira. **A aventura sociológica**: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 1 – 13.

WACQUANT, L. **Os condenados da cidade**. Estudo sobre marginalidade avançada. Rio de Janeiro: Revan, 2001.

_____. Que é Gueto? Construindo um Conceito Sociológico. **Revista de Sociologia e Política**, Paraná, n. 23 p.155-164, novembro de 2004.

WALBY, Sylvia. “**Patriarcado**”. In: SCOTT, John. Sociologia: conceitos-chave. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. p.155-157, 2010.

WALDINGER, Robert. What makes a good life. Lessons from the longest study on happiness. TED, 2015. Duração: 12’38”. Disponível em: https://www.ted.com/talks/robert_waldinger_what_makes_a_good_life_lessons_from_the_longest_study_on_happiness.

WITTIG, Monique. **O pensamento hétero e outros ensaios**. Trad. Máira Mendes Galvão. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2022.

ZILLER, Joana. **Pesquisas sobre lesbianidades**. Canal do PPGCOM UFMG, s/d. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ztLPyAxZzbc&list=PLqqSjcA3kSufuEb-mVURyM38e5FyivCM1N&index=20&t=1084s>

APÊNDICE

Do Vila Sésamo / Confraria

1. Jane Eyre (1955)

Foi a primeira a ser entrevistada, durante dois encontros, um dias diferentes: um presencial (na casa dela) e outro virtual. Oriunda de família de fazendeiros pelo lado materno, o pai, farmacêutico e dono de farmácia, ensinou-a a dirigir aos quatorze anos. Aos vinte, comprou seu primeiro carro. É branca, nasceu, viveu e estudou em escola pública em Piumhi (MG) até os dezessete anos. De família católica bem situada no interior das Minas Gerais, veio para a capital estudar. Construiu, principalmente a partir da prática de esportes, vasto círculo de amizades. Jogava tênis, handebol, futebol e vôlei. Tocava violão, atabaque, bongô e cavaquinho. Teve sua primeira experiência homoafetiva aos quinze anos.

Fez o último ano do Ensino Médio no Colégio Municipal Marconi, escola de referência à época. Em seguida, ingressou na universidade. Formada em Tecnologia de Processamento de Dados (UFMG) e Administração de Empresas (PUC Minas), possui três pós-graduações. Abandonou os cursos de Engenharia Elétrica (PUC Minas) e Educação Física (UFMG). Construiu uma bem-sucedida e premiada carreira como servidora pública.

Foi da seleção de handebol da UFMG e da PUC Minas. Muito afeita aos esportes, participou de vários campeonatos nos jogos universitários brasileiros.

Festeira, espirituosa, alegre, otimista, detentora de notável capacidade agregadora, além de ser do Vila Sésamo, é uma das figuras centrais entre as confradeiras. Recebe de algumas o carinhoso tratamento de “nossa líder”. Foi mencionada por mais de uma das entrevistadas como sendo referência entre elas. Está em uma relação estável desde 1999, formalizada legalmente em 2015.

2. Bovary (1961)

Branca, oriunda de família católica do interior de Minas Gerais, tinha sessenta anos na ocasião da entrevista. Tinha também uma irmã e um irmão. A família se mudou para Belo Horizonte quando ela tinha sete anos. Embora os pais fossem visitá-la com regularidade, só aos oito voltou a morar com eles, episódio que deixou marcas.

Bovary viveu episódios singulares em seu núcleo familiar. O tio integrava o Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR8), organização política criada em 1964 que lutava contra a ditadura militar brasileira. Ele participou do sequestro, em 1969, do embaixador norte-americano Charles Elbrick, libertado em troca de quinze presos políticos que deveriam ser soltos e retirados do Brasil. O tio não chegou a ser preso. A irmã dele era socióloga e não teve a mesma sorte: foi presa e brutalmente torturada. Ambos eram irmãos do pai de Bovary. Tais episódios marcaram fortemente toda a família e a impediram de estudar em escolas públicas, favorecendo o encontro com as amigas com as quais mantém laços de amizade e convivência que remontam às suas juventudes. Elas se conheceram no Colégio Batista, escola que congregou algumas entrevistadas que participam desta pesquisa.

A mãe era professora primária e manteve com Bovary um relacionamento distante. Nunca aceitou a homossexualidade da filha e cobrava casamento, situação que a levou, como muitas, a ter um namoradinho “fictício”. Atualmente, é responsável pelos cuidados com a progenitora.

O pai, com três anos de estudo, foi um empresário bem-sucedido e construiu considerável patrimônio. Ela não teve problemas com ele; pelo contrário, eram muito próximos. Ganhou dele seu primeiro carro quando tinha quinze anos. Já dirigia desde os nove, mesma idade com que teve sua primeira experiência homoafetiva com uma vizinha cerca de cinco anos mais velha.

Embora tenha aspirado a ser médica, acabou fazendo administração de empresas. Trabalhou nas empresas do pai até assumir os seus próprios negócios.

Situou-se como sendo de classe média. Disse já ter sido classe média baixa. Com o recente falecimento do pai, poderá subir alguns degraus na escala social.

Foi convocada para a seleção mineira de handebol infantojuvenil e jogava futebol, esportes que lhe ampliaram o círculo de amigas. Afirmou nunca ter sido do Vila Sésamo raiz, que era um grupo pequeno, elitizado e fechado. Ela foi introduzida no grupo por uma namorada que tinha na época e que dele participava. Além dos sítios que alugava junto com as amigas, tinha na fazenda do pai outro “ponto de encontro”.

3. Capitu (1957)

É branca e natural de Belo Horizonte, cidade onde sempre residiu. Entrevistei-a na minha casa. De família de classe média e católica, o pai trabalhava em cartório e a mãe sempre foi do lar.

Ganhou do pai seu primeiro carro aos dezoito anos. Precoce, reconhecia-se lésbica desde criança. Teve a primeira experiência sexual aos 14 anos com uma coleguinha com quem namorou por dez anos.

Ainda criança, via com admiração a participação da irmã mais velha nas manifestações de repúdio à ditadura militar. Capitu é daquelas pessoas que têm o que dizer: politizada desde jovem, leitora voraz, é uma mulher de personalidade forte, acurada sensibilidade social e senso de justiça.

Amante dos esportes desde criança, chegou a ser vitoriosa junto com as amigas em um campeonato de futebol de salão feminino acontecido em Belo Horizonte em 1981. Com considerável capacidade de aglutinação, esteve presente desde sempre no Vila Sésamo. Estudou no Colégio Batista. Tendo sido reprovada em física, transferiu-se para o Colégio Champagnat, que oferecia o regime de dependência, onde finalizou o Ensino Médio. Algumas amigas, futuras integrantes do Vila Sésamo, se transferiram com ela.

Começou sua trajetória profissional aos dezoito anos como telefonista. Atuou por dezesseis anos na incipiente área de informática no final dos anos 1970. Começou um negócio de compra e venda de carros, mas não resistiu ao Plano Collor 1 (1990), que bloqueou por dezoito meses os valores dos investimentos acima de cinquenta mil cruzeiros. Voltou ao mercado trabalhando com representação de equipamentos de proteção individual (EPI). Quando o irmão faleceu aposentou-se e assumiu a administração dos bens e da casa da mãe, com quem sempre morou. Em uma relação estável há doze anos, diz ter planos de formalizar legalmente a união.

4. Caubi (1954 a 29/12/2021)

Era despachante, trabalhando com regularização de propriedades do interior do Estado. Parda, de família pobre e católica, o pai era baiano e músico por profissão (além de maestro era saxofonista e clarinetista) e a mãe cuidava das “lides domésticas”. Estava em seu sítio em Juatuba (MG), em isolamento, como muitas devido à pandemia de Covid-19. Por isso, a entrevista foi feita a distância. Enviei o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o roteiro por e-mail. Ela foi respondendo em áudios pelo WhatsApp, recurso que também utilizei para aprofundar questões ou sanar alguma dúvida.

Mulher inteligente, sagaz e espirituosa, dona de um refinadíssimo senso de humor, gostava de tratar as amigas mais próximas no masculino. Falava de política e futebol com propriedade,

jogava futsal quando jovem, tinha verdadeira adoração pelo Clube Atlético Mineiro. Nascida no Rio de Janeiro, mudou-se com a família para Belo Horizonte aos dez anos de idade. Apaixonou-se por uma coleguinha quando tinha oito anos. Sua homossexualidade nunca foi abordada no seio familiar, embora a mãe tenha recebido cópias das cartas que ela trocava com uma namoradinha e colega de escola quando tinha quinze anos. Trocou o primeiro beijo com uma mulher por volta de dezesseis anos. Estudou no Colégio Estadual Central, escola de referência e bastante disputada à época. Tentou vestibular para Comunicação Social, mas acabou se dedicando a outros cursos “aleatórios” de nível médio. Estava solteira há alguns anos e feliz com isto; disse que “passou o seu tempo, graças a Deus”. Parece que tinha passado mesmo. Caubi nos deixou no dia 29 de dezembro de 2021. Nesse mesmo dia ainda trocamos mensagens sobre o material que havia me enviado. Começamos nossas tratativas em 18 de novembro de 2021 e fomos espichando, aprofundando a conversa. Era uma mulher boa de prosa. Tinha entonações curiosas e respostas espirituosas...

5. Karenina (1959)

Entrevistei-a a distância, enviando blocos de perguntas que ela me devolvia respondidas pelo WhatsApp, recurso que também utilizamos para aprofundar ou sanar alguma questão.

É branca, de família de classe média e católica. O pai era comerciante, a mãe trabalhou no comércio até se casar. Embora o tema casamento estivesse pautado no discurso dos pais, ela afirma que nunca foi uma cobrança e que sempre houve respeito com relação a esta questão. Oriunda de uma família atípica, sendo sete irmãs e oito irmãos, dentre eles dois gays e três lésbicas.

Além de ter estado presente quando o Vila Sésamo foi nomeado, estudou no Colégio Batista Mineiro, como outras que compuseram o Vila e com as quais mantém laços de amizade que remontam à adolescência. No Colégio Batista teve sua primeira paixão, a professora de Matemática, quando estava no último ano do Ensino Fundamental (à época, 8ª série). Sua primeira experiência sexual aconteceu aos 16 anos.

Depois de vinte anos da conclusão do Ensino Médio, formou-se em Tecnóloga em Gestão Financeira. Nasceu e viveu em Belo Horizonte até 2017, quando se mudou para uma cidade do interior de Minas Gerais para viver com a companheira, com quem mantém um relacionamento há dez anos. Trabalhava no comércio quando a entrevistei.

6. Lolita (1956)

Lolita tem suas origens em uma tradicional e bem situada família católica mineira do interior de Minas Gerais. O pai era comerciante, tinha uma mercearia e era dono do cinema da cidade. Ele presenteou a filha com o seu primeiro carro quando ela fez dezoito anos. A mãe formou-se para ser professora, mas com uma prole de nove filhas/os se ateu à educação das crianças e à administração do lar. Lolita é a caçula da família, dona de uma polidez que não nega as origens. Ela carrega traços da boa educação recebida no seio familiar. Quando criança, ela brincava com os irmãos, pois as irmãs eram bem mais velhas. Contou pouco de si. Ela se autodeclara morena, mas é branca. Os primeiros anos de estudo foram feitos em sua cidade natal. Mudou-se para Belo Horizonte em 1970, quando tinha quatorze anos. Estudou em duas escolas de referência à época: Colégio Estadual Central e Colégio Pitágoras. Fez duas graduações, ambas na PUC Minas: Jornalismo e Odontologia. Com esta última formação desenvolveu sua carreira profissional, teve seu próprio consultório e, paralelamente, foi servidora pública. A primeira experiência homoerótica aconteceu quando ela tinha vinte anos. Assim como a maioria neste grupo, na juventude jogava futebol e vôlei na turma do Vila Sésamo. Quando a entrevistei, já estava aposentada e em uma relação estável há oito anos. Viviam juntas há um ano e tinham planos para legalizar a união.

7. Macabéa (1955)

Figura entre as mulheres do Vila Sésamo por compor os times nos jogos de futebol com a turma. Atualmente, faz parte da Confraria, como muitas identificadas com nomes da literatura mundial. Branca, de família católica, é uma mulher arredia e discreta. Quando a entrevistei, surpreendi-me: era uma pessoa que tinha o que dizer, embora bem pouco tenha dito.

Foi jornalista, professora de matemática e advogou por um curto período. Atualmente, é promotora aposentada e sitiante em uma cidade próxima de Belo Horizonte. Classifica-se como uma pessoa que era “sozinha e solitária”, aproximou-se do grupo e nele se integrou por meio do futebol no final dos anos 1970. Depois se afastou porque viveu um período fora da cidade. Na maturidade, é sem dúvida uma confreira, embora interaja pouco. Integra o grupo de WhatsApp que as congrega e participa dos eventos e festas por elas promovidos. Apresenta-se de forma mais reservada. O pai foi cassado durante a ditadura militar. Tem uma companheira há cerca de trinta anos.

8. Nastasya (1958)

É branca, natural de Belo Horizonte e de família católica. Pessoa simples e acessível, cursou turismo e administração. Comprou seu primeiro carro aos 28 anos. Teve alguns empregos na área administrativa. Trabalhou por muito tempo com transporte escolar, quando dirigia seu próprio carro. Tendo se aposentado da função, abriu uma pequena papelaria no bairro onde mora e é comerciante. Convive com várias integrantes do Vila Sésamo desde o final dos anos 1970. Frequentava a turma dos esportes, mas não jogava. Embora não seja uma integrante do grupo original, é certamente uma confreira: convive com várias, frequenta os eventos, promove festas na sua casa, considera importante ajudar quem precisa e se diz apaixonada pelo grupo de amigas com as quais sabe que pode contar. Amante do futebol, sua casa sempre foi reduto de cruzeirenses para assistir aos jogos. Mulher de poucos e longos relacionamentos, teve a primeira experiência homoerótica aos 21 anos. Quando a entrevistei, estava solteira, mas aspirava a um novo amor.

9. Úrsula (1952)

Branca, filha de militar, nasceu em família católica em Fortaleza (CE), cidade na qual viveu até os dezesseis anos, quando se mudou com a família para Belo Horizonte. Como algumas integrantes do Vila Sésamo, estudou no Colégio Champagnat. Também afeita aos esportes, jogava futebol, vôlei e peteca. Dona de uma destacada e premiada trajetória na área de publicidade em agências e jornais de renome, atuou de 1971 a 2005 na área. Teve também uma empresa de negócios publicitários por dez anos. Foi fundadora e presidiu a Associação dos Empregados em Agências de Propaganda do Estado de Minas Gerais, que se transformou no Sindicato dos Empregados das Agências de Propaganda do Estado. Após a consolidação da associação, foi eleita como primeira presidenta do sindicato dos publicitários do Brasil. Tendo se aposentado, passou a se dedicar ao seu bar Cantinho da Úrsula. Já tinha experiência acumulada na área, pois fora proprietária do bar Cabeça de Touro (1978-1979), que, além de reduto das amigas, abrigou a primeira edição do Festiranga.

Evitei incluí-la na categoria das proprietárias de bares e boates por dois motivos: primeiro, porque os seus bares nunca foram voltados ao atendimento do público homossexual, havia até restrição quanto a manifestações explícitas de afeto. Contudo, esta nunca foi uma questão

reivindicada pelas amigas lésbicas que frequentaram seus bares. O segundo motivo se deve à sua convivência com as integrantes do Vila Sésamo desde o final da década de 1970, passando a integrar a Confraria.

Úrsula teve sua primeira experiência homoerótica aos 26 anos. Aos 27 comprou seu primeiro carro. Está em um relacionamento há 32 anos, sendo que há dois anos estão morando juntas. Sua união não é formalizada legalmente.

Dos bares e boates

10. Afrodite (1958)

Entrevistei Afrodite no confortável e bem situado apartamento na zona sul de Belo Horizonte. Há quinze anos ela vive com a irmã mais velha, por quem demonstrou profundo apreço. Branca, oriunda de família católica de classe média, nasceu e sempre viveu em Belo Horizonte.

Seus pais eram oriundos do interior de Minas Gerais: a mãe, embora tivesse baixa escolaridade, lia muito; seu pai fez colégio interno de contabilidade em São João del Rei. Ele foi proprietário de um estabelecimento comercial capital mineira.

Afrodite é filha de pais “mais velhos”. Ela disse que a mãe, quando já tinha cinco filhos, engravidou dela por volta dos 40 anos e, por vergonha, passou a gravidez em casa. Como a diferença de idade entre ela e a mãe era grande, foi criada de forma bastante livre pela irmã, vinte anos mais velha, que “sempre foi moderna”.

Embora a sua homossexualidade não fosse tratada abertamente na família, o pai a defendeu quando o irmão a rotulou de lésbica, substantivo usado com frequência para ofender mulheres daquela geração que se relacionavam com outras mulheres. A irmã, mulher culta e de carreira bem-sucedida, foi a figura mais próxima na sua formação e sempre a apoiou, inclusive quanto à orientação sexual.

Inteligente e autodidata, aprendeu a ler aos seis anos, assim como aprendeu a tocar sozinha o violão, “de ouvido”. Estudou no Colégio Estadual Central, escola concorrida e de referência na cidade, na qual se ingressava por meio de exame admissional, prática comum em uma época de poucas e concorridas vagas nas escolas públicas. Começou a cursar Direito no turno da noite na PUC Minas, período que aproveitava para matar aula e curtir a noite, fase de descoberta dos espaços para homossexuais. Acabou abandonando o curso para aproveitar a noite.

Entrou para o ramo de bares quando começou a trabalhar com o irmão. Com uma bem-sucedida trajetória na área, foi sócia do Frater (1992-1994), conhecido e badalado bar localizado em área nobre da cidade. Disse ter ganhado “dinheiro igual água”. Na sequência, abriu o Berná (1994-1997). Sobre esses espaços, discorrerei mais adiante.

Bissexual até os dezessete anos, teve a primeira namorada aos quinze. Ela se referiu a duas “muito ricas”. Seus bares eram frequentados majoritariamente pelas classes mais favorecidas. Afirmou que o seu público se diferenciava daquele dos bares e boates de que a cidade dispunha. Chegou a receber, em uma solenidade na boate Plumas e Paetês, um troféu em reconhecimento ao sucesso que o Frater alcançou. Afirmou que o uso de cocaína era muito comum entre a sua clientela e que o banheiro do bar precisava de marcação intensa. Ela não queria que as pessoas cheirassem lá.

Quando a mãe descobriu que ela fumava maconha, contou para o bairro todo. Experimentou várias drogas, dentre elas LSD, maconha, cocaína, ácido e “mandrix”. Deixou todas e se tornou refém do álcool, mas não bebe mais. Afirmo sempre ter tido uma vida muito boa. Quando a entrevistei, estava solteira há alguns anos.

11. Ártemis (1958)

Parda, de família católica e natural de Belo Horizonte, teve seu primeiro carro aos 22 anos. Cursou Administração Pública e atualmente é servidora pública aposentada. Foi filiada e candidata a vereadora em 2000 pelo Partido Social Democrático (PSD). Em 2006, filiou-se ao Partido Democrático Trabalhista (PDT), tendo sido novamente candidata a vereadora em 2008. Faz parte do diretório da Executiva Nacional, é membra da Executiva Estadual e Vice-presidenta do PDT Diversidade de Minas Gerais.

Se reconhece lésbica desde a mais tenra infância e sempre se sentiu respeitada no seio familiar, embora o tema nunca tenha sido abordado abertamente. Após a morte dos pais, de quem sempre cuidou, suas relações homoafetivas foram ficando mais explícitas no núcleo familiar.

Depois de uma temporada vivendo nos Estados Unidos, retornou ao Brasil em 1983, aos 25 anos, e começou, junto com amigas, a frequentar o Pantagruélico, bar incomum situado no nobre bairro de Lourdes. Nesse bar, conheceu o dono da boate Hollywood, situada à rua Alvarenga Peixoto com rua Rio de Janeiro, casa que atendia público diversificado, mas que o

proprietário queria transformar em uma boate gay. Viraram sócios e inauguraram, no mesmo espaço, a boate Chez - a princesinha de Belô. Nessa boate, criaram o “domingo só para mulheres”.

Embora possa figurar no grupo do Vila Sésamo e seja uma figura central nele, compõe o grupo das proprietárias de bares e boates pelo volume e amplitude de experiências acumuladas nos estabelecimentos nos quais esteve à frente.

Figura conhecida da sua geração na cena homossocial belo-horizontina, tinha nos bares “um negócio: abria, lotava e vendia, sempre no auge. Foram cerca de vinte”. Os bares em Belo Horizonte costumam ter vida curta, os de Ártemis tiveram duração em torno de seis meses, o que durou mais foi a boate “Che”. Dentre aqueles de que se lembrou, figuram o Arpoador, na rua Equador, no bairro São Pedro; o Club Privé, na avenida do Contorno, no bairro São Lucas; o Club 250, na rua Lavras, 250, no bairro São Pedro; o Café Olivia, na rua Major Lopes, 469, no bairro São Pedro; o Coliseum, na rua Congonhas, 571, no bairro Santo Antônio; o Restaurante Rancho Canadá, que funcionou no bairro Jardim Canadá e depois no bairro Santa Tereza. Foi também sócia por um curto período do Frater e *promoter* de algumas boates, dentre elas a Pagã. Ártemis teve a sua primeira experiência homoafetiva aos dezessete anos, com uma jovem do conhecido grupo Vila Sésamo. Vive com a companheira há vinte anos, tendo formalizado legalmente a união em 2016. Diferentemente das demais entrevistadas, celebrou a união com as famílias de ambas em uma cerimônia na casa de uma de suas irmãs.

12. Atena (1951)

Atena tinha 71 anos quando a entrevistei. Sendo um dos três nomes que capitaneou a cena lésbica belo-horizontina no período pesquisado, era uma figura importante para esta tese. Conseguir a entrevista exigiu determinação: foram quatro meses de tentativas. A entrevista já estava apalavrada quando ela quebrou o fêmur esquerdo e precisou passar por uma cirurgia e muitas sessões de fisioterapia. Quando a entrevistei, estava usando andador, mas se recuperando bem. A entrevista aconteceu em um sábado à tarde: peguei-a na portaria do conjunto habitacional onde residia e fomos ao bar de uma amiga dela.

Atena é branca e nascida em família católica de sete irmãs e seis irmãos. Nas palavras dela, “nasci na roça mesmo, no mato. Eu nem conheço o lugar ainda. Nasci na Jurema. A cidadezinha próxima hoje chama Queluzito”, em Minas Gerais.

Mulher galante, falante e namoradeira, mantinha considerável vigor. Quanto ao pai, referiu-se a ele como sendo um “homem maravilhoso, muito honesto, trabalhador, embora fosse analfabeto, era inteligente. Tocava sanfona e acordeom”, e ela o acompanhava com o cavaquinho. A mãe estudou até a segunda série: “era brava, falava vai ficar de castigo, vai apanhar”.

De família pobre, cursou até a quinta série. Precisou sair cedo de casa para trabalhar, por isso não prosseguiu com os estudos. Afirmou ter sido “criada muito bem, com muita educação... na pobreza, mas com pessoas honestas”. Mesmo já se reconhecendo “entendida”, cedeu aos desejos e pressões familiares. A mãe cobrava um namorado, chegou a ficar noiva aos dezoito anos de um médico que tinha o dobro da idade dela. Atena contou que era uma ilusão, uma coisa que puseram na cabeça dela. A família achava que por ele ser médico e rico ela estaria amparada, viveria no conforto. Embora fosse vista como sendo a ovelha negra, sempre foi requisitada para resolver os problemas na família.

Contou que aos sete anos de idade chegava da escola e ia ajudar o pai no “pedacinho de terra” que tinham. Capinava e ajudava com o arado. Já colocou canga em boi e montou cavalo em pelo, mas nunca gostou de roça. Já teria nascido gostando de cidade. Disse que “toda vida” foi esperta, saiu cedo de casa, queria ser independente.

Por volta dos treze, quatorze anos, foi morar com uma irmã em Divinópolis (MG). Aos quinze, foi morar com um irmão em Belo Horizonte, cidade na qual fixou residência.

Gostava de mulher mais masculinizada. Relembra ter sido bastante feminina: usou minissaia, bota, maquiagem pesada, brincos, cílios postiços e peruca porque era moda. Disse ter mudado muito de perfil. Atualmente, gosta de mulher feminina, mais nova, de salto alto; se uma mulher masculina a cantar, está perdendo tempo.

Teve um relacionamento de doze anos com Hera, outra figura central na cena lésbica de Belo Horizonte nos anos pesquisados. Durante o relacionamento que tiveram, foram sócias nos bares Toca e Marrom Glacê e no início da boate Plumas e Paetês.

Abriu seu primeiro bar sozinha - Em Cima da Hora - na rua Sergipe, 621, quarteirão que ela teria nomeado como Rua da Lama. Afirmou ter nele ficado por cerca de onze anos. Fechou o estabelecimento devido aos inconvenientes trazidos pelo público que vinha da Feira Hippie, que funcionava à época na Praça da Liberdade às quintas-feiras à noite e no domingo durante o dia. Chegou a contratar dois seguranças, mas acabou optando por sair do espaço.

Em que pese seus bares terem tido nomes oficiais, sempre foram conhecidos como Bar da Mariinha. Um deles funcionou, por um curto período, na rua Gonçalves Dias, 2.162, quase esquina com avenida Álvares Cabral. Seu último bar durou 11 anos, ficava na rua Areado, 409, com rua Manga, no bairro Carlos Prates. Atendia a um público diversificado: nas suas palavras, “frequentavam héteros, vizinhos, bissexuais. Aí eu colocava uma banda de pagode tocando, lotava a rua, domingo abria das duas horas da tarde até dez horas da noite”. Fechou por causa de problemas com vizinhos e por recomendações médicas, ela precisava cuidar da saúde. Aposentou-se em 2008.

Disse ter ganhado muito dinheiro, que poderia “estar milionária, com uma mansão, com piscina”, mas ajudou muita gente e diz não se arrepender. “Eu estou bem, não moro na rua. Moro em um humilde apartamento, mas é meu. Não pago aluguel. Tenho o meu carrinho ali na hora que quiser. Tenho minha vida, sou feliz, me sinto muito feliz”. Ocupou por diversas vezes o lugar de provedora, deu carro e apartamento na praia para namoradas, mas disse ter dado um basta nessas situações. Agora quer viver para si.

Embora estivesse recentemente solteira quando concedeu a entrevista, afirmou ainda estar “na ativa. Só quebrei o fêmur. Se vier uma namorada, tô namorando. Quando eu era mais nova, eu gostava de mulher coroa. Agora, na velhice, eu já gosto de gente mais nova do que eu. Dos 35 aos 50, passou disso eu não quero mais não”.

13. Deméter (1961)

Branca, é natural de Oeiras e morou em Teresina, ambas cidades do Piauí. Nasceu em uma família humilde e católica. Conviveu pouco com o pai, que abandonou a família ainda em Teresina, quando ela era criança. Veio com a família para Belo Horizonte aos treze anos. Saiu de casa aos dezoito, graças “à falta de aceitação da homossexualidade”, principalmente por parte dos irmãos. Sua primeira experiência homoafetiva aconteceu quando ela tinha dezessete anos, mas disse ter se apaixonado pela atriz Regina Duarte aos sete, assistindo à telenovela *Legião dos esquecidos*. Chegava a sonhar com a atriz.

Embora não tenha sido proprietária de nenhum estabelecimento, foi agrupada junto às deusas devido ao período de 35 anos trabalhando como garçoneiro em estabelecimentos voltados para o público feminino homossexual de Belo Horizonte. Ela começou aos dezenove anos na boate Plumas e Paetês.

Esta foi uma entrevista que exigiu persistência: embora o contato para a apresentação da pesquisa tivesse sido bem acolhido, o encontro foi desmarcado cinco vezes. A princípio nos ocorreu que ela estivesse evitando a exposição, mas quando a encontrei essa impressão se dissipou. Com duas graduações, a primeira em Teologia, cursada em Macapá, cidade onde residiu por quatro anos, só foi reconhecida pelo Ministério da Educação (MEC) tardiamente, quando ela já havia feito outro curso, de Turismo, em 2003. No período em que trabalhou na Prefeitura de Belo Horizonte, aproveitando a oportunidade de um convênio firmado pelo órgão municipal, fez duas especializações, em Educação Ambiental e em Metodologia do Ensino Superior. Sem atuação nas áreas de formação, estava trabalhando no gabinete de um vereador. Deméter me recebeu para a entrevista na Câmara Municipal de Belo Horizonte, em um cantinho que agrupava os carrinhos de limpeza do prédio. Filiou-se ao Partido dos Trabalhadores (PT) em 1979. Em 2018, foi candidata a deputada federal de Minas Gerais pelo Partido Republicano Progressista (PRP). Mulher simples, falante, consciente dos desafios enfrentados pela sua geração, com uma memória e velocidade de fala dignos de nota, Deméter se mostrou uma verdadeira guardiã da memória da cena lésbica da cidade.

Na ocasião da entrevista, foi a única que cogitou ter um filho com a companheira, uma garota de programa, com quem vivia há cerca de 35 anos. Só não levaram o desejo adiante por questões financeiras.

14. Hera (1937)

Hera, conhecida empresária, tem origem em família católica e se autodeclarou morena. Mereceria um capítulo à parte dada a sua relevância na cena lésbica belo-horizontina. Seus bares e boates figuram em todos os depoimentos colhidos.

A entrevista aconteceu no meu apartamento. Disponibilizei um carro que a buscou e a levou em sua casa, na periferia da cidade de Belo Horizonte. Embora tenha sido uma entrevista difícil de ser concedida, aconteceu em clima de colaboração e entendimento quanto à importância que os relatos dela teriam. Afinal, foi uma das figuras centrais na cena homossexual belo-horizontina. Figura simples e cordial, estudou até a terceira série de grupo à época.

Recebi uma pessoa muito diferente daquela que transitava pelas suas boates em “roupas sociais”, blazer, terno ou smoking. Tinha 85 anos na ocasião da entrevista, chegou de unhas feitas, sandália rasteirinha adornada de *strass*, calça com detalhes esgarçados na perna e uma blusa de

malha floral. Figura conhecidíssima entre as entendidas contemporâneas, teve um papel fundamental para a homossociabilidade delas.

Detentora de uma história singular e conturbada, ao se envolver com uma mulher abandonou o marido com quem teve duas filhas e dois filhos, sendo que duas gravidezes ocorreram entre as idas e vindas no casamento. Um dos filhos chegou a trabalhar no caixa da sua boate. Uma filha também trabalhou e a acompanhou até o último dos bares. Esta filha mora com Hera. A outra filha rompeu relações desde que a mãe “entrou para essa vida”. O quarto filho, caçula, faleceu com 39 anos.

Apesar de muitos revezes no casamento, dentre eles um tiro quando jovem durante uma briga com o marido, ela afirma que são amigos e que tem se dedicado a ajudar nos cuidados dele na velhice. Ao longo de sua trajetória como empresária, ela teve vários estabelecimentos comerciais. Alegando não ser capaz de se recordar de datas, trouxe relatos de todos. As datas apresentadas são aproximadas. Vamos a eles³⁰:

1º) Toca - funcionou na primeira metade dos anos 1970 na rua vereador Geraldo Pereira, no bairro Padre Eustáquio, ficava próximo de uma área conhecida como Vila dos Marmiteiros, uma favela horizontal à beira da avenida Tereza Cristina. O nome do bar é curioso e um tanto emblemático para um espaço que, naqueles tempos, se apresentava sem pretensões quanto ao público no qual se especializaria em atender. Era um misto de bar e lojinha com artigos variados. Aquela área era perigosa, e ela fez amizade com o bandido local, que passou a lhe garantir proteção. Nas palavras dela, “sei que o cara ficou meu amigo, falou assim abertamente: ‘Ninguém mexe no bar nem com essas meninas. Em nada’”.

2º) Foi convidada, ainda nos anos 1970, por Hela, outra figura central na cena homossexual, para ser gerente de um de seus estabelecimentos. Pouco depois, elas romperam devido a um desentendimento. Com o passar do tempo, resgataram o convívio social.

3º) Teve também uma breve sociedade em um bar na Rua da Lama, apelido dado ao quarteirão da rua Sergipe que abrigou vários estabelecimentos destinados ao público atualmente designado como LGBTQIA+.

³⁰ As datas com o período de funcionamento dos bares e boates foram levantadas pelo pesquisador Luiz Morando, algumas confirmadas nas entrevistas. Ele localizou uma nota na coluna Bares, boates e restaurantes, na edição do *Diário da Tarde* de 7 de agosto de 1978, em que se anuncia a comemoração do terceiro aniversário da boate Chez Eux para 11 de agosto daquele ano. Na mesma nota, constava o slogan “onde os amigos se encontram e todos se entendem”. Não foi possível identificar o seu criador.

4º) Abre, com a ajuda de várias amigas, o bar Marrom Glacê, que funcionou na rua Piumhi entre o final dos anos 1970 e início dos anos 1980. Nesse espaço, morou junto com algumas das amigas que ajudaram a montar o estabelecimento.

5º) Fecha o Marrom Glacê e abre a boate Plumas e Paetês - PP como ficou conhecida. Inaugurada na avenida Bernardo Monteiro, 1.519, funcionou de 1981 a 1984 atrás do Dops; mudou-se para a avenida Brasil, 1.666, onde permaneceu de 1984 a 1989; mudou-se novamente para a avenida Augusto de Lima, 1.423, lá permanecendo entre 1989 e 1991, seu último endereço.

Distanciando-se gradativamente do público homossexual, abriu o Rippas Disco Club na avenida Abílio Machado, 1.252, no bairro Alípio de Melo, e alguns outros pequenos estabelecimentos. Por fim, o Bequinho, seu último bar no bairro Glória, sem qualquer vinculação com o público homossexual, era um espaço pequeno, como o próprio nome indica.

Para a entrevista, Hera levou algumas fotos e “placas de agradecimento” que recebeu ao longo da carreira, permitindo que tudo fosse fotografado. Quando perguntada se estava em algum relacionamento amoroso, respondeu enfaticamente que “graças a Deus, não” e que não tinha mais nenhum interesse. Havia se distanciado das entendidas, mas se mantinha amiga de muitas. Embora tenha autorizado explicitamente o uso do seu nome verdadeiro na tese, aparecerá como a deusa Hera, exceto quando figurar em alguma citação de outras publicações.

15. Perséfone (1939)

Declarou-se preta. Tinha 83 anos quando a entrevistei. Aposentada como servidora pública estadual, em termos atuais tem Ensino Fundamental. Mulher educada, gentil, de fala mansa e ponderada. Nasceu e passou a maior parte da vida em Belo Horizonte, exceto pelo período dos treze aos dezesseis anos quando foi viver com a mãe na cidade do Rio de Janeiro. O pai foi proprietário de uma lavanderia, a mãe era “do lar”. Com o fim do casamento, passou a costurar para fora até se mudar para a cidade do Rio de Janeiro, onde foi governanta em um hotel em Copacabana, tendo deixado a filha e os dois filhos com a avó materna.

Seu núcleo familiar de origem, era católico, mas ela frequentava a igreja adventista com a avó. A homossexualidade transitava na família de forma velada. A primeira experiência com uma mulher aconteceu quando ela tinha dezessete anos. Por volta dos quarenta, contaram para a mãe que a filha era homossexual. Sua mãe se revoltou e começou a “implicar” com Perséfone, que, naquele período, já vivia com a companheira.

Entre 1977 e 1980, ela arrendou, junto com um amigo, o bar Stage Door, que figura nas lembranças de todas as mulheres da sua geração entrevistadas para esta pesquisa. O bar funcionava no *mezzanino* do saguão do Teatro Marília em Belo Horizonte desde 1968.

Quando a entrevistei, ela morava com a ex-companheira, como amigas. O relacionamento tinha 46 anos; a relação homoerótica havia se desfeito há oito.

Neste grupo faz falta uma das precursoras, Hela, que não se encontra mais entre nós, com quem trabalharam Atena e Hera. Hela foi proprietária do Refúgio da Seresta, um bar que ficava na rua Inconfidentes, 974. Depois dele, ela abriu o bar/boate Cosa Nostra ou Coisa Nossa, como referido por algumas, na rua Campos Sales. Na sequência abriu a boate Chez Eux (1975-1983), que funcionou na rua Alagoas, quase esquina de avenida Getúlio Vargas. Após fechar a boate, ela abriu o bar Cantinho do Céu, que teria sido o seu último, já citada Rua da Lama.

Das Flores

16. Gerânio (1933)

Entrevistei Gerânio em seu apartamento na região da Pampulha. Levei comigo uma amiga dela – Perséfone –, que já havia me concedido entrevista. A conversa que tivemos foi cercada de cuidados, a empregada estava na casa e o assunto exigia discrição. Gerânio é a mais velha entre as entrevistadas. Eu já a conhecia de vista: é uma mulher extremamente masculina, aparência que nos confronta com a radicalidade que a sua homossexualidade deve ter representado nos anos 1950. Disse ter sido tratada como “senhor” com frequência. Apesar de sua aparência, a homossexualidade não foi uma questão em seu núcleo familiar, nunca tocaram no assunto. No trabalho, ela acha que todos sabiam. Mulher branca, nascida em família católica no interior de Minas Gerais, teve um irmão e duas irmãs. Embora tenha cursado apenas o grupo escolar, ela construiu uma carreira profissional digna de nota.

Teve dois empregos ao longo da vida: o primeiro, aos dezesseis anos, no Departamento Nacional de Estradas de Ferro (DNEF), ainda no interior do Estado. Quando a obra na qual estava lotada terminou, o serviço mudou-se para Belo Horizonte. Aos 21 anos, ela começou a trabalhar em uma empresa de grande porte na qual o irmão era sócio. Aí construiu notável carreira na área financeira, trabalhando com cobrança até se aposentar. Ocupava cargo de confiança e tinha

relação próxima com os patrões. Viajava muito. Segundo ela, onde tinha problema aqui no Brasil, ela ia resolver. Gerânio trabalhou na implantação dos dois primeiros *free shops* no Brasil, no Rio de Janeiro e em São Paulo.

Teve a primeira experiência sexual aos quinze anos, com uma prima de dezesseis. Disse não ter gostado muito, mas que ficou com aquele negócio na cabeça. Estava solteira na ocasião da entrevista, fato que lamentava. Ao ser perguntada se se casaria oficialmente, respondeu com entusiasmo que sim, que se casaria, desquitaria e se casaria novamente.

Quando lhe foi dada a oportunidade de acrescentar algo às perguntas feitas ou se sentia que poderia ter feito algo diferente, afirmou: “Não mudaria nada. Foi boa a minha vida”. Apenas manifestou o desejo de ter estudado mais...

17. Magnólia (1954)

Magnólia foi a última a ser entrevistada. O encontro aconteceu no apartamento onde viveu com a mãe, falecida havia dois anos à época. Era um apartamento amplo e espaçoso no centro da cidade. Estava em fase de mudança para a casa de campo que tem em um lugarejo próximo à região metropolitana de Belo Horizonte.

Como era filha de um conhecido ex-delegado do Dops, a entrevista gerou certa expectativa quanto às informações que ela poderia ter tido acesso sobre a vida na cidade de Belo Horizonte no período da ditadura civil-militar (1964-1985), nas palavras dela nomeada de revolução.

Mulher branca, abstêmia, nascida em Belo Horizonte, cidade onde sempre residiu, tem suas origens em uma tradicional família católica e judia por parte de pai. O avô nasceu na Palestina, deixou mulher e três filhos lá. Magnólia, que disse ter viajado bastante, conheceu a família paralela: tios, primos e as respectivas esposas. O avô se casou novamente no Brasil com uma italiana e tiveram dois filhos. Um deles, pai de Magnólia, foi delegado do Dops. Fluente em inglês, foi para os EUA fazer treinamento no FBI para enfrentar a “revolução” em curso no Brasil.

Magnólia fez dois anos de Arquitetura e três de Direito, mas abandonou os estudos. Trabalhava com PX, rádio amador. Dedicou-se também ao comércio, tinha uma loja especializada em aparelhagem de som. Fechou esse empreendimento em 2012, devido à pressão dos irmãos para

vender a propriedade. Ficou sem trabalho e deprimida. Passou quatro anos sem sair de casa. Atualmente, disse viver com cerca de 1/20 da renda que teve um dia. Para quem chegou a ter “cinco carros zero na garagem”, foi uma mudança considerável.

A orientação sexual não foi apresentada como um problema na relação com o pai, que morreu quando Magnólia tinha 21 anos. Sua primeira experiência com uma mulher aconteceu quando ela já tinha 33 anos. Com a mãe, mais para o final da vida dela, o assunto orbitava a relação de forma indireta, como quando a mãe indicava algum programa na televisão que abordava a temática. Na relação com os irmãos, quatro no total, a dificuldade foi pontuada: chegou a sofrer intensas agressões verbais. Ela disse ser “nula na família”: não convive nem sabe aonde eles moram.

Com uma vida sem amigas próximas, tem como *hobby* jogos no celular, mas disse não apostar dinheiro porque tem trauma: perdeu três tios em mesas de jogos. Um deles morreu depois de perder todo o patrimônio na mesa de pôquer do tradicional Automóvel Clube (1929), reduto da alta sociedade belo-horizontina.

Sobre algo que poderia ter feito diferente em sua trajetória de vida, disse que gostaria de ter tido mais experiência, que foi muito boba e explorada demais.

Na ocasião da entrevista, estava sozinha e disse não querer saber de mais ninguém, que quer ficar sozinha e que não tinha mais idade “pra isso”.

18. Margarida (1952)

Entrevistei-a em sua bela e aconchegante casa na charmosa Tiradentes (MG), cidade onde residia há doze anos. Fui sua hóspede, anfitriã daquelas que te fazem sentir em casa, mesa farta e fina. Foram dois dias de muitas histórias e algum espumante naqueles dias quentes. A entrevista foi tão incomum quanto a entrevistada. Nas palavras dela: “eu não sou uma pessoa ao pé da letra”, e não era mesmo. Dentre os livros sobre os quais quis falar, mostrou-me alguns e leu trechos de outros, dentre eles a *Divina comédia*, de Dante Alighieri. Mulher inquieta, falante, dona de uma velocidade de raciocínio e memória admiráveis, generosa, sagaz e irreverente.

Mulher negra, oriunda de família católica de Diamantina (MG), cresceu em uma casa de cinco mulheres, duas tias, uma irmã, ela e a avó Augusta, por quem demonstrou verdadeira adoração. Portadora de uma trajetória familiar pouco comum às mulheres de sua geração, encontrou um

pilar de afeto, inspiração, conhecimentos e acolhimento na avó que a criou desde os três anos de idade, quando a mãe abandonou o pai e foi viver em outra cidade. A relação com a avó mereceria um capítulo à parte: ouvir Margarida falar sobre essa mulher foi muito tocante. Seus relatos mostraram certa indiferença pela mãe, a quem, junto com a irmã mais nova, ajudam, mas sem qualquer proximidade afetiva. Pelo pai, demonstrou afeto e respeito.

Mudou-se com a família para Belo Horizonte aos onze anos. Sonhava ser professora, mas fez Enfermagem (PUC Minas), área na qual desenvolveu sua carreira profissional. Aposentou-se como servidora pública no Tribunal Regional do Trabalho (TRT). Graduiu-se também em Filosofia pela mesma universidade. Fez pós-graduação na área da Enfermagem na UFMG. Depois de formada e atraída por algumas perspectivas profissionais, morou em Porto Velho (RO). Teve várias namoradas; com algumas dividiu casa, mas nunca formalizou legalmente uma relação. Quando a entrevistei, estava solteira.

19. Orquídea (1960)

Entrevistei-a por meio de uma das incontáveis plataformas disponibilizadas face ao cenário de isolamento social imposto pela pandemia de Covid-19. Agendamos, atendeu-me em um domingo, estava na piscina da sua casa no Espírito Santo, estado onde residia desde 2001.

Natural de Belo Horizonte, é branca, de família de classe média e católica. Estudou em renomada e tradicional escola para meninas, instituição administrada por freiras na capital mineira, tendo sido expulsa de lá.

Desejosa de seguir os passos do pai, campeão brasileiro de natação, era também atleta. Nadava em uma escola que tinha um projeto para descobrir talentos para a natação à época.

Teve como primeiro emprego a função de, nas palavras dela, “secretariazinha” em uma clínica de assistência pedagógica a crianças. Foi demitida por solidariedade à mãe que sofria por ter uma filha “doente” e sob a alegação da patroa de que poderia interferir negativamente na formação das crianças, de não ser um bom exemplo.

Chegou a fazer cursinho pré-vestibular, mas tudo ficou comprometido a partir do momento em que a família soube da sua orientação sexual. Ela saiu de casa aos dezoito anos. Apesar dos inúmeros transtornos vividos, construiu uma sólida e bem-sucedida carreira na área administrativa. Chegou ao Espírito Santo em 2000 e é gerente desde então de uma distribuidora no segmento de alimentos que atende todo o estado.

Dela ouvimos uma das mais comoventes histórias, como será possível constatar em alguns trechos que são explorados ao longo deste trabalho. Em uma relação estável desde 2010, casou-se em 2014. Ela me deu a impressão de ser uma pessoa em paz com a sua história e realizada profissionalmente.

20. Rosa (1960 a 07/09/2021)

Era branca. Nasceu e sempre viveu em Belo Horizonte. Conhecida de muitos anos, foi minha revisora até que virou estrela aos 61 anos, conquistando precocemente sua liberdade. Sua homossexualidade sempre foi uma questão difícil no seio de sua católica família. Vestia-se de forma um tanto masculina. Se fosse jovem em “dias de hoje”, talvez se definisse como “trans”. Foi expulsa de casa pelo pai ainda muito jovem, porém retornou por volta dos 40 anos em difícil situação econômica, afetiva e social. Conseguiu se aposentar pelo Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), mas não teve tempo de usufruir da renda que finalmente chegara depois de longa batalha.

Cuidou da mãe. Quando ela faleceu, entrou em um processo de tristeza profunda. Elas sempre foram amigas, era seu porto seguro familiar e emocional.

Bebia e sempre fumou muito. Com o comprometimento do pulmão, deixou de cantar e abandonou o violão que, mais do que um *hobby*, era uma ponte que a aproximava das pessoas, colocando o preconceito em segundo plano, mesmo que momentaneamente. Teve poucas amigas com as quais pudesse efetivamente contar.

Começou um curso de Jornalismo que deixou pelo caminho, teve uma carreira bem remunerada, mas só até certa fase da vida, depois foi *freelancer*. Trabalhou na Caixa de Assistência dos Servidores do Banco Credireal em Belo Horizonte (CASB), na Associação Mineira do Ministério Público de Belo Horizonte e no Hospital das Clínicas.

Quando faleceu, senti-me uma pesquisadora meio órfã e desamparada. Embora eu não tivesse à época a pretensão de incluí-la na tese, o depoimento que me enviou parecia sinalizar o desejo de participar. Tinha o perfil que a pesquisa exigia e tornou-se uma espécie de consultora de época e dos espaços destinados a atender o público homossexual em Belo Horizonte, os quais ela frequentou assiduamente, “desde que era menor de idade”. Embora não tenha convivido com o grupo denominado Vila Sésamo, conhecia-o dos espaços comuns frequentados, dizia que

era um grupo de mulheres “metidas” que não se misturava e das quais não gostava. Isso não consta em seu depoimento, mas me foi dito mais de uma vez.

Esteve presente na banca de qualificação, última vez que vi o seu rosto. Algumas das vivências contidas em seu depoimento estão presentes ao longo deste trabalho. Estava solteira há pelo menos dez anos quando partiu. Seu depoimento consta na íntegra no Anexo III deste trabalho.

21. Tia Violeta (1945)

Oriunda de Belo Horizonte, é branca e nasceu em uma família católica de classe média. Fez magistério, formação que lhe permitiu curta experiência como professora da Educação Infantil. Embora tenha sido aprovada nos vestibulares de Engenharia de Agrimensura e Arquitetura, cursou apenas alguns períodos de Enfermagem na UFMG.

Em um tempo no qual as livrarias detinham um *status* diferente do que detém em tempos atuais, foi gerente de algumas importantes que ficavam no Arcangelo Maletta (1961), um histórico edifício do centro de Belo Horizonte, conhecido como reduto de boêmios, transgressores e intelectuais à época. Chegou a ser sócia-proprietária de livrarias, mas as tentativas não prosperaram. Aversa às novidades tecnológicas, foi se distanciando das livrarias e aposentou-se modestamente pelo Instituto Nacional do Seguro Social (INSS). Atualmente, já idosa, cuida de casas e de cachorros, inclusive de algumas das jovens que frequentaram a sua casa em tempos pretéritos. Mulher mais velha do que as jovenzinhas que a rodeavam, Tia Violeta, como o próprio apelido indica, goza do carinho e do apreço de muitas. Foi citada em várias entrevistas exploradas neste trabalho. Sua casa foi um importante *point* onde as jovens entendidas se encontravam para jogar sinuca, baralho e festejar. Muitas comemoravam seus aniversários na casa dela.

Entrevistei Tia Violeta na casa de uma das que frequentaram a dela na juventude. Estava fazendo um bico de “governanta”: cuidava dos cachorros e da casa. As moradoras estavam viajando.

Sua orientação sexual nunca foi abordada no âmbito familiar, embora sempre tenha participado das brincadeiras dos meninos. A mãe, severa e pouco amorosa, não se incomodava com isso; o pai era uma presença “meramente financeira”. Quando a entrevistei, estava solteira há uns 25 anos, mas manifestou o desejo de se casar.

ANEXOS

Anexo I: Roteiro de entrevistas com personagens da literatura e flores

Minibiografia: (Informar sobre a garantia de confidencialidade / pegar assinatura no TCLE)

1. Nome
2. Data de nascimento / Cor /
3. Religião da família de origem
4. Trajetória escolar: (infância / adolescência / adulta)
5. Trajetória profissional
6. Onde nasceu / Onde viveu e a partir de quando
7. Está em um relacionamento / Há quanto tempo / Mesmo endereço / Há uma “chefe de família” / Idade da companheira
8. É casada oficialmente / Desde quando / O que mudou na sua vida a partir do casamento

Bloco I

1. Quais bares e boates a cidade de BH oferecia para o público feminino entre os anos 1970 e 2000?
2. Qual lembrança mais antiga lhe vem à mente quando pensa a sua homossexualidade?
3. Alguma lembrança da infância que pudesse insinuar interesse por meninas? / Quando o interesse se manifestou pela primeira vez / Alguma coisa te despertou? (livro, filme, uma amiguinha, vizinhos...)
4. Como a sua família tratava o tema “casamento” com você?
5. A família sabia da homossexualidade? / Como ficou sabendo / Reações / Como a sua sexualidade era tratada na sua família?
6. Com qual idade teve a primeira experiência sexual com mulher? Teve com homens?
7. Alguma lembrança/situação vivenciada durante o período escolar que se relacione com a sua homossexualidade?
8. Há na sociedade uma visão homogeneizadora da identidade feminina/do jeito de ser mulher. Você considera que o seu tipo corresponde a essa visão posta na sociedade? Fale mais a respeito.
9. Como os espaços e as pessoas com as quais se relacionou influenciaram seu modo de ser, agir, vestir. Faz/fez uso de maquiagens e vestidos?

10. No período de convivência mais intensa com outras lésbicas, quais os vícios e hábitos você identificava como mais comuns?
11. Você já foi tratada no masculino, poderia relatar a experiência? / Você se sente mais masculina ou feminina?
12. Poderia listar características [físicas ou comportamentais] comuns no grupo com o qual você conviveu no período de maior efervescência nos bares, boates e sítios?
13. Quando se assumiu e em quais espaços? Onde foi mais fácil e onde foi mais difícil?
14. Mesmo entre as pessoas mais assumidamente homossexuais, há pouquíssimas que não estejam no armário com alguém que seja pessoal, econômica ou institucionalmente importante. Haveria esse alguém na sua vida? Quem?
15. Viveu alguma situação de xingamento ou humilhação relacionada à sua homossexualidade? (na família, no trabalho, na escola ou em outros lugares)
16. Como se constituiu o seu círculo de amizades com outras lésbicas/ adolescência / adulta / e atualmente.
17. Tem conhecimento de relações em que uma era a provedora? Era uma prática comum à sua geração?
18. Quais bares e boates para homossexuais você frequentou entre os anos 1970/2000 na cidade de Belo Horizonte?
19. Além dos bares e boates, onde mais se encontrava com outras lésbicas?
20. Quanto à sua homossexualidade, já sentiu orgulho dela?

Bloco II

1. Como ficou sabendo de bares/boates para homossexuais?
2. Como foi estar pela primeira vez em um ambiente para homossexuais /qual /quando? / Como você se sentia neles?
3. Quanto aos grupos de amigas entendidas, como eles se formaram?
4. A homossexualidade favoreceu a criação de espaços de convivência e a criação de vínculos com outras lésbicas?
5. Em quais ambientes públicos ou privados se encontravam com outras lésbicas / quem organizava / o que faziam neles?
6. Quais as tensões e conflitos viveu ou presenciou na vivência da homossexualidade?

7. Poderia compartilhar lembranças ou histórias marcantes de eventos de que tenha participado no universo homossexual (festas, bares, boates, sítios, viagens etc.)
8. Você já ouviu falar do Vila Sésamo? Poderia contar um pouco sobre ele?
9. Conhece algum “coletivo” de lésbicas da sua geração em Belo Horizonte?
10. Batidas policiais foram comuns em ambientes para homossexuais durante a ditadura militar (1964-1985), presenciou ou tem conhecimento delas? Como elas te impactaram?

Bloco III

1. Você ainda convive com mulheres lésbicas que conheceu quando jovem?
2. As relações de amizade que você construiu com outras lésbicas deixou algum legado que considera importante? (positivo / negativo)
3. A que ou a quem você atribuiria mérito pela manutenção dos seus vínculos de amizade?
4. Com que frequência você encontra suas amigas lésbicas? (antes, durante e pós-pandemia). Que tipo de relação mantém e qual a importância delas?
5. Você identificaria alguma “rede de relações - apoio” no seu universo de amigas?
6. Quais tipos de troca há entre vocês (sociais, solidárias, ligadas à saúde/médicos, viagens, profissionais, ocasionais, festivas)?
7. Em uma eventualidade/emergência, com quem você contaria?

Por fim:

- Fez terapia? Por quanto tempo? / A homossexualidade era uma questão?
- Conhece outros países?
- Explorar futebol / esportes ...
- A invisibilidade lésbica é tema recorrente. Seria uma escolha? Por quê?
- Poderia compartilhar lembranças ou histórias marcantes que se relacionem com o universo homossexual?
- Identifica algum legado que a sua geração tenha deixado à geração de lésbicas mais jovens?
- E sobre prostitutas e garotas de programa nesse universo?

Algo que você gostaria de acrescentar, deixar registrado?

Anexo II: Roteiro de entrevistas bares e boates

Minibiografia: (Informar sobre a garantia de confidencialidade / pegar assinatura no TCLE)

- Nome
- Data de nascimento / Cor
- Religião da família de origem
- Trajetória escolar: (infância / adolescência / adulta)
- Trajetória profissional
- Onde nasceu / Onde viveu e a partir de quando
- Está em um relacionamento / Há quanto tempo / Mesmo endereço / Há uma “chefe de família” / Idade da companheira
- É casada oficialmente / Desde quando / O que mudou na sua vida a partir do casamento
- Tem panfletos, cartazes e fotos dos estabelecimentos que foram seus?

Bloco I

1. Como foi estar pela primeira vez em um ambiente para homossexuais / qual / quando / onde
2. Quais bares e boates a cidade de BH oferecia para o público feminino entre os anos 1970 e 2000? Quais foram seus?
3. O que a motivou a entrar para o ramo de bares e boates?
4. Como você avalia a experiência?
5. De 1964 a 1985 o Brasil estava sob regime militar. Isso impactou seus negócios? Como?
6. Durante a ditadura militar batidas policiais eram comuns, presenciou ou tem conhecimento delas? Qual o efeito delas sobre você e sobre os bares/boates de sua propriedade?
7. Como as mulheres chegavam aos seus estabelecimentos?
8. Identificava algum grupo feminista e/ou de militantes?
9. Poderia citar características comuns que você observava nas mulheres que frequentavam seus bares e boates no período de maior efervescência? Havia homens?
10. Quais vícios você identificava como mais comuns nas frequentadoras dos seus estabelecimentos? E quais os seus?
21. Quando o seu interesse por mulheres se manifestou pela primeira vez / Alguma coisa te despertou? (livro, filme, uma amiguinha, vizinhos...)
11. Algo te influenciou? Com qual idade teve a primeira experiência sexual com uma mulher?
12. Quando se assumiu / em quais espaços / onde foi mais fácil e onde foi mais difícil?

13. Como a sua sexualidade era tratada na sua família?
14. Alguma passagem da sua infância que lhe remeta à homossexualidade?
15. Poderia citar uma situação embaraçosa que tenha vivido na família, no trabalho ou em outros lugares que se relacione com a sua homossexualidade?
16. Como os espaços e as pessoas com as quais se relacionou influenciaram seu modo de ser, agir, vestir. Usa ou usou maquiagens e vestidos?
17. Você já foi tratada no masculino? Poderia relatar a experiência?
18. Mesmo entre as pessoas mais assumidamente homossexuais há pouquíssimas que não estejam no armário com alguém / Haveria esse alguém/ambiente na sua vida / Quem/onde?
19. Quanto à sua homossexualidade, já sentiu orgulho dela?
20. Você teve contato com muitos homossexuais nos bares e boates que teve. O que você poderia nos contar sobre a moral e os costumes desse público em plena ditadura militar?

Bloco II

1. Quais hábitos e comportamentos das mulheres que frequentavam seus estabelecimentos você identificava “por trás do balcão”?
2. Nesses espaços você identificava vínculos entre elas? De que tipo?
3. Para além dos seus estabelecimentos, em quais outros ambientes públicos ou privados você se encontrava com outras lésbicas / quem organizava / o que faziam neles?
4. Conhece algum grupo organizado de lésbicas na cidade de Belo Horizonte? E em outras cidades?
5. Você já ouviu falar do Vila Sésamo? Poderia contar um pouco sobre ele?
6. Conhece ou ouviu falar do Festiranga / Baile do Papel AlmaSSo / Oia a Roupa no varal / Vaga Beer / Cartoleiras das Minas? Poderia falar sobre eles?
7. Temos notícias de algumas festas/eventos/gincanas que aconteciam, por vezes ocupando as ruas. Você poderia nos contar sobre elas?

Bloco III

1. Como se constitui o seu atual círculo de amizades com outras lésbicas? Como ele se formou / desde quando?
2. Com que frequência se encontra com as amigas lésbicas? (antes, durante e pós-pandemia)
3. Como você qualificaria as relações que mantém com esse círculo de amigas / O que costumam fazer juntas / Qual importância dos vínculos de amizade criados?
4. Quais tipos de troca há entre vocês? (sociais, solidárias, ligadas à saúde/médicos, viagens, profissionais, ocasionais)
5. Você identificaria alguma “rede de relações” no seu universo de amigas lésbicas?
6. Em uma eventualidade/emergência, com quem você contaria?

Por fim:

1. Poderia compartilhar lembranças ou histórias marcantes de eventos que tenha promovido ou participado no universo homossexual?
2. Identifica algum legado que a sua geração tenha deixado à geração de lésbicas mais jovens?
3. Algo que você gostaria de acrescentar, deixar registrado?
4. Algum sonho ou um desejo que pudesse compartilhar?

LEMBRETE:

1. Levar relação de bares e boates conhecidos

Anexo III: Depoimento Rosa

Territórios – Depoimento Conheci a Chez Eux por volta de 76/77, ainda menor de idade (16/17 anos), levada pelas mãos de uma amiga – na verdade, a primeira lésbica que conheci além de mim mesma e uma presença ainda atual. Foi minha primeira incursão pelo mundo LGBT e pela noite de Belo Horizonte. De cara me apaixonei pelo ambiente, a luz negra sobre a espessa fumaça dos muitos cigarros acesos – era moda e bem masculino, dava ao ambiente uma sensação de outro mundo, onde podíamos ser quem éramos sem máscaras, sem medos. Fiquei maravilhada com a sensação de poder existir e saber que havia existências iguais à minha. Era novo, maravilhoso e assustador. As pessoas se multiplicavam nos espelhos e nas partes de espelhos distribuídas pelo espaço inteiro. No primeiro andar havia uma minúscula pista de dança. No segundo, íamos para ficar mais intimamente com a parceira da noite, muitas vezes as parceiras. Foi nessa época que conheci Hela, dona da boate e minha perseguidora oficial naqueles dias, uma vez que ainda não completara 18 anos. Era um tal de esconde aqui e ali, atrás de caixas de cerveja, de amigas, de cortina... Era uma festa... Quando ela me encontrava era o fim da noite. Sentava na calçada esperando minha amiga sair para ir embora. Mais tarde, nos anos 80 iria encontrar novamente Hela, mas em outras circunstâncias. Tornamo-nos boas amigas e, por algum tempo, mantivemos uma convivência próxima. Já o Marrom Glacê não era uma boate, mas um bar que, eventualmente, apresentava shows. Não fui uma frequentadora assídua. Lembro-me apenas que a arquitetura do lugar lembrava a de uma casa comum e, me pareceu naquela época, que Mani e família moravam por ali também, mas nunca tive certeza disso. Além do ambiente LGBT, o que me prendia mais a atenção era a sinuca. Às vezes passava as tardes jogando e, num movimento bastante típico, enchendo a cara e fumando desesperadamente. Nesse período havia concluído que o fato de existirem outras pessoas como eu alterava a vida de uma forma que não me agradava. Em meu voo solitário podia imaginar mundos diferentes, sonhar utopias mil, criar espaços livres e até acreditar que poderia viver entre os normais seres humanos, porque, afinal, embora diferente, era um deles. No entanto, ao me descobrir em um bando, percebi que não passávamos disso, um bando sem rumo, sem voo, sem chão, sem sonhos, utopias ou razão, sem família, sem amigos fora do bando, era uma prisão comunitária que fingia liberdade. Um bando muitas vezes canibal, traiçoeiro, maldoso, noctívago. Era um amontoado de dores e frustrações com cobertura de marrom glacê, plumas e paetês. Não era o mundo que queria para mim. Não era o meu bando, porque eu não queria pertencer àquele bando de excluídos, de reclusos em guetos. Não queria bando, queria a sensação da normalidade, de

pertencimento social. Isso me frustrou muito e me fez mal por boa parte da vida. Frequentei o Plumas e Paetês, tanto na Brasil, quanto na Augusto de Lima. Fui cliente vip, tendo o privilégio de não enfrentar as longas filas que se formavam para entrar, principalmente na Augusto de Lima; era recebida pela gerência da noite, além de ter mesa em local privilegiado. Contudo, não mantinha relacionamento com nenhuma das frequentadoras. Adorava dançar com minha namorada e era isso que fazíamos. Às vezes assistíamos aos shows, aos stripteases e performances, mas era só isso. Lembro-me que o ambiente da avenida Brasil era relativamente pequeno, teto baixo, pista pequena, em muitos momentos invadido por heterossexuais, grupos de rapazes. Inclusive, aconteceu de eu cair na porrada com um sujeito no meio da avenida Brasil, precisou sair o povo da boate para separar a briga. Se não tivesse sido feia a coisa, teria sido engraçado. Já o ambiente da Augusto de Lima era bem espaçoso, pista larga, dava para rodopiar sobre ela, pé direito bem alto – pelo menos era essa minha sensação, um palco legal, boa altura... Era realmente uma casa noturna, um ambiente preparado para o espetáculo, para a dança e a convivência boêmia. Minha percepção nesse espaço era menos sufocante, menos opressora, embora os ambientes LGBT tivessem a intenção de serem libertadores – uma falácia, nunca foram. Talvez tenham sido essenciais para o atual momento, no meu entender, não mais que isso. Dos bares citados, lembro-me de poucos e pouco a respeito desses poucos. O Stage Dor não era bem um bar gay, acho que se pode dizer que era um bar eclético, com frequência LGBT. Dele me incomodava a escuridão, sempre o achei muito escuro. Do Aliás, lembro apenas o nome. Berná frequentei por um período. Era um lugar legal, decorado sem luxo, mas com bom gosto, claro, excelente cozinha e de frequência bastante selecionada. No Frater estive pouquíssimas vezes, lembro-me apenas que era comprido, parecia não ter largura o suficiente para um bar – impressão pessoal. A Rua da Lama foi um episódio à parte. Frequentei bastante aqueles bares, principalmente no happy hour. Era gostoso, as mesas ao ar livre; os seres eram os humanos; não tinha aquele cheiro impregnado de sodomia – bebida, cigarro e sexo; se haviam, eram poucos os olhares de ‘vou te dar o bote’... Foi um período gostoso, mas que, como todos os outros espaços, passou. Não sei o porquê, não sei quando, simplesmente passou. Esta é, para mim, a característica mais marcante de todos os espaços construídos pelos homossexuais: eles simplesmente acabam, assim, do dia para a noite, passam. A frequência vai diminuindo, diminuindo... os ambientes – fisicamente, acho – vão perdendo o brilho, como as fantasias de carnaval depois da folia, as plumas, molhadas, perdem o glamour, os paetês se dissolvem, a pintura escorre pelo rosto cansado e mostram a verdadeira face... É como se o grupo só se interessasse pelo novo, talvez porque as caras são sempre velhas, não por estarem envelhecidas, mas por serem as

mesmas. O problema é que a reciclagem de pessoas, embora crescente, é [ou era] muito pequena. Muda-se a localidade, o ambiente, o espaço, para dar movimento, a impressão de que as coisas estão se movendo, como tudo no mundo se move, mas não é isso o que realmente acontece. E esse processo, que parece natural, como se seguisse um fluxo, é artificial, apenas aparente, uma jogada ótica, e que, por isso, se repete ininterruptamente. Nessa divagação sobre o tema, há que se destacar o fato de as proprietárias se repetirem. Raramente se renovaram no período de 70/80. Sobre esse aspecto não tenho nenhuma teoria formatada. Mas, conjecturando... Coragem? Talvez. Estrutura financeira? Com certeza, não. A contabilidade sempre estava na corda bamba, às vezes bem bamba. Status? Pode ser. Disputa? Quem sabe? Possivelmente um bom coquetel com esses ingredientes e mais alguns que não me vêm à cabeça nesse momento. Mas algo a se pensar sobre o tema. Divagando. Estar entre o bando LGBT e a manada heterossexual – percebi tardiamente, talvez – foi uma opção. Contudo, hoje, olhando para trás, acredito que uma mescla mais equilibrada desses dois mundos poderia ter sido melhor.

Anexo IV: Documentário – Release



Documentário: Release

Inspirado nos filmes *São Paulo em Hi-Fi* e *Divinas Divas*, longas metragens que retrataram à sua maneira, do nascimento ao auge, da noite gay nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro respectivamente, seja entrevistando artistas lendários da noite aos personagens impactantes, proprietários, famosos e frequentadores. As histórias se desenrolam com fatos, fotos, imagens, vídeos e muita lembrança.

A história da noite gay em Belo Horizonte não foi diferente, porém, um pouco mais discreta, devido talvez ao próprio perfil do mineiro, mas o que não quer dizer que, por trás das montanhas de Minas, não existissem ‘montanhas’ de purpurinas, plumas, paetês e muito glamour, abalando as décadas de 1970, 1980 e 1990 com suas personagens icônicas.

Do surgimento das casas noturnas, saunas, bares e das festas temáticas aos principais locais de ‘pegação’, os costumes da comunidade gay, o dialeto e outras curiosidades. Dificuldades e percalços nas lutas por direitos equalitários. A violência, a AIDS, as cirurgias e os tratamentos de adequação sexual, outras atrocidades e conquistas durante estas décadas.

O que é o ‘Mundo Gay’ afinal? Quais direitos foram adquiridos e quais lutas ainda estão sendo travadas. A diversidade sexual finalmente recebeu uma luz perante as leis? O que restou nos tempos atuais e como vemos a sua representatividade do que se tornou hoje a sigla LGBTQIA+.

Desta forma é a proposta do documentário apresentada e abraçada pelo Grupo FrediZak. Frederico Remiggi, o Fred Izak. Inserido no meio publicitário desde os 16 anos, assumindo cargos que possibilitaram uma visão mais ampla e estratégica de negócio.

Em 2003, foi criada a FrediZak, uma empresa de comunicação, especializada em Mídia OOH. De lá pra cá, acompanhando as mudanças e tendências de mercado, a empresa evoluiu para oferecer muito mais que soluções inovadoras aos anunciantes de Minas Gerais e de todo Brasil. Hoje, como Grupo FrediZak, trabalhamos para transformar negócios, criar novas oportunidades e continuar inovando no segmento de mídia.

Uma das empresas de destaque no Grupo FrediZak é a ZK Conexões Criativas, tendo sido responsável pela produção e lançamento do filme *Eu, uma viagem para dentro*. O Grupo FrediZak apoia a cultura em diversos segmentos, e este documentário vem agora abrir um novo espaço em suas atividades.

PROPOSTA DO DOCUMENTÁRIO:

1. O DOCUMENTÁRIO AINDA NÃO TEM NOME OFICIAL, TEMOS APENAS IDEIAS PARA ISTO, E ACEITAMOS OPINIÕES.
2. REALIZAREMOS ENTREVISTAS COM ÍCONES DA CULTURA GAY DE BELO HORIZONTE NAS DÉCADAS DE 1970, 1980, 1990 ATÉ AS ATUAIS.
3. AS ENTREVISTAS SERÃO FOCADAS NAS HISTÓRIAS DE VIDA DESTAS PESSOAS EM RELAÇÃO À NOITE GAY DE BELO HORIZONTE. O LOCAL PARA AS ENTREVISTAS FICA A CARGO DO CONVIDADO.
4. AO FINAL, SERÃO EDITADAS AS PERGUNTAS PARA QUE FIQUE APENAS AS FALAS DO ARTISTA COM SEU DEPOIMENTO. (Estilo do ‘Programa Ensaio’ que existiu por anos na TVE, em que o jornalista Fernando Faro entrevistava cantores que contavam as histórias de sua vida, de sua música e em seguida a cantavam. As falas do locutor são editadas, ficando assim um depoimento único do artista.)
5. O DOCUMENTÁRIO SERÁ RECHEADO DE IMAGENS, ÁUDIOS, VÍDEOS, MATÉRIAS DE REVISTAS E JORNAIS PARA O ENRIQUECIMENTO VISUAL E DE CONTEÚDO. PARA ISTO CONTAMOS COM O INTERESSE DOS CONVIDADOS EM NOS CEDER CÓPIAS DE TODO O MATERIAL QUE ACHAR RELEVANTE PARA O DOCUMENTÁRIO.
6. TEMOS COMO PROPOSTA DO GRUPO FREDIZAK QUE ESTE DOCUMENTÁRIO FINALIZE NUM LONGA METRAGEM PARA EXIBIÇÃO PÚBLICA.
7. TAMBÉM PENSAMOS QUE PARA A ESTREIA DO DOCUMENTÁRIO POSSAMOS MONTAR UM GRANDE ESPETÁCULO COM ESTES ARTISTAS AO VIVO.

REALIZAÇÃO:

FRED IZAK – Empresário –
31.98428-4327

ALEXANDRE PERDIGÃO – Diretor de Vídeo –
31.99274-7685

ARTUR CORRÊA TEIXEIRA – Produtor Editorial e Pesquisador Musical –
31.99194-2277

GERALDO LUIZ – Jornalista e Pastor –
31.99397-1290

Anexo V: Mapeamento das boates e bares frequentados

